

Entre palavras, imagens e vidas não humanas – relatos da chegada de um (outro) cinema na escola de educação infantil



Entre palavras, imagens e vidas não humanas – relatos da chegada de um (outro) cinema na escola de educação infantil
Projeto / Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil – entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte

Realização
Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO
Faculdade de Educação/Unicamp
Cineclube Bety Benjamin
CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant
Secretaria Municipal de Educação/Campinas-SP

Apoio
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo-FAPESP
Programa Cinema e Educação/Prefeitura Municipal de Campinas

Autoria
Aline Gonçalves de Sousa Arena
Ana Flavia Costa de Souza
Aurora Nilo da Silva Ruzene
Diogo Pereira de Souza (Gwyra Oguatãvo)
Eliane Sobrinho Moraes
Eneida Fátima Marques
Felipe Leal Barquete
Gabriela Fiorin Rigotti
Gabriela Tebet
Graziele Souza da Silva
Gustavo Luiz de Sousa Ribeiro
Keila Martines Fernandes (Jasywera)
Laís Helena Besseler de Oliva
Larisa da Veiga Vieira Bandeira
Luciano Bedin da Costa
Maria Piton
Mariana Cunha Schneider
Marli França Silva
Milena Bócoli
Patrícia Dias Prado
Renata Lanza
Silma Maria Ribeiro Dirceu
Wenceslao Machado de Oliveira Jr

Revisão de língua portuguesa: Luciana Ruiz e Luciana Bueno
Projeto gráfico e diagramação: Luciana Bueno
Capa: Maria Clara Camargo Bueno

Pedro & João
editores

Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

Wenceslao Machado de Oliveira Junior [Org.]

Entre palavras, imagens e vidas não humanas – relatos da chegada de um (outro) cinema na escola de educação infantil. São Carlos: Pedro & João Editores, 2026. 183p. 35,5 x 21,5 cm.

ISBN: 978-65-265-3343-7 [Digital]

1. Cinema. 2. Educação infantil. 3. Formação de professores. 4. Pesquisa cartográfica. 5. Vidas não humanas. I. Título.

CDD – 370

Capa: Maria Clara Camargo Bueno
Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB – 8-8828
Diagramação: Luciana Camargo Bueno
Editor: Valdemir Miotello
Diretores executivos: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:
Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patrícia da Silva (UERJ/Brasil).

Pedro & João Editores
www.pedroejoaoeditores.com.br
13568-878 – São Carlos – SP
2026

Sumário

Relatos da chegada de um (outro) cinema na escola - para que e para quem?
Wenceslao Machado de Oliveira Junior 9

Apanhado de relatos 19

Escritos de quem escreveu .....

A experiência de escrever os relatos após as visitas à escola
Ana Flavia Costa de Souza 119

Ára e Relógio: o conflito de tempos entre a escola e o Ser Kaiowá
Keila Martines Fernandes (Jasywera) 121

Uma breve história ou um curta?
Diogo Pereira de Souza (Gwyra Oguatãvo) 123

Encruza da vida: o esperançar da cartografia dos afetos
Aurora Nilo da Silva Ruzene 125

Escritos de quem leu .....

O que já estava ali: relatos como dispositivos de criação
Aline Gonçalves de Sousa Arena e Milena Bócoli 131

Relato dos Relatos – a riqueza de um olhar sensível
Eliane Sobrinho Moraes 135

Me vejo nos relatos... no trabalho com as crianças e com o cinema
Silma Maria Ribeiro Dirceu 13737

A experiência com um cinema que foi surgindo aos poucos
Graziele Souza da Silva 139

Relato da experiência do cinema no berçário
Maria Piton 141

Quando o vivido pede registro: a experiência que ganha ainda mais sentido
Laís Helena Besseler de Oliva 143

Alianças entre cinema, escola e criança
Gustavo Luiz de Sousa Ribeiro 145

Escritos de quem sustentou institucionalmente .....

Um relato sobre os relatos: ou para que um cinema de brincar?
Gabriela Fiorin Rigotti 137

Sobre formação e criação: Programa Cinema & Educação, a experiência do cinema na escola de Educação Básica
Eneida Fátima Marques, Marli França Silva e Renata Lanza 157

Escritos de quem pesquisa .....

Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro
Felipe Leal Barquete 163

Nada trivial
Gabriela Tebet 167

Cinema e Educação das primeiras infâncias: contra corpos coloniais
Patrícia Dias Prado 169

Escrever com infâncias que fazem cinema: um abecedário
Luciano Bedin da Costa, Larisa da Veiga Vieira Bandeira e Mariana Cunha Schneider 173

Apresentação



Relatos da chegada de um (outro) cinema na escola
para que e para quem?

Wenceslao Machado de Oliveira Junior

Era a manhã do dia 18 de abril de 2018. Meu primeiro dia junto a uma turma de crianças na escola de educação infantil. Eu já tinha passado dos cinquenta...

A seguir transcrevo o longo relato que escrevi ao final daquele dia.

Primeiro dia junto a uma turma de alunos. Turma da alegria.
Não sei que idade eles têm, mas acho que entre três e quatro (descobri depois que as crianças têm entre dois anos e dois anos e meio; nota-se o tanto que entendo de criança pequena... rs). Eram cerca de 20.
Foi incrível.
Primeiro fui ajudar a professora a montar uma tela para realizar a atividade pensada pela monitora: luz e sombra. Haviam levado um tecido de algodão, um pouco pesado, e pensado em prendê-lo num fio na sala.
Acabamos decidindo por utilizar dois expositores de metal leve e penduramos o tecido neles para ir até o chão, assim as crianças poderiam circular em volta e passar por debaixo do tecido. Outras gambiarras foram feitas com cadeiras das crianças para segurar os expositores, pois eram leves demais. Prendemos o pano com prendedores de roupa que havia na sala.
Haviam trazido uma luminária, mas acabaram usando um retroprojetor como fonte de luz.
A atividade de cinema (luz e sombra) foi entre 9h30 e 10h15, mais ou menos.
As crianças se deliciaram tanto nas interações com a luz para produzir sombras no tecido que era difícil ter público para vê-las... rsrs
Mas, aos poucos, com as sábias e cuidadosas intervenções da professora e monitoras, as crianças foram se acalmando, e restaram poucos conflitos e resistências entre fazer as sombras e assisti-las em meio a histórias contadas e tentativas de descobertas: "o que é isso? um leão, um elefante, uma flauta, um lobo... um pé, uma bruxa, uma cobra, uma minhoca... a bruxa vai ser comida pelo leão? Pra onde tá indo essa cobra? A mão tá fazendo carinho no lobo..."
Dois (ou três?) integrantes do cineclube fizeram fotos e filmagens. Ainda não as vi...
Tudo foi de muita intensidade e carinho.
Já quando cheguei ao parque: "olha quem veio hoje!" disse uma, sorrindo, para os outros ouvirem; nunca havia me visto... muitos me perguntavam o meu nome. Impossível de eles pronunciarem... rsrs... "vovô", disse outra, apontando as partes brancas de minha barba. Rimos, juntos, eu e a professora.
Perguntei o nome dos que estavam perto. Eles diziam, olhando direto nos meus olhos e sorrindo.
Depois fiquei com elas a manhã toda, entre 8h30 e 11h. Muitas mãozinhas seguraram minhas mãos nos deslocamentos entre parque, banheiro, quiosque, sala de aula, sala de cinema, refeitório, banheiro, sala de aula.
Alguns ficaram tão próximos que decorei seus nomes.

Pensei em muitas coisas que "poderiam virar cinema", mas as esqueci quase todas, em meio ao burburinho e às solicitações e toques das crianças.
As que lembro:
1. *Filmar, de cima, o horário do almoço, tanto a mesa com as panelas como as mesas com as crianças, desde o momento em que estão limpas até o momento de serem limpas pelas faxineiras, passando pela colocação dos*

pratos e panelas, pelas crianças comendo e professoras servindo as crianças. Talvez com som ambiente; talvez com cruzamento de sons que ocorrem lá, mas sem ser o som captado no mesmo momento. Pensei num enquadramento em que estivesse somente a mesa em quadro, sem nenhuma profundidade.

2. *Fazer o dispositivo cores e texturas em cada sala de aula. Na sala em que estive, havia crianças negras e crianças loiras de olhos azuis. Entre esses dois polos, um mosaico incrível de cores de pele e texturas de cabelos.*
3. *Durante a "hora de tomar água", pensei numa filmagem de 360 graus somente dos pés das crianças, sentadas naquele banco-mesa meio circular, no quiosque do jardim das borboletas.*

[...]

No relato acima, escrito há cerca de oito anos, pode-se notar muito do modo como os relatos emergem: normalmente, iniciando-se com uma parte mais descritiva do cotidiano até a sua desdobra em proposições de cinema, sendo atravessado, vez ou outra, por reflexões oriundas tanto da lembrança do vivido quanto do impulso de pensamento trazido pela própria escrita do relato.

Mas esta é uma característica apenas dos meus relatos. Não é bem assim nos de quatro bolsistas[1]: Ana Flávia Costa de Souza e Aurora Nilo da Silva Ruzene, à época estudantes cursando Pedagogia; Keila Martines Fernandes, estudante kaiowá, à época cursando Estudos Literários; e Diogo Pereira de Souza, à época cursando Licenciatura em Química e Física. Os relatos delas e deles também compõem este apanhado de escritos e imagens dos anos de 2023 e 2024, assim como o único relato de Felipe Leal, pesquisador da educação audiovisual em escolas, que esteve presente em uma das visitas.

Optamos por organizá-los em ordem cronológica, para que quem os lê possa tanto acompanhar as alterações ocorridas entre os relatos de mesma autoria quanto visualizar mais nitidamente as diferenças entre os relatos do pesquisador-professor universitário e os das estudantes-bolsistas de um mesmo "dia de visita", nas escolas públicas municipais CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant, em Campinas-SP.

Dia de visita é como tenho me referido às minhas idas às escolas para estar com as turmas de crianças e profissionais. Como elas se dão, via de regra, somente uma vez por semana, ou mesmo a cada quinze dias, eu me entendo como um visitante que é bem recebido, mas que não está ali todos os dias e nem trabalha naquela escola, apesar de estar sempre disponível para realizar ações solicitadas pelas profissionais ou crianças, seja tirar o ranho, ou empurrar o balanço no parque, entre outras das mil variações de ações educativas e de cuidado que ocorrem na rotina da educação infantil.

Essas visitas eram sempre programadas entre o pesquisador e as profissionais das turmas. Em um primeiro momento, alternávamos entre as quatro turmas que se envolveram desde o início no projeto com cinema, em um rodízio combinado previamente, que buscava incluir também o período da tarde, quando outras profissionais ficavam com as turmas de AG2, compostas por crianças de um a três anos. Só no ano seguinte, incluímos uma quinta turma, de AG1-berçário. Nesse segundo ano, com a comunidade de cinema já formada, recebemos os celulares comprados com recursos Fapesp e os colocamos nas mãos das crianças. Foi por essa época que alteramos as visitas para permanecermos três semanas seguidas em uma mesma turma e, só então, seguindo para outra, mais três semanas, até passar pelas cinco turmas. Isso nos pareceu mais interessante para acompanhar os diferentes modos como as crianças lidavam com aqueles novos brinquedos que, também, filmavam.

No relato que abre este texto, também pode-se notar o quanto a escrita de relatos posteriores às minhas visitas às escolas se fez, desde o início, como um

[1] Bolsa Auxílio Social – Diretoria Executiva de Apoio e Permanência Estudantil-DEAPE/Unicamp.

atravessamento e um aprendizado ao próprio modo de colocar o corpo em estado de pesquisa. Um corpo que pesquisa e é pesquisado ao mesmo tempo, com os riscos e risos que isso implica.

Importante salientar que esta escrita de relatos se fez também como um gesto de partilha com aquele lugar-escola que recebe e acolhe um corpo pesquisador, uma vez que todos os relatos tiveram como destinatárias originais as profissionais das escolas públicas de educação infantil[2] que me acolheram como parceiro de suas experimentações com cinema e cineclube, no âmbito do Programa Cinema & Educação (Campinas, 2021), da Prefeitura Municipal de Campinas. Ele foi instituído em 2016 e, naquele mesmo ano, eu adentrava uma escola de educação infantil, após mais de quarenta anos sem pisar em um "jardim da infância", como eram chamadas as escolas de educação infantil quando eu fui uma das crianças que as habitava.

Na segunda e última parte daquele primeiro relato, transcrita a seguir, pode-se notar que, apesar de ter sido a primeira vez em que estive com uma turma de crianças, minha presença já se fazia em outras situações escolares, especialmente as reuniões do Projeto Cineclube.

[...]
Mais tarde, no final da manhã, na reunião do cineclube:
"Hoje eu trouxe o filme pronto, pra vc falar se tá bom ou não" (uma professora, rindo). "deixa eu te contar um bafo. Quando fui ver a filmagem, de repente ouço 'filho da puta" (rsrs)... tive que tirar; deixei o som da escola, não coloquei música..." (há uma alegria em experimentar e "tentar acertar" segundo os meus parâmetros... por um lado, fico achando que não devo falar nada; por outro, penso que, quando falo algo, elas experimentam fazer de outro jeito, e isso leva a gestos de criação... mas sair de um parâmetro e assumir outro não seria a melhor opção... decisões sempre oscilantes... mesmo numa perspectiva de pesquisa que se propõe a intervir).
Vimos o filme (aliás, os dois filmes que fizeram para enviar à CINEOP). A conversa girou em torno deles, dos dois modos interessantes e muito diversos deles de lidar com a sonoridade e os dois tempos da escola (passado e presente). No caso do filme dessa professora, conversamos muito sobre deixar ou tirar a parte em que se ouve o "filho da puta" dito por uma criança. Não cheguei a ver a cena retirada, mas outros do grupo haviam visto. Ponderamos muitas coisas sobre as implicações de tirar e de deixar. As que me lembro: preocupações de professoras dedicadas a criar um clima de maior tranquilidade entre as crianças; risco dos pais verem (e o público em geral, "vai pra domínio público, não vai?"); "vão dizer o que?"; considerações sobre o poder do cinema-em-contexto-de-cineclube para colocar algo em discussão (argumento para manter o palavrão no filme); considerações sobre colocar esse tipo de palavra num filme poder parecer que se está incentivando

[2] Foram quatro as escolas públicas municipais que me receberam. Listo a seguir os nomes delas e das profissionais que participaram mais diretamente das experimentações com cinema, ainda que muitas outras tenham me recebido em suas turmas em certas manhãs ou tardes destes últimos oito anos de convívio e descobertas na educação infantil. Meu agradecimento às escolas e às profissionais é infinito. Sem o acolhimento delas nenhuma visita teria ocorrido e nenhum relato teria sido escrito.
CEI Regente Feijó: professoras Sandra Amaral (bolsista EP-Fapesp), Meiry Soares e Thayla Camilo; monitoras Mônica Araújo e Juliana Oliveira (bolsistas EP-Fapesp).
CEI Cha Il Sun: professora Rozely Melo (bolsista EP-Fapesp); monitora Wanessa Oliveira e monitor Mauro Guari (bolsistas EP-Fapesp).
Orientadora pedagógica-OP das duas escolas: Marta Almeida.
CEI Bety Pierro: professoras Graziele Souza da Silva (bolsista EP-Fapesp), Gislaine Zacchi e Viviane Martins; monitoras Eliane Moraes, Maria Piton e Silma Dirceu (bolsistas EP-Fapesp), e monitoras Ana Paula de Deus; Carla França, Sandra Claudino, Sandra Rondini, Sonia Campacho e o monitor Roberto Lima Neto (integrantes das equipes das turmas).
CEI Benjamin Constant: professoras Laís Oliva (bolsista EP-Fapesp) e Carmen Lopes e Vanessa Tavares (integrantes das equipes das turmas); monitoras Aline Arena, Milena Bócoli e o monitor Gustavo Sousa (bolsistas EP-Fapesp), e monitoras Maria Cristina Martins, Renata Crivelari e Vanessa de Souza (integrantes das equipes das turmas).
Orientadora pedagógica-OP das duas escolas: Gabriela Rigotti (bolsista EP-Fapesp).

alguma prática social (argumento para tirar o palavrão do filme);
considerações sobre o sentido de um palavrão (a intensidade da palavra-expressão dita no momento e não o sentido literal da expressão dita).
A única conclusão a que chegamos é que a professora é quem decidirá se fica ou sai do filme a ser enviado à CINEOP, mas também que ela fará as duas versões e depois decidirá (decidiremos?) quando passar uma ou outra, ou as duas na mesma sessão.
Em meio às conversas sobre os dois filmes, falou-se um pouco sobre essa coisa de quererem ouvir o que digo, a "palavra da autoridade", ao invés de mostrarem para um colega da própria escola.
Uma das professoras contou que está escrevendo sobre a minha presença na escola: "estou escrevendo sobre um professor universitário numa escola de EI". Fiquei super curioso, claro, e fiquei muito feliz por essa liberdade (que, para mim, é fruto também do respeito e carinho construídos entre nós do projeto cineclube) em me tomar como "objeto de pesquisa". Acho que disse, sorrindo, algo do tipo: "ótimo! Afinal vcs são o meu objeto de pesquisa".
Nossas reuniões sempre são atravessadas por debates e risos.

No primeiro semestre de 2016, eu havia ido conhecer o Cineclube Regente/Cha, também chamado de Projeto Cineclube, o qual estava equipando uma sala com projetor, cortina e sonorização para tornar-se um local o mais próximo possível de uma sala escura de cinema. Conheci, encantei-me e permaneci como parceiro das atividades desse cineclube das escolas CEI Regente Feijó e CEI Cha Il Sun até fevereiro de 2022, após termos elaborado e desenvolvido o projeto "Lugar-escola e cinema: afetos e metamorfoses mútuas – do espaço às filmagens, das filmagens ao espaço", iniciado em 2019 e apoiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), na linha Ensino Público (Projeto nº 2018/09258-4).

Esse projeto foi sendo gestado aos poucos, nos encontros semanais do Projeto Cineclube, em meio a muitos filmes produzidos[3] e/ou curados para as sessões do Cineclube Regente/Cha, leituras sobre cinema e longas conversas. Foi assim que fomos entendendo coletivamente que o cinema produzido e assistido por nós teria que ser inventado ali mesmo, desde o cotidiano vivenciado naquele lugar-escola, composto por árvores e brinquedos gigantes, gramados e tanques de areia, pássaros, galinhas e gambás, profissionais da educação e muitas crianças de 0 a 6 anos.

Mas que tipo de cinema seria este? Não sabíamos (e ainda não sabemos, pois ele se reinventa todos os dias). Por meio das formações oferecidas pelo Programa Cinema & Educação e a experimentação da Pedagogia dos dispositivos (Migliorin *et al*., 2014; Fórum Nicarágua, 2021), as profissionais experimentavam maneiras de inventar aquele cinema que era *sobre* e *com* as crianças. E queríamos envolver todas as turmas das duas escolas. Como fazer isso?

Foi nesse contexto que me veio a confiança para fazer a proposta de acompanhar não somente os encontros da equipe cineclubista, mas estar, semanalmente, em alguma das turmas, de modo a poder observar mais de perto, implicando meu próprio corpo, o cotidiano escolar e extrair dele possibilidades de torná-lo matéria-prima de cinema. Meu compromisso era escrever relatos após cada manhã ou tarde passada entre as crianças de alguma turma e postá-los em nosso grupo de mensagens instantâneas. Era, então, abril de 2018, quase dois anos após minha chegada àquelas escolas.

Neste livro, os relatos realizados durante o projeto "Lugar-escola e cinema (...)" estarão presentes apenas neste texto inicial, pois o foco aqui será o desdobramento dessa primeira experiência em um segundo projeto, "Cartografias dos afetos

[3] Canal do Cineclube Regente/Cha: https://www.youtube.com/channel/UCrSABemrU4n_HGEH4fDvK3A

cinematográficos no lugar-escola de educação infantil – entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte", também apoiado pela FAPESP, na linha "Pesquisa Regular" (Projeto nº 2021/11398-1), e desenvolvido em outras duas escolas de educação infantil, nos anos de 2023 a 2025, as já citadas CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant.

Esse projeto foi proposto ao conjunto das profissionais de ambas as escolas no início de fevereiro de 2023 e já apontava as visitas às turmas e a escrita de relatos como uma ação voltada tanto à pesquisa quanto à formação, configurando-se, assim, como ação extensionista que se estabelece no diálogo entre os saberes da universidade e os saberes da escola. Propusemos que duas turmas pudessem nos receber, mas foi o dobro disso que se dispôs a integrar o projeto.

A partir daí, criamos o grupo de mensagens instantâneas Cinema Bety Benjamin em que foram e seguem sendo postados todos os relatos originados em nossas visitas. Esse grupo inicial de profissionais rapidamente se configurou como uma entusiasmada comunidade de cinema, acolhendo as experimentações de criação em imagens audiovisuais, produzindo filmagens e pequenos filmes, e afetou o restante das escolas com suas falas em reuniões coletivas e conversas aleatórias, com amplo apoio e incentivo da equipe gestora das escolas, com destaque para a orientadora pedagógica, a qual veio a tornar-se pesquisadora associada do projeto "Cartografias dos afetos..." junto à Fapesp.

Optamos por nos concentrar nos relatos do segundo projeto por eles fazerem parte desde o início da chegada desse (outro) cinema em escolas de educação infantil. Além disso, devido a várias características dos relatos mais recentes, presentes neste livro, a partir de quando passei a ser acompanhado por estudantes de graduação ou convidados do projeto. Foi, também, quando ficou mais evidente para mim o quanto eles se fazem como o primeiro gesto de intervenção de uma pesquisa cartográfica (Passos; Kastrup; Tedesco, 2014; Escóssia; Kastrup, Passos, 2015), uma vez que não só descrevem ou comentam os ocorridos durante a visita, mas assumem-se como uma ação deliberada de afetação daquelas profissionais e daquele lugar-escola, como produção de possíveis linhas de fuga que possam produzir fissuras por onde esse (outro) cinema pode passar e povoar o cotidiano escolar das crianças.

Toda pesquisa cartográfica se faz como intervenção e não (só) como observação. Por isso, as descrições presentes nos relatos são interessadas em, simultaneamente, valorizar o trabalho que é realizado pelas profissionais que acompanham as crianças, perscrutar ali onde o cinema poderia aportar para extrair imagens e sons que tornem sensíveis outras parcelas daquele lugar-escola e, especialmente, intervir naquela rotina ao propor pistas de como esse cinema pode vir a se fazer presente no próprio cotidiano escolar. Por isso, todos os relatos foram escritos tendo como primeiras destinatárias as próprias profissionais da educação infantil que faziam parte das experimentações com cinema e se disponibilizaram a acolher meu corpo em estado de pesquisa. Todos eles foram postados em grupos de mensagens instantâneas: Cineclube Regente/Cha (entre 2018 e 2022) e Cineclube Bety/Benjamin (de 2023 até agora, 2025, com previsão de durar até 2027)[4].

Nesse sentido, podemos dizer que esses relatos formam não somente o corpo que pesquisa academicamente, mas também os corpos que acolhem o pesquisador como uma possibilidade de criação de algo novo. Isso se dá como uma parceria em que todos se alegram e, assim, fortalecem-se mutuamente, em uma rede de afetos e afetações que cria e sustenta algo em comum: aquilo que temos denominado comunidade de cinema (Guimarães, 2015; Miranda; Oliveira Junior, 2022), por ser um comum partilhado que (só) existe precariamente, em torno daquele cinema experimentado coletivamente ali, naquele lugar-escola.

[4] De maneira muito semelhante ao ocorrido nas duas primeiras escolas, fomos gestando coletivamente uma "comunidade de cinema" que viria a sustentar a proposição de um terceiro projeto, "Outras pessoas, outros cinemas, outras escolas – territórios do comum", para obter o apoio da FAPESP (Projeto nº 2024/20151-8) com recursos e bolsas de estudo-pesquisa-formação em exercício. Ele foi aprovado e teve início em agosto de 2025.

Sendo assim, os gestos formativos que se dobram nos relatos se fazem muito mais como afetação (pelo cinema) do que como capacitação (para o cinema). Não há um cinema prévio que se deseja alcançar, mas, sim, um cinema por vir. Daí a importância de seguir propondo e inventando outros modos de fazer cinema no lugar-escola de educação infantil a partir do próprio cotidiano vivido ali, bem como de criar condições para que os cinemas e filmes inventados possam ser partilhados desde as salas de referência das turmas até as mostras de cinema e educação, passando pelas redes digitais da internet, onde vêm sendo criados canais em que se pode acessar gratuitamente as produções realizadas nas escolas[5].

Essa dimensão formativa – interventiva – dos relatos faz com que eles sofram alterações na mesma medida em que a intervenção cinematográfica pretendida se torna outra. Nesse sentido, haverá uma grande mudança de tom e de formato quando os celulares adquiridos pelo projeto chegarem às mãos das crianças, o que possibilitará a elas darem a eles o uso que bem entenderem, podendo correr, soltar, cair, quebrar e, sobretudo, brincar com o aparelho e com as filmagens que ele captura. Quem vier a ler e ver os relatos que compõem este livro notará que, daqueles datados de 22 de maio de 2024 em diante, as fotografias tiradas por mim durante as visitas às turmas passaram a se fazer mais frequentes, aumentando tanto a sua frequência nos relatos quanto a quantidade de fotos em cada um deles.

Naquele momento, a busca por produzir intervenções cinematográficas a partir dos relatos é meio que deixada de lado para dar lugar a uma busca por descrever ao máximo possível as experimentações que as crianças faziam ao brincar de filmar e ao filmar brincando. Havia, então, uma pergunta de pesquisa que quis partilhar com todos: "que cinema emerge quando são as crianças que filmam?" Ou, melhor dizendo, "cameram", para usar um verbo inventado por Fernand Deligny (2009; 2015) para designar, grosso modo, o gesto da câmera produzir filmagens sem a intencionalidade subjetiva de alguém em produzir imagens (Migliorin; Pipano, 2019). Algo bastante frequente nas crianças pequenas, uma vez que uma boa parte delas apenas segura a câmera-celular e fica olhando-sentindo o aparelho em suas mãos ou sai andando sem apontar a câmera para algo específico, apenas levando o celular para passear.

De repente, naquele momento, passei a produzir, por assim dizer, evidências fotográficas do que se passava a cada vez que visitávamos uma turma de crianças, na busca de registrar, documentar e deixar pistas de alguns modos de fazer cinema que emergem nos corpos-câmeras infantis (Leite, 2018; 2019), os quais produzem "imagens para nada", novamente lembrando Fernand Deligny. Outra pergunta também era partilhada: "que fazer com essas filmagens?"

Para além do exposto, quero destacar aqui que, somente quando fui reler-rever esses relatos algum tempo depois, para a escrita de um artigo (Oliveira Junior; Rigotti, 2025), eu me dei conta do quanto fui tomado pela vontade-necessidade de produzir evidências através das fotografias. Inclusive, eram fotos esteticamente muito distintas das que apareciam, de vez em quando, nos primeiros relatos que escrevi nesse projeto, nas quais eram as próprias imagens que expressavam algo, não se voltando a registrar e informar algo.

Trago o exemplo de como variaram as imagens presentes em meus relatos e deixo a quem for lê-los a busca e a descoberta de como variaram as palavras, frases e parágrafos de minha escrita[6] ao longo de aproximadamente dois anos de visitas, quase semanais, às escolas, pois esses relatos só se efetivam em sua inteireza quando alguém os lê e os continua em sua imaginação.

---

[5] Como o Canal do Cineclube Bety/Benjamin: https://www.youtube.com/channel/UC1zksxjaLk56CaWXXmlSs_Q

[6] Algo que não se alterou ao longo de todos esses meses foi a escrita somente em letras minúsculas, conforme se notará rapidamente na leitura dos meus relatos. Nesse "estilo de escrita" não houve nenhuma outra intenção além de dar continuidade a um modo de grafar frases e parágrafos que eu já vinha experimentando há alguns anos, tanto em textos literários, como pequenos contos e poesias, quanto em mensagens pessoais ou burocráticas, como conversas em aplicativos de mensagens instantâneas e e-mails. Nos relatos de outras autorias, as letras maiúsculas estão presentes.

Após os relatos, há alguns textos escritos por diversas pessoas para este livro sobre o que lhe chegou na leitura dos relatos, do conjunto deles ou de algum em específico. Convidamos pesquisadoras e pesquisadores acadêmicos das áreas de Cinema e Educação Infantil e professoras e monitoras que vêm atuando como pesquisadoras naquela comunidade de cinema formada nas escolas CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant, para que escrevessem livremente "um pequeno texto (máximo de dez páginas) mobilizado pela leitura-visualização do conjunto de relatos ou de algum deles". Também convidamos as e os estudantes da Unicamp que atuaram como bolsistas e produziram relatos que estão aqui publicados; nesse caso, o convite foi para escrever sobre a própria produção de seus relatos, a exemplo do que já ocorreu com um deles (Ruzene; Oliveira Junior, 2025).

Esses textos já nos trazem outras miradas para aquilo que relatamos. Muitas outras miradas emergirão em cada pessoa que vier a ler os relatos aqui publicados. Como serão? Isso é com vocês.

Finalizo esta apresentação do livro *Relatos da chegada de um (outro) cinema na escola*, trazendo a continuidade do relato que abriu este texto, o qual foi escrito um pouco mais à noite, no mesmo dia 18 de abril de 2018. Nele aparece, de maneira explícita, aquilo que permanece nas entrelinhas da maioria dos relatos: a emoção de estar entre crianças pequenas e o que ela provoca ao atravessar um corpo desabituado do toque porque muito habituado à linguagem articulada, oral, escrita e audiovisual.

E a emoção, quando é verdadeiramente intensa, nos desmorona, nos torna sonhadores e deslumbrados e, por isso, deliciosamente piegas e ingênuos, como as crianças.

> *Não faço ideia do que se passa em meu corpo. Após escrever a mensagem (acima) no grupo de whatsapp do cineclube regente/cha tive um acesso de choro em que provei daquilo que escrevi: a mais pura alegria de viver!*
> *Fazia muito tempo não a encontrava em meio ao meu trabalho de pesquisador. Hoje provei de novo, construída aos poucos, imperceptível, pela generosidade das professoras e monitoras, pela curiosidade e acolhimento de meu corpo pelas crianças de dois anos e pouco que, numa premonição dessa alegria, disseram "olha quem veio hoje"! Nunca haviam me visto e foi como se apenas tivesse me afastado uns dias. Na impossibilidade de pronunciarem meu difícil nome, uma disse, "vovô", tirando um sorriso do meio de minha tensão. Nunca havia estado junto de uma turma como aquela, cujas criaturinhas me davam as mãos todo o tempo e, agora sinto que, mesmo não fazendo ideia disso, abriam meu corpo duro para a liberdade de quem apenas vive e me levavam para esse êxtase, alinhavado pelas imagens da atividade de luz e sombra postadas no grupo de whatsapp.*
> *Pelas imagens, às quais dedico minha atenção e estudos há tantos anos, me chegaram de volta as sensações daquelas mãozinhas pequenas que buscavam as minhas (ilusão minha achar que eu que as levava...), daquelas vozinhas dizendo "tio, olha isso", daqueles olhos que me perscrutavam em cada gesto e, depois, abandonando-me, brilhavam diante das sombras no tecido, da luz em seus corpos e mãos.*
> *Quem precisa do tapete vermelho de Hollywood pra sentir as glórias do cinema é porque não faz ideia do que é experimentar com o cinema numa escola infantil.*

Referências

CAMPINAS, P. M. *Entre telas: cinemas nas escolas.* Campinas: Programa Cinema e Educação/Secretaria Municipal de Educação. 2021. Disponível em: https://educa.campinas.sp.gov.br/sites/educa.campinas.sp.gov.br/files/2022-05/Entre-Telas_Cinema.pdf . Acesso em: 14 jan. 26.

DELIGNY, F. *O Aracniano e outros textos*. São Paulo: n-1 edições, 2015.

DELIGNY, F. *Permitir Trazar Ver.* Barcelona: Museu d'Art Contemporani de Barcelona, 2009.

ESCÓSSIA, L.; KASTRUP, V.; PASSOS, E. *Pistas do Método da Cartografia:* Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Meridional, 2015.

FÓRUM NICARÁGUA (MIGLIORIN, C.; GARCIA, L.; PIPANO, I.; RESENDE, D.). A pedagogia do dispositivo: pistas para criação com imagens. In: LEITE, C.; OMELCZUK, F.; REZENDE, L. A. (Orgs.). *Cinema-Educação:* políticas e poéticas. Macaé: Editora NUPEM, 2021, p. 85-104.

GUIMARÃES, César Geraldo. O que é uma comunidade de cinema? *Revista Eco Pós*, v. 18, n. 1, 2015. DOI: https://doi.org/10.29146/eco-pos.v18i1.1955

LEITE, C. D. P. *Entre Faces:* infância, devir-criança e educação. (vídeo). 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vsWiJqiuhRw. Acesso em: 23 jul. 2025.

LEITE, C. D. P. Pesquisa-experiência: relatos, corpos e acontecimentos. *Revista Digital do LAV*, v. 12, n. 3, p. 153-171, set./dez. 2019. DOI: https://doi.org/10.5902/1983734840617

MIGLIORIN, C.; PIPANO, I. Camerar um ponto de ver: a pedagogia das imagens em Boa Água. *Rebeca,* v. 8, n. 1, p. 143-157, 2019. DOI: https://doi.org/10.22475/rebeca.v8n1.563

MIGLIORIN, C. *et al*. *Cadernos do Inventar* – cinema, educação e direitos humanos. Secretaria de Direitos Humanos-Ministério da Justiça/Universidade Federal Fluminense, 2014. Disponível em: https://www.academia.edu/30703627/Cadernos_do_Inventar_com_Diferen%C3%A7a Acesso em: 14 jan. 2026.

MIRANDA, C. E. A.; OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Comunidade de cinema com professores: uma experiência de encontro entre universidade e escola públicas. In: OLIVEIRA JUNIOR, W. M.; GIRARDI, G.; NUNES, F. G. (Orgs.) *Pegadas das imagens na imaginação geográfica*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022, p. 217-239.

OLIVEIRA JUNIOR, W. M.; RIGOTTI, G. F. Das salas de aula às mostras de cinema e educação: curando filmes para turmas de crianças bem pequenas. *Revista GEARTE*, [S. l.], v. 12, 2025. DOI: https://doi.org/10.22456/2357-9854.147315

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; TEDESCO, S. *Pistas do Método da Cartografia:* a experiência da pesquisa e o plano comum. Vol. 2. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RUZENE, A. N. S.; OLIVEIRA JUNIOR, W. M. Relatos do (meu) encontro com cartografias, afetos, escolas, cinemas e crianças bem pequenas. Revista Digital do LAV, v. 18, nº 1, e25/01–21. 2025. DOI: https://doi.org/10.5902/1983734893104

Apanhado de relatos



Apanhado de relatos

Muitos dos relatos aqui publicizados foram escritos por um professor universitário da área de Educação, mais precisamente, da formação de professores, e pesquisador das relações entre cinema e lugar-escola. Ele foi também o coordenador do Projeto "Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil – entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte", no qual se propunha uma mirada mais detida, mediada pelo cinema, para o território habitado pelas rotinas e dinâmicas escolares; um território povoado por vidas humanas – das crianças e profissionais – e por uma miríade de vidas não humanas – dos insetos, das plantas, dos pássaros, da areia, dos materiais em metal, tecido, plástico... das imagens nas telas, folhas, paredes...

Entremeados a esses relatos aparecem, cronologicamente, outros, realizados por estudantes de graduação, bolsistas do programa de permanência estudantil da Unicamp, que estiveram presentes ao longo de certos períodos mais curtos ou mais longos.

Muitas e heterogêneas trajetórias atravessam os corpos-estudantes-pesquisadores em seus encontros com as escolas públicas de educação infantil CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant, em Campinas-SP.

A seguir fizemos uma tentativa de listar algumas dessas trajetórias:

um pesquisador de cinema com crianças pequenas
quatro estudantes-bolsistas
uma política pública de incentivo ao cineclube escolar
duas escolas públicas de educação infantil
dois projetos financiados por agência de pesquisa
uma orientadora-coordenadora pedagógica engajada
uma equipe de gestão acolhedora
uma equipe de limpeza acolhedora
nove profissionais-bolsistas
variados percursos de formação em exercício
dois bandos de galinhas d'angola
uma grande sibipiruna
uma amoreira
uma mangueira
um pau-brasil
cinco ou seis outros tipos de árvores
infinitos tipos de insetos
dois parques de areia
um parque de plástico
quatro pequenos pátios externos
um grande pátio interno
um barranco gramado
uma pequena horta
duas cozinhas com refeitório
duas secretarias
duas salas de bibliotecas
quatro banheiros para as crianças
quatro banheiros para as pessoas adultas
infinitas filmagens
muitos filmes produzidos
um canal do cineclube
duas escolas em devir-cinema

Os relatos a seguir estão nomeados com o título do arquivo que foi postado no grupo de mensagens instantâneas Cinema Bety Benjamin, com o acréscimo apenas da identificação das turmas. Todos eles passaram por uma revisão de língua portuguesa, na qual foram mantidos os estilos de cada autor(a).

diário wences_07 mar 23_AG1-2

fui acolhido na própria sala por olhares atentos das crianças, bem como gentilezas e brincadeiras das educadoras. a professora gi, as três monitoras em "s" e a luciana.
entre sorrisos e choros, gêmeos e proximidades e desconfianças, colos e brinquedos fui me aconchegando entre as crianças – de dez meses a pouco mais de dois anos – e notava desde a semelhança dos gêmeos até a diversidade de peles, tamanhos, cabelos e jeitinhos.
no momento de saída para a hora do almoço, com um sorriso no rosto, uma das monitoras me colocou uma criança no colo. isso ficou em mim como um gesto de acolhimento, como uma generosa maneira de dizer que eu era uma delas, uma das pessoas adultas em meio àquelas criaturinhas. ao mesmo tempo, uma garotinha me estendeu a mão para irmos caminhando até o refeitório.
parece que crianças e adultos dessa turma se comunicam mais com gestos e expressões no rosto que com palavras. isto já é matéria-prima de cinema!

perguntas para um cinema porvir:
onde colocar a câmera para captar a movimentação na sala?
ao rés do chão na porta de entrada? ou na quina da parede onde termina a bancada da entrada? assim captaríamos o movimento e os ritmos sem identificar as crianças: pés, sapatos, meias, passinhos, passões, paradas...

a experiência vivida por mim, na hora do almoço, de acompanhar uma criança que se nega a comer qualquer coisa, inclusive de maneira um tanto "violenta" (empurrando o prato, tampando a boca com as duas mãos), me levou a pensar em como tornar cinema uma situação assim, uma vez que a filmagem direta seria constrangedora para a criança. pensei que poderíamos encenar com outras crianças alguns desses gestos, tornando ficção aquilo que emergiu no cotidiano da escola.

Se, na hora do almoço, são os vegetais nossos principais parceiros, pois é com eles que fazemos nossas mais importantes alianças na alimentação, onde estariam os vegetais aqui nesta sala? nos móveis, no chão, nas paredes, nos lençóis? nas estampas das roupas? e nas próprias roupas, com os materiais de que são feitas? no frescor da sala protegida pela sombra das árvores?

ao ver as mais diversas e inusitadas posições em que as crianças dormiam, comecei a pensar como filmar cada uma dessas posições, de modo a aproveitar essa diversidade de posições e corpos para produzir uma variedade de filmagens. e pensei também em compor um pequeno filme com silêncios, ruídos e músicas. mas quais músicas e quais ruídos? ruídos de respiração? de chuva caindo? alguém cantando alguma música de ninar? ou outro tipo de música? ou escolher uma música e gravar as crianças da turma cantando baixinho?

diário wences_09 mar 23_AG2

encontrei a turma no parque de areia da escola. ali estavam crianças de mais de uma turma e, nem bem pisei lá, já tinha alguma criança me apontando alguma coisa que segurava na mão, me olhando sorridente ou desconfiada, me falando algo que, inevitavelmente, eu não entendia... mas respondia mesmo assim... rsrs
cinco minutos depois, já estávamos descendo para a sala, com "escalas" onde era a água a principal parceira dos humanos: lavar mãos e pés, matar a sede. teve água em forma de lágrimas também. como não?
nessa turma, as idades são mais parecidas, mas há duas crianças que são "mais diferentes" do que as outras. diferenças que demandam atenções especiais e especializadas. como o cinema poderia fazer essas crianças serem "mais parecidas" com as outras? uma das semelhanças era a tranquilidade com que as educadoras lidavam com

todas as crianças (por exemplo, as mãos que fazem dormir) – a professora van e as monitoras aline e melissa (será que eram esses mesmos os nomes?) e uma educadora extra, edna, que está lá somente duas vezes por semana. uma outra monitora chegou quase no momento de minha saída. não guardei seu nome, mas já a conheço dos cursos do programa cinema e educação.

perguntas para um cinema porvir:
onde colocar a câmera naquele parque de areia de modo que seja a areia a personagem principal? talvez colocar o celular ligado no meio dos outros brinquedos e deixar que alguma criança o escolha como brinquedo.
como fazer alianças entre o cinema e as águas que circulam na escola? um dia desses, recebi uma filmagem da goteira, mostrando que tem muito mais modos da água fazer aliança com os humanos na escola.
hora do almoço: todo mundo comeu, um pouco mais ou um pouco menos, mas o que me "pegou" foi a sobremesa: como filmar a comilança, a rejeição e o "troca-troca" de pedaços de frutas entre as crianças? cores cores cores.

a roda e a bola (duas coisas redondas/circulares) foi com "quem" fizemos alianças para fazer a apresentação das crianças para mim, alguém que chegava àquele grupo. como fazer uma aliança com o cinema que agregasse essas formas redondas/circulares com a forma retangular das telas? como fazer uma roda no cinema? como "passar a bola" e fazer uma criança usar/circular a palavra para dizer seu nome?

diário wences_14 mar 23_AG1-2

naquela manhã havia poucas crianças na turma, oito talvez. o esvaziamento se devia à proliferação da virose "pé-mão-boca", que se alastrou pelos corpos infantis. antes das 9 horas já haviam descoberto que uma garotinha já apresentava as marcas características da doença na pele e chamaram o pai para levá-la.
essa criança me chamou muito a atenção: na sala, ficou sentada num mesmo lugar e numa mesma posição, apenas olhando, sem brincar. no pequeno parque de areia para onde fomos após o café da manhã, ela se negava a colocar os pés no chão, dentro ou fora do tanque de areia. inclusive, chorava. com muito cuidado e paciência, foi sendo "convencida" de experimentar sentar-se e deixar jogarem areia sobre seus pés descalços. gostou, apesar de desconfiada.
essa lenta aproximação de uma criança com as coisas da natureza (chão, areia, vento, árvore...) daria um bom filme. filmar os gestos que titubeiam em deixar-se entregar ao prazer e ao incômodo dos primeiros contatos poderia nos deixar ver mais detalhes das dificuldades e descobertas dos (des)encontros entre uma criança e um novo ambiente, onde outras conexões se fazem com seu corpo, o que tenho chamado, por sugestão dos/das pensadores/as indígenas, do contato entre vidas humanas e vidas não humanas.

A recepção da turma à minha presença foi como nas outras, com sorrisos e curiosidade. Demorei demais para fazer este relato, e muita coisa se perdeu nessas duas semanas, como os nomes das monitoras e do monitor. Se é possível dizer isso, eu quase me lembro... o que me incomoda um pouco, pois a gentileza de todes e as inúmeras vezes que repeti seus nomes (uma técnica de memorização que utilizo) me levam a acreditar que poderia tê-los memorizado. Enfim, cada corpo funciona à sua maneira, e as técnicas nem sempre mudam isso.

Cinema porvir:
Desde a hora que entrei na sala, foram as sonoridades que me captaram para as possibilidades do cinema. Em meio aos brinquedos, havia alguns chocalhos feitos, no ano anterior, com garrafinhas de plástico e alguma coisa dentro que não me lembro mais. Comentei que era o instrumento que toco em um bloco de carnaval, e a conversa

seguiu solta enquanto apareciam novos chocalhos, e adultos e crianças os usavam para produzir sons.
Na hora do almoço, para tentar acalmar um garotinho que chorava na mesa onde me sentei, comecei a "batucar" baixinho na mesa, indicando para que ele fizesse o mesmo. ele e mais outro menino que também estava na mesa começaram a me imitar, batendo as mãozinhas na mesa, só que com toda força, produzindo um barulhão. Rapidamente atuei para que eles parassem ou diminuíssem a força, mas todo o refeitório já nos olhava rsrs
Nas duas situações, as sonoridades produzidas se fizeram no contato entre vários corpos humanos e outros materiais. Fiquei pensando em aproveitar as experiências que já existem (e em inventar outras experiências) para promover a atenção das crianças para as muitas sonoridades que podem ser produzidas na escola, gravando-as a fim de criar depois trilhas sonoras para o cinema que viermos a produzir.

diário wences_14 mar 23_AG1-2

quando me encontrei com a turma, já estavam na sala, sentadas em torno da professora enquanto aguardavam a hora do almoço.
Com minha entrada, fez-se um certo alvoroço, e algumas crianças foram até mim antes mesmo que eu colocasse minha mochila sobre a bancada. Como recepção, a professora propôs que cada criança se apresentasse a mim com cartões com seus nomes. Elas eram chamadas uma a uma, levantavam-se, pegavam o cartão, vinham até mim (que havia sentado numa cadeirinha) e o entregavam, com um sorriso, um gesto de cumprimento com as mãos, um olhar tímido ou curioso.

Na hora do almoço, descobri que algumas crianças não comiam. Eu me aproximava delas, me agachava ou me sentava ao lado e propunha dar-lhes comida na boca. Para minha surpresa, dois garotinhos aceitaram, e um deles passou a comer em seguida com a própria mão.
Penso que cada criança inventa sua maneira própria de acolher e ser acolhida por quem chega na turma. Algumas são mais "atiradas" e logo vão se apresentar e conversar; outras olham de longe e dão sorrisos quando encontram o olhar do visitante; outras ficam atentas ao momento propício para a "captura da atenção". É assim que gosto de pensar esse deixar-se receber comida na boca ou mesmo a negação a comer. Acho que isso seria uma boa matéria-prima pro cinema.

Na hora do sono após o almoço, cada criança encontrou seu colchão, deitou-se nele e pouco a pouco encontrou a tranquilidade para entregar-se aos sonhos. Apesar de eles serem invisíveis, em alguns momentos, os corpos das crianças davam pistas do que se passava no mundo de morfeu...

Cinema porvir:
Em algum momento que não sei precisar quando, nem porque, as crianças se levantaram, e iniciou-se uma espécie de dança em torno da professora que segurava uma pequena bandeira do brasil. Como seria perseguir a "bandeira que dança" em meio à criançada? Como será que ficariam as filmagens? Borradas? Rápidas demais? Quem estaria segurando a câmera?

diário wences_21 mar 23_AG1-2

chegamos, eu e bibi, quase no horário do café da manhã. O número de crianças era bem menor que na semana anterior. Parecia que seria mais tranquilo, mas não foi bem assim... os dois gêmeos e um garotinho loirinho estavam muito sensíveis e choravam quando não estavam no colo ou agarrados em alguém adulto, eu inclusive. isso fez com que, no

tempo em que ficamos no pátio interno após o café da manhã, empurrasse muita motoquinha (adorei a invenção do cabo de vassoura!) e segurasse menino no colo pra parar choro.
Mas nada disso é complicado ou agitado, pois a grande maioria das crianças, as monitoras em "s" e a professora são de uma paz invejável, além de sempre aparecer mais gente para dar uma forcinha, como o porteiro e a bibi, que se jogou entre as crianças, limpando e girando, girando, girando aquelas criaturinhas.

Houve um garotinho que passou a manhã me levando brinquedos. Na sala, no pátio, na sala novamente. Daria um filme interessante filmar somente duas mãos que ficam recebendo vários brinquedos o tempo todo, sendo que o mesmo brinquedo é entregue inúmeras vezes. daria uma ideia da circulação desses brinquedos, sobretudo se a sonoridade do filme fosse a daquela ruidosa manhã no pátio.

diário wences_21 mar 23_AG2

chegamos tarde, eu e bibi. já era quase dez da manhã quando encontramos a turma em roda, dentro da sala. havia uma monitora diferente, muito simpática, cujo nome me esqueci. mas me lembrei dos nomes das outras duas, aline e milena, depois de ter trocado o nome de uma delas no relato anterior. já virou brincadeira entre nós.
é importante saber os nomes das pessoas, e faço um bom esforço, inclusive os das crianças, mas... são demasiados para guardar tão rapidamente os das quatro turmas. um dia chego lá. enquanto isso, algumas crianças me mostram os cartões com seus nomes e os cartazes com fotos pregados nas paredes. isso dá cinema, certamente, com sobreposições de imagens de crianças, cartões e cartazes enquanto escutamos alguém falando os nomes de todas elas sem parar. acho que daria a exata sensação que tenho com tanto nome pra guardar de uma vez só...

para garantir certa tranquilidade, apesar da chegada de nós dois, foi colocado um programa audiovisual na tevê, com historinhas rápidas entre as personagens da turma da mônica. me fez pensar que fazer cenas de 30 segundos de cada criança e depois montá-las em uma certa sequência poderia dar um filme que viria a compor com os cartões e cartazes com fotos mais uma maneira de apresentar a turma toda.

já propus duas ideias para um cinema porvir, mas tive uma outra: câmera fixa embaixo da mesa durante o almoço, para filmar somente os pés e tudo o que cai no chão. e é muita coisa...

diário wences_18 abr 23_AG1-2

tive dificuldade em lembrar os acontecimentos desse dia. um bom motivo para escrever os relatos na mesma semana. dessa vez, havia mais crianças do que na primeira vez em que estive nessa turma. mesmo assim, não eram tantas, acho que entre doze e quinze. estavam todas em sala, pois havia chovido e não era possível ir para os pátios externos da escola.
havia muitos brinquedos espalhados pela sala, e logo que cheguei algumas crianças começaram a levá-los até mim. para brincar com elas, comecei por empurrar alguns carrinhos e, em seguida, a organizá-los em filas, mas poucas crianças se envolveram na proposta.
falou-se dos escorpiões que apareceram e, de repente, uma monitora viu um sapo no corredor do lado de fora da sala e começou a pegar as crianças para que elas também pudessem ver. fizemos isso com todas as crianças. algumas viram, outras não. falamos brevemente sobre sapos comerem escorpiões. brinquei com a ideia de criar sapos na escola ao invés de galinhas, como parece irá ocorrer na outra escola. as caras foram de "deus me livre" rsrs. fiquei pensando em como o cinema poderia atuar para, quem sabe,

alterar um pouco essa sensibilidade refratária aos sapos. me pareceu difícil, pois os comentários sobre esses animais eram para além de serem "muito feios": "eles são gelados".
acho também que há uma confusão entre sapos e pererecas, e talvez essa confusão-mistura possa ser um bom mote para um filme, afinal as crianças adoram bichos, como ficou claro na atividade realizada a seguir, com cantorias de várias músicas. a recordista de adesão é uma música da baleia.
mas como fazer um filme não só sobre os sapos, mas com eles? sim, pois, sem que eles participem, será bem difícil mudar a sensibilidade em relação a esses seres pulantes que gostam de comer escorpiões.

diário wences_18 abr 23_AG2

cheguei cedo, entre 7 e 7h30. crianças chegavam com seus pais ou mães. algumas se agarravam às pernas deles e delas e choramingavam. um dos garotos estava visivelmente sonado. depois soube que ele vai dormir muito tarde e por isso tem sono de manhã. aos poucos acordou e se integrou nas atividades.
na porta da sala, professora e monitoras eram pura gentileza em receber as crianças e inventar estratégias para que deixassem os pais partirem e entrassem no "clima" da turma. já dentro da sala, entrei nesse "clima". sentado no chão, recebia os brinquedos que algumas crianças me traziam e "conversava" com elas, mediando algumas disputas. não era difícil. a grande maioria das crianças é bastante tranquila.
o assunto do dia eram os escorpiões que haviam aparecido naquela sala na tarde do dia anterior. era importante informar as crianças para que a natural curiosidade delas pelos bichos não levasse a riscos de picadas. foram exibidos um vídeo e fotos de escorpiões e foi dito às crianças que se vissem algum deles pela escola não chegassem perto e avisassem imediatamente algum adulto.
saímos para o café da manhã, e notei que uma das crianças foi colocada distante das outras. ao meu olhar de surpresa me explicaram que isso ocorria para evitar que ele mordesse algum colega. fiquei me perguntando sobre a variação desse gesto de morder como forma de expressão das crianças pequenas (as comidas, os brinquedos, os colegas...) e como o cinema poderia atuar aí: será que fazer um filme com/sobre os muitos tipos de mordidas poderia auxiliar essa criança a não mais morder os colegas?

ao retornar para a sala, as crianças se sentaram em volta das mesinhas, e cada uma recebeu uma massinha de uma cor (com o pedido de não misturar com outra – imagino que para evitar que "roubem" a do colega ao lado rsrs) e também escolheu alguns moldes e outros objetos de dentro de uma caixa. elas ficaram muito próximas umas das outras e, então, soube de uma garotinha que não gostava que nenhuma outra criança tocasse nela. somente adultos podem fazer isso.
ao acompanhar as mãozinhas a amassar e inventar formas as mais diversas (e a roubarem pedaços de massinhas que estavam próximos rsrs), notei como ficariam bonitas filmagens feitas de cima, somente das mesas e mãos atuando. que tipo de sonoridade poderia compor com filmagens assim? talvez uma gravação das crianças da turma da grazi cantando a música da baleia que é amiga da sereia...

diário wences_25 abr 23_AG1-2

foi a primeira vez que experimentei passar a manhã toda em uma única turma. penso ter sido uma decisão acertada. agradeço a todas as profissionais da escola que apontaram as perdas de experiência com a mudança de turma na metade da manhã.
cheguei à sala ao mesmo momento em que aurora, uma das crianças da turma, chegava. era o prenúncio de que iríamos partilhar outros momentos naquela manhã, na sala de aula e durante o almoço, em que coube a mim ficar ao lado dela, oferecendo a comida e

assistindo à leveza e à graça com que essa criança se expressa. cena um: num certo momento, parou de comer... até que uma monitora "descobriu" que ela tinha "escondido" um pouquinho de carne na boca e, como não gosta, evitava comer mais para não ter que engolir a carne; retirada a carne, voltou a comer. mas não comeu muito. cena dois: estava cochilando na cadeirinha quando cheguei perto e ofereci a sobremesa do dia, um pedaço de caqui; ela arregalou os olhos e pegou a fruta com uma gana incrível (a professora, que viu a cena, comentou: se tivesse com a câmera ligada teríamos uma cena perfeita; um tanto de comédia e um tanto de doçura); ela ainda comeu um segundo pedaço de caqui, completamente desperta. cena três: foi a última a sair do refeitório, pois esperei que terminasse de comer o caqui para limpar suas mãos e boca e tirá-la da cadeirinha; estava de novo sonada, tropeçou na cadeira ao lado, andava um pouco e parava, girava o corpo e me mirava antes de dar mais três passos à frente; em seguida, parava de novo e me olhava; como ainda tínhamos que cruzar o pátio e o corredor, terminei por levá-la no colo até a sala, onde foi só colocá-la sobre o colchão e já dormiu. não me falou uma só palavra em nenhum momento, também não sorriu ou chorou, mas me disse um tantão de coisas sutis só com os olhos, o corpo e o tempo – a demora e a rapidez nos gestos, as paradas e os movimentos, as miradas e o desvio dos olhos.

na sala me lembro pouco de aurora, pois se misturava com as outras crianças que estiveram todo o tempo ao meu redor. agora me recordo que ela participou do momento em que eu pegava pentes e escovas que as crianças me traziam e "penteava" os cabelos meus e delas.
descubro um gostar mútuo entre mim e essas criaturinhas pequenas.
acho que passei uma boa parte da manhã com alguma criança no colo, especialmente um garotinho que me foi "entregue" por uma das monitoras. adoro essa tranquilidade e brincadeira em me incluir em tudo, inclusive nas dificuldades e cansaços da turma rsrs. o bichinho pesava, viu? e era só tentar colocá-lo no chão, e o choro vinha. daí que passei todo o tempo do pátio com ele nos braços enquanto brincava com outras crianças (de escorregador, de futebol, de ver o sapo que apareceu na escola, de...). fiquei pensando se não seria interessante gravar o choro de cada criança e montar todos juntos (sobrepostos ou separados) como uma espécie de trilha sonora da escola. o difícil seria fazer chorar algumas crianças que têm sempre o sorriso no rosto.
me lembro de duas "brincadeiras cinematográficas" que fizemos juntos na sala: a primeira foi girar aquela linda roda de fitas que estava no meio da sala; ao fazer isso, as fitas passavam sobre os rostos das crianças, elas gostavam e se distraíam com aquilo, mas não conseguiam fazer girar a roda. a segunda foi produzir sons com as garrafas plásticas vazias que foram disponibilizadas como brinquedos; como as crianças me traziam várias garrafas para que eu brincasse com elas e rapidamente havia várias garrafas (e crianças) ao meu redor, comecei por apertar cada uma das garrafas e apontar para as crianças como os sons eram distintos (em seguida, eles tentavam apertar as garrafas, mas na maioria das vezes não tinham forças para isso). e, depois, como as garrafas não tinham tampas, comecei a soprar na boca delas (e isso algumas crianças conseguiram fazer também). por fim, descobri uma garrafa que ao ser apertada fazia um "sopro" e comecei a "soprar" em todas as crianças que se divertiram bastante com aquele vento artificial, cinematográfico.

mas o cinema me vinha mais forte ainda quando me via diante de uma situação que, a meu ver, ficaria interessante, se fosse filmada conforme o dispositivo que estava em pauta na semana: filmar 30 segundos, em câmera fixa e paralela ao solo. cito aqui apenas algumas destas situações: crianças no escorregador (as descidas, as disputas, as subidas pela escada e pela rampa), as crianças brincando de abrir e fechar aquela gaveta que cai fazendo um barulhão (e que terminou por arranhar levemente uma garotinha), as crianças gangorreando sobre os cavalinhos (acredito que ao se saberem filmadas iriam inventar outros movimentos e, talvez, olhar pra cima), aurora devorando o caqui (melhor ainda se tivesse capturado o momento em que ela viu o caqui e despertou imediatamente), os dois bebês que estavam no "bebê conforto", durante a hora de

almoço (da outra turma que almoçou junto a que eu estava) que tinham cores de pele e roupas muito distintos, além de reações bem diferentes quando alguém se acercava deles.

diário wences_09 mai 23_AG2

a sala estava diferente. havia uma pequena mesa encostada numa das paredes, onde havia bolos e sucos, aos quais se juntaram outros comes e bebes trazidos pelos adultos que acompanharam as crianças naquela manhã.
mães, pais e avós chegaram com as crianças agarradas em suas mãos ou pernas. sentavam-se um tanto tímidos na roda de cadeirinhas, quase todos com as crianças em seus colos. Somente aos poucos é que as crianças foram brincar no meio da roda ou no pátio ao lado da sala, enquanto professora e monitoras passavam informações e faziam ponderações para os adultos, que se mantiveram atentos todo o tempo, mesmo com as idas e vindas das "suas" crianças até onde estavam. uma das informações foi justamente sobre o projeto com cinema.
Tudo aconteceu de maneira bem tranquila e, somente ao final, alguns pais e responsáveis fizeram perguntas, todas elas respondidas de modo acolhedor.

A dinâmica realizada foi imageticamente interessante, pois os adultos tinham que "reconhecer" os olhos e o olhar de "sua" criança entre as muitas fotografias ampliadas que estavam pregadas na lousa, tendo, na parte de trás, uma outra foto e um desenho da criança e numa das partes laterais um suporte de tecido que permitirá que a foto seja pendurada em alguma parede. A maioria dos adultos se aproximou da lousa com a criança de quem é responsável, dialogando com ela sobre "quem será você?" entre tantos olhares. Com mais ou menos dificuldade, todos encontraram os seus olhos e algumas crianças não mais soltaram aquela foto, mesmo durante brincadeiras que poderiam estragá-las.
Essa dinâmica das fotos dos olhos me lembrou do filme "caras e bocas" – – realizado na CEI Regente Feijó alguns anos atrás – ver no canal https://www.youtube.com/@ceiregentefeijoeceichailsu621/videos.
Na roda de adultos e crianças, o cinema que me veio foi o dos pés: filmar os pés e sapatos dos adultos ao lado dos pés e sapatos de "suas" crianças. Imagino que, para além das diferenças de tamanhos, seria possível ver nessas filmagens as diferenças e preferências de gênero, de cores, de texturas, de preço...

diário wences_16 mai 23_AG1-2

quando cheguei, bem cedinho, pela sala o que se via eram brinquedos (no formato de super-heróis e animais) e crianças zanzando entre e com eles. algumas estavam chegando ainda e logo se integravam nas interações com os brinquedos e as demais crianças. como sempre, uma delas logo vem até mim com um brinquedo na mão; normalmente, assim que me sento no chão e pego o brinquedo, a criança já sai andando em busca de outro brinquedo para trazer pra mim, mas, nesse dia, o garotinho ficou ali apontando para a perna quebrada do super-herói e falando comigo. claro que não entendi o que ele disse, mas segui a "prosa" perguntando a ele se alguém havia comido a parte que faltava da perna. assim que fiz a pergunta, me lembrei do trabalho que é feito para evitar mordidas entre as crianças e me arrependi do que falei. acredito que, por sorte, o garotinho também não entendeu o que eu disse rsrs. um segundo depois (esse tempo é totalmente subjetivo, relativo à sensação que tive), já estava rodeado de outras crianças me "oferecendo" brinquedos para que eu interagisse com elas. ainda que seja impossível atender a todas em suas ofertas, fiz o possível para dar atenção a cada uma um pouquinho, enquanto uma garotinha já se sentava em meu colo e eu,

gentilmente, a retirava dali, de modo que nenhuma das crianças tivesse alguma "exclusividade", e que o colo fosse "reservado" para momentos específicos (choros após tombos ou pequenas disputas entre crianças). na verdade, esse "modo de agir" é "espelhado" nas profissionais ao meu redor.
nesse dia, somente uma monitora era a mesma da última vez que estive nessa turma: eliane. as outras duas estavam "cobrindo faltas" de profissionais que, por motivos diversos, não puderam estar ali. aliás, uma delas, nem cheguei a conhecer ainda, pois entrou no último mês. uma das "diferentes", maria, já trabalha com a turma no período da tarde; a outra, de quem esqueci o nome, trabalha no berçário também no período da tarde. escrevi isso para indicar que, apesar de cada profissional da escola ter seu "modo de agir" particular, há certos gestos que são comuns a todas. que gestos comuns serão partilhados pelo cinema que estamos inventando ali? preciso reparar se já aparece algo comum nas produções que foram realizadas - https://www.youtube.com/playlist?list=plmsk-syx9tcn6yualpl_qb-emguiykxcz e https://www.youtube.com/playlist?list=plkkvsfstgfo-cg9dld1asstrj_lw8dxcl - a partir do primeiro dispositivo que experimentamos: filmar 30 segundos com a câmera paralela ao solo.
antes de finalizar este relato, comento que, após o café da manhã e o parque lateral (onde as crianças começaram querendo ver de perto as galinhas e depois se esqueceram delas), voltamos pra sala, e foi espalhado por lá um outro tipo de brinquedo: livros. um monte deles, nos quais notei muitos animais, que seguiram muito presentes nas músicas cantadas. fiquei com vontade de fazer filmagens da fauna da turma, um inventário deles. acho que daria uma boa pesquisa descobrir todos os bichos que circulam por ali, fora das telas. depois poderiam ser exibidas na tevê da sala. acho que valeria pensar em fazer esse inventário virar uma espécie de filme. mas que espécie seria essa?

diário wences_23 mai 23_AG1-2

cheguei com os gêmeos. passei a manhã me reencontrando com eles, encantado com aqueles corpinhos que estão quase começando a andar. em vários momentos, um deles – qual? não sei... rsrs – engatinhava até onde eu estava, me tocava e sorria. depois seguia adiante sua perambulação pela sala. tanto na hora de ir e voltar para o café da manhã e para o almoço, fui com um deles no colo. coube a mim dar o almoço ao bernardo, pois nenhum dos dois come sozinho, apesar de ambos terem muita agilidade com mãos e pés.
esses dois garotinhos fazem parte do grupo de crianças que estão numa "zona de transição" corporal que amplia as demandas das profissionais, por não estarem nem no grupo que anda e come sozinho, nem no grupo que nem anda e nem come sozinho, seja pela habilidade, seja pelo tamanho (nem ficam tranquilos nas cadeirinhas que se encaixam nas mesas, nem conseguem comer sentados nas cadeirinhas habituais).
o cinema documentário contemporâneo tem alcançado produzir filmes muito interessantes ao acompanhar e filmar algo que não se sabe bem como vai se dar; quanto mais coisas inusitadas podem acontecer, mais esse tipo de cinema se interessa. talvez tenha sido por isso que notei essa "zona de transição" de algumas crianças, pois ela é um momento de muita experimentação corporal, em que as crianças inventam maneiras próprias de interagir com aquilo que está ao seu redor, sejam as paredes (usadas para apoiar as mãos no caminhar cambaleante), sejam as colheres (usadas para bater e fazer barulho na mesa e no prato), sejam os brinquedos (como o triciclo que só "andava" para trás, pois apesar de já terem tamanho para sentar no banco, não alcançam os pedais e, por isso, o empurram com os pés no chão). ou seja, nessa "zona de transição" a intensidade das interações me pareceu ser maior, pois os brinquedos e demais objetos não definem os gestos e funções que terão na interação com as crianças, o que faz com que elas experimentem outras possibilidades e inventem outras maneiras de atuar no mundo.

houve outra coisa que notei naquela manhã: na televisão da sala passava o clipe de um grupo musical que faz muitos gestos enquanto canta. na sala, a maioria das crianças estava muito atenta ao clipe e algumas delas repetiam os gestos das mãos ou mesmo moviam partes do corpo que eram "acionadas" pela imagem, um indicativo de quanto as crianças pequenas têm o corpo todo afetado pelos produtos audiovisuais e não somente seus olhos e ouvidos. que tipo de cinema podemos produzir para ser experienciado por esses "espectadores corporais"?

diário wences_30 mai 23_AG2

quando cheguei, a sala já estava cheia de crianças, quase todas sentadas sobre o tapete e assistindo, muito atentas, aos vídeos na televisão. comentei sobre como elas gostavam desses vídeos, e a resposta me surpreendeu: "gostam muito e alguns nem precisam ter som". em minhas observações aleatórias sobre os vídeos que são assistidos nas tevês das duas escolas, havia notado o quanto as sonoridades atraíam as crianças. como esses vídeos fazem parte do cinema que já circula pelas escolas, uma vez que são obras audiovisuais e refletem/configuram a sensibilidade e o gosto das crianças, aproveitei o momento para satisfazer uma curiosidade que tenho tido: "como vocês escolhem os vídeos que mostram pras crianças?". a resposta, mais uma vez, me surpreendeu: "a vanessa, monitora na turma da carmen, escolhe no youtube", seguida da explicação sobre as tevês de todas as salas da escola benjamin constant estarem conectadas a um mesmo provedor de internet que, pelo que entendi, é da vanessa (pago por ela ou cuidado por ela para a escola). mas a verdade é que não entendi direito a "pragmática" da escolha dos vídeos, pois, quando fiz a mesma pergunta na turma da grazi, na escola bety pierro, a resposta teve partes semelhantes e partes distintas dessa. resumo aqui o que entendi: há um provedor da escola conectado a um canal pessoal do youtube, de uma ou mais profissional(is) da sala ou da escola que escolhe(m) os vídeos a serem vistos durante o que tenho chamado de "tempos de espera" entre uma atividade e outra da rotina escolar.
enfim, como isso é parte do cinema que já circula nesse lugar-escola, gostaria de entender melhor como essa curadoria é realizada, pois, se é via youtube, quem sabe já não seria possível e interessante criar um canal das duas escolas, da mesma maneira como criamos nas escolas regente feijó e cha il sun? ou, então, quem sabe não seria interessante mostrar os filmes que foram feitos nessas duas escolas ou filmes que estão no acervo digital do programa cinema e educação?

naquele dia, após o café da manhã, a turma foi para o parque de areia. já na chegada, notei um garotinho com um ramo seco nas mãos, observando-o/experimentado-o com olhos e mãos, o que incluía quebrar os galhinhos mais finos que estavam grudados no galho mais grosso. quase ao final do "tempo de parque" (acho que uma hora), uma das monitoras me apontou que o mesmo garoto estava com outro pequeno galho nas mãos, só que agora era um galho verde, que, provavelmente, ele havia arrancado de alguma planta do parque. a mesma experimentação se dava...
esta foi só uma das muitas experimentações/descobertas/sustos/encantamentos que as crianças tiveram naquela uma hora de contato/encontro com as variadas vidas não humanas que povoam o parque. listo algumas que ainda estão na memória:
- a areia usada pelas crianças para fazer bolos e para jogar sobre coisas e pessoas, inclusive sobre si mesmo/a;
- a areia que é cavada para "entrar dentro" do buraco e sentar ali; o que atrai um corpo-criança a fazer isso? seria o formato, a temperatura, a umidade, a textura... tudo isso e mais um tanto de sensações que só aquele buraco de/na areia produz;
- a pequena aranha de tons vermelhos e marrons, encontrada por uma garotinha num dos muros laterais do parque; com um graveto na mão, ela a retirou do muro e soltou na areia quando a aranha quase tocou sua mão ao caminhar pelo graveto: um misto de alegria, medo e encantamento;

- os gravetos secos usados para desenhar/escrever num outro muro lateral do parque; um garoto "roubou" um desses gravetos de um outro garoto que brincava com ele; com tantos outros gravetos no parque, porque ele queria aquele graveto?
- a maria fedida que "apareceu" na calça de uma garotinha que caminhou até uma das profissionais e, chorando, disse: "um bicho"; a tranquilidade da profissional em dizer "ah, é só uma maria fedida" foi importante para conter o choro e atrair várias outras crianças para seu entorno, enquanto com um graveto tirava o inseto da calça e o colocava sobre a areia e folhas secas do chão; ao redor dela corpos se agitavam para ver e "provocar/experimentar" o "bicho" com folhas e gravetos, mas nenhuma das "provocações/experimentações" fez com que a maria fedida fedesse;
- a mesma maria fedida foi a personagem de um grupo de garotos que, com pás e outros objetos de plástico colorido, jogavam areia no pé de uma das plantas do parque para cobrir ou soltar o inseto (não entendi o que se passava quando me chamaram para ver a cena, talvez o uso das pás com areia dentro tenha sido somente um jeito de carregar o inseto sem tocar nele até "despejá-lo" onde acreditavam ser o seu habitat – aquela planta);
- ali, bem perto de onde a maria fedida foi colocada no chão, foram descobertas as muitas formigas que circulavam sobre areia, folhas e gravetos nas proximidades do muro, sumindo chão adentro; somente ouvi as conversas e perguntas relativas às formigas e notei que o "bolinho" de crianças ficou ali, ao redor das formigas, observando e falando por um bom tempo;
- as plantinhas verdes que tiveram seus galhos arrancados para serem jogados, como comida, para as galinhas que passaram a viver na escola há poucas semanas;
- um garotinho se aproximou de mim e, apontando para outra parte do parque, disse: "veio um vento ali e soprou forte, fazendo voar as folhas secas. era o saci"; dali em diante, fomos procurar o saci atrás de árvores e brinquedos, enquanto as crianças diziam que ele "tava" preso dentro de potes que, quando abertos, víamos o saci dormindo dentro...

para além das variadas relações e conexões que as crianças produzem entre seus corpos e a heterogeneidade de vida que povoa o parque, saí dali com vontade de gravar as falas das crianças durante esses encontros com essas vidas não humanas de tantas naturezas (minerais, vegetais, animais...) e sobrenaturezas (seres encantados, estórias, imaginação...). essas falas, mesmo que incompreensíveis em suas palavras (ou, talvez, justo por isso!), nos colocariam em contato com as sensações que atravessam seus corpos quando vivenciam esses encontros inusitados?

diário wences_06 jun 23_AG1-2

na porta da escola, havia um ipê florido, inteirinho cor de rosa, com aquelas bolotas de flores pelos galhos afora. tirei uma foto debaixo dele, mas ela não me traz as sensações que tive com aquele ipê. me pergunto se seria possível fotografar (ou filmar) uma planta florida de modo a impregná-la com as intensidades sensoriais que a própria planta produziu em meu corpo. me parece que não é possível reproduzir as mesmas sensações porque elas nos chegam não só da planta, mas das relações que ela cria (com o céu e as paredes azuis da escola, com o chão de concreto e asfalto ao seu redor, com nossas lembranças dessa mesma árvore sem flores, só com folhas ou já sem elas, com a passagem diária das crianças e adultos que adentram a escola, com...). mas me parece que seria possível criar outras sensações que não aquelas, talvez até mais intensas (quantas vezes uma imagem que fizemos numa viagem não nos afeta mais fortemente que o momento em que a fizemos?).
que tal assumir esse desafio no nosso fazer cinema na escola? além disso, as flores têm todo um ciclo de aparecimento, atração (de tantas formas de vida além das humanas), queda e reinserção no ciclo de vida de outras vidas (humanas e não humanas). como produzir filmagens em cada um desses momentos desse "ciclo da floração"? me parece

que poderia ser interessante tomar as flores como parceiras de nosso cinema e deixar que elas mesmas nos apontem como filmá-las.

cheguei à sala e a professora não estava (depois soube que estava numa conversa reservada com a mãe de uma das crianças). estavam as monitoras acolhendo as crianças que, aos poucos, se sentavam no tapete central da sala. sentei na borda dele e fui rodeado de seres que, de pé, ficavam um pouco mais altos que minha cabeça. queriam estabelecer algum contato com a "novidade" que era minha presença ali. esse contato se fazia de muitas formas, desde tocar com alguma parte de seus corpos – pés, mãos, braços, pernas, bundas, bocas, cabelos... – em alguma parte do meu corpo até trocas de sorrisos e gestos à distância. como "traduzir" cinematograficamente esse rodear de gente pequenininha?

mais tarde fomos ao parque de plástico, e as brincadeiras foram muitas. foi minha primeira vez naquele espaço e notei que as disputas ocorriam com frequência – pelas bolas, pelo escorregador, pelo desenho na lousa, pela minha atenção, pelo... foi gostoso estar ali, conversando com uma monitora sobre a vida e sobre as escolhas dos materiais audiovisuais que as crianças assistem na sala.
em vários momentos alguma criança chegava até a ponta do parque e apontava as galinhas que circulavam na parte gramada e com árvores. falaram coisas que não compreendi, mas compreendi que havia muita curiosidade nos olhos delas. se pudessem, até que distância se acercariam das galinhas? me ficou a vontade de ver qual será a interação entre galinhas e crianças quando estas tiverem uma câmera na mão...

diário wences_20 jun 23_AG1-2

escrevo este relato mais de um mês após minha última ida à escola. sinto que não deveria ter deixado passar tanto tempo. as lembranças já me escapam...

cheguei à escola acompanhado da bolsista bianca, por volta das 13 horas. no pátio, estava tudo bastante silencioso. as crianças dormiam nas salas. decidimos não entrar e aguardar que começassem a acordar.
eu e bianca optamos, então, por andar a esmo pela escola e captar sons, seguindo as regras do dispositivo de criação sonora que havíamos proposto naquela semana: "com o gravador do celular, cada profissional das turmas grava até dois sons representativos da sala ou da escola. cada gravação deve ter entre 15 e 30 segundos". captamos sons na cozinha, no pátio externo e no pátio interno. um desses sons fomos nós mesmos que produzimos, atuando como as crianças, acionando brinquedos afixados na parede. a experimentação com o cinema foi como uma brincadeira e nos levou tanto a prestar atenção na variedade de sons que já existiam na escola quanto a produzir outros sons a partir do que encontramos ali.
daí uma meia hora, a aba superior da porta da sala se abriu e, apesar de a sala estar na penumbra, já se via alguma movimentação. fomos até lá e fomos recebidos com os sorrisos de sempre. entramos na rotina dos adultos entre crianças já bem despertas e outras ainda sonadas. aos poucos, os colchões foram sendo recolhidos, e os lençóis guardados em meio a brincadeiras e conversas.
dali fomos até o refeitório e, de lá, para o pátio externo, que fica na entrada da escola. brinquedos de diversos tipos e tamanhos foram espalhados, e as crianças se envolveram com eles, sozinhas ou em pequenos grupos.
um dos brinquedos era atravessado por dentro pelas crianças: um cilindro de tecido colorido, com uns dois a três metros de comprimento e uns oitenta centímetros de diâmetro, gerava muitos movimentos e risadas, além de alguns medos e conflitos. ele já

havia aparecido nas filmagens de um dos dispositivos de criação realizados anteriormente e me pareceu um "perfeito cenário cinematográfico", onde somente crianças pequenas atuariam. várias perguntas me vieram: como o tecido é ligeiramente transparente, como será a luminosidade de cenas feitas dentro dele? de que modo será possível levar uma câmera até lá? nas mãos ou no corpo de uma das crianças?

ali, sentado no chão, notei que, nesse pátio, há uma bonita contraposição entre duas árvores. uma está plantada na calçada em frente à escola; a outra está pintada na parede da frente da escola. de que maneiras uma remete à outra? de que maneiras uma revela o que a outra esconde? como o cinema poderia produzir outras conexões entre elas?
mas me pergunto: será que foi meu desejo que se infiltrou em minha memória e inventou essa árvore desenhada na parede da escola? em minha memória, estou ali, em meio às crianças, olhando a árvore cercada de animais pintados e crianças correndo... não importa, o sonho e a memória são como o cinema: importa menos o real que já existe e mais o real que criamos nas imagens.

diário wences_14 ago 23_AG1-2

pela primeira vez, eu fui à escola numa segunda-feira. era mais ou menos uma e meia da tarde quando eu e ana flávia, a nova bolsista do projeto, chegamos. enquanto gabi levava a novata para conhecer a cei bety, já fui ao encontro da turma no refeitório. entre olhares curiosos, algum estranhamento e choro, fui me aproximando daquelas crianças que fazia muito tempo não me viam.
dali fomos para o pátio interno onde as alegrias das crianças se fazem, sobretudo, com as "alianças" entre cada uma delas e um brinquedo: uma motoquinha, uma bola, um escorregador, aqueles brinquedinhos (fixados na parede) de rodar, abrir e fechar com as mãos. brinquedos prontos, acionadores de gestos conhecidos, previstos. mas não é bem assim... pois, em suas "alianças" com esses brinquedos, as crianças inventam outros gestos: andam para trás nas motoquinhas, gostam que joguemos as bolas sobre suas cabeças, querem colocar mais de uma mão para rodar, abrir e fechar os brinquedinhos, buscam subir na rampa do escorregador de baixo pra cima, de lado...
logo se nota que algumas crianças fazem "alianças brincantes" com coisas, como bancos, bebedouros, paredes, chão e portas de armários, de modo que essas coisas se tornem brinquedos em que os gestos não estão previstos, sendo inventados ali, no corpo a corpo que cada criança realiza com eles. elas estão ali fazendo experimentações com seus corpos e também com os corpos daquelas coisas transformadas em brinquedo. ou melhor, será que poderíamos dizer que os brinquedos são as próprias experimentações? poderíamos dizer que brincar é experimentar algo novo, seja uma coisa ou um gesto? ou ambos, pois um aciona-descobre-conecta o outro?
essas "alianças brincantes" se radicalizaram quando saímos do pátio interno e fomos para o solário da sala, onde, para além dos "brinquedos prontos", havia outras coisas que rapidamente acionavam experimentações-descobertas-conexões. duas me chamaram mais a atenção:

1. a mureta que separa o solário do parque de areia – ela é baixa o suficiente para que eles possam ver do "lado de lá" e estabelecer relações com esse "outro lado" (relações que incluem, muitas vezes, lançar algum "brinquedo pronto" para o "lado de lá", fazendo com que, a meu ver, seja a relação com a mureta o "verdadeiro brinquedo").
2. qualquer folha da árvore que caísse no solário – rapidamente alguma criança reparava nela e a tomava nas mãos, algumas ficavam olhando para ela, tocando levemente (normalmente meninas), outras já as pegavam e amassavam ou jogavam para o "lado de lá" da mureta (normalmente meninos), e outras, ainda, inventaram outras conexões para alguma folha caída ali: carga a ser transportada por um caminhãozinho (uma menina ia juntando várias folhas e colocando ali), objeto a ser empurrado com as mãos ou os pés...

em ambos os "brinquedos inventados", os gestos das crianças não podem ser totalmente previstos, pois as "alianças" estão sendo inventadas ali, no inusitado do encontro com cada uma folha (sempre iguais e diferentes uma da outra) e no inusitado do desejo provocado pelo "lado de lá" (ao mesmo tempo visível e invisível devido à mureta baixa e à árvore alta).

a exemplo de alguns cineastas contemporâneos, seria bem interessante conseguir filmar esses gestos – irrepetíveis!? – que são inventados pelas crianças quando criam "alianças brincantes" que acionam esses gestos.

Dia 01. Diário de campo_Ana Flavia_14 ago 23_AG1-2

Primeiros dias são sempre intensos, lugar novo, pessoas novas. Mas tem algo nas crianças que torna as primeiras experiências especiais. em cada sala que passei ao conhecer a escola, olhares curiosos e carinhosos me acompanharam. Abraços, mãos dadas, colo, companhia, choro, barulho e silêncio simultâneos. A brincadeira e o carinho na escola unem as pessoas, de uma criança para outra, dos adultos ao espaço e tudo entre eles.

Ao conhecer a turma que eu ficaria naquele dia, eles se interessaram por mim e eu, por eles; instantaneamente e, bem devagar, fui conhecendo as risadas e as brincadeiras. O pátio era um lugar bem vivido, dava para sentir no seu chão que ele já era familiar aos passos dados pelos pés pequeninos e pelo ônibus de bebês que levava as crianças ao refeitório. O pátio já tinha visto quase de tudo, das quedas, das alegrias, das bolas roladas, dos carrinhos corridos e dos dedinhos curiosos que manuseiam tudo isso. Ele já sentira a tristeza dos finais de semana solitários e da fervura de emoções de adaptações de início do ano. Ali era permitido correr, escorregar, pular, saltar. Seu espaço acobertava, inclusive, algumas crianças que pareciam se interessar pelo que estava acontecendo ali mais do que em outro lugar.

Pensei "Se o chão fosse transparente e pudéssemos ver os pés das crianças vivendo a vida e o pátio, quanta coisa poderíamos aprender com os movimentos ainda pouco maduros de corpos que estão aprendendo a existir". Cair faz parte, mãos no chão também. Movimentos que, quando crescemos, muitas vezes perdemos a habilidade de fazer e ser, numa conexão com o solo que é admirável.

Depois de explorar o pátio e seus companheiros brinquedos, voltamos à sala, onde ficamos no solário até o horário da refeição. Que espaço gostoso, sol e sombra. Brincamos de tudo que nos veio à cabeça: comidinhas, bebê urso, de imitar animais, cantar e brincamos de abraçar, abraços calorosos que pareciam abraçar com ainda mais força cada vez que eu soltava "Que abraço gostoso!!". E as brincadeiras se misturavam, brinquedos mão, cabelo, chão e folha, tudo era brinquedo, e, nas pausas, um colo disputado. Que delícia ser criança, que delícia ver as crianças.

diário wences_21 ago 23_AG2

quando chegamos à escola, a sala ainda estava às escuras. fui, então, apresentar a cei benjamin constant para a nova bolsista do projeto, ana flávia. ao subirmos a rampa, ela apontou para a casa de madeira à esquerda, ao que eu disse "nossa, será que é nova?". mais tarde vim a saber que a "casa de bonecas" está ali faz muitos anos e que eu é que nunca havia reparado nela.
voltamos para a sala e encontramos a turma acordando. as caras de sono eram bem visíveis em algumas crianças. outras já estavam totalmente acordadas e se sentaram à minha volta mostrando bonecas e contando histórias. junto às crianças estavam três profissionais que nos receberam com a simpatia de sempre: cristina, vanessa e helena (ou seria heloísa? afff, essa minha pouca memória... rsrs).

veio a "hora do lanche" (ovos mexidos e suco de... amarelo... abacaxi? caju?...). será que um suco pode ter gosto de cor? digo isso porque um pouco mais tarde uma garotinha irá me dizer que a flor roxa do manacá tem cheiro de uva... um cheiro que está na cor e não no nariz....

dali fomos ao parque de areia, com breve passagem pela sala, onde combinei que iria "disparar" a atividade proposta no hfam (reparar nas árvores com as crianças e inventar dispositivos de cinema para reparar nas árvores com as imagens e sons).

chegando ao parque, perguntei a uma das meninas qual árvore ela escolheria no parque. ela escolheu a maior delas, uma sibipiruna. chegando perto perguntei: "o que você gosta nesta árvore?", ela olhou a árvore começando do chão até a primeira bifurcação do tronco, mas não disse nada. insisti: "o que você gostaria de fazer com essa árvore? tocar, cheirar, subir nela?".

ela olhou pra cima e disse: "caem coisas aqui que vêm daquela parte ali", apontando para a bifurcação do tronco, onde há outro tipo de planta meio seca. chegamos mais perto pra ver o que estava no chão próximo da árvore, mas, naquele momento, já estávamos rodeados de outras crianças e um burburinho de falas, gestos e mãozinhas me mostrando coisas que ocorriam ao mesmo tempo.

resumindo o que lembro:

"olha o que achei", disse um garotinho com algumas florzinhas amarelas catadas no chão ao redor do grande tronco.

"peguei isso", disse outro garoto, segurando vários gravetos bem fininhos.

passaram as mãos na casca, e uma menina passou um brinquedo enquanto dizia "tô trabalhando!", vendo e sentindo micro pedaços da casca se espalhando por ali.

"querem subir na árvore?", perguntei.

"só quando eu crescer ou se meu irmão tivesse aqui"; "posso cair se tentar subir e aí vai sair sangue" e um burburinho de frases que não entendi, em meio a tentativas de subir tocando a árvore com os pés e as mãos que se desdobraram em uma garotinha a abrir os braços para abraçar o tronco. vendo isso, propus um abraço conjunto à árvore porque não era possível abraçar sozinho o tronco todo. desfeito esse abraço coletivo (que nos levou a tocar e ver bem de pertinho o tronco), um garotinho me apontou um pequeno ponto vermelho (musgo), dizendo: "olha ali o sangue da árvore".

continuaram ali catando coisas no chão, ao redor da grande sibipiruna: gravetos, sementes, flores amarelas já misturadas com areia. "de onde vieram essas flores que estão no chão?", perguntei. "lá do alto", responderam, apontando com os dedos.

alguém comentou alto: "já mostraram a árvore das lagartas?"

duas crianças me pegaram pelas mãos e me levaram até o manacá onde estavam as lagartas que deram origem ao filme feito por aline e milena, monitoras da mesma turma no período da manhã.

difícil chegar perto, pois há muitos ramos como que quebrados e eles arranham a pele, mas mesmo assim algumas crianças foram colher flores e, depois, folhas. nenhuma delas havia pegado folhas de sibipiruna no chão. mas já haviam reparado nas folhas do manacá: eram a comida das lagartas.

"já sentiu o cheio dessa flor?", perguntei a uma garotinha que segurava uma flor roxa do manacá. ela colocou no nariz e disse: "cheiro de uva".

começaram a dizer que essas florzinhas que colhiam, tanto as roxas quanto as brancas, eram para levar para as mães.

depois deixei as crianças por conta própria, em suas brincadeiras e descobertas.

não sei se as flores eram poucas para tantas mãos e mães, mas várias crianças começaram a coletar as sementes de sibipiruna que estavam espalhadas pelo parque todo e algumas quiseram levá-las pra casa.

acredito que as sementes já estavam ali há algumas semanas, mas foi somente depois de promover um "disparador" de atenção às árvores que as crianças repararam nelas... isso me faz acreditar que foi um bom começo para a atividade cinematográfica proposta e reforça a perspectiva de que o cinema começa muito antes de ligar a câmera: ele

começa na experimentação de outras relações com o entorno, outros modos de experimentar o corpo que se desdobram em outras sensibilidades.

nessa tarde, ainda tive o prazer de brincar com o dilan. que gargalhada mais deliciosa! ele não deu qualquer atenção às árvores, mas teve toda a atenção à areia. e quando começamos a peneirar os bocados de areia que pegava no chão, ele notou que sobravam sobre a peneira algumas pedrinhas maiores e raminhos secos, os quais ele jogava numa vasilha ao lado.

Diário de campo_Ana Flavia, 21 ago 23_AG2

Colo. Uma palavra simples. Quatro letras que carregam sentimentos que não se consegue explicar verdadeiramente com a finitude e a limitação das letras e das palavras. O colo abraça, o colo dá acolhimento e conforto quando nenhuma palavra é capaz de fazê-lo. Na escola, o colo educa, o colo cria e torna mais fortes laços importantes. Hoje um Pequeno precisava de colo, precisava como quem precisa de água quando se está com sede ou de comida quando se está com fome.

Chegamos hoje à escola, quando as crianças tinham acabado de acordar. Os olhos semiabertos e os corpinhos se espreguiçando inauguraram minha chegada à escola. Logo era hora do lanche, ovos mexidos e suco de abacaxi. O Pequeno não queria comer; desde o momento que despertou ele chorava inconsolável querendo sua mãe. Acho que uma das dimensões do colo se liga à relação materna como as raízes às árvores. E, falando em árvore, no parque de areia da escola tem uma grande árvore que abraça o parque como se segurasse as crianças e as brincadeiras em seu colo. É lindo! Um palco perfeito para experimentações e aventuras.

Das minhas passagens pelas escolas de educação infantil em Campinas, meu brinquedo favorito dos parques é um balanço circular que é capaz de balançar várias crianças de uma vez, inclusive deitadas. Depois de muitos minutos com o Pequeno no colo, deitei ali com ele, para balançar. Rapidamente chegaram várias crianças: eu e o Pequeno no meio, três de um lado e três do outro e mais outras duas que nos balançavam enquanto cantávamos. Me imaginei em um clipe musical. Olhando o céu e as poucas nuvens que pintavam de branco a imensidão azul, senti uma paz inexplicável … acontece que o colo dado também acolhe e alegra o coração. Assim, com o balanço e as músicas, logo o Pequeno foi finalmente se acalmando e recarregando suas energias. O que uma câmera naquele balanço poderia fazer por nós? Quantas possibilidades…

diário wences_28 ago 23_AG2

ana flávia e eu chegamos com a turma sentada no refeitório, lanchando bolinho de banana e leite (poucos tomaram). dali fomos para o "parque de plástico", e as brincadeiras foram intensas, com correrias de lobo e porquinhos, esconderijos e sopros, gritarias, muitas risadas e alguns choros.

num certo momento, notei uma garotinha olhando para o lado do galinheiro e perguntei "o que vc tá olhando?"; "as galinas estão...", foi o que entendi da resposta. "vamos lá ver de perto?", e a mãozinha foi estendida para mim. foi só sairmos do parque de plástico e entrarmos no "corredor" que separa o muro externo da mureta do gramado, e já havia mais quatro ou cinco crianças caminhando atrás... e em seguida, na frente, ao lado, subindo na mureta e no gramado. um garotinho subiu pela "escada de escoamento de água" e foi caminhando e tocando as árvores na direção das galinhas d'angola, que começaram a cacarejar "tô fraco, tô fraco". chamei-o de volta, assim como outras crianças, e fomos voltando lentamente quando uma menina viu e pegou uma pena no chão. foi o disparador da "busca por penas" por várias crianças.

nessa busca, muitas delas começaram a olhar para o chão (e a subir, descer e escorregar no gramado entre a mureta e a "casa de bonecas"). com os inevitáveis tombos e

experimentações do chão, as crianças levaram suas mãos sujas até a torneira com água no tanque que, ao ser aberta, foi rapidamente notada por uma monitora que atuou para evitar que aquilo virasse uma brincadeira em pleno dia frio.
tive a sensação de que as brincadeiras se fazem de maneira distinta quando ocorrem no "parque de plástico" ou no espaço logo ao lado, gramado e inclinado, onde há árvores, galinhas e seus restos (penas, folhas, cocôs, raízes, cheiros, solo...). no primeiro, as brincadeiras duravam mais tempo e pouco se desdobravam em outras brincadeiras; no segundo, as brincadeiras eram rápidas e logo se tornavam outra e outra e outra. seria isso "efeito" das coisas e dos materiais que constituem cada um desses lugares? no primeiro, o chão é homogêneo, plano e emborrachado, e tem grandes brinquedos de plástico colorido nos quais, basicamente, se entra ou se sobe e desliza sobre; no segundo, o chão é heterogêneo (cimento, gramado, solo exposto) e inclinado, habitado por vidas não humanas diversas que, justo por serem vivas, produzem restos em suas transformações constantes, ativando uma atenção muito mais cuidadosa e dispersa aos encontros com essas coisas e materialidades imprevisíveis que permitem uma gama muito maior de interações com os corpos das crianças, cada nova interação (com as galinhas, as penas, a inclinação do relevo, a grama, o solo, a flor encontrada no chão) se desdobrando em uma brincadeira; daí elas serem breves e variadas... e infinitas.
desse lugar,fomos para o corredor lateral que fica na saída da escola, levando duas caixas de brinquedos e um "tapete de cidade" (onde estão desenhadas ruas, semáforos, casas, estações e outras estruturas-formas urbanas). esse "tapete" foi colocado numa parte mais alta, próxima a um pequeno gramado com três palmeiras.
fiquei perto de uma delas que me chamou a atenção para a forma inusitada de seu tronco (bem cilíndrico ao sair do solo, de repente, tem uma "rugosidade" que aumenta bastante a circunferência dele e, depois, volta a ser como abaixo). chamei a atenção de algumas crianças próximas para essa árvore: esse tronco "diferente", a textura dele nas duas partes, apontei alguns buracos (passaram as mãos, enfiando os dedinhos neles e perguntei: "tem cheiro?"; "tem não", responderam). mostrei as formigas circulando pelo tronco. perguntei a um garotinho que brincava de carrinho na mureta abaixo se não queria brincar de carrinho na árvore (primeiro ele negou, depois me mostrou as formigas que circulavam pela mureta, pelo chão e subiam na árvore; daí alguns minutos notei que ele estava subindo pelo tronco com o carrinho).
em outro canto desse gramado, outros garotos começaram a pegar os coquinhos sobre a grama e, em seguida, cavar o chão que descobriram entre as raízes da grama. enchiam panelinhas e outros brinquedos de plástico e saíam a caminhar. perguntei, "o que é isso?", "coquinho", me respondeu um deles. perguntei como os coquinhos foram parar ali. olharam pro chão e pra mim. olhei pra cima e disse: "será que caíram da árvore?", "sim, tem um monte no pé dela", respondeu o mesmo garoto olhando novamente pro chão.
de repente, talvez porque me ouviram falar deles, outras crianças estavam catando coquinhos e fazendo "comidinhas", com a mistura deles de grama e troços do solo meio úmido, retirado de um pequeno buraco que conseguiram cavar ali. um solo escuro, com um cheiro gostoso.
mas nem chamei a atenção delas para esse cheiro, pois pensava todo o tempo em como o cinema poderia "acompanhar" os afetos das vidas não humanas nesses corpos infantis que adoram os "pequenos restos" delas encontrados em seu entorno (sejam penas, sejam coquinhos), bem como pensava num dispositivo tronco de árvore: "1. escolha uma árvore qualquer; 2. faça uma filmagem que dure cerca de um minuto acompanhando o tronco dela, desde o momento em que sai do chão até o mais alto que conseguir".

Diário de campo_Ana Flavia_28 ago 23_AG2

"... Toque toque toque...
Abram a porta, porquinhos, se não, eu vou a..ssooo..prar!! *fuuuuuuuuuuu*"

Hoje, na escola, fui recebida com "Vamos brincar de três porquinhos? Você é o lobo, tá?!". E brincamos e brincamos até eu cansar, o que deve ter levado ao menos uns 20 minutos, com pausas imploradas da minha participação com eles para que eu pudesse respirar. Em alguns momentos, surgiam alguns outros lobos com dentes afiados e garras assustadoras; todos corríamos para as três casinhas disponíveis para nos esconder, e logo em seguida tudo recomeçava.

Depois um novo protagonista surgiu, as penas de galinha d´angola. Eu nunca tinha visto penas assim tão diferentes. Elas tinham bolinhas desenhadas em cada unidade de pena, e cada uma era diferente da outra, era realmente incrível e lindo. Imaginei os rostos das crianças pintados com esses padrões, certamente chamariam atenção de quem visse para observar e conhecer as penas mais lindas do mundo. Únicas e cheias de bolinhas.

O último momento do dia que passamos com eles foi com brinquedos no corredor, fomos juntos, de mãos dadas. Os brinquedos do dia eram Carrinhos à milanesa e Comidinhas múltiplas. Cantamos parabéns (ao menos cinco vezes) e tomamos muitos sucos de todos os sabores disponíveis no cardápio do dia. Nesse momento, recebi um carinho em formato de colo e acalanto. Guardamos os brinquedos e nos despedimos, foi triste ter dado tchau.

Até logo porquinhos!

diário wences_04 set 23_AG1-2

chegamos, eu e a bolsista ana flávia, com as crianças acordando. algumas ainda dormiam. nessa tarde, estavam ali cerca de metade da turma. após o lento acordar daquela dezena de pequenos corpos, fomos ao refeitório para o lanche. entre confiantes e inibidas, elas foram se aproximando. quando fomos ao pátio interno logo fui "agenciado" por mais de uma criança em suas "alianças brincantes", e duas delas foram até a porta para o pátio de areia, grudaram o rosto no vidro e ficaram olhando as galinhas d'angola e comentando coisas ininteligíveis pra mim.
após consultar se poderia ir com elas para o lado de fora ("se não tiver muito quente, tudo bem"), saí com três crianças para o pátio, perguntando coisas variadas sobre a grande árvore que fica ali. nenhuma delas me deu qualquer atenção e foram direto para o que lhes interessava: os dois balanços e o escorregador.
rendi-me ao desejo delas, dividindo minha atenção a balançar as duas meninas enquanto cuidava do garotinho que subia numa escada mambembe para chegar ao escorregador. depois ele foi até o tanque para brincar de fazer a torneira jorrar água e, com minha contenção, voltou-se para as caixas de brinquedos ao lado, dali retirando pás, carrinhos, baldes e indo remexer na areia.
nessas idas e vindas, entre os balanços e o garotinho que corria pelo parque, uma das garotinhas apontou para cima e disse "tá caindo folhinhas da árvore" (a mesma que tentei chamar atenção anteriormente), mas eu não soube dar continuidade àquela gentileza-interesse dela de me fazer notar que ela tinha reparado na árvore...
segui na "lida", já com mais duas (ou eram mais?) outras criaturas que haviam vindo para o parque de areia e estavam circulando por ali. nesse momento, já havia uma monitora ali também. foi quando notei que uma das brincadeiras era enfiar pás e outros objetos na areia, "recolhendo" as muitas folhas que estavam por ali. cheguei a perguntar de onde vinham aquelas folhas, mas nenhuma criança deu qualquer atenção, ainda que uma ou outra olhasse para cima... mas também olhasse para os lados e, principalmente, para baixo, continuando a atividade de coletar folhas e colocar num recipiente maior.

enfim, não me lembro de alguma criança fazendo aliança brincante com a árvore, mas sim com seus restos. por outro lado, as crianças tentaram todo o tempo fazer aliança comigo, me chamando a atenção para algo que elas faziam ou queriam que eu fizesse com elas. Talvez, eu precise iniciar uma brincadeira com elas e a partir daí envolver também alguma planta ou alguma "materialidade vegetal" que esteja por ali (folhas,

flores, ruídos, cores...). talvez, eu possa ser um mediador das interações, mas não propriamente a partir de perguntas...
onde entra o cinema aí? exatamente aí, na invenção de estratégias (dispositivos!) que promovam encontros (alianças) que possam vir a ser filmados.

Diário de campo_Ana Flavia_04 set 23_AG1-2

Hoje, eu e Wences voltamos à escola número 1, a do grande pátio solo que me recebeu em meu primeiro dia. Chegamos à sala com os pequenos acordando, os olhinhos semiabertos e cabelos amassados davam espaço para chegarmos de fininho (ou quase). Algumas crianças acordaram rapidamente, outras foram despertando mais lentamente e uma delas me chamou atenção; foi acordando as que ainda dormiam profundamente, agachada e com a mãozinha depositada levemente sobre as outras, como quem diz "vamos, já está na hora de acordar!".

O sorriso do pequeno Gabriel (será que era mesmo Gabriel? Não consigo me lembrar com certeza) era simpático, intenso, os olhos brilhantes e alegres. Ele me fez me sentir bem-vinda no primeiro segundo em que me olhou; logo segurou minha mão, e fizemos juntos a coreografia da música da roda do ônibus roda roda. E ali nossa amizade foi consolidada. Brinquei com várias crianças nesse momento. Elas ainda não falavam, pelo menos a maioria delas não, mas não dava pra dizer que elas não se comunicavam; e como se comunicavam!

Depois fomos pro lanche, algumas me deram as mãos. Digo algumas, pois foram pelo menos três, ao mesmo tempo e de uma vez, e ainda outras, em outros momentos. As crianças todas eram muito acolhedoras. Lanchamos e fomos para o pátio. As educadoras que estavam com as crianças foram muito gentis, nos ofereceram lanches e risadas. No pátio, Wences aproveitou a curiosidade de algumas crianças com o lado externo e foi com elas explorar e explorar. Elas estavam animadas com aquele espaço. Era um dia de muito calor.

No pátio, tinha uma bola gigante que eu nunca tinha visto, amarela, quase da minha altura. Me lembrou aquelas bolas transparentes que cabem uma pessoa dentro e geralmente se usa pra brincar em cima da água, imagina só?! A bola não era novidade pras crianças, e elas não pareciam interessadas nela naquele dia. Mas a parte de cozinha de madeira, essa sim, foi tão disputada que rolaram mordidas fortes e grandes discussões entre as crianças. O Gabriel adorava morder as outras crianças, com aquele sorrisão simpático, quem diria? E, depois, se recebia uma bronca, ficava chateadíssimo. O alvo da mordida daquele momento era o... Nicolas? Theo? (ai, não consigo me lembrar!), que ficou amuadinho por um tempo, quis colo. Fomos juntos lavar as mãos com água geladinha, e a educadora buscou uma pomada pra ele. Reparei que tinham marcas de mordidas passadas, todas foram dadas pelo Gabriel, a professora me contou.

Voltamos para a sala e era hora de trocar as fraldas das crianças, e também de ouvir músicas e dançar um pouquinho. O maior hit entre as crianças daquela turma, no momento, era o remix da música "Ó o gás". Foi muito divertido, rimos e dançamos muito. Achei legal que na sala tinha um papel pra cada criança com a foto dela e com a escrita do familiar contando sobre a escolha do nome. Uma querida, que estava meio tímida conosco, apontou e disse o nome do colega. Que legal!

diário wences _18 set 23_AG1-2

chegamos, já tinham voltado para a sala após o café pós-soninho.
pela primeira vez todos andavam. os gêmeos e o isac também. os dois primeiros passaram a tarde toda indo e vindo até mim. o último chorou na minha chegada e passou a tarde me olhando desconfiado (querendo e não querendo se aproximar).
tudo foi carinhoso como sempre, tanto das crianças quanto das profissionais.

o calor era muito, e demoramos um pouco para ir para o solário. enquanto isso, as crianças me traziam um monte de deliciosas comidas imaginárias em panelinhas, potinhos e pazinhas de plástico. devo ter engordado naquela uma hora... rsrs
algumas crianças começaram a ficar paradas ao lado da grade que separa a sala do solário e olhavam para fora. de onde eu estava, vi uma única flor laranja caída por lá. ao lado dela, algumas, poucas, folhas secas.
quando as crianças saíram, foi a primeira coisa que pegaram e foram experimentando a flor de várias maneiras, sobretudo, despetalando-a. depois a deixaram no chão e foram atrás da caixa de brinquedos que chegava nos braços de uma das educadoras.
quando saí, fiquei sentado no chão olhando a grande árvore que estava à minha frente, logo após a mureta. vi um monte de coisas nela: pássaros pousando ou alçando voo, lagartos correndo sobre o tronco, musgos, folhas, flores, céu entre galhos, balanço do vento...
antes, ainda em sala, havia notado que as crianças ficam um bom tempo olhando para a tela-televisão. então, pensando na atividade de interação entre crianças e plantas, me perguntei: será que elas ficariam olhando a árvore se fôssemos apontando coisas para ela? ou mesmo se não apontássemos nada?
Talvez, para isso, teríamos que não ofertar tantos brinquedos de plástico a elas...

devo dizer também que, já em casa, notei que perdi uma chance única de propor interações entre crianças e plantas, pois havia um tomateiro ao lado da mureta, e ele havia chamado bastante atenção das crianças, que chegaram a comentar que era uma árvore de tomate e tocaram nas folhas secas que conseguiam alcançar. me perguntei: por que não propus colocar o vaso com o tomateiro dentro do solário e ver o que aconteceria? nele havia, inclusive, tomates de várias cores e tamanhos...
quem sabe alguém lê esse relato e faz aquilo que não fiz?

diário wences_25 set 23_AG2

quando chegamos, as crianças estavam acordando e algumas daquelas que já estavam despertas vieram me mostrar suas camisas e coisas que tinham nas mãos. ficamos pouco tempo ali antes de irmos tomar o lanche pra acordar e irmos para o parque de areia. como era uma tarde de muito calor, levamos, para perto dali, o pequeno móvel de plástico com os copos das crianças tomarem água. e, por falar em água, aguamos boa parte do parque com uma mangueira, para reduzir o calor da areia e do ambiente.
assim que chegamos, um garoto veio até mim e disse que tinha descoberto uma pegada na areia perto da grande árvore. lá fui eu com várias outras crianças ver a pegada e tentar imaginar/inventar que pegada era aquela – barata? dinossauro? criança? ...? – e sair a procura de outras pegadas na areia.
andávamos pelo parque afora descobrindo formas variadas na areia e, em meio a risos e "caras de pensamento", inventamos os seres que as haviam deixado ali, bem como experimentamos colocar nossos pés dentro ou ao lado da pegada para comparar os tamanhos e formas. daí a pouco, já tinha gente fazendo pegadas de propósito, afundando os sapatos e sandálias na areia fofa, deixando bem marcadas as pegadas dos solados de borracha que caminhavam por ali.
seria bem interessante ir ao parque de areia logo após a saída das crianças e filmar os muitos tipos de pegadas de deixam ali. ou ainda, fazer com elas essas filmagens, como se fosse aquele primeiro garotinho a fazer descobertas de animais de variados tamanhos que haviam passado por ali.

enquanto isso, uma das monitoras iniciou uma conversa com a garotinha que havia dito, no período da manhã, que a grande árvore estava chorando. eu havia comentado com ela sobre isso e que a monitora da manhã me havia sugerido perguntar a ela sobre esse choro vegetal. a monitora da tarde fez filmagens da conversa com a garotinha, além de

outras interações entre ela e a sibipiruna, posteriormente postadas no grupo de whatsapp cinema bety benjamin.
ouvi partes da prosa e me lembro do momento em que a menina falou, com olhos vivos, sobre as cigarras fazerem a árvore chorar.
também tive conversas com as crianças sobre a árvore que chora, e sentimos os pingos caírem mais fortes, quando estávamos distantes do tronco da grande árvore e bem próximos do pequeno manacá, que exibia suas flores brancas e roxas que nos atraíram para pegar e sentir o seu cheiro. algumas crianças arrancaram as flores para poder cheirá-las.
quando reparamos no chão de areia embaixo de onde os pingos caíam, notamos que ele estava bastante úmido, bem diferente da areia seca distante dali. fiz algumas perguntas sobre outras coisas que estavam por ali que também vinham da árvore, e, logo, palavras e mãos apontavam para as pequenas flores amarelas espalhadas por ali.

diário wences_09 out 23_AG2

chegamos com a turma ainda dormindo. aguardamos no refeitório, eu e ana flávia, até saírem para o café pós-soninho. a simpatia foi a mesma de sempre, de crianças e profissionais.
era dia da festa da fantasia, e várias crianças estavam fantasiadas. bruxas e super-heróis de cinema e hq. optei por ir meio fantasiado... de criança... com bermudas, tênis e meias pretas, camiseta com furo. "faltou o ranho", disse uma monitora... rsrs
após pegar brinquedos na sala, fomos para o pátio coberto próximo ao parque de areia. as crianças se espalharam por ali e pelos arredores da casa de bonecas, em brincadeiras diversas com carrinhos, bonecas e potes de plástico. brincavam entre elas mesmas, ainda que algumas delas solicitassem bastante a atenção minha e da ana flávia. somos novidade! apesar de já nos conhecerem, ficamos com elas apenas uma vez por mês, em um único turno.
entre conversas, intermediação de brinquedos e olhares, notei dois garotos baterem com força os carrinhos de plástico contra uma pequena aroeira. ao chegar próximo deles, me disseram que estavam espantando as formigas. "como assim?", perguntei. "olha como elas correm mais rápido. ficam doidas", responderam eles em meio a risadas e mais batidas na árvore. propus que eles parassem de "machucar" a aroeira e mostrei as marcas das batidas. eles me olharam e retomaram as batidas... eu saí de perto, puxado por duas garotinhas. elas queriam que eu visse algo que não me recordo mais o que era. esta foi a primeira interação multiespécie da tarde: humanos, árvore e formigas. não descobri qual foi o afeto disparador do gesto de bater na árvore com os carrinhos. suponho que o encontro – a picada?! – de alguma formiga com os pés descalços daqueles garotos.
uma meia hora depois, quando, cercado de crianças, sentei no "degrau" da casa de bonecas, notei um conjunto de folhas verdes jogadas ali perto no cimento do pátio e, em seguida, notei alguns gravetos também. propus fazermos um "arranjo" com aquelas folhas e gravetos, ao que fui prontamente atendido por muitas mãozinhas que começaram a colocar folhas e gravetos ao redor do que eu havia iniciado. mas, logo, as folhas acabaram, e as crianças "atacaram" a aroeira novamente, arrancando as folhas ao seu alcance (justamente as mais novas!). propus que não fizessem isso e pegassem só o que estava no chão. mas essa proposta só surtiu efeito quando apontei o monte de pitangas caídas um pouco mais abaixo, num pequeno espaço de solo exposto com algumas árvores pequenas, entre elas uma pitangueira abarrotada de frutos.
pra lá foram inúmeros pares de pés descalços e voltaram, primeiro, com as pitangas que apanharam no chão e, depois, com as pitangas que pegaram na árvore, desde as mais vermelhas e grandes até as verdinhas bem pequenas, passando por inúmeros tamanhos e cores amarelas e alaranjadas. "tio, uma abóbora!"; "peguei uma laranja"; "é um tomate". cada criança chegava com uma ou várias frutas nas mãos e frases variadas.

“são pitangas. um tipo de fruta”, eu disse. “vocês gostam?”. as caras foram de que nem sabiam o que era aquilo.
nessa hora, já não havia mais “arranjo” algum, mas sim uma confusão de pés e mãos cheios de barro misturados com folhas e frutas de várias cores da pitangueira sendo colocadas na carroceria de um caminhãozinho de plástico ou em potinhos coloridos.
dali para diante, até o final do horário de voltar para a sala, havia crianças ao redor da pitangueira, especialmente experimentando coletar alguma fruta ou arrancando folhas e galhos, girando ao redor da árvore (que fica bem na beirada de um desnível, fazendo com que tivesse algo de aventura em ter que segurar em algum galho para passar por ali).
fiz algumas fotos e filmagens dessas interações (partilharei no nosso grupo de whatsapp) e, num certo momento, comecei a coletar e comer algumas pitangas maduras que estavam mais altas. ao me verem comer, pediram para experimentar, mas, apesar de terem sido cerca de dez crianças que morderam um pedacinho de pitanga (cada uma a sua), somente uma garotinha me pediu outra e disse que gostou.
pensei: será que o cinema poderia ser um modo de as crianças conhecerem nossas frutas nativas e virem a gostar delas?

num certo momento, as monitoras fizeram uma brincadeira comigo sobre “hoje não era dia de barro”, e, sorrindo, apontaram algumas crianças com pés e mãos marrons ao redor da pitangueira, já cavando o chão por ali, colocando terra em caminhõezinhos. tudo aquilo, pés, mãos e caminhões, teria de ser lavado antes de voltar pra sala, e eram somente duas monitoras para fazer isso. eu e ana flávia ajudamos um pouco e tivemos uma conversa muito boa sobre as questões de trabalho que envolvem as (im)possibilidades para a realização de práticas de cinema na escola.

diário wences_17 out 23_AG1-2

chovia de leve quando chegamos à escola. daí meia hora, chovia mais forte e assim seguiu pela manhã afora, o que levou a turma a permanecer dentro da sala de referência. a sala havia sido preparada com alguns “bambolês verticais” pendurados no teto por um fio, o que os fazia girar com facilidade, aumentando a dificuldade para jogar as bolinhas por dentro deles e os risos e experimentações que as crianças realizaram logo que retornaram do café da manhã.
fiquei imaginando como filmar aquela atividade. onde colocar a câmera? amarrada na parte de cima do “bambolê” e voltada para baixo, de modo a mostrar a passagem das bolinhas e também os corpos das crianças ao seu redor? ou voltada para cima, mostrando somente as bolinhas a passar, deixando as crianças no extracampo (com suas gargalhadas e gritos)? nas duas posições, as filmagens ficariam girando, assim como giravam os “bambolês”.
durante essa atividade, recebi muitas bolinhas das crianças para interagir com elas, procurando inventar modos diferentes de devolver as bolas a elas. como estava próximo a um dos “bambolês giratórios”, joguei várias bolinhas por dentro dele, mas a devolução que ganhou logo uma repercussão foi rolar a bolinha por entre as pernas da criança. teve de tudo: abrir muito as pernas até quase sentar no chão, fechar a perna para a bolinha não passar, fazer uma fila de pernas abertas para a bolinha passar por quatro, seis, oito pernas, até sair do outro lado, jogar de volta no meio das minhas pernas... assim que a bolinha passava, já tinha criança correndo atrás dela para recomeçar a brincadeira comigo. onde será que a câmera poderia ficar para filmar somente as bolinhas e as pernas? certamente no chão, mas na frente, atrás ou em um dos lados das pernas das crianças?
após as professoras retirarem os “bambolês”, foram distribuídos palitos coloridos e cartelas de papelão (aquelas usadas para colocar ovos) com furos em seus pontos mais altos, de modo que as crianças pudessem enfiar (e retirar) os palitos dali. foi incrível a

concentração delas, individual ou em duplas, a forçar os buracos com palitos em suas mãozinhas. somente um garoto ficou atazanando as demais crianças, "roubando" palitos e cartelas, caminhando por entre nós e soltando-os em outra parte. sem dúvida, essa atividade mereceria ser filmada bem de perto, com closes no esforço das mãos. além do esforço, filmar de perto permitiria destacar as cores variadas dos palitos.
por fim, teve distribuição de carrinhos (e outros brinquedos de plástico) que geraram alegrias, correrias e disputas. tudo dentro do habitual, com soluções bastante tranquilas. fiquei com vontade de filmar os meninos que pegavam dois carrinhos grandes e, debruçados sobre eles, atravessavam a sala a toda velocidade.

diário wences_31 out 23_AG1-2

o calor era muito intenso naquela manhã. dessa vez, havia ido sozinho, sem a bolsista ana flávia. a turma estava no refeitório, finalizando o café da manhã. fui recebido, como sempre, por sorrisos e brincadeiras das profissionais e por sorrisos em meio a certa curiosidade e desconfiança das crianças.
ao me ver, o pequeno isac chorou. pensei: como não? afinal, ele agiu da mesma forma nas últimas vezes. em seguida, com ele no colo, a monitora na qual ele é grudado iniciou um processo de "aproximação e reconhecimento" pedindo para ele fazer certos gestos para mim e me indicando para repetir os mesmos gestos até me aproximar dele e tocar a mão dele num habitual "soquinho" de cumprimento. ao longo da manhã repeti esses gestos várias vezes até que, no final dela, quando já estávamos na sala e aquela monitora não estava por perto, ele me levou um carrinho para brincar com ele. veremos como será nosso próximo encontro.
do refeitório fomos para um dos pátios laterais da escola, onde foi jogado no chão um monte de bolinhas de plástico colorido. enquanto a maioria das crianças as empurrava para passarem pelos buracos na grade, uma garotinha recolhia todas as bolas cor-de-rosa que encontrava. passou um bom tempo andando com elas, sem que qualquer outra criança pudesse nem mesmo tocá-las. me lembrei de um dos dispositivos que inventamos para os "cadernos de dispositivos na educação infantil" e que compõe a parte "modo cinema de gênero":

DISPOSITIVO

1. Durante uma atividade de dobradura, oferecer às crianças papéis de cores variadas, dentre elas a cor rosa;
2. Filmar os papéis de cor rosa e o que vier deles (quem tocou, quem pegou, quem permaneceu com ele, quem trocou, quem o utilizou), acompanhando os seus "trajetos" por entre a turma de crianças;
3. Fazer um filme com as filmagens dos papéis rosa e o que foi feito deles;
4. Mostrar o filme para as crianças da escola e conversar sobre os trajetos dos papéis de cor rosa.

POTENCIALIDADES

Verificar se a cor do papel trará à tona certas contenções/convenções culturais em torno das diferenças de gênero.

Produzir uma estratégia para que os meninos se relacionem (ou não) com a cor rosa.

Produzir um filme em que o personagem principal não seja humano, mas sim um objeto, nesse caso, folhas de papel rosa.

fiquei pensando em realizar esse dispositivo, mas em vez de acompanhar o trajeto das folhas de papel, acompanhar o das bolinhas cor de rosa durante uma brincadeira qualquer que reunisse meninos e meninas.

nesse pátio, ainda notei um garotinho que "galopava" freneticamente o cavalinho de plástico, quase caindo para frente e para trás. ele me olhou fixamente quando notou que eu o admirava. tive vontade de filmar aquilo: o galope, o olhar fixo da criança, a confiança dela ao correr aquele risco...
por fim, foi ali que a água foi liberada pelos chuveiros e quase todas as crianças se jogaram nela. até um garotinho que não tira nem as sandálias, tirou a roupa quase toda. restou um só, todo vestido, tranquilo, a admirar a animada correria das demais crianças. antes de abrir as torneiras, houve toda uma conversa entre monitoras e professora sobre refrescar ou não aquelas criaturinhas. houve até a pergunta: "wences, cê ajuda a gente?". pois foi isso que fiz no pátio e na sala, onde foi preciso secar e trocar todas as crianças. pelo que vi nos olhares e sorrisos das profissionais, a alegria das crianças compensava o trabalho extra imprevisto.
pois foi em sala que ocorreu o mais inusitado do dia: um cocô marrom claro sobre o tapete, em meio às crianças. "o que é isso?", "quem terá feito?", "acontece!". num conjunto de ações solidárias, todos os adultos se envolvem: tirar o danado dali, impedir as crianças de tocar, limpar o chão, chamar a faxineira, brincar com as crianças, levantar a roupa das que não usam frauda... até não haver vestígios do ocorrido e... retornar às trocas e às brincadeiras. tudo durou menos de cinco minutos. um curta-metragem!

por fim, vivenciei uma deliciosa cena na hora do almoço. um dos gêmeos, a quem me coube alimentar, segurava outra colher todo o tempo e revezava uma colherada minha e outra dele (caindo comida para todo lado rsrs). comeu, comeu. quando parou, esperou minha atenção nas outras duas crianças – que me pediam mais pedaços de maçã ainda que mastigassem com as bochechas cheias – para enfiar as duas mãos em meio à comida que restava no prato e experimentar, com um leve sorriso, as texturas e consistências do arroz, feijão, legumes e pedacinhos de carne. imagine filmar isso bem de perto: uma câmera no prato e outra no rosto da criatura. depois montar as duas num único filme.

diário wences_14 nov 23_AG2

era uma manhã quente quando eu e ana flávia chegamos à escola, um pouco depois das oito horas. as crianças já estavam na sala, sentadas ao redor do tapete redondo, mas algumas se levantaram para nos mostrar e contar coisas. a mim, duas crianças mostraram pequenos machucados e contaram algo que não entendi, mas imagino ser a história de como aqueles ferimentos (quase secos) foram parar ali, no braço de uma e na perna de outra.
busquei uma cadeirinha e me sentei na roda. ana já estava lá, sentada no chão, com uma criança no colo. a professora e as monitoras puxaram algumas músicas e as crianças as acompanhavam com poucas palavras e muito gestos, coreografias daquelas músicas. salvo engano, todas contavam histórias de animais.

dali subimos para o parque de areia, onde estive um bom tempo conversando com a professora, que me informava sobre sua passagem para o ag3 no próximo ano. não me recordo se perguntei a ela se iria continuar no projeto de cinema na escola. ainda é cedo para pensar nisso, mas tenho pensado em propor a inclusão de uma turma desse nível-idade e da turma de ag1 nas rotinas de acompanhamento por mim e as bolsistas.
mas isso depende também do acolhimento pelas equipes dessas turmas. aguardemos.

as lembranças desse tempo no parque estão bastante embaralhadas, pois estou escrevendo este relato quase um mês depois. por puro esquecimento. eu poderia jurar que o havia escrito quando uma das monitoras da turma me escreveu, com enorme gentileza, que ficou aguardando o relato e que ele não foi postado no grupo cinema bety benjamin. revirei meu computador e, de fato, não encontrei nada.

ao me esforçar para lembrar, me vêm lembranças de crianças ao redor da grande sibipiruna, sempre ela a atrair olhares, toques, atenções, curiosidades. naquela manhã, apontavam e tocavam um ponto mais escuro e fundo na grossa casca que cobre o tronco. aquela diferença estava um pouco acima da altura dos olhos delas, de onde parecia ter escorrido algo viscoso, endurecido ao redor do ponto que não era um buraco. "o que seria isso?". "o machucado da árvore". "escorreu sangue". "o que terá feito isso?". "a cigarra". "uma faca". "tem outro igual ali".

imaginei fazer um filme com filmagens em plano-sequência que iriam se aproximando ou distanciando daquele ponto escuro, enquanto o que escutamos seriam as vozes das crianças contando suas versões sobre o que seria ele, como ele teria ido "parar ali". será



que, quando as crianças soubessem que estariam sendo gravadas as suas narrativas, elas iriam falar com mais emoção? iriam trazer outros personagens e objetos? iriam se tornar ainda mais dramáticas e inventivas? ou ficariam tímidas e guardariam mais silêncios? será que em vez de já indicar o tipo de filmagem que iria compor o filme, não seria melhor perguntar a elas como filmar? ou mesmo deixar que elas mesmas filmassem?

achei que havia fotografado as crianças apontando e tocando aquele ponto escuro na árvore. não tocavam só com as mãos, mas também com objetos quaisquer, brinquedos ou gravetos. procurei em meu celular e não havia nada.

pensei: certamente aline fotografou ou filmou essa interação. escrevi perguntando e ela me enviou esta foto.

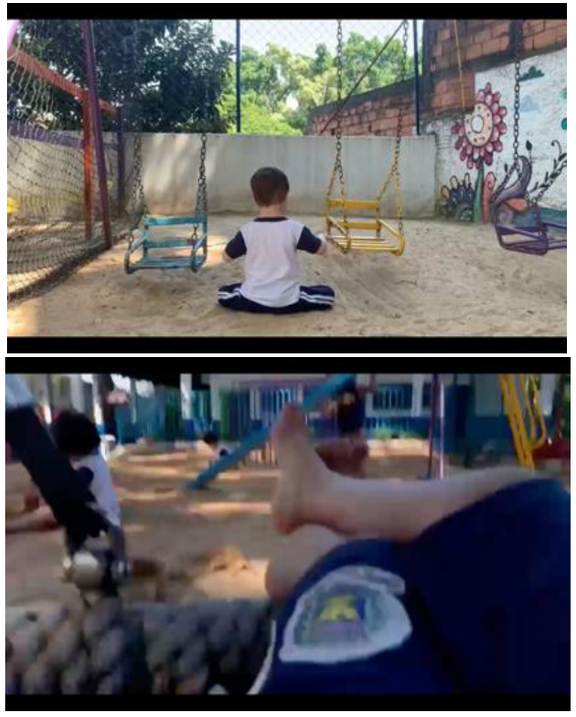
ela e milena estavam ali por perto, pois me lembro de pedir que me mostrasse onde tinha filmado o ninho de corruíras. na mensagem que havia postado no grupo de mensagens instantâneas, aline havia escrito, entre outras coisas, que "as corruíras são conhecidas por fazerem seus ninhos nos lugares mais improváveis" e postado um pequeno vídeo. o ninho ficava na ponta de um dos tubos de metal que sustentam o balanço adaptado, onde, naquele momento, havia um ninho de crianças com a ana flávia no meio. aliás, uma das filmagens que essa bolsista fez e que compôs seu "relato em imagem" daquela manhã foi realizada dali, deitada no balanço, indo e vindo, mirando pés e pernas, o alto das árvores, o teto da escola e o céu claro. um corpo em estado de cinema.

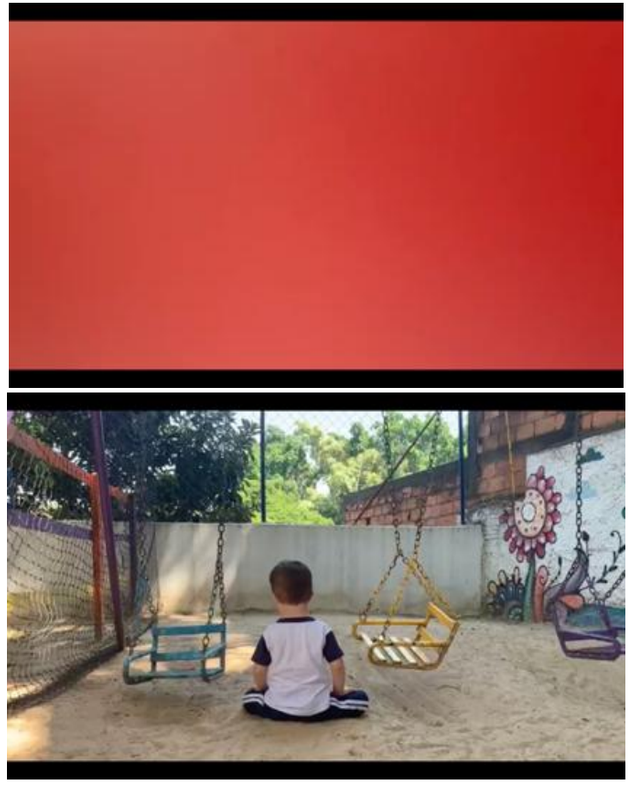


depois disso me lembro de ter ficado um tempo interagindo com algumas crianças e com o manacá, já sem flores, mas carregado das memórias das lagartas e borboletas, as quais as crianças começaram a procurar nele, chegando bem perto de seus galhos, enfiando as mãos entre seus troncos finos, quebrando pequenos galhos, arrancando folhas, enfim, interagindo com a árvore em busca de um possível reencontro material, tátil, com uma boa memória... assim como eu fiz neste relato.

Diário de campo_Ana Flavia_14 nov 23_AG2

Relato-montagem audiovisual de 50 segundos. Os quatro fotogramas a seguir estão na mesma ordem em que aparecem no pequeno filme.





A duração das tomadas 1, 2 e 4 é maior, acompanhando os gestos-brincadeiras das crianças. A tomada 3 dura muito pouco.
A sonoridade é composta por sons ambientes e por sons de água.

diário wences_21 nov 23_AG2

eu e keila, a nova bolsista do projeto, chegamos um pouco depois das oito da manhã. as crianças estavam finalizando o café da manhã e, logo, foram para a sala e de lá para o pátio ao lado, onde ficam os grandes brinquedos de plástico. para lá foram levadas bolas de variados tamanhos e cores e texturas. meninas e meninos as pegavam e jogavam de muitas maneiras, com pés e mãos, no chão, nas paredes, na cesta de basquete, dentro dos grandes brinquedos, rolando pelos escorregadores...

as crianças estavam muito contentes com nossa presença e nos solicitavam bastante. "brinca de bola comigo?", "chuta pra mim", "vamos brincar de esconde-esconde?", "quem vai procurar?", "você!". foi cerca de uma hora de correrias e gritarias de todos os tipos. ao final, estávamos cansados. nós, adultos, claro. elas, crianças, seguiam com todo ânimo do mundo...

"escapamos" para um dos cantos do pátio, mais próximo do jardim lateral onde ficam as galinhas d'angola. duas delas brigavam ao longe. uma pergunta me chega da monitora: "qual é macho e qual é fêmea?". convivi com esse tipo de galinha desde criança, mas nunca soube diferenciá-las. por coincidência, ou não, as duas que brigavam tinham distribuição das penas um pouco diferente das demais. concluímos, meio que de brincadeira séria, serem os machos.

daí a pouco estávamos fazendo navegar o brinquedo-navio-balanço onde estavam algumas crianças, inventando histórias de viagens. na medida em que íamos balançando mais forte, as crianças começavam a experimentar posições de corpo para se segurarem nas ondas, falando e gritando, atraindo outras ondas (d)e crianças.

um grupo de crianças seguia com suas brincadeiras mais para dentro do pátio (próximas da porta da sala), e outro grupo tinha ido ver as galinhas de perto. uma das meninas voltou com uma grande folha seca, encontrada por lá, e foi me mostrar. resolvi tirar uma foto da folha, mas quando a garotinha fez pose para a câmera, tirei várias fotos dela com a folha.



ao me ver fotografando e mostrando as fotos para a menina fotografada, um grupo de três garotos muito amigos chegou correndo e pediu para que eu tirasse fotos deles também. e, assim que nos preparamos para tirar a primeira foto, a garotinha colocou a folha entre a câmera-celular e os rostos... e as fotos ficaram incríveis.



foi um jeito inusitado de estabelecer as conexões que temos buscado entre crianças, plantas e cinema. além disso, ainda não temos os termos de autorização de uso de imagem de dois desses três meninos, pois ainda não havia sido produzida nenhuma imagem com eles até então. tendo em vista a grande quantidade de crianças das quatro turmas, optamos por ir solicitando a assinatura dos termos na medida em que as crianças efetivamente participassem das atividades de criação de imagens. as pessoas responsáveis pela garota bella já nos deram suas autorizações, por isso ela está visível neste relato.
aliás, voltando a ele, digo que, em seguida, tirei fotos de cada um dos garotos, juntos e separados, sempre sorridentes e brincalhões. quando mostrei as imagens, eles pediram para tirar fotos de mim. passei meu celular e um deles fotografou e fez uma pequena filmagem de meu rosto. quando me mostraram, levei um susto com as rugas sob meus olhos. as imagens produzidas por outros têm disso, mostram coisas que a cara diante do espelho esconde... rsrs. esta é uma das potencialidades do cinema: mostrar o que não vemos no cotidiano rotineiro.

logo em seguida, fomos para a sala e nos sentamos no tapete para assistir a alguns pequenos audiovisuais e nos prepararmos para o almoço. várias crianças se sentaram ao redor de mim, algumas tocando meu corpo. é gostoso sentir o afeto delas, mas o calor era tanto que pedi para sentarem-se um pouquinho mais distante.
quando elas foram almoçar, deixamos a escola.
era minha última ida à escola para ficar com as crianças este ano, mas só me dei conta disso ao escrever esse diário, mais de dez dias depois...

Diário_Keila - Jasywera_21 nov 23_AG2

Hoje foi meu primeiro dia em uma escola cheia de crianças. Eu nunca fiquei muito perto delas. Para mim, as crianças podem quebrar de tão delicadas que são, mas, mesmo assim, fui nessa nova jornada. No dia em questão, chegamos cedo à escola, e logo já fui apresentada para as "tias" ou as pessoas que cuidam das crianças. No começo eu fiquei com receios de as crianças não gostarem de mim (confesso que nunca me dei bem com crianças), mas foi bem tranquilo. A primeira pessoinha a falar comigo foi uma pequena que se chamava Geovana. Se não me engano, ela disse que tinha três anos, e ela me conduziu ao espaço onde as crianças faziam suas brincadeiras. A pequena me lembrava muito de uma criança que era minha vizinha e ela queria toda minha atenção, ou de qualquer pessoa adulta, para ela. As horas foram passando, e logo conheci uma outra querida (se não me engano ela me chamava Kiara). A pequena lembrava muito a mim mesma quando era criança. Ela era muito calma e parecia que já entendia o que podia fazer e não fazer a todo momento. Kiara tentava explicar para Geovana que ela não podia chorar porque isso não era legal, e gostava muito de me perguntar como seus cabelos estavam lindos e que sua mãe tinha feito um bom trabalho. A todo momento, me questionava "como um ser tão pequeno poderia ser tão inteligente?". Logo depois, conheci os meninos que, como sempre, são tão elétricos. E, depois de um menino ter arremessado uma bola, um outro me perguntou: "tia você já foi criança? E como você cresceu tanto?". Realmente foi uma pergunta tão boba, mas ao mesmo tempo tão profunda, e logo fiquei pensativa sobre essa questão. Para mim, é muito novo esse negócio de ser adulto. Me lembro de uma ocasião em que eu estava caminhando pela moradia da Unicamp quando vi duas crianças aos berros dizendo que precisavam de um adulto: "adulto ajuda a gente!". E as crianças olharam para mim e disseram "que bom que encontramos um adulto". Logo olhei para o lado e para o outro à procura desse adulto, mas, depois de três segundos, caiu a ficha que o adulto que eles tanto diziam era eu. As crianças da escola não pouparam esforços para tirar toda minha energia nas brincadeiras, mas muitos dos pequenos queriam uma única informação: "Cadê a tia Ana?".

diário wences_05 e 06 dez 23_reuniões de pais e responsáveis_duas turmas AG1-2

optei por fazer um único relato das duas reuniões de pais e responsáveis que acompanhei, pois muitas das minhas observações foram parecidas, ainda que tenham sido experiências bem distintas.
começo pelo começo, a chegada e a apresentação em cada uma das salas e turmas.

quando chegamos, eu e ana flávia, à sala da turma da gi, na terça-feira, dia 5, lá já estavam ela e todas as monitoras e agentes da manhã e da tarde. estavam também cerca de metade das crianças com seus respectivos responsáveis, a maioria sendo casais, com mães e pais presentes, mas também havia crianças somente com a mãe ou com a mãe e a avó. não me recordo de nenhum pai sozinho. a recepção que tivemos foi como sempre, alegre e acolhedora. sentamo-nos em cadeirinhas que estavam junto a uma das mesinhas, num dos cantos da sala, próxima ao banheiro. dali fomos apresentados, e fui convidado a ler o relato que fiz, nos idos de março, de minha primeira manhã nessa turma, como modo de apresentação do projeto com cinema.
quando cheguei, sozinho, na sala da turma da grazi. na quarta-feira, dia 6, lá também já estavam ela e todas as monitoras e agentes da manhã e da tarde. estavam também quase todas as crianças da turma com seus respectivos responsáveis, a maioria sendo casais, com mães e pais presentes, mas também havia crianças somente com a mãe ou com a mãe e a avó e, salvo engano, havia uma criança acompanhada somente do pai. era tanta gente que as mesas estavam somente de um lado da sala, plenas de coisas gostosas para comer e beber. sentei-me na cadeirinha que estava do lado oposto às mesas, na quina da sala, bem ao fundo. dali fui apresentado e pude assistir à sessão de

cinema que prepararam para “contar com imagens” um pouco do que aconteceu com as crianças em seu tempo de escola. uma outra maneira de tornar sensível o trabalho com cinema que realizamos ao longo do ano.





abracei e agradeci a cada uma das profissionais presentes em ambas as turmas não só pela acolhida naquelas manhãs, mas pela parceria muito mais ampla que fizeram com o projeto ao longo deste ano. valeu, queridas pessoas.

durante todo o tempo em que estive naquelas salas, vi e ouvi as emoções atravessarem os corpos das pessoas que estavam ali. choros, palavras embargadas, risos, palavras divertidas, comentários, palavras informativas, gestos, atenções, silêncios... era muita matéria-prima pro cinema: imagens e sons.

as semelhanças nos rostos de algumas crianças e sua mãe ou seu pai (alguma das crianças teria sido adotada?); os vários casais interraciais, alguns com outra filha ou filho, irmãs e irmãos com cores distintas de pele. como filmar isso? como filmar as relações entre crianças e familiares? os abraços nas pernas, o olho no olho, as subidas e descidas de tantos colos...
na escola, seria possível fazer registros em imagens como um gesto de olhar de outros modos de maneira a (re)apresentar as crianças a suas próprias mães e pais? de que outros modos poderíamos filmar as crianças de maneira a apresentarmos algo mais delas para seus familiares?
será que poderíamos apresentar a eles algo que não fosse somente a alegria? filmaríamos as marcas de mordidas? e também os dentes de quem morde? ou filmaríamos os arranhões, os machucados, as picadas de inseto que elas sempre nos apontam quando chegamos à escola? gravaríamos os choros e montaríamos esses choros com imagens que não remeteriam para nada de tristeza? tipo flores, coisas coloridas, seus pés e mãos brincantes? enfim, seria interessante mostrar as crianças a partir dos “tombos” de muitos tipos que o mundo vai dando em cada uma delas...

como trazer esses outros corpos adultos, parentes de cada criança, para povoar nosso cinema sem identificá-los? filmar as tantas tatuagens que possuem? filmar essas marcas corporais deliberadamente colocadas na pele junto às marcas corporais que o próprio corpo produz?

e as mesas de comidas e bebidas? como seria filmá-las de cima, primeiro somente com suas guloseimas e, depois, somente mostrando as mãos e braços interagindo ali?

diário wences_20 fev 24_AG2

quando chegamos, eu e keila, bolsista do projeto, um pouco antes das 8 da manhã, as crianças estavam sentadas sobre o tapete no meio da sala. ao redor delas, as três

monitoras e a professora que, naquele momento, falava nome por nome das crianças enquanto apontava para suas carinhas emolduradas por desenhos de bichos colados numa das paredes da sala, logo acima do "varal das mochilas". depois, soube que esta é uma das muitas estratégias para que crianças e profissionais memorizem os nomes de todas as demais. Início de ano na "turma dos bichos". ou seria "turma dos animais"? fiquei em dúvida.
em seguida, foi realizada mais uma atividade em que o nome de cada criança era dito e repetido, bem como ela era chamada para realizar uma ação na frente de todas as demais.
o cinema narrativo também tem disso. no início dos filmes, acompanhamos os personagens a dizerem os nomes dos outros, enquanto na imagem vemos a quem se refere aquele nome. uma estratégia para quem assiste memorizar quem é quem naquela trama cinematográfica. será que poderíamos aproveitar uma dessas "atividades nomeadoras" para iniciar um filme em que acompanharíamos alguma ou algumas dessas crianças pela manhã afora? afinal, elas fazem coisas...

como havia chovido, as crianças ficaram, inicialmente, na sala, e uma grande caixa cheia de pequenos brinquedos de plástico foi literalmente virada numa das pontas do tapete, e, ao seu redor, se reuniram muitas crianças (outras ficaram em torno à caixa com pelúcias e à caixa dos carrinhos). olhando de cima, muito mais que brinquedos, eu vi formas e cores. muitas cores. e mãozinhas a selecionar e recolher algumas delas. Imaginei um enquadramento de cima, em que só víssemos os pequenos brinquedos e as mãos e braços que os separavam e iam retirando-os do monte, fazendo-os sair de quadro... uma hora depois, havia brinquedos espalhados por toda a sala... a caixa foi (seria) colocada ali, e as mesmas mãozinhas, com as mãos das profissionais, jogaram dentro dela tudo o que estava disperso. esse possível filme daria a sensação de pulsação que foi a "vida" desses brinquedos em meio às múltiplas alianças (brincadeiras) que as crianças criam com eles?

fechadas e guardadas essa e as outras duas caixas, lá fomos nós para o pátio externo com brinquedões de plástico onde as crianças entram, sobem, escorregam, se amontoam e se tocam de mil maneiras, das mais às menos carinhosas.
o que me chama mais a atenção é como elas experimentam seus corpos nas alianças que fazem com esses grandes brinquedos, especialmente nos escorregadores: a cada hora, descem numa posição corporal e numa posição da fila de crianças. da mesma forma, experimentam as muretas, escada, poças d'água... caem, choram, levantam-se, abraçam o adulto mais próximo, param de chorar e lá se vão de novo a experimentar seus corpos nas conexões com o entorno. também colhiam folhas caídas no chão, tocavam, olhavam, cheiravam, experimentavam elas nas mãos e me traziam para mostrar ou me dar. houve um momento em que fizemos um buquê de folhas secas, entre amarelas e marrons. ficou bonito.
elas, ou melhor, eles, os meninos, também experimentaram ir cada vez mais distante de onde era para não ultrapassar. Eles experimentavam o espaço e a potência da desobediência. quanto mais eu dizia, volta fulano, beltrano, sicrano, mas eles iam adiante. tive que buscar meninos no pátio de cima, depois de ter tentado impedi-los de subir as escadas por muitas vezes. trouxe o líder no colo para tentar coibir a continuidade das "fugas". mas eles eram muitos e voltavam pra lá. afinal, a brincadeira era justamente (me) "experimentar" (até onde eu iria?)... "fugiam" e riam muito e, confesso, eu também ri. somente a autoridade de uma das monitoras os trouxe de volta. claro que isso daria filme. mas como filmar essa experimentação do espaço escolar que também é um misto de brincadeira entre amigos e desobediência à autoridade de um adulto? teria que ser um filme em que tudo isso aparecesse junto e misturado.

Diário_Keila – Jasywera_20 fev 24

A faca, a Manu e a melancia

Em uma escola, há uma criança chamada Manu. Ela tem 2 anos. A Manu é muito feliz com sua família, mas nada chega perto da felicidade que a Manu sente quando vai à escola e, nesse lugar, ela faz muitas amizades e brincadeiras.

Houve um dia em que a chuva caiu e acabou molhando os brinquedos do parque da escola. A classe e a Manu ficaram muito tristes porque eles não poderiam ir ao parquinho, já que estava tudo molhado. A professora viu a situação e pensou nos brinquedos que estavam guardados nas caixas. Pois então, a professora juntou a turma e espalhou os brinquedos pela sala. Os brinquedos eram muito diversos: ursinhos, carrinhos, bonecas. Mas o que mais chamou a atenção da Manu foi uma faca de plástico rosa e alguns pratos que também eram de cor rosa, bem como uma melancia.

No início, a Manu olhou na caixa de brinquedos e nada lhe chamou atenção, mas, no fundo da caixa, havia aquela faca de plástico, um prato e uma melancia. Rapidamente, ela pegou esses utensílios e saiu mostrando para todos os seus amiguinhos. Aquilo era tão interessante, ela reconhecia aquilo de algum lugar… Sim, ela reconhecia sim! Era de casa; sua mãe usava essas mesmas coisas para fazer as comidas gostosas que ela tanto adora.

Ela poderia se imaginar a fazer as mesmas coisas que sua mãe faz, mas, por um descuido, a Manu deixou em cima da mesa essas coisinhas e saiu para atender o chamado de uma coleguinha que entrou em uma caixa de brinquedo e não conseguia sair.

Então, a Manu ajudou a coleguinha a sair da caixa e, quando voltou, as coisinhas não estavam mais no lugar. Alguém pegou sem sua permissão!

Manu saiu à procura dos seus brinquedos, mas era muito difícil, pois, a todo momento, ela se distraía com qualquer coisa. porém tentava manter o foco e buscar seus brinquedos.

A primeira ideia foi perguntar para alguns dos seus coleguinhas se eles os haviam visto. A primeira não lhe deu atenção; a segunda apenas lhe entregou uma boneca e saiu; a terceira já apontou para um amontoado de brinquedos.

Seguindo essa linha, ela procurou, procurou e procurou, e nada dos brinquedos. Depois de muito procurar, ela achou apenas a faca e a melancia. A Manu não sabia que a melancia continha um velcro para manter suas partes grudadas e, quando descobriu, ficou um tempo usando a faca para descolar o velcro. Imitava como se estivesse realmente cortando uma melancia de verdade.

Depois isso ficou chato. Ela precisava dos pratos cor-de-rosa para colocar as melancias! Então, depois de pensar um pouco, foi à procura dos pratos e, à base de muita procura, achou! Ela ficou muito contente porque agora poderia brincar com todos os utensílios, mas havia um problema: esqueceu, em cima da mesa, a faca e a melancia. Ela ficou triste com isso?

Não! Tudo isso ficou chato, e foi brincar com outros brinquedos.

diário wences_26 fev 24_AG1-2

chegamos, eu e keila, bolsista do projeto, um pouco antes das 8, e ficamos até um pouco antes das 10 da manhã. foram cerca de duas horas e, em minha memória, ao longo de todo esse tempo, ouvimos, pelo menos, uma criança chorando. essa seria a sonoridade de um documentário feito naquela manhã. uma sonoridade tão cheia de diversidade quanto foi diversa a motivação (e a intermitência) que levava uma ou outra criança a chorar (e a interromper o choro).
vou tentar lembrar algumas delas, mais ou menos na cronologia da manhã.

quando entramos na sala, um garotinho chorava leve e inconsolável no colo de uma das monitoras, pois queria estar com seu pai. dez minutos depois, quando fomos ao refeitório tomar café da manhã, ele parou de chorar e sorriu o restante da manhã, chegou mesmo a gargalhar quando brinquei de lhe apertar a barriga. depois, o choro veio de uma garotinha que tinha um olhar triste; chorou porque outra menina estava com um livro que ela queria passou a manhã entre brincadeiras e choros toda vez que queria algo que estava com outra criança; e foram muitas vezes.

ainda antes do café da manhã, escutei o choro de outra menina, tranquila e observadora. chorava e apontava para onde estavam guardadas suas coisas. a professora deu a ela sua chupeta, um grande "lenço" de tecido vermelho e a deitou no bebê conforto. ela parou de chorar e, quando saímos para o café da manhã, já estava totalmente (d)esperta.

durante o café da manhã, notei um garoto chorando e perguntei se estava com fome. nada de resposta. seu choro sentido seguia firme. uma das monitoras me ouviu e disse "a sandra foi buscar café e ele chora quando ela não está por perto". sandra é a outra monitora da turma. ela voltou, e ele parou de chorar. mas quando ela saía de perto, por algum motivo (como as trocas de fralda de outras crianças), o choro (re)tomava o corpo do menino.

outro garoto, um desses que os mais antigos diriam ser "sapeca", também chorou forte quando, já no pátio externo, o cavalinho de plástico em que balançava caiu sobre seu pé. quer dizer, ele balançou tão forte o brinquedo em que estava montado que caíram os dois, de um jeito tal que o pezinho ficou preso embaixo. machucou? não. brigou com o brinquedo e, em seguida, subiu em outro cavalinho, de outra cor, e seguiu cavalgando... e caindo... com bravura. em outro momento, chorou por algum motivo que eu não soube qual, mas notei que o choro era de pura braveza; dava empurrões a quem estivesse do lado, mas era delicadamente impedido de seguir assim pela professora.

voltamos para a sala, e os choros seguiam, especialmente os intermitentes. E, quando iniciamos as despedidas, uma garotinha que havia se encantado com keila e "grudado" nela a manhã toda, começou a chorar um choro tão sentido que me segurei pra não chorar também, afinal tem certos tipos de choro que são contagiosos, né?

uma das histórias que nos contaram hoje cedo foi de um choro assim: uma das monitoras contou de um curso que fez com um casal de indígenas e que, em certo momento, eles cantaram "uma canção que era como uma reza" e "quando olhei pro lado estavam todos chorando... como eu". ela contava isso enquanto sorria dessa lembrança alegre.

pois bem, certamente mais crianças choraram por outros motivos que agora não me lembro. nem das crianças, nem dos motivos.

uma coisa é certa: a riqueza desse tipo de sonoridade em uma escola de educação infantil é infinita. seria muito arriscado e indelicado o cinema se aproveitar dessa infinita matéria-prima que são os "sons do choro"? ou seria melhor dizer "os sons das lágrimas"?, pois, em muitos momentos em que havia lágrimas, o som que escutávamos era o do silêncio. não havia choro. ou havia?

como no cinema, entre crianças, nem sempre imagem e som estão em "sintonia". muitas vezes, seus sentidos são distintos, e é preciso reparar bem para descortinar o que se pode entender e sentir no encontro de ambos, como em um rosto cheio de lágrimas e em absoluto silêncio ou em um choro estridente sem lágrima alguma a escorrer.

antes de finalizar quero dizer mais duas coisas:

a primeira delas é que o menino autista esteve sereno e sorridente por toda a manhã, experimentando balançar os variados objetos que pegada e, com eles, saía caminhando e tocando-os levemente contra paredes, grades e pilares. uma hora que me abaixei para brincar com ele, levou as mãos para pegar meus óculos. rapidamente os retirei do rosto e escondi atrás de meu corpo. nem quando fiz isso ele deixou de me olhar serenamente, com um leve sorriso no rosto. como será o som de seu choro?

a segunda e última coisa a dizer é que, se esse relato está cheio de choro foi uma deliberada opção minha de escrever somente sobre a variedade desse gesto tão humano que é chorar, pois a manhã foi incrivelmente divertida, atravessada por fantasias,

chapéus e perucas coloridas, livros espalhados pela sala, giros, histórias e colos, risos, sorrisos e gargalhadas.

Diário_Keila – Jasywera_26 fev 24_AG1-2

Olhinhos curiosos

Y tem medo de tudo que não sejam seus pais.
O lugar que seus pais a deixam todos os dias parece estranho: os cheiros são estranhos, tudo é estranho. A única maneira que ela encontrou de se comunicar foi chorar para tudo, menos quando ela estava feliz.
A rotina é muito cansativa, mas, todos os dias, Y aprende muito. Diariamente, a mãe de Y a deixa em um lugar estranho e com pessoas estranhas. E, logo, ela percebeu que, apesar de o lugar ser enorme, ela não poderia explorá-lo. Era limitada a um lugar pequeno com outras pessoinhas iguais a ela. E essas pessoinhas riem, choram, gritam e olham umas para as outras de uma forma curiosa.
Os significados de curiosidade são muitos no mundo todo, mas o que predomina no Brasil é a definição do dicionário: "desejo intenso de ver ou de ouvir algo".
O lugar continha muitas curiosidades, como brinquedos, cores, números e formas.
Mas, mesmo assim, Y, pela primeira vez na vida, se sentia estranha.
Y queria ir embora a todo custo. Então, começou a chorar, mas, depois de muito chorar, desistiu, porque os pais não voltariam tão cedo. Daí ela começou a perguntar por eles incessantemente para os adultos que estavam no local, mas ninguém atendeu seu pedido. Então, decidiu olhar ao seu redor e percebeu que tinha umas coisas legais como uma coisa quadrada que Y encontrou e que continha umas figuras para se ver, e o objeto tinha uma textura boa. Ela sentiu uma explosão de alegria; pela primeira vez naquela manhã, não precisou chamar seus pais para ajudar; não precisou de ninguém para entender a figura, pois sabia que aquela figura se tratava dos "três porquinhos e o lobo-mau".

diário wences_04 mar 24_AG2

cheguei quando estavam finalizando o café da manhã e voltando para a sala. sentamos no tapete e marcamos no calendário a data e o tempo do dia: sol, muito sol.
cantamos algumas músicas, sempre com gestos um pouco coreografados, de modo a mobilizar ao máximo os corpos das crianças. fiquei pensando se e quais dessas músicas já viraram "cinema", ou seja, já foram filmadas, e se esses gestos fazem parte da coreografia vista em alguma tela...

depois tiramos os sapatos e saímos cantando até um estreito e externo corredor de cimento entre a parede da sala e um dos gramados da escola. nele, há uma muretinha baixa onde as crianças se equilibram entre uma parte e outra do corredor. soube mais tarde que esse local passou a ser utilizado este ano nos dias em que a turma ficaria no parque de plástico, uma vez que tem sido neste último que alguns escorpiões voltaram a aparecer.
ali nos esperavam algumas caixas, cada uma contendo coisas distintas: pedras, folhas secas, brinquedos de plástico, sendo a maioria deles utensílios domésticos, especialmente de cozinha.
quando vi o tamanho de algumas das pedras, pensei: se uma delas cair no pé de alguma criança, vai ter choro. mas nenhuma caiu, e os choros ocorreram por outros motivos: "eu quero o meu pai", "ela pegou o que tava comigo", trombadas e pequenos tombos, bem como a necessidade de um dos meninos em ter algum adulto por perto. foi num dos choros dele que me aproximei e brinquei um pouco com suas mãos. ele parou de chorar, e propus catar algumas pequenas pedras ao redor para colocá-las num dos potes. ele

não se moveu, mas outras crianças vieram catar as pedrinhas comigo. ele voltou a chorar baixinho, sofrido. me aproximei de novo e propus tirar seus sapatos (ele era o único ainda calçado), no que ele prontamente estendeu uma das pernas. uma vez descalço, tomei uma de suas mãos e propus caminharmos sobre as folhas secas e, em seguida, sobre diversos tipos de chão que se formam no cimento e em suas rachaduras. ele pisou muito de leve e somente depois que outras crianças já haviam realizado o que eu propunha. Depois, caminhou comigo até o parque de plástico, onde estava a professora (que havia vistoriado todo o espaço e se certificado de não haver escorpiões ali). para lá se foi e ficou... de mãos dadas com ela.
como filmar os pezinhos dessa e de outras crianças a experimentarem as sensações de cada tipo de chão? como dar a ver nas filmagens até mesmo as sensações que acontecem nos pés e reverberam no corpo todo? faríamos filmagens bem de perto? mas aí não veríamos outras partes do corpo. teríamos que ter duas câmeras filmando, simultaneamente, pés e rosto de uma criança?

metido no meio das crianças, o que mais fiz foi provar as comidinhas ("o que é isso?" "arroz", "papá", "suco", "papá", "pedra", "papá"...) que faziam com pedrinhas (e um tanto de terra que alguns não resistiam de trazer do gramado ao lado). uma das monitoras me disse que um garotinho sempre encontra um jeito de colocar as mãos na terra e a descobre em algum canto toda vez que saem para os espaços externos da escola.
num certo momento em que estava rodeado por essas pequenas criaturas que cozinhavam, peguei algumas folhas secas e comecei a rasgá-las e colocar seus pedaços dentro dos potes com as comidinhas. as reações foram bem diversas: um garotinho sorridente retirou os pedaços de folhas até sobrarem somente pedras no pote; uma garotinha "acumuladora" (com um monte de coisas ao seu redor) se alegrou muito, enquanto incorporava as folhas rasgadas na comida que estava fazendo; outra menina apenas ficou olhando a mistura que as folhas faziam com as pedras; outra ainda foi buscar mais folhas e começou a fazer o mesmo que eu, sendo seguida por dois meninos que, pouco tempo depois, jogaram no chão as folhas que ainda estavam em suas mãos e saíram correndo ruidosamente pelo corredor de cimento.

voltamos pra sala e, para acalmar as criaturinhas e poder fazer as trocas daquelas que ainda usam fraldas, foi ligada a televisão e foram colocados alguns programas a que a grande maioria das crianças assistiu com atenção. mas uma pequena parte delas ficou inventando brincadeiras e "provocações" entre si.
após retornar das trocas, uma das monitoras me perguntou se eu sugeriria algum programa, ao que respondi: os filmes das mostras kino campinas, pois elas estão disponíveis no *youtube* do programa cinema e educação. ela escolheu uma aleatoriamente, de 2017 ou 2018, e começamos a assistir a alguns filmes que se passam em escolas de educação infantil. pude ficar somente uns dez minutos, mas notei que a atenção das crianças para a tela era até maior do que a anterior. porém elas se dispersavam quando o filme não tinha som ou era mais "lento" ou com jovens e adultos. saí de lá curioso em saber como seguiu a sessão de cinema... afinal, seria bem interessante se as produções selecionadas para essa mostra de cinema escolar viessem a compor o repertório assistido pelas crianças nas tevês das escolas municipais.

diário wences_11 mar 24_AG1-2

chegamos, eu e a bolsista keila, antes das oito da manhã e fomos até a sala onde estavam as muitas crianças e as pessoas adultas que as acompanham: a professora gi, as alegres três monitoras em "s" – sandra, silma e sonia – e a monitora rose, designada para o acompanhamento de uma criança cega que tem prováveis outras deficiências, pois, apesar de seus quase dois anos, não tem firmeza no corpo. era essa criança, inclusive, o

foco das conversas e preocupações quando chegamos. a criança mesma, no entanto, dormia tranquila em um bebê conforto.
as demais crianças se dispersavam pelo espaço em meio a sorrisos, passinhos desengonçados, choros e muitos pequenos brinquedos de plástico colorido.
bastou eu me sentar no chão e dois garotinhos chegaram perto com um punhado desses brinquedos nas mãos. um deles falava bastante, ainda que eu não entendesse nada. mesmo assim, respondia algo, de modo a incentivá-lo a seguir "conversando" comigo. ele seguiu falante ao longo da uma hora em que estive na escola. fiquei com vontade de gravar suas frases e palavras e, depois, sobrepô-las a filmagens diversas das crianças, como se ele fosse o narrador ou comentarista da vida de uma "comunidade de língua estrangeira" (o que, de fato, muitas vezes, uma turma de educação infantil me parece... rsrs).
da sala fomos para o refeitório: leite com bolacha. muitos comeram e repetiram as bolachas. poucos beberam o leite. um garotinho só tomou quando lhe ofereci colocar a mamadeira na boca. acho que ele tomou só para estabelecer uma aproximação comigo, uma troca de gentilezas, pois, assim que saí de perto, ele não bebeu nem um gole.
entre ofertas de mais bolachas, limpezas de ranhos, tentativas de parar choros e breves conversas, saímos dali e fomos para um dos pequenos pátios externos, onde ficam os cavalinhos-balanços.
as crianças logo se espalharam, caminhando ou subindo nos cavalinhos. notei um garotinho com uma folha seca em cada mão, experimentando-as nas mãos e na parede. elas caem das árvores que ficam na calçada ao lado desse pátio. peguei outras duas folhas secas e saí "oferecendo-as" às crianças. logo uma menina pegou uma, olhou e jogou no chão. a outra folha, eu mesmo joguei de volta ao chão quando comecei a ver pezinhos muito próximos de alguns cavalinhos que balançavam forte. entrava no burburinho, afastava levemente a criança cujos pezinhos eu sentia "em risco" e dava um passo para traz. num desses passos, não notei que um garotinho havia entrado atrás de mim; ele se assustou, gritou, eu me assustei, desequilibrei para traz e, para não cair sobre ele, girei o corpo, me apoiei na parede na expectativa de evitar cair, mas caí sentado e, ao me apoiar na parede, desloquei o ombro direito.
um segundo e zás!
após o susto, ainda sentado no chão, ouvia as pessoas cuidando de mim: "machucou?"; "fique aí um pouco"; "ih, você deslocou o ombro, dá pra ver daqui"... ali já era eu a "criança" a ser cuidada... rsrs
acho que a dor me levou a concentrar-me em mim mesmo, pois não me recordo de muita coisa. apenas me lembro de não ter caído sobre o garotinho, de vários rostos e mãos a me acudir... e de ter "resgatado" meus óculos, que haviam voado durante a queda.
daí em diante, só me lembro de sair do pátio e da escola para ser levado para o hospital pela diretora adriana. com paciência e boas conversas, ela esteve ao meu lado até a dor passar, quando o ombro foi colocado no lugar pelo ortopedista e seu auxiliar. aliviado e com uma tala, fui levado de volta para a escola.
em uma das conversas no carro, soube que esse percurso de ida e volta a hospital também ocorre, às vezes, quando alguma das crianças cai de mal jeito na escola.
pensei: como fazer tudo isso virar matéria-prima do cinema que buscamos inventar ali? como filmar tombos e/ou o "resultado" deles?
uma coisa é certa: em quase todas as vezes que estive entre crianças pequenas, alguma delas veio me mostrar um machucado, uma picada de mosquito, um arranhãozinho já quase curado. parece que, para muitas delas, essas marcas corporais de quedas e outros "sustos" que deixam marcas corporais são também uma maneira de chamarem atenção, pedindo que "filmemos", com olhos e palavras, aquelas marcas. então, bora filmá-las com câmeras?

diário wences_10 abr 24_AG1-2



esse balão vermelho me foi entregue meia hora antes de minha saída da sala por uma das mais de vinte crianças com quem eu e as duas bolsistas, keila e aurora, estivemos compartilhando aquela manhã em que balões coloridos estiveram no centro da atividade proposta pelas educadoras da turma.
fotografei esse balão vazio sobre a mesa onde fica o computador em que escrevo este relato. eu o trouxe comigo, dentro do bolso da calça que usava naquela quarta-feira, onde o havia escondido para paralisar a disputa por ele entre duas crianças, a qual se deu assim que uma delas o estendeu para mim. quando o peguei, dentro dele ainda havia um restinho de ar. murchou de vez assim que chegou às minhas mãos.
só agora penso que, talvez, aquela criança me entregou o balão para que eu voltasse a enchê-lo de ar... na hora, nem me passou essa ideia, pois sempre que me sento nas salas me são levados variados brinquedos pelas crianças.
mas resolvi falar desse balão vermelho por outro motivo: ele foi o último balão que restou ao final da hora e meia que convivemos com eles. e isso me trouxe a ideia de fazer filmagens perseguindo algum objeto – por exemplo, um balão vermelho – enquanto as crianças se relacionam com ele. que partes dos corpos delas veríamos? mãos, pés, cabeças, braços, bundas, barrigas? ou bocas, orelhas, dedos?
durante a deliciosa atividade com os balões coloridos – eles estavam dispostos, amarrados a barbantes, em várias faixas ao longo de uma parte de um dos pequenos pátios externos da escola –, as crianças interagiram com eles de muitas maneiras: com aqueles que estavam presos ao barbante, foram principalmente mãos e cabeças que atuaram, mas com os que estavam soltos, as interações foram mais diversas (e as disputas também rsrs), indo dos pés à cabeça, passando pelo cheirar, lamber, apertar até estourar.
ao final, quando foram recolhidos todos os balões que ainda não haviam estourado, e voltamos para a sala, um garotinho resistiu a entregar o balão que estava com ele e o levou consigo para a sala. era vermelho. mas não foi aquele que aparece fotografado no início do relato. este balão permaneceu cheio de ar e, num dado, momento estourou. o balão fotografado encontrei "perdido" no corredor quando fui ao banheiro e o levei para a sala. nem sei se era daquela turma, mas sei que, assim que o soltei em meio às crianças, rapidamente foi integrado nas brincadeiras e, só algum tempo depois, me foi entregue, já bastante murcho, por uma das crianças.
fizeram as filmagens desses balões vermelhos em sua imaginação? teríamos aí a história de um balão vermelho durante uma manhã na escola. uma história que poderia ser constituída por filmagens de vários balões vermelhos. afinal, quem reconheceria a diferença entre eles nas filmagens?

apesar de o balão vermelho ter sido a lembrança material que disparou este relato, será outra a lembrança que será levada pelo resto de minha vida: os primeiros passos de uma criança. foi a primeira vez que vi isso acontecer diante de mim. não me lembrarei propriamente dos passos, mas do efeito deles naquele pequeno corpo: os braços estendidos, os olhos arregalados, a boca atônita, com os pés e pernas a se moverem, firmes, para a frente. tudo isso será para mim, daqui em diante, uma das expressões da alegria. uma imagem inesquecível, como muitas outras que levo comigo, sendo que várias delas me chegaram de filmes.

quando estamos no cinema, a sala escura desloca o cotidiano para fora dela, e a tela iluminada concentra nossa atenção. seria isso que faz as imagens do cinema terem tanta força sobre nós, sobre nossa memória? ou será que ali estamos numa situação privilegiada para reparar no que acontece diante de nós e, por isso, as imagens de um filme nos chegam como se nos mostrassem alguma coisa pela primeira vez?

mas na escola não temos salas escuras. então, como é ver filmes numa sala de aula? uma sala clara, onde o cotidiano permanece ali, ao nosso lado? o que me diriam vocês, educadoras, que estão com as crianças diante da tela da grande tevê que há em todas as salas?

Diário_Keila – Jasywera_10 abr 24_AG1-2

Balões Mágicos

Num cantinho mágico da escolinha, onde os pequenos pés corriam e as risadas ecoavam, B encontrou seu pequeno paraíso. Ele era um menino curioso e disposto a fazer descobertas a todo custo, com um sorriso que iluminava o pátio e fazia a festa na vida das professoras. Naquele dia, o pátio se transformou em um mar de balões, flutuando como uma cortina pintada pelo vento. B estava lá, seus olhinhos brilhando mais do que as cores que o cercavam. Ele não precisava de palavras para expressar sua alegria; seu riso era a música mais doce, e seus saltinhos, a dança mais encantadora.

Com passinhos apressados, B explorava cada balão, cada cor, cada movimento que eles faziam. Ele esticava os bracinhos, tentando alcançar aqueles que flutuavam um pouco mais alto, como se quisesse abraçar o céu. E quando um balão escapava, ele seguia com o olhar, maravilhado com o voo até desaparecer no meio dos balões. B rodopiava entre os balões, rindo quando um deles roçava seu rosto ou quando conseguia agarrar o cordão de um balão fugitivo. Ele não falava, mas cada gesto, cada olhar, contava uma história de descoberta e fascínio.

Os balões eram como amigos que não precisavam de palavras, companheiros silenciosos em uma aventura sem fim. E B, o pequeno explorador, era o capitão dessa jornada, navegando em um oceano de alegria e cores, onde cada balão era uma ilha a ser descoberta.

E assim, B viveu um dia inesquecível, em que a felicidade não precisava de palavras, apenas de balões e um coração curioso.

Diário_Aurora_10 abr 24_AG1-2

10/04/2024

Hoje foi o primeiro dia na escola participante do projeto do professor Wenceslao. Confesso que, antes de ir, estava ansiosa para saber como seria a experiência. Por estar fazendo graduação em Pedagogia, espera-se que eu tenha “jeito” para crianças, mas nem sempre é assim.

A verdade é que, na maioria das vezes, acho fácil interagir com crianças porque, por mais trabalhoso e cansativo que seja, sempre acaba sendo um momento leve e gostoso. As crianças nos ensinam muitas coisas. Toda vez que estou no meio delas, sinto que minha visão sobre o mundo muda, nem que seja um pouco.

Bom, a minha sorte foi que as crianças (e não só elas) me receberam muito bem! É claro, nem todas vieram ao meu colo logo de cara – como foi o caso do Arthur (ou Artur? Não sei!), que tentei acolher várias vezes durante a brincadeira com as bexigas porque chorava de saudades do pai, mas, mais tarde, no mesmo dia, consegui um abraço e o fiz sorrir aquele sorriso bem gostoso, sabe?
Adoro conversar com as crianças e trocar momentos, como quando elas ficaram super empolgadas com meus brincos, e eu disse que poderiam tocar neles, mas que não poderiam puxar – e assim o fizeram, porque senão poderia fazer "dodói na orelha da titia"!
Sabe, às vezes, penso que, na verdade, ser criança deve ser bem assustador. Fico pensando no exemplo da pequena Maitê (ou Maithê? ou Maytê? Enfim!), que só queria saber de colo! Meu Deus, Maitê, como eu te entendo. Também queria o colo da minha mãe o tempo inteirinho. Às vezes, ainda fico de mal humor quando tentam interagir comigo, mas eu não tô muito a fim... Já imaginou a dor dela? Pois então, imagine você acabar de sair de um lugar quentinho, onde você não precisava fazer esforço nenhum para se alimentar, nem pra fazer xixi ou cocô, nem pra dormir... Só ficar ali, naquela piscininha de água morna o tempo inteiro e, de repente, te tiram de lá, e agora você tem que fazer esforço para respirar, tem que pedir para comer, tem um monte de gente na sua frente que não te deixa em paz... Se eu fosse ela, também choraria o tempo todo!
Por outro lado, imagino o trabalho enorme que todas as monitoras têm ao cuidar de seres humanos tão frágeis, tão catarrentos e tão chorões. É, eu sei que não é fácil dar conta de mais de dez crianças ao mesmo tempo, e reconheço que fazem esse trabalho com muita dedicação e cuidado.

Bom, apesar do meu medo de estar atrapalhando em alguma coisa ou de, enfim, ter inseguranças que qualquer pedagoga em formação pode ter, acho que foi um ótimo momento de troca! Espero receber mais abraços do Lucca, da Laura, do Benício, do Arthur, da Maitê e de tantas outras crianças que precisam de abraços, porque eu os adoro! rs

Ver os primeiros passos do Ravi foi bem emocionante também! Fico pensando muito nas interações das mãos das crianças. Sinto que elas têm uma necessidade de tocar tudo, de enfiar na boca, de arrancar da mão do amiguinho o brinquedo que ele estava usando... rs
Talvez seja legal registrar com uma câmera tudo o que elas tocam em um dia!

diário wences_17 abr 24_AG2

chegamos à escola, eu, a bolsista keila e o bolsista diogo (de projeto da rede kino, mas que tem nos auxiliado em algumas coisas deste projeto), era pouco antes das oito da manhã. a turma estava na sala e nos recebeu com as mesmas gentilezas e olhares curiosos.
bastou me sentar no chão e fui rodeado de crianças, meninos e meninas, que me contavam ou mostravam coisas ou, simplesmente, ficavam ali ao meu lado, o mais perto possível. várias vezes, eu tinha que dizer a eles para atentar-se para o que a professora propunha. foi só ao escrever isso que notei o quanto minha presença é também um fator de distração na dispersa atenção das crianças pequenas. ou, pensando melhor, toda distração é também um outro foco de atenção, neste caso, em uma pessoa adulta diferente das com quem convivem habitualmente. digo isso porque ocorria o mesmo com os dois bolsistas, também rodeados de crianças, e porque recordei que, em outras turmas, acontecia o mesmo: sempre há crianças que se aproximam muito e que vêm me contar histórias e mostrar coisas, sapatos, laços de cabelo, machucados...
estariam elas procurando algum tipo de atenção que significaria afeto ou segurança "mais exclusiva" de alguém adulto? uma vez que é impossível que as poucas profissionais deem a elas o mesmo tipo de atenção que obtêm de seus familiares quando estão em casa. imagino que essas crianças sejam filhas únicas ou tenham poucos irmãos, tendo assim, mais atenção de suas mães e pais, talvez avós e avôs. a escola muito provavelmente é o primeiro ambiente coletivo em que a atenção das pessoas adultas tem que ser distribuída por muitas outras crianças. será?

depois do café da manhã, a turma foi dividida, mais ou menos ao meio, para que metade delas realizasse uma atividade em sala, enquanto a outra metade subiu para o pátio externo e coberto, onde foram entregues a elas algumas motoquinhas. ficaram ali, brincando de várias maneiras com esse brinquedo, com muitas parcerias e algumas rusgas.

entre aquelas crianças, havia um garoto autista. ele queria brincar de outras coisas, como de entrar e sair da sala de uma outra turma. mas, salvo engano, quando alguém chamou para vermos um grande grilo verde, ele também esteve lá, entre o grande grupo de crianças que ficou distante do animalzinho, até que uma garotinha chegou perto, pegou no "rabo" dele e provocou seu voo e muitos sustos, até porque, antes do grilo voar até uma árvore próxima, fez um pouso na roupa de uma das profissionais que estavam ali.

vendo aquilo, fiquei pensando em como é que faríamos para filmar as interações do grilo com as crianças?

e não é que alguns dias depois uma das monitoras de escola, aline, de outra turma, postou algumas pequenas filmagens de um outro grilo (ou seria o mesmo?) e a busca de uma criança para reencontrá-lo na árvore?



nos fotogramas acima, podemos ver, no alto das imagens, tanto o animalzinho quanto o dedinho apontado para cima na tentativa de ver novamente o "cocodrilo", crocodilo, esperança, grilo... ou crianceiramente "crocogrilo", que foi prontamente tornado imagem pela bolsista keila.



de volta àquela manhã de 17 de abril, ao pátio externo e às motoquinhas, de repente, uma menina descobriu um bambolê sobre uma mesinha e começou a brincar com ele. em poucos minutos outras meninas também quiseram um bambolê. daí a pouco havia vários bambolês, e alguns meninos começaram a brincar com eles, não de rodar na cintura, mas no chão, verticalmente. um desses bambolês tocou em mim e tomei-o nas mãos e pedi para o garoto fechar os olhos e o soltei sobre a cabeça dele. quando ouviu o barulho do bambolê tocar no chão, abriu os olhos e disse "de novo". em minutos, eu tinha uma fila de crianças pedindo para soltar os bambolês sobre elas enquanto permaneciam de olhos fechados. importante dizer que os bambolês nunca tocavam os corpos delas, mas talvez fosse exatamente esse risco que as agradava tanto.
passei um bom tempo jogando bambolê enquanto pensava: "se tivesse uma câmera aqui seria incrível filmar os rostos daquelas crianças (de olhos fechados até abrirem os olhos) durante essa brincadeira inventada naquele mesmo dia".
ou será que eu é que nunca tinha brincado de bambolê daquele jeito?
de todo modo, me pareceu que ficaria bem bom um filme "bambolê", com essas e outras tantas interações e alianças que as crianças fazem com um mesmo brinquedo.

Diário_Diogo_17 abr 24_AG2

Hoje foi a primeira vez que pude acompanhar de perto o trabalho do professor Wenceslao e das minhas colegas bolsistas Keila e Aurora. Às 7h20, pegamos o carro e partimos em direção à escola infantil, que me disseram que se tratava de um dos CEIs que existem na rede municipal de ensino da cidade de Campinas, na qual o professor Wenceslao desenvolve seu trabalho com a formação das professoras nas escolas. Nunca havia entrado em uma escola infantil, pois não há escolas como essa na aldeia de onde venho. Atualmente se tem o ensino fundamental que ingressa a partir dos 6 anos, mas, na minha infância, não se tinha isso também.
Chegando à escola, vejo que tem uma boa estrutura para atender o número de crianças que não é muito alto, com turmas de 10 a 15 crianças em média. Fomos muito bem recebidos pela professora e pelas monitorias da sala de que íamos acompanhar as atividades naquele dia.
As crianças tinham de 2 a 4 anos de idade. A professora tinha um ótimo domínio sobre a sala; embora as crianças fossem muito pequenas, elas ouviam atentamente o que era solicitado pela professora. As paredes eram cobertas por material didático. Uma foto de cada criança ajudava a identificá-la, pois eram muitos rostos novos. Acredito que assim também era para eles, pois éramos agentes estranhos naquele ambiente que já era deles; então, alguns olhavam com desconfiança, com cautela. As profissionais nos disseram que a turma até ficou um pouco tímida com a nossa presença, mas não demorou muito para que a timidez fosse embora quando a professora começou a sugerir algumas cantigas que as crianças estavam praticando e outras que já sabiam e gostavam bastante.
É muito interessante como a musicalidade é um objeto muito comum, presente em várias culturas e modos de ensinar. Na minha cultura, as músicas são ensinamentos que, se traduzidos para outra cultura, podem parecer algo simples; uma canção diz sobre como o sol é nosso pai, ou diz sobre a importância do respeito com os mais velhos. Então,

muito mais que um modo de entreter as crianças, nossas músicas também transmitem ensinamentos importantes, como respeito e cuidado com o outro e o lugar onde vivemos.
Passado o tempo das músicas, foi hora do café da manhã, e as crianças se organizaram para ir ao refeitório. Algumas crianças já se serviam sozinhas, outras precisavam de ajuda.
Logo depois do café, as crianças foram divididas em duas turmas para brincarem nos espaços da escola. Acompanhei a turma que foi para a parte mais alta da escola, Vi como era esperado.

diário wences_24 abr 24_AG1-2

a bolsista aurora, o bolsista diogo e eu chegamos à escola pouco antes das oito e encontramos crianças "desconfiadas" de nossa presença, pois, segundo as simpáticas profissionais da turma, elas estavam mais quietas que o habitual, mesmo durante as músicas que foram sendo cantadas enquanto esperávamos a hora de irmos tomar o café da manhã: pãozinho com manteiga e leite. o primeiro foi comido pela grande maioria (e repetido por alguns), mas o segundo, quase ninguém quis. o líquido que quase todas as crianças tomaram foi a água servida ao final.
o que mais me chama a atenção nos momentos de refeitório são as variadas maneiras como as crianças comem seu pão e tomam seu leite ou água. e, claro, as muitas maneiras como as crianças se negam a comer ou a tomar algo.
acho que daria um ótimo filme essa variedade enorme de modos de comer e beber, bem como seria um excelente exercício ético vermos essas filmagens e decidirmos quais delas poderiam ou não compor o filme, pois certamente algumas delas poderão ser entendidas como filmagens que exporiam as crianças em situações constrangedoras, por mais engraçadas e "normais" que fossem. como e com quem decidiríamos o que ficaria no filme e o que não? com as profissionais da turma? na reunião de pais? com os familiares das crianças filmadas? com as próprias crianças? talvez com todas essas pessoas. acredito que teríamos que fazer várias versões do filme até chegarmos àquele que poderia ser exibido publicamente e até ser enviado para mostras de cinema, ou mesmo colocado em um canal na internet.

aquela "quietude" das crianças não perdurou quando saímos do refeitório e elas se sentaram (ou foram sentadas) no quase círculo de mesinhas e cadeiras que fica no pátio coberto. diante delas, foi colocado um pratinho plástico com feijões ou milho (acho que também havia um outro tipo de semente) e uma garrafinha plástica vazia e customizada com cores e formas que remetiam às culturas africanas.
as crianças passaram um bom tempo enchendo suas garrafinhas com sementes, com ou sem a ajuda de alguma pessoa adulta, fazendo suas próprias maracas. No entanto, para as crianças a brincadeira não era fazer o instrumento, mas sim colocar feijões e milhos dentro das garrafinhas. daí que quando acabavam as sementes na sua frente, elas esvaziavam sua garrafinha e começavam a enchê-la de novo, sendo que metade daqueles milhos e feijões caíam nas mesas e no chão. e defendiam suas sementes com unhas e dentes, muitas vezes, literalmente: uma garotinha foi pegar uns feijões no pratinho do garoto ao lado e foi mordida no braço. não chorou. apenas retirou o braço, e logo foi levada por uma monitora para passar uma pomadinha onde as marcas dos dentes eram visíveis.
durante a atividade, o bolsista diogo, estudante indígena da etnia guarani, comentou que a origem desse instrumento era ameríndia e que eles o chamavam maracá, com acentuação no último "a". a professora apontou que havia pesquisado na internet e que havia encontrado informações de que a origem era africana. vários de nós fizemos algumas buscas rápidas em nossos celulares e, de fato, há tanto informações sobre as origens americanas quanto africanas desse instrumento, normalmente feito com produtos naturais, como cabaças ou madeiras ocas, dentro das quais são colocadas

sementes ou pedrinhas que ficam chacoalhando ali, percutindo sons variados. Achei bem interessante termos duas origens distintas para um mesmo tipo de instrumento.
tampadas as garrafinhas, cada criança saiu com seu chocalho pelo pátio afora; muitas delas dançando ao som das músicas de origem africana que eram ouvidas dos vídeos colocados na televisão. músicas num ritmo bem dançante, nas quais se escutavam vários instrumentos de percussão.
nos dias seguintes, aquelas maracas ou maracás feitas pelas crianças e profissionais foram experimentadas em sala durante as cantorias que fazem todos os dias, compondo com as músicas, risadas e gritos.

Diário_Diogo_24 abr 24_AG1-2

Às 7:20, peguei carona com o Professor Wenceslao e minha colega de projeto, Aurora, e partimos para a escola que íamos visitar naquele dia. Distante da faculdade, indo em direção ao centro de Campinas, ou pelo menos era o que me parecia.
Chegamos em frente à escola, que é um Centro de Educação Infantil (CEI). Só após a entrada na faculdade tive mais contato com essa forma de separação na educação infantil. Já ouvi falar sobre creches em minha cidade, mas não tive contato, pois, em minha aldeia, as crianças não podiam utilizar as creches da cidade por uma série de trâmites nas leis a respeito dos povos originários. Então, quando as mães precisavam trabalhar na cidade, era necessário deixar os filhos mais novos aos cuidados do filho mais velho ou da avó, na maioria das vezes. De certa forma, a criança não deixava seu núcleo familiar até a idade para frequentar o que chamam de pré-escola, a partir dos 5 anos.
Logo na entrada, vimos o vigilante que faz a segurança do local. Adentrando o local, sempre reparava nas estruturas dos corredores e no ambiente que foi pensado para ser o melhor possível para a educação das crianças. Vi as salas e o pátio e a cozinha onde as cozinheiras estavam preparando o café da manhã das crianças. Perguntei ao professor e aos colegas: "Todos os CEIs são bem parecidos em Campinas?".
O paralelo com a minha experiência escolar é automático; penso que seria interessante ter tido isso ou aquilo na minha vida escolar. Iniciei o pré-escolar com seis anos, falando pouco português, mas entendendo de forma razoável.
Ainda me lembro como foi o primeiro dia. Minha mãe me disse que precisava tomar banho, pois estava todo sujo de terra das brincadeiras no terreiro de casa. Sempre obedecia sem questionar as ordens da minha mãe. Geralmente, quando tomava banho antes do anoitecer, era porque tinha que ir para algum lugar. Vesti uma roupa que não sabia que minha mãe havia comprado ou ganhado de alguém, calcei meu tênis, algo que não gostava porque apertava meu pé e causava uma sensação desconfortável. No primeiro dia, fui levado de carroça até o portão da escola. Minha mãe me deu rápidas instruções de que devia obedecer à professora e não fazer bagunça, e que, assim que o sino fosse tocado, era para voltar para casa de ônibus.
Tantas instruções e um lugar bem novo, mas tudo que sabia era que tinha que entrar na sala e só sair quando a professora deixasse e batesse um sino.
Voltando ao presente, chegamos à porta da sala de aula onde ficaríamos. Fomos muito bem recebidos pela professora responsável e pelas monitoras que auxiliavam nas tarefas. Vi a turma composta por pelo menos 15 crianças, e não muito mais que isso. Na sala havia muitos brinquedos, livros infantis, quadros e outros materiais para auxiliar nas atividades com as crianças. Ver as crianças do CEI muito bem habituadas às noções escolares me deixou impressionado, isso bem antes dos 3 anos.
As crianças tinham três anos ou menos, então isso dificultava entender o que elas falavam, mas seus olhinhos acompanhavam fixamente os novos visitantes de sua sala. Muitas delas estavam sentadas no chão brincando com os brinquedos disponíveis na sala, algumas choravam e outras tentavam pegar os brinquedos umas das outras. Descrevendo assim, parece um pouco tumultuado, mas não era o que acontecia: tudo estava muito bem controlado pela professora e demais profissionais.

Interessante que cada professora tem seu próprio jeito de ter o domínio sobre a sala. Ver a atuação da pedagogia de perto é uma ótima experiência para ver os campos de atuação da educação infantil. A professora chamou todas as crianças para cantarem as músicas que aprenderam, e elas pareciam gostar muito desse momento. Ter essa interação com seus colegas, acredito, faz muita diferença na sua formação. Na verdade, ter essas experiências logo na infância faz uma enorme mudança para enfrentar os outros ambientes escolares que terão pela frente.

Chegou o horário do café da manhã, e as crianças, de forma organizada, se encaminharam para a cantina, onde o esperavam. Isso me fez lembrar de mim e de meus colegas.

Na escola onde estudei no fundamental, havia muitos alunos que nunca faltavam nas aulas, não importava se estivesse chovendo ou com as estradas com muito barro. Mais tarde entendi que, muitas vezes, a refeição que eles teriam no dia seria na escola, então faziam de tudo para não faltar. Por sorte, ao que me lembro, a comida na minha escola no ensino fundamental era ótima: tínhamos até decorado o cardápio.

Após o café, houve um momento de brincadeira para as crianças, onde elas produziram uma espécie de mbaraka reciclável. Novamente, as crianças se divertiram bastante. Após um incidente com um dos brinquedos comprados que se tinha no local onde as crianças estavam (bolinhas de metal se soltaram de dentro do brinquedo), então decidiu-se por voltar para dentro da sala de aula e continuar as atividades lá dentro. Foi o momento da leitura, ao menos é o que parecia. Foram distribuídos muitos livros para que as crianças pudessem usar. Aurora, como é graduanda em Pedagogia, consegue ter uma ótima forma de lidar com as crianças.

Parece que atrai as crianças para ela e assim permaneceu rodeada de crianças até chegar a hora do almoço. Antes das crianças saírem para o almoço, retornamos para a universidade.

Acompanhar o ambiente da educação infantil foi uma experiência muito enriquecedora em vários aspectos; ver de perto o trabalho das professoras e monitoras, que não é nem um pouco simples, faz pensar que esse trabalho deve ser valorizado cada vez mais; saber como funciona o ambiente escolar infantil dá uma dimensão melhor para propor e se pensar em cinema na escola e como isso pode ser uma ferramenta para as professoras e crianças da escola.

Diário_Aurora_24 abr 24_AG1-2

Milho na garrafa

Poc
Poc
Poc
Poc
Poc!

Dependendo da fanfarra que é feita por cada criança,
O milho chove uma chuva que derrama mil pedaços de uma vez
(e todos, é claro, para fora (da garrafa))
ou vai enchendo o papo do objeto de plástico
Um
por
1 (um)

É uma genialidade musical compreendida por poucos!!!

É chacoalha, chacoalha, pra cá
é mexe, mexe, pra lá

e no meio dessa ciranda entre conversas mil, parecendo um coro desafinado

BUM!
UMA CRIANÇA....

.....

....
..... !!!!EXPLODIU!!!!!

Aqui nessa terra estranha que abriga milhares de seres pequeninos todos os dias, é normal que crianças explodam a cada 5 minutos mais ou menos

E, a partir daí, a música feita por ela é diferente da proposta
o milho virou pipoca!

diário wences_15 mai 24_AG2 – visita 1

chegamos, eu e keila, era pouco antes das oito da manhã. as crianças estavam na sala, em roda, sobre o tapete central, e levantavam uma a uma quando eram chamadas pela professora, para pegar o cartão com seu nome que estava no meio desse tapete e ir até um armário de metal e colocá-lo ali (deve ter algo imantado nesses cartões), abaixo dos demais que já estavam nele.
houve certo agito de algumas crianças com nossa chegada, mas logo isso se acalmou. saímos para o café da manhã, no qual poucas crianças tomaram a vitamina de leite com banana, mas a grande maioria delas comeu os biscoitos. algumas delas pediram mais biscoitos, e um garotinho pediu mais e mais vitamina de leite com banana, enquanto eu era informado que duas crianças ficavam separadas no café da manhã devido a intolerância à lactose.
dali voltamos para a sala e para a roda no tapete, a qual já não se sustentava muito, havendo crianças andando pela sala, interagindo entre elas e com as pessoas adultas ali presentes, enquanto aquelas crianças que não haviam chorado na chegada à escola eram chamadas para colocar um coraçãozinho numa lista colada na parede. a imensa maioria delas foi chamada.
escrevendo este relato, me veio a imagem de que os tapetes existentes nos centros das salas são como seus corações, pulsando num ir e vir constante, aglutinando e dispersando as crianças ao longo das atividades diárias. neles as crianças se sentam e se deitam, interagindo muito entre elas, bem como com as profissionais de cada sala, especialmente quando cantam músicas "puxadas" por elas. cada música tem uma coreografia de gestos que ativam a atenção e certas partes do corpo das crianças, especialmente as mãos e os rostos. como seria filmar esses tapetes de cima, criando visibilidade para essa pulsação e essa intensidade de relações que ocorrem sobre ele? as crianças iriam alterar seus modos de agir? iriam olhar para a câmera que filma, conforme fazem em algumas das filmagens que me chegam enviadas por monitoras e professoras?
saímos da sala para o pátio lateral, onde fica o pergolado e a horta, levando uma caixa de brinquedos de plástico, uma caixa com livros e uma caixa menor com pedras pequenas. as crianças se espalharam por todo esse espaço, levando brinquedos que, em certos momentos, eram disputados por outra criança. ali estivemos por cerca de uma hora, à sombra da grande mangueira, vendo o guarda remexer a terra da horta para

misturar ali as cascas de laranja, conversar sobre subir ou não em árvores, bem como sobre tombos, ombros e pulsos quebrados.
houve um momento em que um grupo de crianças se interessou por uma formiga e a cercaram, tendo uma delas pego em um celular de brinquedo para filmá-la. uma das monitoras filmou a filmagem e já estou curioso para ver como ficou e se vai virar filme, sozinha ou compondo-se com outras filmagens.
em meio ao agito, a formiga foi morta por uma pedrada dada pelo garotinho que brincava de encher de pedras um pote de plástico e carregá-lo de um lado para outro. um tempo depois, esse mesmo garotinho parou de repente sua caminhada, depositou a caixa com pedras no chão e, apontando para certo ponto, chamou a monitora para mostrar uma mosca que se movia. ao nos aproximarmos, vimos que quem se movia era uma minúscula formiga que carregava o corpo da mosca. lá veio novamente a garotinha fazer filmagens da cena com seu celular (e também a monitora, filmando a filmagem), enquanto um grupo de crianças e eu rodeávamos a formiga que seguia firme levando aquele corpo mais de vinte vezes maior que o seu. nenhuma criança chegava muito perto. aí coloquei minha mão espalmada no chão bem pertinho de onde caminhava a formiga. pouco tempo depois, o garotinho que descobriu a cena fazia no chão gestos parecidos ao meu, enquanto a formiga chegava na entrada do formigueiro, mas não conseguia levar a mosca para dentro da terra, uma vez que essa entrada, que ficava exatamente entre dois blocos de cimento, era por demais estreita, mal dando para entrar as próprias formigas.
só agora me dou conta de que não sei que fim levou aquela tentativa da minúscula formiga de levar a mosca para sua casa-formigueiro. teremos que fabular um final para essa história. mas como? perguntando para aquele garotinho que fim levou a formiga? pedindo para ele e para outras crianças inventarem um final para a história? filmando elas contarem? levando as crianças de volta ao lugar onde vimos a formiga carregar a mosca? e se perguntássemos para as crianças como deve ser o formigueiro que fica embaixo daquele chão? será que elas poderiam desenhar como elas o imaginam? bora transformar tudo isso em cinema?

diário wences_22 mai 24_AG2 – visita 2

foi a primeira manhã que colocamos celulares nas mãos das crianças para que filmassem seu entorno. nessa primeira experiência, somente perguntamos para as crianças quem gostaria de filmar e pedimos para elas filmarem o que quisessem no seu entorno.
era um dia quente, com sol; após café da manhã e água, as crianças tiraram seus calçados ainda na sala para irmos ao parque de areia, para onde fomos devido a uma troca com a turma da professora carmen – obrigado! – que ficaria ali no rodízio semanal de espaços entre as turmas.
quase chegando ao parque, paramos um pouquinho para que as faxineiras finalizassem a limpeza dele e, nessa pequena espera, perguntamos a duas crianças se queriam filmar. somente uma delas quis, segurando com as duas mãos o suporte com o celular encaixado acima, ficando parada no mesmo lugar, olhando ora para o celular, ora para nós – eu e a bolsista aurora –, ora para as faxineiras no parque. sob algumas proposições nossas, deu alguns passos com o celular se desequilibrando em suas mãos. nos entregou aquele objeto um tanto pesado e subiu correndo a rampa em direção à areia.
já no parque bastou perguntar a uma criança se queria filmar, e lá se foi ela segurando aquele objeto filmador. quando ela cansou, já havia outra com vontade de filmar e houve, inclusive, momentos de disputa pelo novo brinquedo. inicialmente, colocamos a filmagem voltada para fora, para o mundo, e o que pude notar é que o modo de filmar da maioria delas foi de olhar para aquilo que queriam filmar, mas não apontando a câmera para esse foco, como se fossem seus próprios olhos que filmassem. a foto a seguir, tirada por uma das monitoras, mostra o momento em que busquei indicar para o

garotinho que queria filmar algo no centro do gira-gira que deveria apontar a câmera para lá e olhar na tela do celular.



mas a foto mostra também que havia muito mais coisas em jogo: por exemplo, o equilíbrio do corpo do garoto sobre as barras do gira-gira, o equilíbrio do celular em uma mão só – ficou pesado para crianças tão pequenas! – levando o garotinho a colocar sua mão esquerda no gira-gira enquanto eu o ajudava a sustentar o celular, segurando sobre sua mão direita e a girando na direção do que ele gostaria de filmar: um pequeno inseto que estava logo abaixo de onde está sua mão esquerda. além disso, essa fotografia mostra como havia muito interesse no que estava acontecendo ali – quantas crianças ao redor! –, os muitos gestos que inventávamos para ajudar aquela criança a filmar – o giro do corpo da bolsista aurora exatamente no sentido pretendido para o giro da câmera, indicando corporalmente para que lado girar –, o olhar direto do garoto à direita da imagem para a câmera-monitora que fotografa, indicando que muitas daquelas crianças pequenas já estão inseridas no "universo das imagens", suas tecnologias e potencialidades.

esse garoto havia feito várias filmagens e voltou a fazê-las após esse momento, tendo bastante controle sobre o que filmava, segurando, com força e agilidade, o suporte do celular enquanto caminhava na direção do que queria filmar.

quando colocamos a filmagem voltada para dentro, no modo selfie, essa inserção delas no "universo das imagens" ficou ainda mais nítida, pois as crianças – especialmente as meninas – performavam diante da câmera que seguravam: faziam caras e bocas, falavam para a câmera, aproximavam-se e distanciavam-se da tela, brincando de fazer imagens com o próprio rosto e também com o rosto da amiga e do amigo ao lado.

naquela hora e meia que ficamos no parque de areia, estivemos todos nós – incluindo aí as monitoras e a professora – observando e cuidando das crianças que filmavam, tanto para ver se o celular permanecia ligado quanto para evitar algum acidente, pois aquele objeto que filmava era, acima de tudo, um novo brinquedo usado, inclusive, para chamar nossa atenção – houve um momento que tive que levantar vários meninos que fizeram fila para filmar "dentro" do manacá. me pareceu que, na maior parte do tempo, as crianças que filmaram se envolveram com as mesmas brincadeiras de antes, subindo e descendo de escorregadores, balançando, correndo de um lado a outro, revolvendo a areia, observando insetos e formigas, interagindo com as outras crianças tendo "apenas" um novo objeto nas mãos, com o qual experimentavam novas possibilidades para seus próprios corpos interagirem naquele parque.

estou muito curioso para assistir às filmagens que foram feitas pelas crianças e ver o que mais aparece nelas que pode nos indicar o que pode uma câmera nas mãos de crianças pequenas numa manhã da educação infantil, bem como os modos de interação que nós,

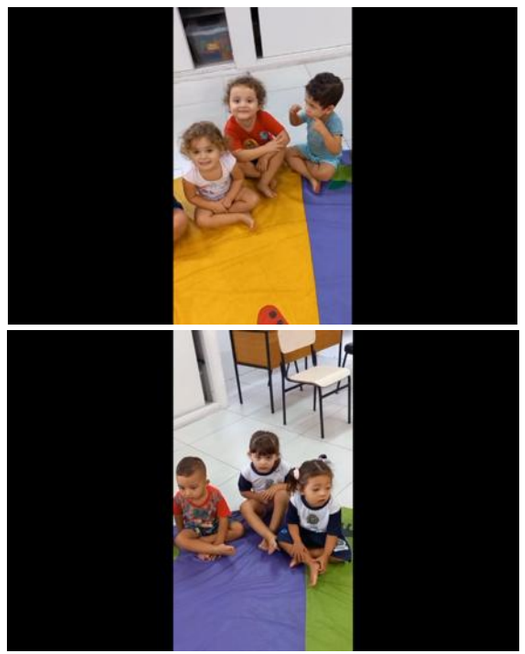
pessoas adultas, tivemos com elas enquanto filmavam, inventando maneiras de "educá-las" como cineastas mirins. que cinemas – e que filmes – poderão emergir daí?

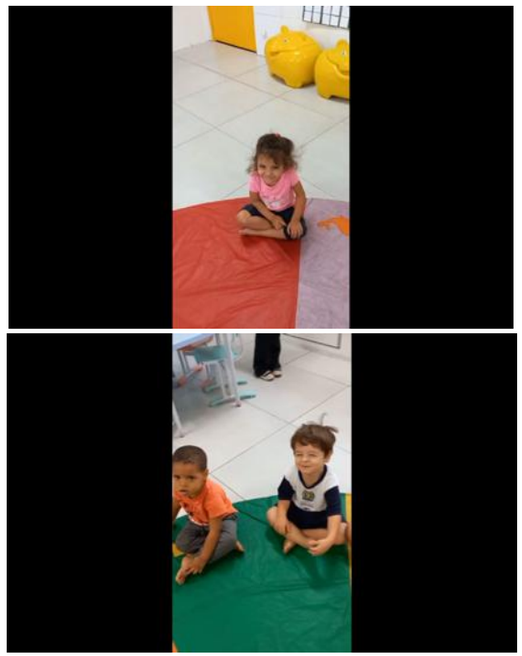
Diário_Aurora_22 mai 24_AG2



diário wences_29 mai 24_AG2 – visita 3

as duas bolsistas, keila e aurora, e eu chegamos antes das oito horas à escola. a turma estava sentada em roda, crianças sobre o tapete central, em silêncio, monitoras em cadeiras ao seu redor, enquanto ouviam a professora apontando que houve muita agitação no dia anterior, quando havia ocorrido reunião com os adultos responsáveis com a presença das crianças. como seria fazer um plano-sequência único com o giro de 360 graus filmando a roda de crianças e suas carinhas e gestos silenciosos naquele momento? certamente não seriam os mesmos da filmagem realizada numa outra tarde por uma monitora e me enviada por whatsapp, quando várias crianças interagiam com a câmera-filmagem:





naquela manhã, as crianças estavam realmente atentas e um tanto "sérias", pois mesmo com nossa chegada permaneceram sentadas e quietas. quando me sentei em uma cadeirinha ao redor delas, o menino e a menina à minha frente foram, lentamente, se aproximando até recostarem-se em minhas pernas.
em seguida se levantaram, uma a uma, para pegar o cartão com seu nome e fixá-lo no armário. foi nesse momento que notei que voltavam ao mesmo ponto da roda e uma das monitoras comentou que queriam ficar ao lado do "melhor amigo", da "melhor amiga". só então notei que, de fato, há, na turma, algumas duplas de crianças – sempre dois meninos ou duas meninas – que estiveram quase sempre juntos nas semanas anteriores em suas brincadeiras, inclusive quando estiveram com o celular em suas mãos. como seria filmar uma manhã de interação entre esses amigos íntimos, entre essas amigas íntimas? um pouco dessa curiosidade e possibilidade cinematográfica poderemos ver nas filmagens que seriam feitas naquela mesma manhã, especialmente a intensa interação entre duas amigas, quando estiveram com o celular se filmando, dentro daquela construção de madeira em que se pode descer pelo escorregador ou por uma escada de metal.

dali fomos para o café da manhã, água e voltamos para a sala. era um dia frio e foi avisado que ninguém deveria tirar seus calçados.
já na saída da sala, o menino luiz, que havia realizado várias filmagens na semana anterior, me viu com o celular na mão e quis ir filmando até o pátio interno na parte mais alta da escola, subindo a rampa, onde ficamos por cerca de uma hora brincando com as motoquinhas, mas não só elas, pois tanto caixas de papelão quanto o celular também viraram brinquedos.

nesta manhã, não sei bem por onde aquele celular circulou, pois muita gente "cuidou" dele e propôs coisas para e com as crianças filmarem.
mas me lembro de ter fixado o celular no topo do banco de uma das motoquinhas e que algumas crianças chegaram a andar com ela, tanto no modo selfie quanto no modo "normal". e também me lembro de uma garotinha que, após ter andado um pouco com a motoquinha filmando para trás em modo selfie, desceu dela e ficou ali performando para a câmera.
outro momento de que me lembro bem foi da tentativa – um tanto frustrada – de propor que a criança que filmava filmasse algo específico, nesse caso, os pés das pessoas e os próprios pés. pedi isso para três crianças, e todas elas até tentaram inicialmente fazer isso, apontando a câmera para o chão, mas muito rapidamente – nem um minuto depois! – já tinham levantado a câmera e filmavam outras coisas que lhes chamavam a atenção.

não vi as filmagens ainda, mas acredito que haverá nelas muitas de um mural com fotos e escritos. tanto um garoto quanto uma garota o filmaram, e houve momentos em que ambos estavam ali, em frente ao mural, conversando e apontando coisas nele. eu estava bem longe e não faço ideia do que conversavam e muito menos do que filmaram, pois em muitos momentos notei que nem se lembravam de que seguravam um celular, estando ele, portanto, filmando o "nada", no sentido de que eram filmagens sem qualquer intencionalidade. terei que ver as filmagens desses momentos para descobrir que "nada" foi aquele, de que imagens aquele "nada" se constituiu.

salvo engano, houve menos crianças interessadas em filmar que na semana anterior. mas uma coisa já foi possível notar: algumas crianças, poucas, gostaram muito da brincadeira de filmar.

do pátio voltamos para a sala e ali foram distribuídos brinquedos de vários tipos para as crianças, inclusive, aqueles que haviam chegado naquele dia – lindas bonecas, sobretudo. o celular continuou circulando entre as crianças e mãos adultas, e houve um momento em que o deixei, ligado em modo selfie, entre os brinquedos. alguns meninos que estavam ao redor chegaram a tomá-lo nas mãos e filmarem algumas coisas e a si próprios.
mas só saberei o que efetivamente filmaram quando assistir a essas filmagens. repito aqui a mesma pergunta com que finalizei o relato da semana anterior, a qual não cala em mim: que cinemas – e que filmes – poderão emergir daí? e acrescento duas outras: que cineastas emergirão daí, entre crianças e profissionais? de quem será a autoria desses cinemas e filmes, uma vez que uma boa parte das filmagens não possuem intencionalidade na sua realização? poderia uma motoquinha, uma formiga ou mesmo o "nada" serem cineastas e coautores de um filme?

Diário_Keila – Jasywera_29 mai 24_AG2

Isa: A tagarela e brincalhona

Isa é um raio de sol que iluminava os corredores da escola. Sua alegria contagiante era impossível ignorar, e seu sorriso radiante era capaz de derreter até mesmo o coração mais frio. Ela era a personificação da felicidade, sempre pronta para espalhar gargalhadas e boas vibrações por onde passava.
Ao lado de suas amigas inseparáveis, Isa transformava a hora de brincar em um parque de diversões particular. Corria pelos pátios, de mãos dadas com suas amigas, inventando brincadeiras e criando memórias. Suas vozes melodiosas se misturavam em uma sinfonia de alegria, contagiando todos que estivessem por perto.
Mas Isa também tinha seus momentos de tempestade. Sua impulsividade e língua afiada a levavam a brigar com frequência com suas amigas, principalmente quando alguém ousava criticar sua aparência, chamando ela de "feiosa" ou tirando seus brinquedos favoritos. As brigas não duravam muito. Em questão de minutos, Isa e a outra menina já estavam conversando e rindo como se nada tivesse acontecido. E quem poderia resistir ao seu jeitinho alegre? Suas travessuras, como correr de mãos dadas com as amigas pelos corredores, arrancavam sorrisos de todos, inclusive de mim.
No fim, fui vítima da curiosidade insaciável de Isa, ou talvez da necessidade dela de confirmar suas suposições. Na última quarta-feira, eu não sei o que fiz de errado, mas eu fui presa por Isa. Roubei algo? Cometi um crime? Eu não sei, mas segundo Isabela, sim.
Isabela- Você vai ficar presa aqui.
Keila- Por quê?
Isabela- "Porque você é muito chata".
Após esse rápido diálogo que me pegou desprevenida, as crianças riram todas juntas. "Poxa, preciso fazer algo", pensei. Presa naquele lugar, com a sensação de que ficaria ali para sempre, uma ideia surgiu: "Vamos brincar de ciranda!". Lembrei-me de como

adorava fazer essa brincadeira quando era criança. E se essa fosse a chave para agradar a Isa?

Diário_Aurora_29 mai 24_AG2

Quando estou entre as crianças, sinto a textura da areia em minha boca e cheiro de maresia.
Volto às minhas origens mais primitivas:

O fundo do mar.

Quando eu era um pouco maior que um girino, lembro de assistir Ponyo, do Myazaki, no Discovery Kids, e sentir um sentimento tão gostoso que só a infância é capaz de nos presentear.
Agora, com 20 anos, mergulho nas profundezas do oceano como se fosse a pequena peixinho-dourado-girino-humana.
Ao mesmo tempo que me identifico com a personagem principal, vejo Ponyo no rostinho e no jeitinho da Isabela, sempre risonha e com uma energia infantil genuína que encanta. O mundo parece ser mais cor-de-rosa pelos olhos dela. Me imagino vendo o mundo inteiro como se tivesse 3 anos de novo; tudo é grande, tudo é engraçado, tudo sou eu e eu sou tudo.
Gael me parece leal e tão curioso quanto Sosuke, o menino que cuida da peixinho mágica enquanto ainda é criatura e depois de virar humana (a história do filme lembra uma versão japonesa da pequena sereia, só que muito melhor).
Antonella me lembrou Kumiko, amiga de Sosuke que é a clássica criança teimosa.
Como é bom voltar ao fundo do mar….

diário wences_05 jun 24_AG1 – visita 1

era como uma estreia. a primeira vez que iríamos passar uma manhã no berçário da escola. chegamos, eu e as bolsistas keila e aurora, pouco antes das oito da manhã, quando estava sendo servido, nas mamadeiras e mãozinhas, o café da manhã. café da manhã? leite da manhã? seja o que for, ele é sempre servido na própria sala, e não no refeitório? essas perguntas só me chegaram agora, quando escrevo o relato e rememoro/reflito sobre o que vivenciamos na última quarta-feira. parece que, no berçário, as diferenças se fazem mais nítidas entre a vida vivida por gente que anda e gente que não anda. ou anda assim, meio desengonçadamente, como o garotinho que havia começado a andar no dia anterior, conforme nos contaram os três adultos que estavam ali: professora, monitora, monitor. aliás, os três passaram a manhã nos contando coisas sobre o trabalho, as alegrias e os cansaços vividos entre aquelas criaturas bem pequeninas. falaram também de lembranças de outros tempos e da falta de memória dos dias atuais. falaram enquanto cuidavam e conversavam com uma ou outra criança, interagindo com todas, cada uma a seu modo: colo, sorriso, bebê-conforto, sorriso, ajuda no caminhar, troca de fralda, nome dito para apontar alguma coisa, sorriso... me parece que bebês extraem sorrisos das gentes grandes que convivem com eles. em minha memória, passei aquelas duas horas com um sorriso grudado no rosto.
mas é claro que não aconteceu isso... rsrs... essa imagem-sensação de sorriso é só a "síntese" que a memória me deixou no corpo. teve também cara de susto, quando um garotinho começou a chorar, quando o deitei no chão para ver as sombras e luzes no tecido; teve cara de interrogação, quando alguma criança chorava sem motivo aparente; teve cara de "e agora?", quando notei minha calça toda babada por uma garotinha que tentava me escalar... enfim, minhas muitas caras expressavam, sobretudo, meu "não saber" o que fazer ali, nem com meu corpo, nem com o cinema.

mas, afinal, é justamente por isso que optamos por passar muitas manhãs junto às turmas de crianças e profissionais, para inventar um saber (e um cinema) ali mesmo, nesses encontros cheios de sorrisos, surpresas e babados (em todos os sentidos que essas palavras podem ter). um cinema feito de babados... surpresas e sorrisos. e choros, que, apesar de ser algo muito presente entre crianças pequenas, é a parte mais difícil de incluir nas filmagens e filmes. um bom desafio para esse cinema que estamos inventando *com* e *entre* elas.

e teve cinema na sala!

as imagens a seguir são fotogramas das filmagens feitas durante a sessão de cinema produzida pela aliança entre humanos e um tecido azul, cortinas e portas fechadas, luzes da sala apagadas, alguns celulares com a lanterna ligada, alguns brinquedos e recortes de papel com formatos de animais... para um público que ficava embaixo da tela. genial! luzes e sombras que vinham de cima; olhares, mãos e tombos aconteciam abaixo.



não vou escrever sobre essa experiência. penso que os fotogramas acima já nos dão pistas suficientes para pensar *com* as imagens, sem necessitar das palavras. apenas deixo algumas perguntas: que cinema é este que se pode assistir deitado? um cinema que solicita todo o corpo de quem o produz e de quem o assiste? aquelas crianças com as mãos levantadas buscavam tocar em quê? na sombra, na luz, no objeto, no tecido? em tudo isso e também na própria imaginação? que tecnologias e materialidades esse cinema aciona? que outras variações poderíamos inventar a partir desse cinema do berçário?

ainda que aquele cinema atraísse corpos e olhares curiosos, claro que havia crianças encantadas não só por ele, uma vez que, mesmo durante a sessão de cinema, havia também crianças encantadas com outras coisas, andando ou engatinhando pela sala, interagindo com tudo à sua volta: paredes, portas, brinquedos, outras crianças, pessoas adultas, chão... e foi assim a manhã toda, antes, durante e depois do cinema.

Diário_Aurora_05 jun 24_AG1

Quanto mais eu fico no meio das crianças, mais percebo que
nunca c r e s c e m o s.

Na turma do berçário, os pequeninos estranham novas pessoas com tanta mais facilidade; choram com tanta mais facilidade…

Tudo assusta.

é até estranho.

eu, que já vi tanto do mundo
eu, que vi tão pouco do mundo
eu, com a casca marcada de cicatrizes cujas raízes atravessam o peito e o coração
eu, com os olhos e a coluna, com o corpo cansado
de ver e carregar tanto desse mundo comigo
… em silêncio …
eu, que quanto mais envelheço, mais me vejo nos olhos espelhados de lágrimas das crianças
eu só percebo cada vez mais que…

que difícil é ser um recém-nascido
ter que engolir o planeta inteiro de uma vez
que estranho é ter que assimilar tudo num gole a seco
ver a luz de um mundo que você não pediu pra ver
ter que ser aurora onde, antes, a escuridão era tão acolhedora
ter que ser tudo onde, antes, não se era.
que difícil é já ter nascido há décadas
e perceber que nada muda
ou que, no final das contas, muito pouco muda.

a única diferença é que agora, já nascido, eu posso escolher
ser aurora num céu que escolho queimar
ser chama num chão velado de lágrimas salgadas
e ver florescer um jardim de flores que escondo dentro do peito

a vida é frágil
e eu escolho acolher
e deixar crescer; florescer
ser primavera depois de um inverno que congelou minhas sementes e raízes
Eu
Escolho
Me
Permitir
Ser
.

diário wences_12 jun 24_AG1 – visita 2

chegamos, eu, keila e aurora, no berçário, e havia bem menos crianças naquela manhã. gripes e resfriados do início da estação seca e mais fria fazem com que as crianças fiquem em casa.
me esqueci de carregar o celular do projeto, daí que, novamente estávamos somente com nossos próprios aparelhos. propus que inventássemos um dispositivo de filmagem e insistíssemos nele. dei meu celular para aurora, e ela fez várias filmagens com o celular colocado no chão, em várias distâncias da cena. me lembro que, em uma delas, vemos bem de perto os pés e pedaços do corpo de uma das crianças que brincava com areia colorida.
estávamos no solário de outra turma, e estive um bom tempo de pé olhando as crianças circulando por ali. de repente, ao meu lado, notei dois garotinhos próximos ao portão do parque de areia. eles brincavam cada um com um brinquedo. de posse de meu celular, os filmei de cima e em câmera fixa, até que um deles abandonou o brinquedo e saiu do quadro filmado.





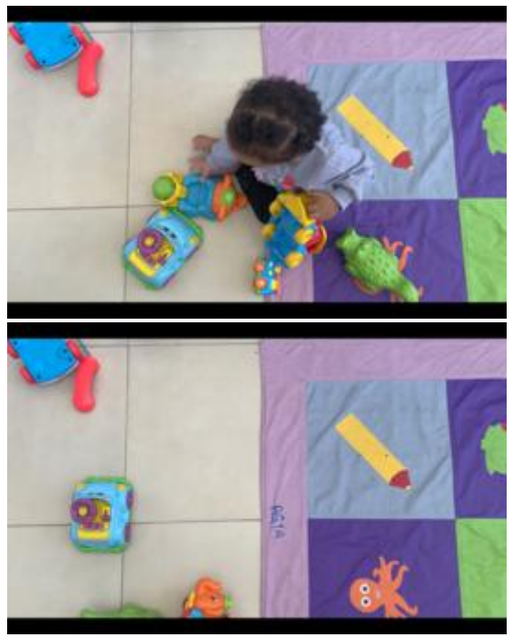
pensei: acho que a maioria dessas crianças pequenas ficam pouco tempo em um mesmo local, em uma mesma descoberta-curiosidade. ali inventei meu dispositivo de filmagem: filmar de cima uma criança enquanto ela brinca-descobre algo no mundo, até que ela abandone o local. assim fiz e componho esse diário com capturas de tela do início e do fim de algumas das filmagens realizadas, sendo que a duração delas varia de menos de um minuto até mais de três minutos.



duas crianças olhavam as galinhas que estão fora do quadro filmado, tendo como restos de suas presenças apenas duas penas próximas do portão.

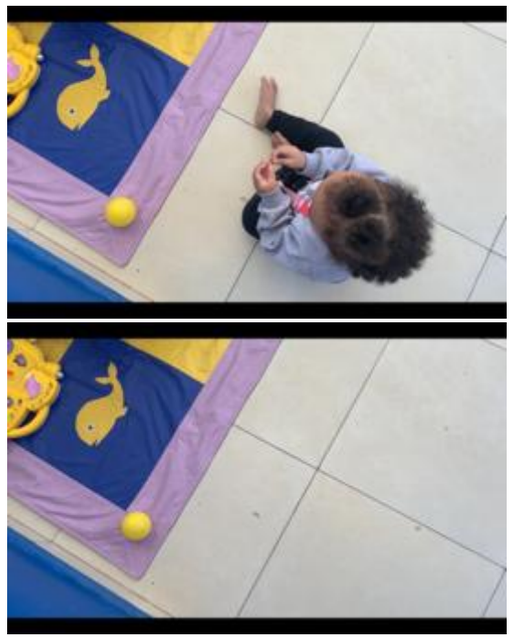


três crianças brincavam de colocar e tirar brinquedos da caixa... até que se foram. somente uma delas levou um brinquedo.





crianças brincando com um ou vários brinquedos. notei que a duração ali não se relacionava à quantidade de brinquedos disponíveis, mas às intensidades da que a criança conseguia extrair das interações. e elas não duravam muito.



essa criança encontrou papeizinhos amassados no chão; pegou um deles e o examinou por algum tempo; depois, o jogou fora e se foi... como ocorria em qualquer outro encontro que ela tinha em seu entorno.

uma vez definido o dispositivo de filmagem, a insistência nele me fez olhar para as interações e alianças que as crianças faziam a partir desse "modo de funcionamento e mirada do cinema": de cima, em câmera fixa e com duração variável, a depender do tempo que a criança permanecesse no quadro filmado.

dali, de "dentro" dessas filmagens, notei que essa maneira de filmar permite que a criança filmada não precise ser identificada, ainda que seja facilmente reconhecida por quem já a conhece. com esse dispositivo aprendi também que a duração variada das interações das crianças estava diretamente relacionada à variedade de descobertas que elas faziam naquilo que tinha ao seu lado e nas suas mãos... e pés e bocas.
por exemplo, já de volta à sala, acompanhei, por quase dois minutos, a aliança entre uma criança e o tapete da sala, até ela sair de quadro enquanto puxava o tapete.



também acompanhei, por mais de três minutos, a aliança de uma criança com o espelho, a qual não pude esperar até acabar porque a garotinha, que ainda não anda, começou a chorar por não conseguir descer de volta ao chão. interrompi a filmagem para ajudá-la.



mas, sem dúvida alguma, a aliança mais incrível foi de uma garotinha com o bebê conforto. foram quase quatro minutos de filmagem, enquanto ela descobria novas partes e materiais e experimentava aquele objeto de muitas maneiras e com várias partes de seu corpo. as capturas de tela da filmagem dizem mais que minhas palavras.













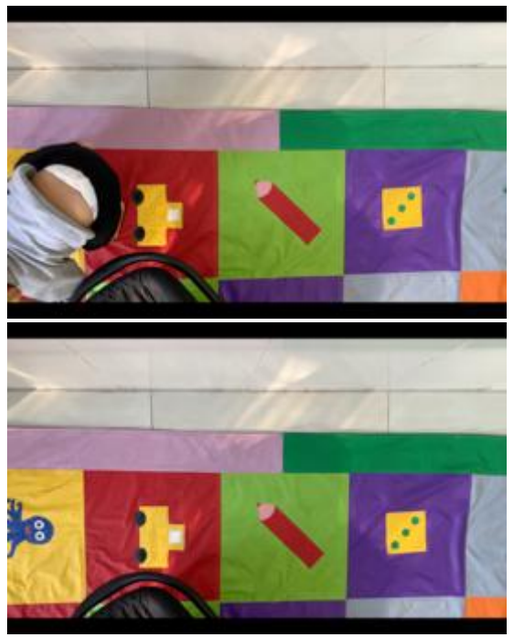












Diário_Keila – Jasywera_12 jun 24_AG1

Os Pés que Não Param

Passinhos curtos, coração valente, desbravando o mundo, contente. Pés que não param, nem se cansam, em cada passo, novas histórias nascem.

Na grama macia, saltam e dançam, na areia fofa, deixam pegadas que encantam. No chão da escola, aprendem e brincam, com cada passo, novos sonhos cintilam.

Pés pequeninos, que não se rendem, mesmo quando caem, de novo se erguem. Com força e coragem, seguem em frente, desafiando o mundo, com passos valentes.

Pés que nos lembram da infância pura, da alegria de viver, sem nenhuma amargura. Eles nos ensinam a nunca desistir e a sempre seguir em frente, com um sorriso a florir.

Então, caminhem, pequeninos exploradores, descubram o mundo, com seus corações flores. Que seus pés nunca parem de andar, e que a vida seja uma linda aventura para se encantar!

Diário_Aurora_12 jun 24_AG1

Relato-montagem audiovisual de 22 segundos. Os seis fotogramas a seguir estão na mesma ordem em que aparecem no pequeno filme.

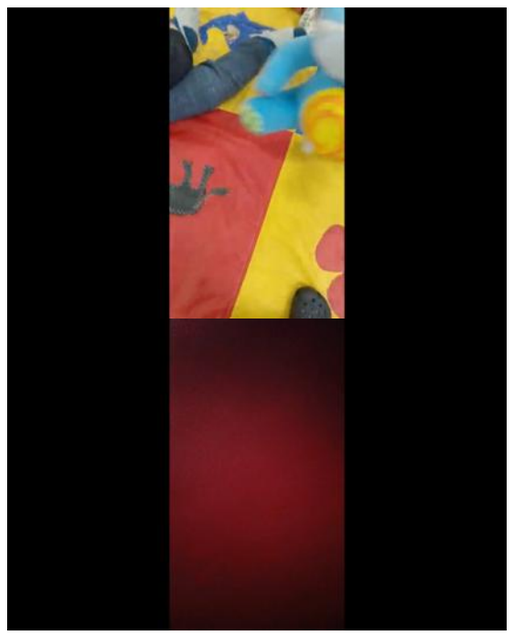


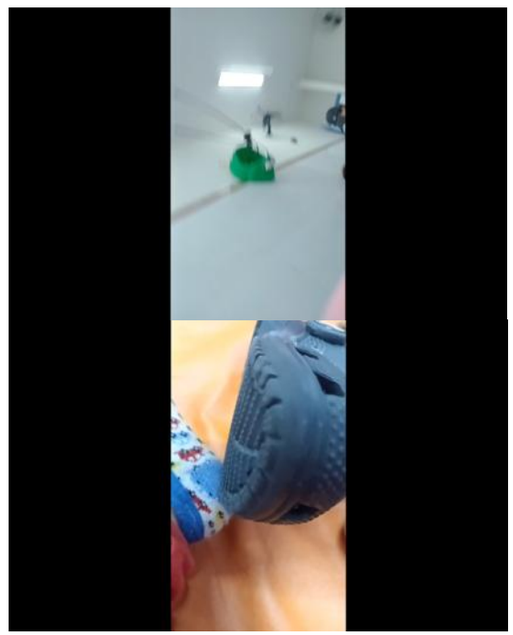


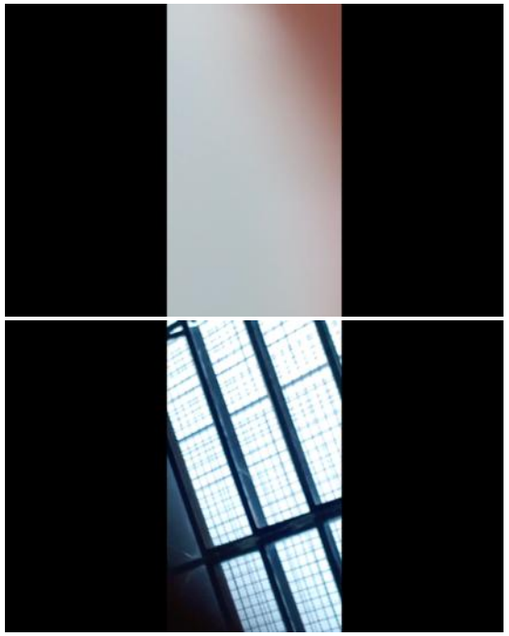
diário wences_03 jul 24_AG1 – visita 3

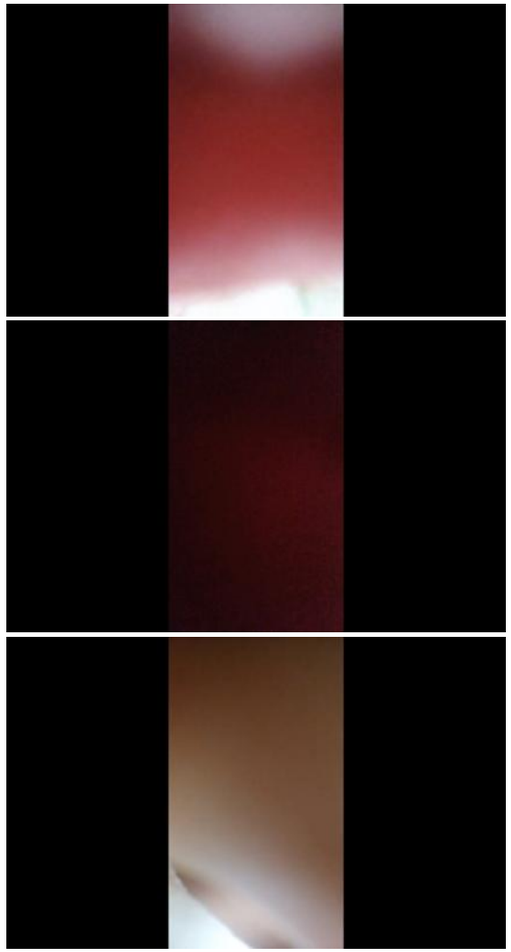
aurora e eu chegamos antes das oito horas à escola. era nosso último dia na turma do berçário e também a última ida à escola do primeiro semestre. chegamos com o celular do projeto em mãos, e, muito rapidamente, ele já circulava pelas mãos das crianças.
no entanto, devido à minha incapacidade técnica, somente mais de um mês depois as filmagens foram baixadas pelo bolsista diogo e pude assistir a elas. [no relato original havia o link para o drive de acesso às filmagens. optamos por retirar para não permitir acesso às imagens brutas, sem terem passado pelos necessários cuidados éticos, apesar de todas as famílias terem assinado os termos do Projeto].
são 44 filmagens (com duração entre cinco segundos e quase nove minutos) e três fotografias realizadas por crianças e pessoas adultas – eu mesmo e a bolsista aurora – totalizando cerca de uma hora de imagens muito variadas que mostram desde tentativas de colocar o celular nas mãozinhas de alguma criança até tentativas de pessoas adultas indicarem para alguma criança o que filmar, passando por filmagens, a grande maioria delas em que alguma criança interage com o objeto-celular.
as crianças fizeram a maior parte das filmagens. aquelas que quiseram segurar o celular caminharam pela sala, tentando sustentar todo aquele peso com suas mãozinhas (o que era efetivamente muito difícil e levava o celular a quase cair várias vezes, gerando filmagens completamente inusitadas) e também ficaram paradas, mexendo no aparelho e em partes do suporte que prendia o celular (o qual foi retirado após notarmos que as crianças conseguiam tirar o pequeno encaixe de plástico dos pés dele e também que era mais fácil para elas segurar o celular sozinho do que ele preso no suporte).
o primeiro garotinho pra quem oferecemos o celular só aceitou segurá-lo quando a monitora da turma o entregou a ele. daí em diante, ficou com o aparelho por um bom tempo, cerca de sete minutos, e as filmagens que vemos mostram principalmente o chão da sala, mas também partes do alto dela, bem como as cores dos dedos que seguravam

o celular, nos deixando "ver" como aquele corpo interagiu com o celular com a câmera voltada para a frente (sem ser em modo selfie), conforme os *frames* a seguir:

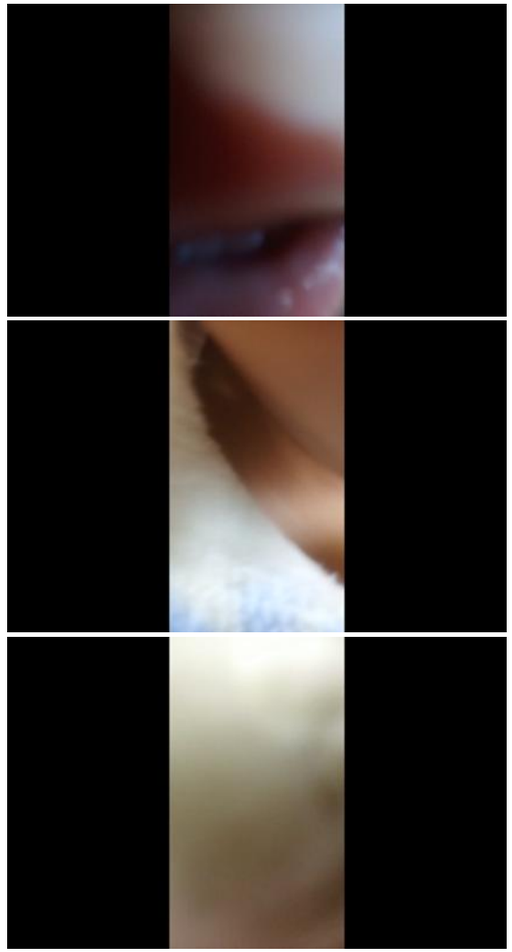








houve uma garotinha que passou um bom tempo com o celular nas mãos, inclusive levando-o até sua boca, enquanto intercalava olhar para várias coisas e chorar (e ser imediatamente cuidada por alguém). as filmagens da interação tátil e gustativa foram feitas com a câmera em modo selfie e são bastante interessantes; seriam mais ainda se pudéssemos ouvir o som dos dentinhos raspando o aparelho. importante dizer que ela não chorou nenhuma vez enquanto "provava e mastigava" o celular:



Diário_Aurora_03 jul 24_AG1

Eu sempre achei que fins fossem parecidos com começos;
talvez porque, no fundo, eles sejam a mesma coisa.

Foi um dia atípico
acho que oito bebês na sala, somente
a Aranza (que nome lindo!) como sempre, radiante!
todas as crianças que estavam no começo dessa jornada estavam no fim também.

é muito cuidado envolvido numa sala de poucas pessoas!

Não sei nem como dizer a saudade que eu vou ficar de tentar entender esses bebês.

acho que é isso

como diria Tim Bernardes em "Meus 26 - Tim Bernardes - Mil Coisas Invisíveis ao Vivo no Sesc Pinheiros 23.09.22"

entre um fim e um recomeço
ou
entre um recomeço e um fim?

diário wences_14 ago 24_AG1-2 – visita 1

cheguei à sala, passava um pouquinho das oito horas, e fui recebido com alegria por algumas crianças que vinham me mostrar coisas e contar algo do que eu, invariavelmente, entendia, no máximo, uma palavra rsrs. mas havia uma garotinha que, sentada próxima à parede, chorava, estranhando minha presença.

não demorou muito e saímos para o refeitório. durante o café da manhã, o celular do projeto começou a circular entre as crianças que quiseram filmar. mas não foi assim tão rápido. antes das crianças quererem segurar o suporte com aparelho, as profissionais da turma fizeram algumas "entrevistas" apontando o celular, em modo *selfie*, para uma ou duas crianças sentadas à mesa do café da manhã. daí a pouco, quando perguntei "quem gostaria de filmar?", já havia várias mãozinhas que queriam segurar o aparelho e sair filmando o caminho até o pátio interno, onde passamos a hora e meia seguintes.

no pátio, o celular fixado no suporte foi disputado por muitas crianças – acredito que todas o seguraram por algum momento –, quase sempre com muita tranquilidade na espera – "agora é a vez dela; depois será você" – exceto uma garotinha que, uma vez com ele nas mãos, não o largava por nada e aprontava um banzeiro quando tentávamos deixar outra criança filmar. após várias tentativas, com muito carinho e cuidado, ela se esqueceu do celular e foi brincar de outras coisas. sim, porque filmar era somente mais uma entre as variadas brincadeiras que ocorreram naquela manhã, especialmente as que foram inventadas em aliança com as caixas de papelão, as quais funcionaram como muitas coisas, tais como casas, escadas, carros, buracos, brinquedos de encaixe, bolas de futebol... e iam sendo desmontadas pouco a pouco até tornarem-se túneis e, por fim, pedaços soltos e espalhados pelo pátio.

enquanto as alianças com as caixas de papelão eram quase sempre coletivas, a brincadeira de filmar era individual, ainda que algumas crianças, especialmente as meninas, buscassem interagir com as educadoras e colegas enquanto seguravam a câmera, sempre voltada para fora, no modo não selfie.

o que as crianças filmaram com o celular do projeto só saberemos quando baixarmos as filmagens em um *drive*, o que irá ocorrer na próxima semana. por hora, trago quatro fotos que tirei com meu próprio celular.









nas duas primeiras fotos, é possível notar que as crianças filmaram muito as coisas próximas (muitas vezes, notei algumas delas apontando algum detalhe das mesas e cadeiras, mas especialmente do chão) e também filmaram muito caminhando pelo pátio, tentando segurar o celular da melhor maneira possível, pois ele é bastante pesado para o tamanho delas. ou seja, em grande medida, as crianças estavam se relacionando com os possíveis modos de experimentar aquele objeto e não propriamente filmando, aliás, talvez seja melhor dizer que estavam "camerando", como diria fernand deligny, para designar aquilo que é captado pela câmera sem a intencionalidade do ponto de vista de alguém.

as duas últimas fotos são de um garotinho autista que não mantém contatos com as pessoas ao redor. na primeira foto, ele olha para a tela, mas não está se vendo, uma vez que a câmera estava voltada para fora. a segunda foto foi tirada no momento em que ele utilizava aquele objeto para "martelar" a trava da porta, indicando que a tela era somente uma das muitas possibilidades de curiosidade e experimentação daquilo que tinha nas mãos.

diário wences_21 ago 24_AG1-2 – visita 2

foi um alvoroço a nossa chegada na turma. aurora estava com um pé quebrado com talas e duas muletas e, após poucos instantes de olhares curiosos, a metade das crianças se agrupou em torno dela, sentada em uma cadeirinha num dos cantos da sala.

ali ficaram conversando e mostrando livros para ela, enquanto fui buscar os dois celulares do projeto.

quando voltei com eles, algumas crianças quiseram filmar. rapidamente, apareceram disputas pelos aparelhos e optamos por recolhê-los e só voltar a disponibilizá-los quando estivéssemos no pátio, após o café da manhã, quando outros materiais e brincadeiras dividiriam as atenções das crianças.

a manhã seguiu agitada e cheia de disputas, choros e rusgas entre as crianças. não foram somente os celulares os motivadores disso: a própria presença minha e de aurora, o número grande de crianças presentes, a agitação de um dos garotos autistas da turma, a inventividade de algumas crianças, a renitência de outras... enfim, coisas que fazem de uma escola infantil uma comunidade imprevisível e acolhedora atuaram para que aquela tenha sido uma manhã de muita agitação.

as filmagens aconteceram no pátio interno, após a deliciosa atividade com massinha, na qual as crianças ficaram ao redor daquela grande mesa composta por muitas e muitas mesinhas encaixadas umas às outras. foi um tempo de relativa calma. ao saírem dali e espalharem-se pelo pátio, entregamos os celulares com as câmeras colocadas (quase sempre) em modo selfie.
notei que um garotinho girou a câmera para o "outro lado" assim que se viu na tela; dessa maneira, ele fez suas filmagens sem ver a tela, mas, sim, a capa do celular, garantindo, então, que filmava o entorno e não a si mesmo. ele foi um dos que mais filmou na semana anterior (quando as câmeras estavam fora do modo *selfie*) e quis filmar também nesta semana. deixou clara sua preferência por filmar o mundo e não a si mesmo.
não reparei se outras crianças fizeram o mesmo que ele. terei que olhar as filmagens, o que farei mais adiante, após tê-las salvado no *drive* do projeto para compartilhá-las com as demais participantes do projeto.

na verdade, ainda não conversamos sobre como iremos fazer o compartilhamento das filmagens que estão sendo realizadas pelas crianças, uma vez que há questões éticas e estéticas a serem pensadas conjuntamente, de modo a definirmos qual será a amplitude desse acesso às filmagens originais: as pessoas envolvidas no projeto? as profissionais da turma? as pessoas que quiserem utilizá-las para produzir filmes ou outros materiais audiovisuais a serem partilhados com a comunidade escolar ou enviados para mostras de cinema e educação? ...
é importante fazer isso uma vez que não sabemos o que há nelas, pois as crianças tomam os celulares nas mãos e saem pelo pátio afora, filmando, conversando, esquecendo-se deles enquanto as câmeras seguiam filmando... ao escrever este relato, me perguntei: e se filmaram algo que seja constrangedor para outra criança ou para alguma pessoa adulta que estava presente ali?
essa pergunta já deveria ter me ocorrido anteriormente, uma vez que as crianças já vêm realizando filmagens desde junho. Então, pensei: por que só agora essa pergunta me chegou, após uma manhã especialmente agitada, com momentos de disputa pelos aparelhos? por que ela não me ocorreu quando passei uma manhã em meio a motocas, no pátio, com a primeira turma de crianças que teve em mãos os celulares do projeto? ou durante as semanas em que estivemos no berçário?
de toda maneira, não mais compartilharei o *link* para o *drive* antes de definirmos qual será nossa política para a circulação das filmagens feitas pelas crianças.

após retornarmos para a sala, a professora iniciou um delicioso cinema no teto (e na parede), utilizando-se da lanterna de seu próprio celular e de rolinhos de papel higiênico (já sem o papel higiênico) com desenhos feitos em papel celofane numa das pontas, conforme podemos ver nos fotogramas das filmagens que realizei com um dos celulares do projeto.





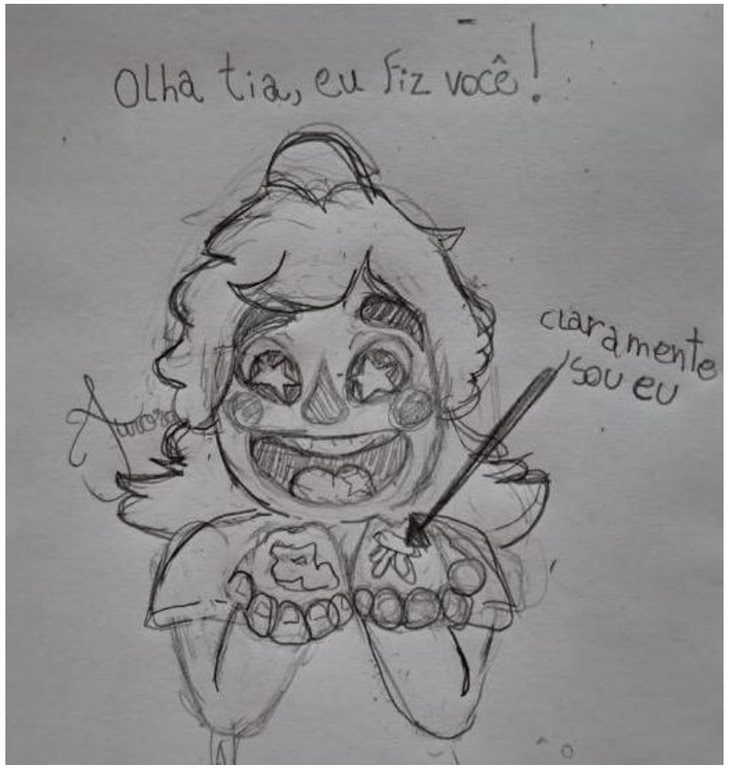


esse cinema não acontecia somente com a projeção das imagens, mas também com a intensa interação das crianças com as imagens. quando a imagem estava no teto, havia mãos levantadas e frases dirigidas às personagens que apareciam; quando estava na parede, as mãos iam até lá tocar nela. aos poucos fui descobrindo que aquela turma já conhecia aquelas personagens projetadas ali. elas tinham, inclusive, nomes próprios. eram, portanto, "filmes" já assistidos; filmes cujas histórias as próprias crianças contavam, incentivadas pelas profissionais da turma.

aquele cinema, experimentado com o corpo coletivo daquela turma de crianças, era bastante ruidoso e fluido, pois, todo o tempo, escutávamos falas, conversas, gritos alegres e risadas, bem como acompanhávamos as crianças a andar, dançar, acenar, sentar-se e levantar-se naquela penumbra; gestos que emergiam daquela experiência de ver imagens luminosas projetadas numa superfície dentro de uma sala escura: uma clássica experiência de cinema. mas aquela não foi, definitivamente, uma clássica experiência de cinema, com os corpos parados e silêncio.
mas, certamente, foi uma experiência de cinema expandido, em que os objetos que faziam "aquele cinema" (rolinhos, luzes projetadas...) se misturavam aos objetos que fazem o "nosso cinema" (câmeras e celulares), levando uma das crianças a segurar um rolinho de papel como se fosse um celular e filmasse o filme: cinema dentro de cinema.

aquele cinema tinha a potência das múltiplas aberturas, pois a própria condição de sua existência podia se romper com a simples puxada de uma cortina (que clareava toda a sala e fazia sumir a imagem projetada no teto). e, é claro, que isso aconteceu várias vezes...

Diário_Aurora_21 ago 24_AG1-2



diário wences_28 ago 24_AG1-2 – visita 3

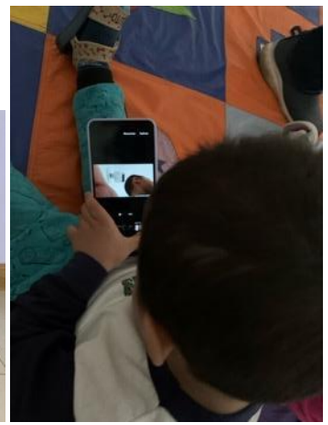
chegamos, a bolsista aurora e eu, por volta das oito da manhã, em uma turma muito tranquila, com pouco mais da metade das crianças que estavam presentes na semana anterior. alguém me disse que doenças respiratórias típicas do período da seca somadas a gripes e resfriados tinham segurado em casa muitas crianças, além da professora e uma das monitoras da turma. quando entramos na sala, uma boa parte das crianças estava sentada no tapete ou no bebê conforto, assistindo televisão, aguardando o horário do café da manhã.

somente após o pãozinho com leite, fomos para o pátio interno e perguntamos quem queria filmar com os celulares do projeto. logo apareceram mãozinhas levantadas, mas foram poucas as disputas pelos celulares ao longo daquela manhã. houve momentos, inclusive, que eles foram deixados de lado.

o suporte para segurar o celular havia quebrado na semana anterior e, para minha surpresa, cada criança inventou sua própria maneira de segurar o celular. essas distintas maneiras de segurar o aparelho não eram exatamente um jeito próprio daquela criança, mas, sim, o jeito que ela encontrava para filmar aquilo que queria. ou seja, o jeito de segurar o celular me pareceu um afeto-efeito do mundo no corpo-câmera: algo do mundo-entorno afetava (chamava a atenção de) um corpo-câmera, e essa "afetação incorporada" configurava um jeito de segurar o celular como o modo de entrar em relação com esse algo, que variava bastante de criança para criança – alguma parte do chão, outra criança na motoquinha, ela fazendo caretas, um banco, uma cadeira, as pessoas adultas, embaixo das mesinhas...




essa atenção variava numa mesma criança que, ao demorar-se com a câmera nas mãos (ou em somente uma delas), ia inventando diferentes modos de se relacionar com aquele objeto em suas relações com o entorno... até que vi um garotinho que começou a se relacionar com a própria tela. não apenas se vendo na tela, mas tocando todos os signos que apareciam nela, até "descobrir" como desligar e ligar novamente a gravação. coloquei "descobrir" entre aspas, porque me pareceu que ele pouco ligava para gravar ou parar a gravação de alguma coisa; o que lhe interessava era experimentar atuar na imagem que via, produzindo variações nela... chegando mesmo a clicar no signo que reproduzia a filmagem que ele havia feito dele mesmo.

ele parecia se cansar de "ver a mesma coisa" na tela e tocava o dedinho em alguma parte dela até que algo se alterava ali. não queria ver ou filmar algo, queria produzir variações na tela. a tela era seu brinquedo. até que se cansou dele... e foi brincar com outras coisas do mundo ao seu redor.



o mesmo cansaço e abandono dos celulares aconteceu quando foram presos em duas motoquinhas guiadas por duas garotinhas. ao final, uma delas desceu do veículo e

colocou ali uma bola. era uma instalação – e também um gesto de propriedade –, pois ela ficou ali ao lado e impedia qualquer outra criança de pegar a bola ou a motoca. até que também ela se foi, afetada por outra coisa do mundo-pátio ao seu redor.





foram muitas e muitas filmagens, ainda não assistidas. primeiro, estamos baixando todas elas para um *drive* na nuvem para depois passar todas para o hd externo do projeto, de modo a poderem ser acessadas por todas as pessoas que dele participam.
ainda que eu possa imaginar como ficaram algumas das filmagens (por ter acompanhado algumas das crianças enquanto filmava, como o garotinho que adora filmar o chão e a garotinha que buscava filmar as pessoas adultas ali presentes), a maioria delas me escapa totalmente à imaginação, pois foram feitas pelas crianças que andavam todo o tempo pelo pátio (com os próprios pés ou de motoquinha), impossíveis de serem acompanhadas por minha mirada.

ao final, por volta das dez da manhã, retornamos para a sala e, novamente, a maioria das crianças se sentou para assistir à televisão.



foi mesmo uma manhã quase oposta à da semana anterior, que havia sido plena de alvoroço, disputas, choros e agitações. enfim, como sempre ouço das profissionais das escolas, mesmo numa mesma turma de educação infantil, "um dia nunca é igual ao outro".

Diário_Aurora_28 ago 24_AG1-2



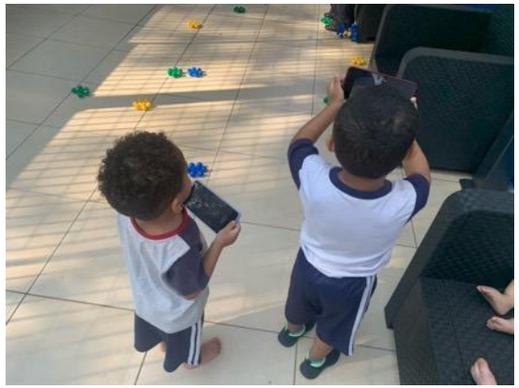
diário wences_01 set 24_AG1-2 – visita 1

era uma manhã quente quando cheguei à sala onde a turma aguardava a hora de sair para refeitório e tomar seu café da manhã. após os habituais abraços e beijos de boas-vindas nas profissionais, já tinha ao meu redor algumas crianças com mãos e brinquedos estendidos para mim.

não poderia haver melhor recepção para a primeira das três manhãs que eu passaria entre aquelas pequenas e grandes criaturas, disponibilizando os celulares do projeto para que as crianças filmassem o que quisessem e experimentando assistir, na tevê da sala, aos filmes selecionados nas mostras kino campinas em que aparecem crianças pequenas. duas dimensões interligadas do cinema na escola: produzir e assistir a imagens e sons.

somente após sairmos do refeitório e chegarmos a um dos pequenos pátios externos da escola, perguntei, com os dois celulares nas mãos, "quem quer filmar?". isso bastou para iniciarem algumas disputas pelos aparelhos, ainda que tenham sido poucas as vezes que aconteceram empurrões entre os candidatos e candidatas a cineastas mirins. na maior parte das vezes, bastava eu dizer "deixe ele/ela filmar um pouquinho. depois é você" para que se dispersassem e fossem brincar de outras coisas. acredito que metade das crianças realizou filmagens. a outra metade nem se interessou em fazê-las.

aquelas que seguravam os celulares rapidamente saíam pelo pátio a filmar. não faço ideia do que aquelas imagens irão nos mostrar, pois ainda não consegui descobrir uma maneira de descarregá-las com rapidez e tranquilidade. no entanto, me lembro de ver crianças interagindo com outras e também com as pessoas adultas ali presentes, bem como filmando detalhes do chão, das paredes, das cadeiras, dos brinquedos. me lembro também de ver crianças segurando o celular sem olhar para sua tela, mas, sim, mirando outra coisa, como na linda cena a seguir, em que um filmador olha para o que o outro está filmando.



mas o que mais me lembro é de descobrir que o celular já não mais filmava, pois a criança havia tocado em alguma parte dele que paralisava a gravação ou mesmo saía da câmera. as telas são muito sensíveis aos toques, e os aparelhos um tanto pesados para serem segurados por aquelas mãozinhas... qualquer movimento levava a tocar em alguma parte da tela que paralisava a filmagem. com a exceção desse garotinho que aparece filmando e olhando para a tela, todas as demais crianças vieram até mim para mostrar que tinham saído da tela de filmagem.

de volta para a sala, propus que assistíssemos às *playlists* com a seleção de filmes das mostras kino ii, iv e v, as quais já se encontravam no canal cineclube bety benjamin.
colocamos a primeira *playlist*, a professora e eu nos sentamos no chão assim como uma boa parte das crianças, que assistiram aos primeiros dois ou três filmes com bastante interesse. depois foram se dispersando aos poucos. uma possibilidade para isso ter ocorrido é o fato de que alguns filmes tinham o som muito baixo, o que chamava menos a atenção delas. a sonoridade, especialmente se for de uma música, atrai bastante as crianças. isso foi notado quando começou um filme que tinha música (e o som era mais alto), e aí as crianças foram dançar em frente à tevê. além disso, quando a professora, alguma monitora ou eu chamava a atenção para algo na tela, muitas das crianças paravam para olhar e ficavam um tempo prestando atenção no que se passava na tevê. Depois, dispersavam novamente. um ir e vir de (des)atenção às imagens e sons.
as fotos a seguir foram tiradas durante os cerca de 45 minutos em que os filmes estiveram na tela da tevê.













nelas podemos notar que houve momentos de muita atenção outros de total dispersão diante dos filmes. na primeira foto, vemos que quase todas as crianças estavam atentas ao que era transmitido na tevê. quando colocamos a primeira *playlist*, a professora chamou as crianças para olharem para a tevê e sentou-se junto delas. quando perguntei "você notou se houve diferença de atenção a esses filmes e aos que elas estão habituadas a assistir?", ela me disse que normalmente não chama as crianças para olharem para a tevê e que dessa vez o fez. talvez esteja aí a chave para entender o

grande interesse inicial, o qual foi se desfazendo aos poucos, voltando a aumentar em alguns momentos em que havia música mais alta ou alguma imagem que chamava mais a atenção das crianças, como ocorreu com a da borboleta do filme "voando em outro lugar", realizado pela aline arena e disponível no canal cineclube bety benjamin – https://www.youtube.com/watch?v=akyxsnfpo-a&t=23s –, para o qual a atenção não durou muito, como podemos ver na quinta e sexta fotos acima (início e final do mesmo filme sobre as borboletas). a narrativa contada no filme não manteve a atenção das crianças. o mesmo ocorreu com outros filmes.
nas segunda, terceira e quarta fotos, podemos notar que as crianças que miravam a tevê variaram bastante, bem como a posição corporal em que assistiam aos filmes.
a foto a seguir foi tirada quando as *playlists* da mostra kino finalizaram e "apareceu", na tela da tevê, um programa já conhecido delas. um dos programas que as crianças pedem para ver, conforme a professora.



mas essa atenção toda não durou até o programa acabar...

diário wences_18 set 24_AG1-2 – visita 2

chegamos, a bolsista aurora e eu, com a turma já no refeitório. porém, antes de ir para lá, fui até a sala para deixar minha mochila. quando cheguei ao refeitório, notei a ausência da professora em meio à recepção sempre alegre e bem-humorada das monitoras e crianças.
daí a pouco caminhamos de volta para a sala, mas antes de chegar a ela saímos para o solário, onde estava a professora com aquilo que haviam preparado para "aproximar" as crianças do leite, talvez porque raras delas tomem o leite oferecido em algumas refeições na escola. "aproximar" talvez não seja o verbo mais pertinente para falar do processo educativo que se desenrolou, pois, em momento algum, o leite – aquele líquido branco – esteve presente e, ao mesmo tempo, todas as coisas – palavras, imagens, comidas... – que foram trazidas para ali diziam respeito a ele, desde as perguntas "quem gosta de queijo?", "sabiam que o queijo é feito do leite?" até o próprio queijo servido em pequenos pedaços e comido por quase todas as crianças e adultos ali presentes, passando pelas obras audiovisuais mostradas na televisão da sala: o documentário de um garotinho numa fazenda, onde ele tirava e bebia o leite da vaca, e um desenho animado em que uma das personagens principais era uma vaquinha.
confesso, no entanto, que não tenho muita certeza se as crianças se "aproximaram" do leite, pois, enquanto essas imagens e sons aconteciam na sala, eu estava atento às crianças que filmavam com os celulares do projeto, os quais foram para as mãos delas logo que chegamos no solário e seguiram com elas, quando fomos para a sala assistir a essas obras audiovisuais. E, enquanto elas filmam, tenho que ficar atento a duas coisas: se elas não tocaram em alguma parte da tela e pararam de gravar e se não está havendo alguma disputa por algum dos aparelhos. na verdade, notei que as disputas ocorrem, principalmente, quando eu tomo um dos aparelhos nas mãos; aí aparecem várias mãozinhas e carinhas voltadas para as minhas mãos. foram muito raras as vezes que uma criança tomou o celular das mãos de outra. por outro lado, não são raras as vezes que

elas desligam a gravação. por isso, há muitas e muitas filmagens que duram menos de trinta segundos: o tempo de elas mudarem a posição das mãos para segurar o aparelho, seja para filmar algo, seja para ficar brincando com o próprio celular, como fez o garoto que ficou girando-o em suas mãos.



Então, fico, ficamos, toda hora olhando as telas para ver se seguem gravando ou se nada está sendo filmado naquela interação de uma criança com o aparelho e na interação daquele corpo-câmera com o seu entorno.
sim, porque as crianças que pedem para filmar o fazem especialmente para interagir com as outras pessoas, crianças e adultas. ainda que tenha acontecido de um garotinho ter me pedido o celular para filmar, por entre as grades do portão, as galinhas d'angola comendo ali bem próximas, a maior parte do tempo, os celulares se voltavam a filmar alguém. esse foi o caso do garoto, bastante tranquilo e o mais alto da turma, que mais ficou com um dos celulares. ele o segurava com destreza, caminhava e se aproximava das pessoas mais diversas e começava a filmá-las, dando sorrisos ou imitando as caras e bocas que as pessoas faziam e ele via na tela, bem como fazia posições corporais muito singulares enquanto filmava. para ele, o celular foi um instrumento para se relacionar com os outros e também para relacionar-se com seu próprio corpo.



ao fundo de uma das fotos acima, podemos ver outro garoto filmando o pátio de areia, utilizando-se da mureta como suporte para ajudá-lo a sustentar o celular.
não consigo acompanhar os muitos modos como as crianças seguram, mexem, apontam, giram, soltam, caminham e interagem com o entorno, quando estão com os celulares em suas mãos.
no entanto, posso dizer que esses modos variam muito e vão desde a decidida garotinha que me pediu para filmar e logo caminhou até um certo ponto do solário para registrar algo, até outra garotinha que, assim que o celular ficou em suas mãos, ficou paralisada,

sem dar um único passo, segurando-o como algo frágil. estariam essas diferenças vinculadas aos diferentes modos como essas crianças manipulam os celulares de seus familiares?

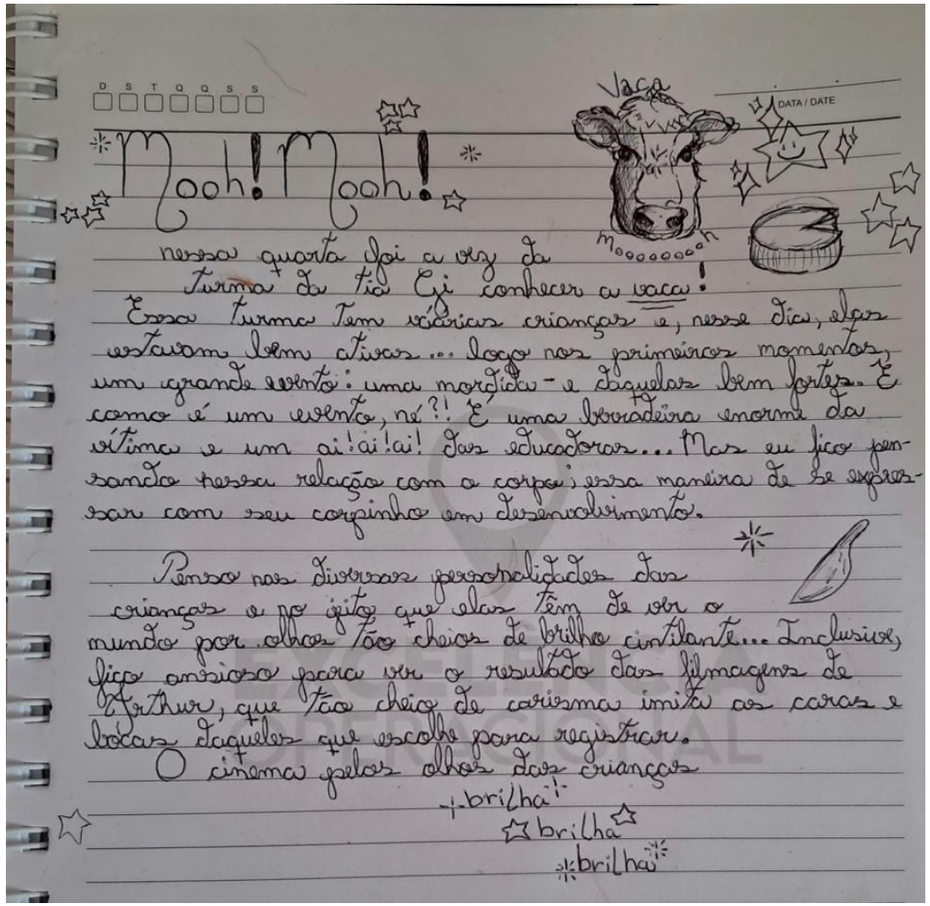




ainda não sei o que veremos nas filmagens que elas fizeram, pois estou tendo certa dificuldade para baixá-las em um *drive* passível de ser compartilhado com as profissionais da turma para que possamos pensar a partir delas e, inclusive, inventar filmes com elas. finalizo este relato com uma foto que, sem ter essa intenção, registrou o meu próprio gesto de fotografar na filmagem que a criança realizava em modo selfie. e (me) pergunto: que cara essa criatura estava fazendo nessa hora? só a filmagem nos dirá.



Diário_Aurora_18 set 24_AG1-2



diário wences_25 set 24_AG1-2 – visita 3

chegamos à escola, eu e o educador audiovisual felipe leal, pouco após às 8 horas da manhã. ele já desenvolveu vários projetos de cinema na escola na paraíba, junto à semente cinematográfica, mas nunca com a educação infantil. quis conhecer nosso projeto e passou duas horas em meio às crianças, profissionais e vidas não humanas que habitam a bety pierro.

a turma já estava no refeitório, mas precisamos ir até a sala de referência para colocar os celulares para carregar. Felipe, o dele; Eu, os dois celulares do projeto.

quando nos aproximamos, fomos recebidos com a mesma alegria de sempre. abraços, beijos, sorrisos, mãozinhas levantadas e palavras dirigidas a quem chega perto, e já perguntei: “quer mais pãozinho?”. após o aceno com a cabeça, lá fui eu atrás da cestinha para trazer mais um pãozinho com manteiga para aquela garotinha tímida, sentada numa mesa com outras crianças, incluindo dois garotinhos bastante agitados e conversados. ainda que eu entenda menos da metade do que falam comigo rsrs

dali fomos para o pátio externo que fica na entrada da escola, onde ficam cadeiras e um sofá de vime. fui buscar os celulares do projeto e os entreguei para duas crianças que quiserem filmar. dali a pouco, a professora trouxe um saco com balões coloridos para serem enchidos e disponibilizados para as crianças. um agito que foi logo seguido por outro: a chegada das motoquinhas.

só me lembrava dos celulares quando alguma criança me trazia de volta para mostrar que não estava mais filmando ou para me devolvê-lo (o que era bem mais raro).

naquela manhã, havia um garotinho especialmente animado com a vida. ele tanto fez que abriu o portão do pátio e escapou para a pequena rampa-escada da entrada da escola. fui atrás e o trouxe de volta. ele chorou, e ofereci o celular para que filmasse. ele aceitou e saiu filmando dentro do pátio. colocava o celular escorado numa muretinha e interagia com ele. depois pegava e saía caminhando com o aparelho voltado para baixo, sem olhar para a tela. de repente, lá estava ele escapando do pátio com o celular na mão

e o portão aberto de novo. “henrique”, falei, e ele me ofereceu o celular ainda ligado. me entregou e, com um sorriso no rosto, lá se foi subir e descer a rampa e a escada. desisti de levá-lo ao pátio, e o resultado foi uma avalanche de outras crianças cruzando o portão e ocupando alegremente o pequeno espaço da entrada; inclusive, tentando escapar para o pátio interno. “vamos voltar fulano”, “vamos voltar sicrana”. de nada valiam as minhas tentativas. a professora teve que intervir para que aquelas criaturinhas voltassem para o pátio onde estava o restante da turma.
em meio a esse agito todo, de vez em quando via o felipe rodeado de crianças. já havia até deixado o próprio celular pessoal nas mãos de algumas delas. e era muito filmado, como podemos notar nas fotos a seguir:





como persiste a minha dificuldade técnica e de tempo para baixar as filmagens dos celulares, não tenho conseguido ver aquelas que foram realizadas e trazer os relatos, ou mesmo disponibilizá-las para as profissionais das turmas. espero resolver isso o mais breve possível.

quando voltamos para a sala, as filmagens continuaram. dessa vez, reparei que os celulares estavam transformando-se em brinquedos como os demais, disponíveis para a fabulação e a imaginação das crianças fazê-los funcionarem como várias outras coisas: entre elas, alguns tipos de comida que precisam ser temperadas, um “tipo especial de brinquedo” no qual as pessoas adultas deslizam os dedos e, por que não, telefones para falar e escutar quem está distante.













foi uma deliciosa surpresa quando a garotinha que, no primeiro dia, havia somente segurado delicadamente o celular com as duas mãos, como uma oferenda, sem filmar nada, veio até mim, pegou um dos aparelhos e saiu pela sala interagindo com as demais crianças e as pessoas adultas por meio do cinema. e, claro, teve o momento de interagir comigo: se aproximou, olhou a tela e, depois, para mim.

Relato_Felipe Leal_25 set 24_AG1-2

A minha primeira impressão quando entro na escola é a de que ela é muito bem cuidada. Percebo isso na organização do espaço, nas cores e na limpeza das salas. Pode parecer pouco, mas essa sensação de cuidado me afetou como se eu estivesse sendo acolhido antes mesmo de conhecer as professoras e as crianças da escola.

Meu primeiro contato com a turma se deu no refeitório. Como as crianças estavam se alimentando, preferi me aproximar, primeiramente, das professoras e monitoras. Dentre elas, escolhi conversar com aquela que cuidava de Bruno (nome fictício), uma criança que parecia ter uma paralisia cerebral. Bruno parece ser cego, e sua condição de saúde torna difícil a sua locomoção e a interação com os seus pares. No contato com quem parecia ser o ser mais vulnerável do ambiente, conheci um pouco sobre o funcionamento da escola, as profissionais envolvidas e as dinâmicas com as crianças.

Na área externa, um pequeno pátio ao lado da saída da escola, vivi a primeira experiência criativa com elas, mediada não apenas pelos celulares, mas também por outros objetos e brincadeiras que circulavam pelo espaço. Em meio ao "devir-criança" – como o professor Wences nomearia em uma conversa posterior –, eu encontrei um modo de participar condizente com a minha condição de adulto estranho a elas: me sentei no chão e aguardei que elas se aproximassem.

Como a maioria delas não se comunica de forma verbal, a minha aproximação ocorreu inventando diferentes modos de afetá-las. Por exemplo: peguei uma pequena folha seca e pontuda de uma árvore que nos sombreava, e risquei a palma das suas mãos todas as vezes que elas se aproximavam. Muitas davam risada, e entravam na brincadeira, inicialmente imitando o meu gesto, depois expandindo as possibilidades com as suas próprias ideias… juntando folhas para colocar nas minhas mãos, batendo nelas para cair tudo no chão, depois juntando de novo para jogar pra cima.

Outra brincadeira significativa pra mim foi com os balões coloridos. Cada criança inventava um modo de brincar com eles interagindo diretamente com a sua materialidade – uma estrutura ovalada colorida e flexível – apertando, alongando, colocando embaixo da roupa, jogando para o alto ou chutando, olhando para mim através das suas cores, batendo na minha cabeça ou na da colega.

Percebi que o objeto "balão" ora nascia na brincadeira como ele mesmo – algo que precisa ser reconhecido pelo corpo para existir de fato para elas –, ora virava um elemento que possibilita um trânsito – uma presença que despertava outros modos de se relacionar com o espaço e com os seres.

Quando o celular entrou na brincadeira, esse comportamento se repetiu. O celular enquanto objeto retangular de plástico ia para as mãos, para a boca, às vezes, ia para o chão, ou era abandonado por outro brinquedo que despertasse maior interesse. Mas, quando as crianças brincavam de criar imagens, uma outra dimensão nascia para elas: a do olhar. Um olhar que percorre o espaço filma os seus pares, os adultos, as árvores, os bichos, às vezes se joga no meio da turma e vive uma interação intensa no mundo, às vezes se afasta para ver de longe, às vezes faz tudo isso em silêncio, às vezes narra o que vê.

Quando a criança cria uma imagem conscientemente, nasce um corpo que observa e inventa um olhar. Esse corpo olha e caminha pelo espaço de uma forma diferente de antes, escolhe o que filmar e fica presente no que filma Quando perde o interesse, desconecta os olhos do celular, e ele vira mais um brinquedo, como os outros… então, o corpo muda.



Brincadeira de esconder e aparecer (o famoso "achou!")

As fotos acima foram feitas durante uma brincadeira que brotou no meio de uma filmagem. Nela, eu experimentei uma intersecção entre os diferentes corpos citados. A criança me filma conscientemente, então, eu proponho, com os meus movimentos, a brincadeira de esconder e encontrar. Nessa brincadeira, é a conexão entre os nossos olhos que faz a criança assumir que eu estou escondido ou que fui encontrado. Quando reconhece a minha proposta, ela se desconecta da tela, e passa a procurar os meus olhos diretamente. Ela sai do corpo de criadora da imagem, e passa a tratar o celular como um objeto retangular que está obstruindo ou revelando os meus olhos no curso da nova brincadeira. Em alguns momentos, ela volta os olhos para a tela, e inclui a nova brincadeira no plano que está produzindo. Nesse instante, o celular dela vira uma câmera-olho, enquanto o meu é o obstáculo que sustenta a dinâmica da brincadeira de esconder e encontrar os meus olhos.

Quando fomos para a sala, as professoras ofereceram vários objetos recicláveis para estimular a criatividade e a imaginação das crianças, e o celular se manteve presente nesse devir, me revelando a potência que a imagem tem quando é abordada no contexto do “brincar heurístico”. Ela se torna mais um elemento entre tantos outros, que pode ser experimentada pelas crianças em uma interação livre com o corpo, o espaço e com os seres humanos e não humanos que habitam a escola.

Eu fiz o mesmo que antes. Sentei, encostado em uma das paredes da sala, e aguardei que as crianças se aproximassem. Ao meu lado, estavam Bruno, deitado no chão, e sua cuidadora, sentada em uma cadeira. Bruno passou a maior parte da manhã sendo atendido pelos profissionais da escola. Posso estar enganado, mas, até aquele momento, eu não havia presenciado nenhuma interação entre ele e as demais crianças da turma. Por isso, me comovi com o momento em que duas crianças com os celulares do projeto se aproximam para filmá-lo, inventando um gesto de carinho com a imagem. De algum modo, Bruno percebeu a presença e intenção das crianças, sentiu o carinho e abriu um sorriso. Algumas crianças seguiram as colegas e também se aproximaram de Bruno no momento da interação mediada pelas imagens.

O que move, nas crianças, o gesto da criação de uma imagem? O que as leva a filmar algo? O que as faz perder o interesse, poucos segundo depois: uma garrafa de plástico, um pedaço de papel ou o grito de uma colega? O que as faz voltar a filmar?

Imagino que, diferente de nós, adultos, que performamos em uma sociedade audiovisual, os sentidos da audição e da visão nas crianças estão em pleno desenvolvimento com todos os outros. Seu corpo é pura potência sinestésica. Então, é muito provável que elas criem uma imagem a partir da unha do dedão do pé, ou do buraco do umbigo. Mais provável ainda que o façam a partir do coração.

diário wences_09 out 24_AG2 – visita 1

chegamos, a bolsista aurora e eu, era por volta das oito horas. a turma estava no pátio interno-refeitório e nos recebeu com a mesma alegria de sempre. em uma outra grande mesa ao lado, estava uma outra turma da professora, na qual já havíamos estado no primeiro semestre. foi com ela que aurora se foi e passou a manhã. eu segui para o parque de areia com a turma da professora carmen, as monitoras vanessa e renata e uma estagiária de pedagogia da unicamp cujo nome esqueci.
quando cheguei ao parque, as crianças já estavam espalhadas por ele, cada qual em suas brincadeiras coletivas ou individuais. "quer filmar?", perguntei para as crianças mais próximas e nenhuma quis. aguardei. daí a pouco, a professora conversou com um dos meninos, e lá veio ele pedir o celular para filmar. bastou um querer para que outras mãos se levantassem querendo filmar. mas colocamos certa ordem de filmagem: depois você, e você e você... foram poucos os momentos de disputa pelo celular. o garotinho que foi o primeiro a filmar, inclusive, passou o aparelho para outra criança após ter filmado quase todas as pessoas ali presentes, parado algumas vezes no gira-gira para olhar a tela e filmando algumas brincadeiras bem de perto. me parece que só uma criança consegue filmar uma brincadeira de outras crianças sem que a brincadeira seja interrompida ou alterada. estou curioso para ver as filmagens que levaram a capa do celular a ficar bastante suja...



depois dele, muitas mãos seguraram o celular, especialmente de meninas. filmavam principalmente as pessoas beeeeeeeeeeem de perto, praticamente colando o celular na testa de quem era filmado, eu inclusive. quando pedi para uma garotinha filmar a areia, ela rapidamente se agachou para filmar tudo de muito perto. o que será que essas imagens mostram?
foi essa mesma criança que, em outro momento, quando estávamos no pátio coberto, assistindo a um desfile de cabelos (e corpos), que, aproveitando que eu estava sentado e com várias crianças brincando sobre mim, decidiu sentar-se entre minhas pernas para filmar o desfile de longe.



foi dessa posição que ela interagiu com outra garotinha que estava ali ao lado, o que me permitiu tirar essas fotos em que a interação se fazia com caretas e mais caretas, bem como podemos notar que existe um hiato de tempo entre o rosto da criança e a imagem que aparece na tela: dois momentos da mesma careta.





foi justamente essa outra menina que tomou o celular nas mãos em seguida.

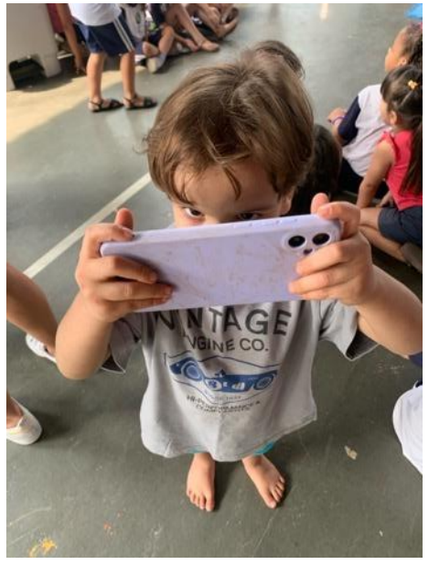


ela segurava o celular quando a professora chamou a turma para desfilar. lá foi ela com o celular nas mãos, ora filmando alguma coisa que queria, ora somente segurando o celular voltado ligeiramente para o chão, como aparece na foto acima. certamente, foram as filmagens mais inusitadas do desfile. e olha que tinha muita gente adulta filmando...

dela, o celular foi para as mãos de um dos garotos que estava brincando sobre o meu corpo sentado. e ele fez inúmeras aproximações e distanciamentos de meu rosto, me mirando tanto pela tela quanto por fora dela.



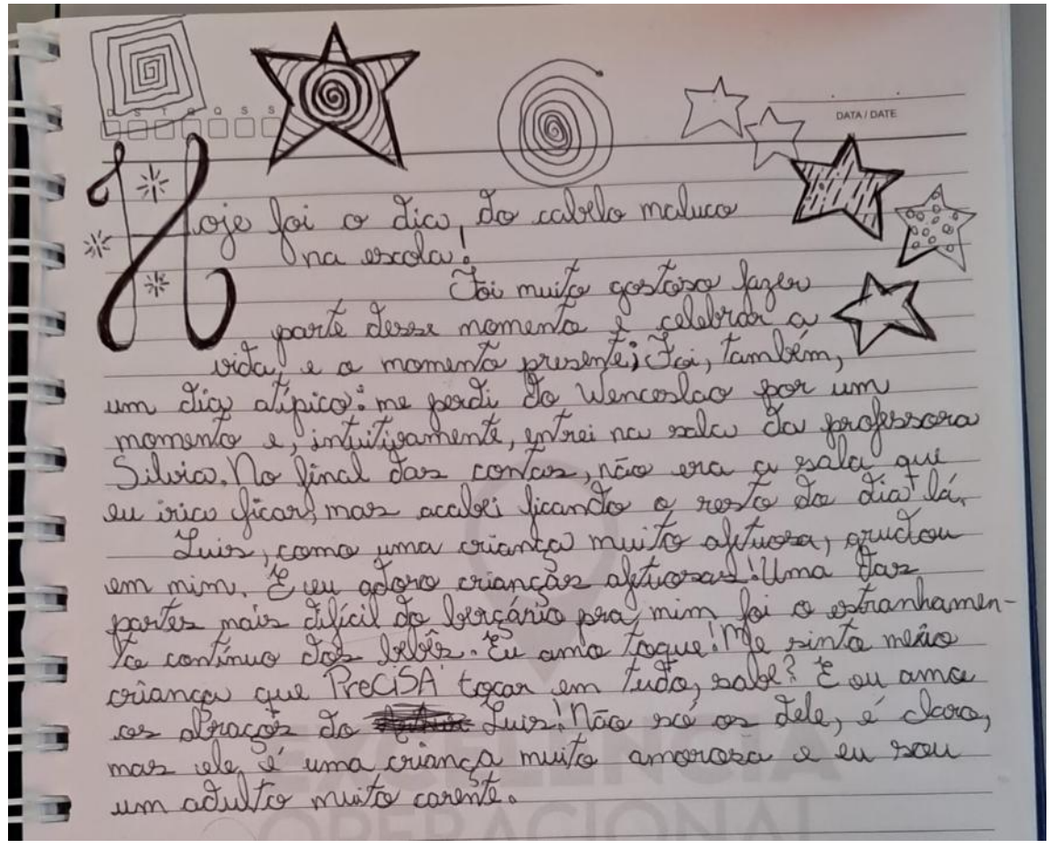
em outro momento, vi essa criança filmando "ao contrário", ou seja, apontando com o reverso do celular aquilo que queria filmar, fazendo com que ela estivesse filmando a si própria. devem ter ficado incríveis essas filmagens.



finalizo esse relato com a foto que tirei quando ia embora da escola e vi um grupo de galinhas d'angola ciscando perto das grades, pois gostaria de propor que as crianças fizessem filmagens delas. será que vai virar uma correria de galinhas e crianças? ou será que as crianças vão inventar maneiras de se aproximar sem colocar as galinhas em disparada?



Diário_Aurora_09 out 24



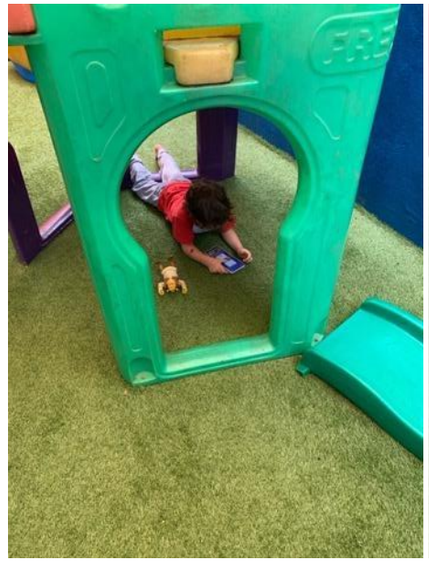
diário wences_23 out 24_AG2 – visita 2

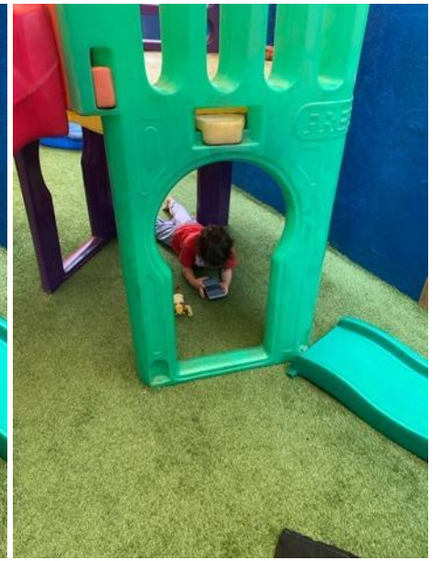
a bolsista aurora e eu chegamos à escola era por volta das oito. as crianças da turma finalizavam seu café da manhã e se encaminhavam para a sala de referência, onde se sentavam no tapete ou circulavam com tranquilidade. algumas crianças prestavam atenção na tevê, que mostrava alguma animação que não consegui identificar. salvo engano, os personagens eram animais. notei que a professora carmen não estava presente e que, em seu lugar, estava vivian, que veio substituí-la. ela foi muito simpática e cuidadosa durante todo o tempo que estivemos com a turma.
uma das monitoras me contou que era dia de gincana e que as crianças subiriam para o pátio coberto com a turma da professora silvia.
distribuídos os pompons de fitas coloridas para todas as crianças, lá fomos nós. as profissionais das duas turmas haviam preparado um conjunto de jogos-desafios para as crianças. optarei por não descrever o ambiente, deixando isso para as filmagens que foram realizadas pelas poucas crianças que toparam brincar de filmar. a maioria delas esteve muito mais interessada nos circuitos de equilibrar, pular e passar, jogar para pregar, montar e desmontar, entre outros gestos corporais que levaram muitas crianças a voltarem para a sala bastante suadas uma hora depois.
enquanto estivemos sentados, aguardando o início da gincana, logo duas crianças quiseram filmar. uma filmava com o celular na horizontal; a outra na vertical.



mas durante a gincana, fiquei muitos momentos segurando os celulares em busca de alguém que quisesse segurá-los. “quer filmar?” e nada. mas então apareceu a laura e, a partir dela, outras crianças quiseram filmar um pouco. mas só um pouco. com exceção da laura, logo, logo, me devolviam os aparelhos. laura também se aproximava de mim com frequência, mas para me pedir para ligar de novo o aparelho, pois ela tocava nalgum ponto da tela que interrompia a filmagem.







pelo que notei, filmaram mais entre si do que as brincadeiras que compunham a gincana. e também filmaram bem de perto algumas coisas – fotos? – que estavam pregadas num dos pilares do pátio.

quando terminou a gincana, passamos pela sala apenas para acessar o pequeno pátio lateral a ela, com gramado sintético, onde estão alguns brinquedos de plástico. ali as disputas pelos celulares foram frequentes. ainda assim, mais da metade das crianças não se interessou pelas filmagens. outras brincadeiras, especialmente em pequenos grupos, lhes interessavam mais.

em certo momento, perdi de vista um dos celulares do projeto. perguntei às pessoas que estavam por perto e nada. de repente, notei um garotinho deitado sob o escorregador com o celular no chão, olhos e dedos grudados na tela.

notei que ele tinha saído da tela de filmagem e achei que estava tentando voltar a ela. ledo engano. ele estava experimentando cada ícone que aparecia ali. na segunda foto, por exemplo, ele estava ampliando e reduzindo o tamanho da imagem que aparecia na tela, pois tinha descoberto uma filmagem armazenada nele, feita duas semanas antes, com o mesmo celular, na qual aparecia a professora da turma. “olha aqui, a tia carmen”, me disse, enquanto ampliava a filmagem de modo a trazer para o primeiro plano o rosto da professora que estava ao fundo na filmagem original. com os gestos e dedos muito ágeis, ele fez o que quis com o celular, inclusive, retornou para o modo filmagem quando assim o desejou.



me perguntei: se esse celular tivesse conexão com a internet, esse garotinho teria acessado algum site? penso que sim, pois para ele esse aparelho é muito mais que uma câmera. aliás, acho mesmo que a câmera importava pouco a ele, pois, em vários momentos, ele segurava o celular das maneiras mais inusitadas enquanto o aparelho captava imagens. estou curioso para ver o que há nelas...



quando retornamos para a sala, muitas crianças estavam com as roupas molhadas, pois chovia leve, e o gramado sintético estava levemente úmido. professora e monitoras entraram e começaram as trocas.

na tevê, passava uma animação de que também não me recordo. perguntei para uma das monitoras se poderia colocar os filmes da mostra kino campinas na tevê. ela me ensinou a usar o controle remoto, e assim o fiz, clicando em uma das playlists compostas por filmes dessa mostra – https://www.youtube.com/watch?v=wnirnadmymo&t=82s. o primeiro filme mostrava uma garotinha muito expressiva em câmera fixa, enquanto tocava uma música animada. fui chamando a atenção para a personagem e o que se passava. algumas crianças paravam e olhavam para mim e para a tela. quando iniciou o segundo filme, "os caçadores", as poucas crianças que assistiam sentadas no tapete começaram a conversar comigo e entre elas: "são baratas?", "ele tá pegando na árvore. devem ser cigarras.". as conversas que ocorrem no filme ficaram praticamente inaudíveis no ambiente relativamente ruidoso da sala. quando começou o filme "cadarços", um filme sem som, um maior número de crianças esteve atento às tentativas de amarrar o sapato que foram mostradas na tela. em seguida, veio o filme "mãos": ele começa com sons de pássaros e alguns textos escritos na tela. mas, em seguida, inicia-se uma música animada e uma sequência de imagens em que mãos executam distintas tarefas. os enquadramentos são próximos e bastante coloridos. não sei qual ou quais dessas características chamaram a atenção das crianças, mas o fato é que um número muito maior delas foi sentar-se no tapete e prestou bastante atenção ao filme.





estávamos próximos da hora de nos despedirmos, e resolvi acolher o pedido de dois garotinhos que haviam chegado próximo a mim algum tempo atrás e me pedido: “coloca salulekes”. escrevo conforme entendi e foi essa palavra que disse para a monitora: “eles pediram para colocar salulekes. sabe que programa é?”, “ahhh deve ser o dinossauro rex”. não entendi bem o que ela falou, mas tomou nas mãos o controle remoto e rapidamente encontrou e colocou a animação que aparece na tevê nas fotos a seguir:

quando fui escrever o relato, procurei no google por alguns nomes, no entanto, não encontrei essa animação, ainda que tenha encontrado várias outras séries e filmes com dinossauros que atacam pessoas e outros dinossauros. todos aparecem como programas para crianças.

confesso meu duplo espanto naqueles momentos finais junto da turma: com a violência das cenas em que os dinossauros comiam pessoas que estavam caídas diante deles (ainda que o cenário fosse de um parque de diversões onde as pessoas pareciam se divertir fugindo deles) e, meu espanto maior, com a atenção que a grande maioria das crianças dedicava àquelas imagens, ruidosas e coloridas, em que o personagem principal caçava e comia humanos que caíam ao tentar fugir, era “abatido” por outros humanos com uma espingarda cujo tiro apenas o fazia dormir, era levado para outro lugar e, ali,

lutava com e vencia outros dinossauros. não me pareceu que as cores azul e vermelha e aquele símbolo com uma estrela eram por acaso: esse tiranossauro seria a atualização do capitão américa?

diário wences_30 out 24_AG2 – visita 3

quando chegamos à escola, a bolsista aurora e eu encontramos as crianças na sala de referência envoltas em brincadeiras diversas e dispersas após terem tomado o café da manhã. na tevê da sala, passava alguma animação de que não me recordo e que não era assistida por nenhuma criança.
duas crianças vieram até mim perguntando se poderiam filmar. Mas, ao tirar os celulares do projeto da mochila, notei que não os havia carregado. E, como não haveria tempo para fazer isso, disse a elas que, naquela manhã, não faríamos filmagens e que faríamos isso daí a duas semanas, quando voltaria à escola.
as monitoras presentes nos informaram que, dali a pouco, iríamos para a sala da outra turma de ag2 para uma sessão de cinema conjunta. e, dali a pouco, lá fomos nós para a sala escurecida pelas cortinas fechadas, onde estavam dispostas pequenas cadeiras em número exato de crianças das duas turmas. na bancada, professoras e monitoras organizavam as vasilhas onde seriam servidas as pipocas e o suco no intervalo da sessão. sobre uma mesinha na entrada da sala, havia um pequeno projetor – depois soube que era da monitora aline – sobre alguns livros e, na parede oposta, as imagens projetadas por ele.
iniciamos com a assistência de "agora eu", filme realizado por duas monitoras da turma que nos recebia, com filmagens feitas por elas e pelas crianças no parque de areia da escola, e que ainda não está disponível para acesso público por ter sido enviado para a mostra kino campinas. estamos na torcida para que seja selecionado.





a maioria das crianças assistia atenta às imagens e aos sons do filme, algumas delas apontando para a tela e dizendo coisas. mas havia crianças mais atentas ao que estava ao seu lado (colegas, brinquedos) ou atrás (colegas, projetor), e ouvíamos conversas em um ou outro ponto da sala.
dali a pouco foram sendo distribuídos os pratinhos de plástico com pipocas e houve somente um pouco mais de dispersão. a maioria das crianças seguiu assistindo ao filme até o final.





finalizados os cinco minutos de “agora eu”, foram acesas as luzes e perguntado quem queria mais pipoca. algumas crianças disseram sim; outras, não. enquanto isso, a monitora aline buscava no youtube o filme seguinte: a animação brasileira “meu nome é maalum!” - https://www.youtube.com/watch?v=kdf7deorrkq.
os quase oito minutos do filme foram assistidos com bastante atenção pela maioria das crianças.





ao final, com as luzes acesas e uma maior dispersão das crianças, surgiu a dúvida de como prosseguir. me propus a conversar um pouco com elas e fui para a frente delas. fiz perguntas sobre os filmes “quem aqui fez as filmagens do primeiro do filme ‘agora eu’?”, “onde elas foram feitas”, e aguardava a manifestação das crianças. “como era mesmo o nome da menina do último filme?”, “de onde veio o nome dela?”, “é possível fazer no meu cabelo o mesmo penteado dela?”, “quem aqui poderia fazer o penteado como o

dela?" e aguardava a manifestação das crianças, enquanto as profissionais das duas turmas serviam suco para elas.

a conversa não durou muito. uns cinco a dez minutos, talvez. mas seria preciso pensar se foi mesmo uma conversa, pois as crianças interagiram pouco comigo, apesar de terem prestado atenção nas minhas perguntas e terem dado respostas a algumas delas.

enquanto isso, a monitora aline escrevia na busca do youtube o nome do próximo filme "disque quilombola" – https://www.youtube.com/watch?v=gstv-f_bcfu – curta brasileiro realizado com crianças de um quilombo e de uma favela.



começamos a assisti-lo e me pareceu que as crianças ficaram bastante atentas. tive que sair da sala para ver uma situação na rua em frente da escola e, quando retornei, o filme havia sido interrompido antes um pouco da metade de seus treze minutos e estavam conversando sobre ele.

ele não foi assistido até o final, pois as profissionais entenderam que as crianças já estavam muito agitadas e que seria melhor levá-las para o pátio com brinquedos de plástico, o qual estava reservado para outra turma de crianças. mesmo assim, lá fomos nós, e o pequeno parque ficou lotado de crianças brincando e nos solicitando para brincar.

dali a pouco, a turma que eu estava acompanhando naquela manhã subiu para o parque de areia. lá, as crianças se dispersaram por vários cantos e ficavam indo e vindo até onde nos sentamos, eu e a professora, para nos contar e perguntar sobre os bichos que encontravam, para nos mostrar a cor e a maciez dos vários tipos de areia que colocavam dentro de recipientes-brinquedos de plástico e viravam bolos, sopas e arroz... e, ao mesmo tempo, continuavam a ser areia, que era jogada para o alto – sob falas das profissionais "fulano, não faça isso que cai no seu olho!", "beltrana, assim cai na cabeça da colega!" – ou para o chão, sobretudo tentando tampar os buracos que descobriam nos cantos do parque, onde a areia se encontra com alguma estrutura de tijolo ou concreto e de onde saem, principalmente, formigas.

teriam sido feitas ótimas filmagens...



Diário_Aurora_30 out 24_AG1-2



diário wences_13 nov 24_AG2 – visita 3

era uma manhã de chuva. chegamos no horário de sempre, por volta das oito, e as crianças estavam na sala de referência. teríamos que ficar nela, pois não havia como irmos para um dos parques da escola.
logo ao entrar, duas crianças me pediram para filmar, mas ao pegar os dois celulares na mochila, descobri que havia me esquecido de carregar a bateria daqueles que haviam ficado comigo ao longo da última semana, para que eu pudesse baixar os arquivos das filmagens realizadas anteriormente. estavam completamente descarregados.
com isso, fui verificar na secretaria da escola se algum dos celulares do projeto que tinham ficado na escola estava com a bateria carregada e, para nossa sorte, a monitora aline havia colocado para carregar um deles. ufa!!! aline é monitora em outra turma, mas tem sido muito atuante nas filmagens e está sempre atenta às necessidades do cinema na escola. além disso, provavelmente se lembrava de outra manhã, quando estive na turma em que ela atua como monitora, e que eu também havia me esquecido de carregar os celulares...

voltando para a sala com o celular carregado encontrei a turma inteira envolvida em outras brincadeiras: carrinhos no chão, especialmente os meninos, e lápis de cor sobre as mesinhas, envolvendo meninas e meninos que escolhiam algum desenho de elefante para colorir, numa estética lindamente imaginativa de composições de cores e formas, como podemos ver a seguir. o que essa estética, nada realista, teria a propor para o cinema na escola de educação infantil?





quando voltei para a sala, ofereci o celular para as mesmas crianças que haviam me pedido para filmar, mas elas não mais se interessaram, estando envolvidas em outras brincadeiras. demorou um certo tempo para que o celular deixasse as minhas mãos para "entrar na brincadeira" de alguma criança. quando isso ocorreu, notei que havia duas meninas que escolhiam o que filmar, segurando o celular com "segurança e tranquilidade" para enquadrar a cena. cineastas-documentaristas em criação: a brincadeira de filmar se faz em tornar imagem algo que lhes afeta daquilo que lhes chega daquele lugar-sala de referência composto pelas infinitas interações entre as vidas humanas e as vidas não humanas do chão, do tapete, dos brinquedos coloridos... e da própria câmera-celular acoplada aos seus pequenos corpos.



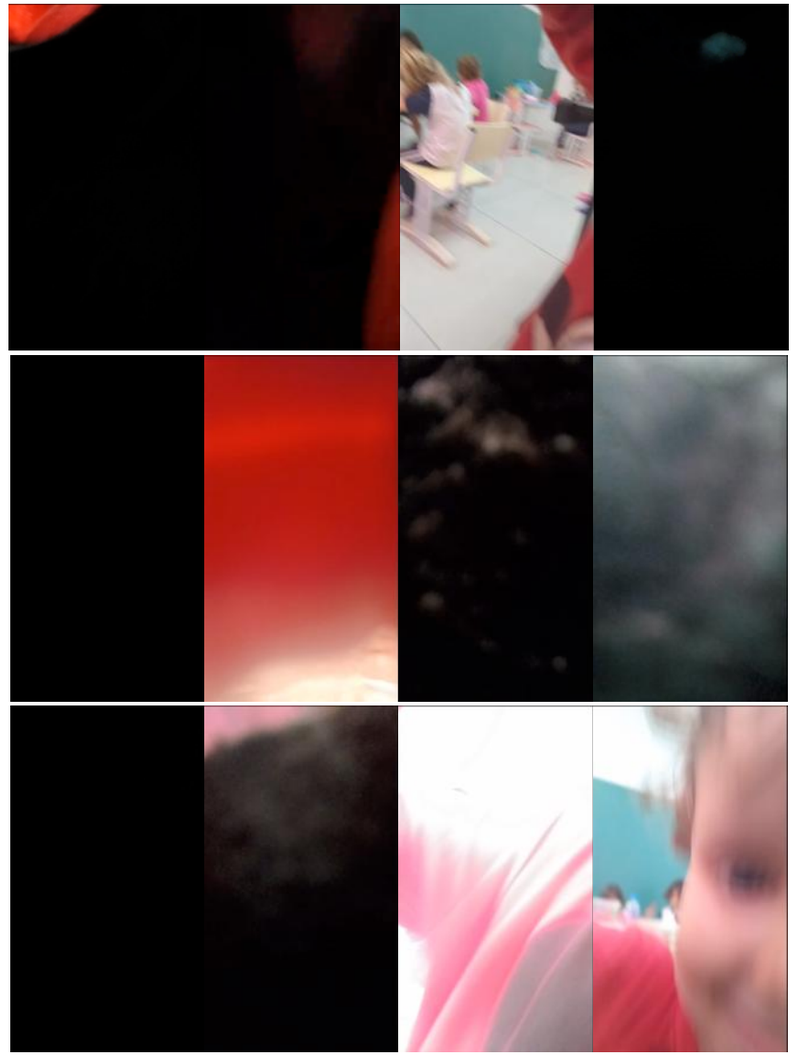


em certo momento em que o celular havia voltado para minhas mãos, um garoto pediu para filmar. ele já havia filmado nas semanas anteriores, mas de uma maneira completamente distinta do modo como as duas meninas filmavam. poderíamos dizer que ele é um cineasta experimental: a brincadeira de filmar se faz em segurar o próprio celular e seguir interagindo com o mundo ao redor, não se importando com o "fazer imagem de algo deste mundo", mas experimentar intensamente as conexões do objeto-celular com outras coisas ao redor, como a grande luva-lobo em que o vi enfiando o celular no meio da sala, conseguindo fotografar o momento. estaria o lobo comendo o celular?





as filmagens que emergiram dessa experimentação são imprevisíveis (e incríveis), como imprevisível era se o celular permaneceria ligado durante a brincadeira de colocá-lo e retirá-lo dali de dentro, algumas vezes, bem como de carregar a preta luva-lobo com o celular dentro para interagir com outras coisas e pessoas ao seu redor. vejamos alguns frames de uma dessas filmagens, realizadas após a minha sugestão de ele enfiar novamente o celular dentro da luva. a duração total dela foi de um minuto e doze segundos. os frames a seguir estão dispostos em ordem de aparição na filmagem, do momento em que o garoto enfia o celular dentro da luva pela primeira vez até o momento em que ele o retira de lá pela última vez, antes de caminhar até mim e me entregar o aparelho.



esse garoto tem uma enorme destreza no uso dos celulares, passeando seus dedinhos pela tela, deslizando-os e clicando em ícones com "segurança e tranquilidade". inclusive, antes de ele fazer as filmagens dentro-fora da negra luva-lobo, ele esteve com o celular nas mãos por um bom tempo, buscando e assistindo às filmagens realizadas anteriormente com esse aparelho. e ele efetivamente as encontrava e assistia, procurando encontrar ali as pessoas da turma, especialmente a professora.

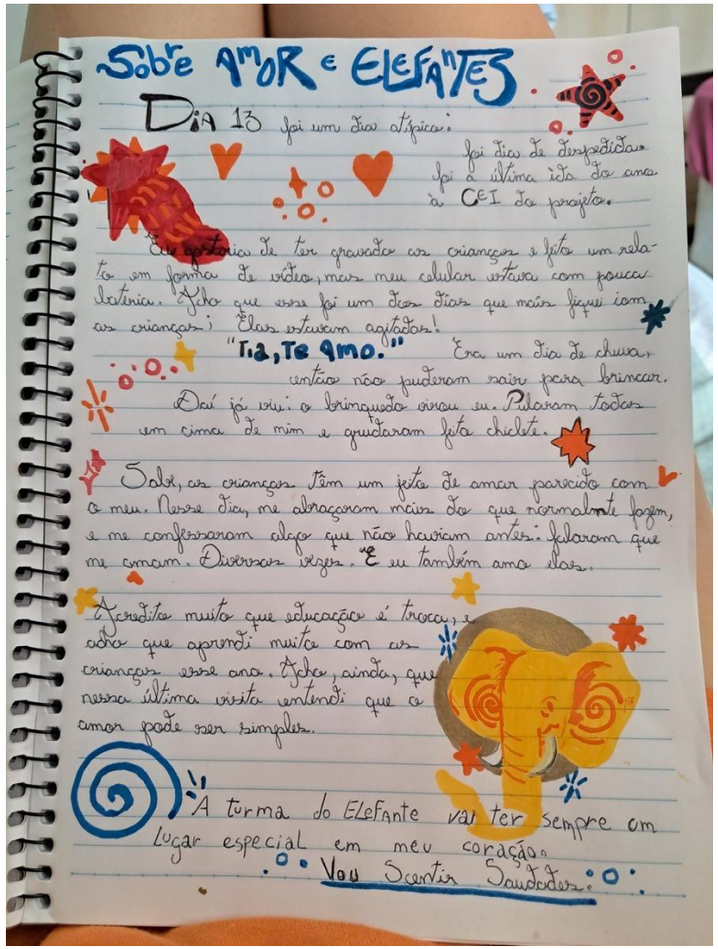




as três crianças citadas e fotografadas nesse relato certamente têm contato com esses aparelhos em suas casas, pois lidam com eles com o que nomeei de "segurança e tranquilidade". no entanto, isso não as leva somente a usos e práticas semelhantes aos dos adultos que os "ensinam" a usá-los, mas também a experimentações que nos pareceram emergir do próprio contexto brincante da escola, das infinitas conexões que ali se fazem entre as muitas e diversificadas coisas que tornam aquele lugar muito vívido, mesmo quando as crianças ficam reclusas em suas salas de referência.



Diário_Aurora_13 nov 24_AG2



Escritos de quem escreveu

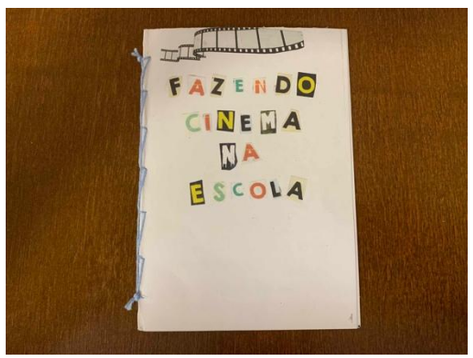


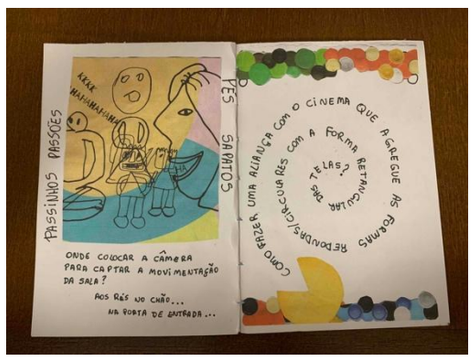
A experiência de escrever os relatos após as visitas à escola

Ana Flavia Costa de Souza[1]

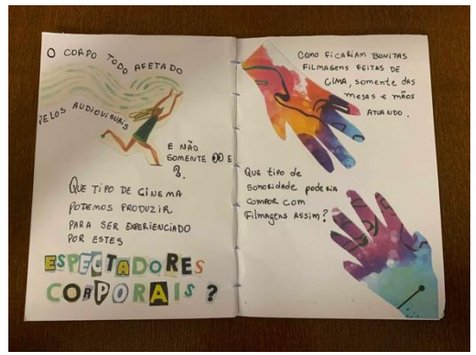
Ao pensar sobre minhas experiências de escrita e registro durante a minha participação no projeto, me veio um misto de sensações. Alegria, saudade, encantamento. Relendo os textos, revisitando o vídeo e revendo o fanzine que fiz para as professoras, pude reviver em minha memória, com riqueza de detalhes, a existência das crianças sendo explorada (por elas) devagar, com muito tato e brilho nos olhos.

Fanzine produzido artesanalmente a partir da leitura dos primeiros relatos

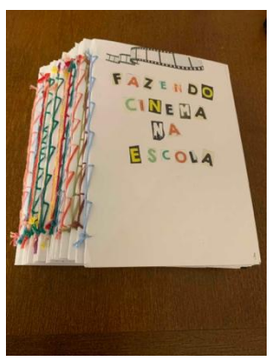












Fotos das páginas do Fanzine

[1] Graduada em Pedagogia. Foi bolsista do projeto "Cartografias..." pela Diretoria Executiva de Apoio e Permanência Estudantil-DEAPE/Unicamp entre julho e dezembro de 2022.

Num primeiro momento, senti insegurança na escrita dos relatos. Como eu poderia descrever um sentimento? Aos poucos fui me abrindo para as palavras e para o coração. Os pensamentos me ajudaram a transformar as palavras nos sentimentos que eu buscava, afinal, nossa percepção sobre as situações são únicas e mostram tanto sobre os acontecimentos como sobre nós e nossa forma de ver o mundo.

Ao escrever os relatos, eu sorria. Eu me identificava com a quantidade de sentimento existente ali. A relação com o espaço, com os objetos, com as pessoas, com as imagens, tudo me tocava. Era quase como se a pessoa experimentando a vida ali fosse eu, e, de certa forma, era eu também. Nas visitas eu reaprendia a olhar, a sorrir e a cantar. Levada pela leveza das crianças, pela gentileza das professoras e incentivo do Wences.

Em uma das semanas, perguntei ao Wences se eu poderia fazer um vídeo-relato como registro daquela vez. Ele, sempre aberto às ideias que eu tinha, aceitou com entusiasmo. Gravei uma criança brincando sozinha no parque de areia, entretida em seu mundo e descobrindo sobre ele. Aquela cena, com as risadas das outras crianças de fundo, me lembrou o barulho do mar. Na edição, coloquei o som do oceano e das ondas. Na minha busca em transpor os sentimentos para que outras pessoas também pudessem senti-lo, fiquei contente com o resultado. A paz que eu vi ali estava registrada, em imagens e na minha memória.

Assim, minha experiência como bolsista do projeto foi muito especial, tenho ela guardada com muito carinho. As trocas que tive com as crianças, com as professoras e com o Wences ficarão para sempre dentro de mim. Os registros dos meus dias nas escolas são agora um sentimento de gratidão, marcados, escritos e gravados em minha memória. Sou grata pela confiança no meu olhar nessa aventura.

Ára e Relógio: o conflito de tempos entre a escola e o Ser Kaiowá

Keila Martines Fernandes[2] (Jasywera[3])

Ao entrar no espaço da escola, a primeira coisa que nos saúda não são as pessoas, mas o relógio na parede. Ele dita o ritmo de corpos que ainda estão aprendendo a descobrir o mundo. Ali, o tempo é fatiado: existe o tempo de comer, o tempo de dormir e o tempo de brincar. Para uma criança Kaiowá, essa divisão é estranha aos sentidos dela. Em nossa cultura, o aprendizado não tem hora marcada para acabar, ele acontece enquanto o milho cresce, enquanto o mais velho conta uma história ou enquanto caminhamos pelo território.

Na escola, se uma criança está profundamente conectada com um desenho ou uma brincadeira, ela é interrompida pelo sinal ou pela voz da professora que avisa: "Acabou o tempo, vamos para a próxima atividade". Essa interrupção é um pequeno corte na alma de quem vê o mundo como um fluxo contínuo. É aqui que percebo o conflito pedagógico: a escola ocidental treina a criança para a pressa e para a produção do agora, enquanto o modo de ser indígena nos ensina a contemplação e a espera. Essa mesma pressa ocidental se reflete no cinema comercial, onde tudo é corte rápido e ação constante. Por outro lado, quando levamos o olhar do cinema indígena para a educação, propomos uma quebra no tempo. Filmar o tempo de uma formiga atravessando o caminho ou o tempo de uma reza não é perder tempo, é respeitar a vida. O cinema, então, torna-se a ferramenta que me permite mostrar ao não indígena que o silêncio e a espera também são formas de ensinar e aprender, e isso é parecido com os sentidos das crianças quando elas estão com uma câmera.

Para o povo Guarani Kaiowá, a palavra *Ára* não significa apenas o tempo que passa no relógio; ela é céu, é mundo, é dia e é clima. Quando eu saio da aldeia e entro no ambiente acadêmico e escolar, sinto que o meu *Ára* é confrontado por uma lógica de controle.

Esta escrita nasce da necessidade de refletir sobre minha prática nos CEIs (Centros de Educação Infantil Bety Pierro e Benjamin Constant), onde observo o encontro entre a pedagogia ocidental e a minha vivência indígena.

Meu objetivo aqui não é apenas apontar falhas, mas propor um diálogo. Como podemos educar sem aprisionar o tempo das crianças? Como o cinema, com sua capacidade de registrar o ritmo do olhar, pode nos ajudar a descolonizar a educação infantil? Ao longo destas páginas, farei um percurso que sai da rigidez das grades horárias escolares para a fluidez do tempo da aldeia, encontrando na lente da câmera uma ponte para a sensibilidade e para o respeito à infância. A escola ocidental opera sob a lógica da eficiência. No CEI, o tempo é um recurso escasso. Desde muito cedo, as crianças são ensinadas que o tempo é algo que "se perde" ou "se ganha". A rotina é milimetricamente organizada: o acolhimento, o café da manhã, a atividade dirigida, o banho, o almoço. Cada transição é marcada por um comando externo.

Para a criança, esse tempo é fragmentado. Muitas vezes, o desejo da criança de continuar explorando um objeto ou um sentimento é interrompido porque o cronograma institucional precisa ser seguido. Essa "pedagogia do relógio" acaba por silenciar a curiosidade natural. Na visão Kaiowá, o tempo da criança deve ser respeitado, pois é no brincar livre e na observação dos ciclos que ela se entende como parte do *Tekoha*, para o povo Guarani Kaiowá, o conceito de Tekoha vai muito além de um simples

[2] Estudante de graduação do curso de Estudos Literários, no Instituto de Estudos da Linguagem-IEL, e bolsista do projeto "Cartografias..." pela Diretoria Executiva de Apoio e Permanência Estudantil-DEAPE/Unicamp desde novembro de 2023 até o presente momento.

[3] Nome na língua originária kaiowá.

pedaço de terra ou de um lar físico, assumindo uma dimensão de vida ou morte, de existência e de resistência. A própria identidade dos Kaiowá está enraizada na natureza, pois o seu nome significa essencialmente "o povo da floresta". Nesse contexto, a palavra Tekoha une "teko", que representa o modo de ser, a cultura, a organização social e a espiritualidade, ao sufixo "ha", que designa o lugar. Portanto, Tekoha é o ambiente natural e sagrado indispensável para que o modo de vida Guarani aconteça na sua plenitude, exigindo matas preservadas, rios limpos e espaço suficiente para plantar, caminhar e rezar. Sem esse lugar, a prática da cultura e a conexão com a essência do mundo tornam-se impossíveis. No CEI, o desafio é: como permitir que a criança viva o seu tempo interno dentro de uma estrutura tão rígida? Essa é a primeira grande tensão que o educador indígena enfrenta ao ocupar esses espaços de ensino formal.

Enquanto a escola ocidental se preocupa com o futuro, o tempo Kaiowá se preocupa com o agora e com a conexão com os que vieram antes. Na aldeia, a educação não acontece entre quatro paredes, mas no movimento da vida. O tempo de aprender a plantar o milho é o tempo da terra, não o tempo do professor. Se a chuva vem, o tempo muda; se o ancião decide falar, o tempo se abre para que o saber seja transmitido.

Essa temporalidade é o que chamamos de tempo orgânico. Para a criança Kaiowá, o aprendizado é por contágio e observação. Não há uma prova no final do dia para medir o que foi aprendido, pois o conhecimento se manifesta na prática: no saber fazer o artesanato, no saber ouvir a mata, no saber respeitar o silêncio da reza na *Jeroky*. Esse tempo não é vazio; ele é cheio de significados que o relógio não consegue captar. Ao levar essa percepção para dentro de um trabalho acadêmico, tento mostrar que a "demora" indígena não é preguiça, como o preconceito colonial costuma dizer, mas, sim, respeito ao ritmo necessário para que a vida floresça com sabedoria.

É no encontro entre esses dois mundos que o cinema surge como uma ferramenta de resistência e tradução. O cinema indígena, especialmente o feito por nós, Kaiowá, é uma forma de retomada do tempo[4]. Quando pegamos uma câmera e decidimos filmar um ancião caminhando ou uma criança brincando no rio, nós nos recusamos a usar o corte rápido do cinema comercial. Nós deixamos a câmera ligada pelo tempo que durar a ação que está sendo filmada.

O cinema permite que o tempo da escola seja suspenso. Dentro de uma sala de referência no CEI, ao exibir um filme que respeita o tempo do silêncio e o som da natureza, estamos educando o olhar das crianças e dos outros educadores. A imagem em movimento consegue captar o que as palavras, às vezes, não alcançam: a dignidade do tempo lento. O cinema se torna, então, uma extensão da nossa pedagogia. Ele não serve apenas para documentar, mas para fazer com que quem o assiste sinta o ritmo do nosso *Ára.* Ao filmar, estamos dizendo: "este é o nosso tempo, e ele tem o direito de existir e de ser visto e ouvido".

Concluir esta escrita não significa encerrar a reflexão, mas sim abrir um novo ciclo de ação. Ao longo destas páginas e também em alguns dos relatos que escrevi, percorri o caminho entre a rigidez do tempo institucional do CEI e a fluidez do *Ára Kaiowá*, utilizando o cinema como a lente que permite enxergar além das paredes da sala. Ficou evidente que o conflito entre o tempo do relógio e o tempo do ser não é apenas uma questão de horários, mas uma questão de respeito às diferentes formas de existir no mundo.

Meu desejo é que a escola não seja um lugar de "enquadramento", onde as crianças são moldadas para caber em segundos e minutos, mas sim um território de encontro. O cinema indígena entra nessa missão como uma ferramenta pedagógica revolucionária; ele traz para dentro da educação formal o direito ao silêncio, à espera e

[4] Trago aqui alguns exemplos desse cinema: de curtas-metragens, Jakaira (2019) - https://www.youtube.com/watch?v=FfnUSfl-7uA - e Kuña Reku: mulheres kaoiwá e guarani (2018) - https://www.youtube.com/watch?v=kgADW4030-c -, e longas-metragens, Ava Yvy Vera - Terra do povo do raio (2016) - https://www.youtube.com/watch?v=AZKKRoJ8e6U -, My blood is red (2020) - https://www.youtube.com/watch?v=a0XEknbsOlE.

à contemplação. Ele ensina que a imagem pode ser uma forma de "reflorestar" a mente de quem foi ensinado apenas a produzir e consumir.

Minha esperança é que, ao levar o olhar do cinema para dentro dos CEIs e de outros espaços de ensino, eu possa ajudar a construir uma educação que não apenas ensine a ler letras, mas a ler o tempo da terra e o tempo do outro. Estar presente na escola, como indígena Kaiowá é, acima de tudo, ser uma guardiã da memória e desse tempo que cura e que liberta. Que o cinema continue sendo nossa nova flecha, e que a escola aprenda a ser, enfim, um lugar onde todos os tempos tenham permissão para pulsar.

Uma breve história ou um curta?

Diogo Pereira de Souza[5] (Gwyra Oguatãvo[6])

A ida durou cerca de 20 minutos, algo que é comum para quem se desloca de Barão Geraldo para o centro da cidade. Mas nosso destino, na verdade, eram duas escolas de educação infantil em Campinas, CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant. No caminho, converso com o professor Wenceslao e colegas que se alternavam nas poucas visitas que fiz; ora era Keila, ora era Aurora, nós três estudantes de graduação na Unicamp em cursos diferentes. Na ida em questão, coincidentemente fomos os três. Falamos sobre o que poderia ser "cinema na escola", ainda mais com crianças que ainda estão na educação infantil. Confesso que essa questão me é pertinente até o momento, e é bom que seja, pois o que percebo é que não há uma única resposta, não há uma forma fechada de se fazer ou sentir o cinema na escola.

Chegamos às escolas em um bairro de Campinas. O que me chama atenção em todas as escolas da cidade é o quanto são muradas e fechadas, o que, para mim, inverte a lógica de proteção: quem está dentro parece estar restringido de estar do lado de fora. Adentramos em uma das escolas e, então, chegamos à porta da sala de referência. Somos recebidos calorosamente pela professora responsável e as assistentes. As crianças não são mais do que quinze, abaixo dos quatro anos de idade.

Acompanhei a manhã toda a rotina daquela turma e o cotidiano da escola, mas minha pergunta ingênua ainda não tinha uma resposta: onde e como acontece o cinema

[5] Estudante de graduação do curso de Licenciatura em Química e Física, da Faculdade de Educação, e bolsista do projeto "Cinema e Educação: projetos da Rede Kino" desde junho de 2023 até o presente momento, tendo participações pontuais no projeto "Cartografias..." pela Diretoria Executiva de Apoio e Permanência Estudantil-DEAPE/Unicamp ao longo desses anos.
[6] Nome na língua originária kaiowá.

na escola? Para ajudar a pensar essa questão, trago aqui uma reflexão a partir de minha trajetória como acadêmico indígena e pertencente ao meu povo Guarani-Kaiowá.

É muito comum o ser humano olhar com estranhamento aquilo que não conhece ou sobre o que não tem muita profundidade, seja um conceito ou um objeto. E, daí, surgem alguns dos muitos caminhos possíveis diante de uma situação como essa. Há aquelas pessoas que se inclinam para melhor entender o que está diante delas, sem medo de serem questionadas por não terem determinado conhecimento, mas reconhecendo sua ignorância e buscando a melhor forma de se aproximar do desconhecido. Acredito que isso se encaixa em várias formas da vida, para um estudante, sempre buscando entender o mundo ao seu redor e reconhecendo que, apesar de uma vida dedicada aos estudos, há muito ainda a aprender. Também aqui podemos ver várias interações que se assemelham com pessoas que vêm de outros lugares, países, e trazem consigo costumes, culturas e línguas diferentes, e os que se aproximam com respeito podem ter uma troca horizontal de culturas, em que há muito a se aprender mutuamente.

Tive algumas experiências como essas, sendo uma pessoa indígena, com pessoas genuinamente querendo aprender e saber aspectos do meu povo e minha cultura. E também tive experiências contrárias: pessoas que têm preconcepções sobre um conceito, um saber, acreditam que isso seja suficiente e, quando se deparam com o fato de que aquilo que sabem não é totalmente correto, é incompleto ou desatualizado, ignoram esse fato, assumindo que o que sabem é a verdade absoluta e lutam para defender sua posição, em vez de questionar seu próprio desconhecimento. São pessoas que têm a possibilidade de aprender algo novo ou mesmo corrigir aquilo que imaginavam ser certo, mas escolhem se fechar. Isso gera muitos atritos.

Aonde quero chegar com essa reflexão? Foi a ela que consegui chegar ao escrever os relatos sobre cinema na escola de educação infantil. Apegar-se à preconcepção do cinema tradicional, que nos é empurrado constantemente em filmes, séries e shows, é fechar um campo de possibilidades que o cinema na escola pode proporcionar. Tive a oportunidade de ouvir o pesquisador e cineasta Sebastian Wiedemann falar sobre parte do trabalho que desenvolveu com crianças pequenas e cinema, quando relatou que, em seu processo, toda a produção do curta foi tendo sua materialidade, película de acetato, manuseada fisicamente pelas crianças, trazendo uma experiência além da comum, em que somente se vê o produto final pronto na tela. O filme em questão foi intitulado "Composição Coletiva - Homenagem a Len Lye" e encontra-se disponível no canal do youtube das escolas em que foi realizado[7] (Wiedemann, 2023). São essas possibilidades que podem trazer estranheza em um primeiro contato: como isso vai se tornar um produto de cinema? Mas o que acredito é que há uma lógica diferente: aquilo não irá se tornar um produto do cinema na escola, ele já é, no tempo presente.

O que ficou para mim é que certos saberes não precisam ser entendidos imediatamente. Claro, é preciso ter algo inicial para se apoiar, mas é como as histórias que meu pai e meus avós me contavam que, com o passar do tempo, na mesma história, fui descobrindo um saber novo. Na nossa cultura Kaiowá isso é muito comum: são essas histórias que vão nos acompanhar no decorrer da vida e, quando for a hora, as passaremos para os mais novos. Acredito que essa forma de saber e de se fazer cinema seja algo parecido: não compreendido de imediato, mas, se nos abrirmos para o novo, isso pode efetivar um mundo de possibilidades.

Por fim, gosto de um conceito Kaiowá que se chama *tape po'i*, que pode ser traduzido como "o pequeno caminho". Na etnografia de Jéssica Maciel de Souza sobre as crianças do meu povo, ele está diretamente relacionado ao modo como as crianças Kaiowá circulam e aprendem. Nela, a autora explica que "a delineação desses caminhos indígenas *tape po'i* pode ser compreendida como um mapa de organização social da

[7] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Sery6gHRSdU. Último acesso em: 01 maio 2026.

aldeia" (Souza, 2018, p. 23), e destaca como, por meio desses trajetos, as crianças não são sujeitos vazios a serem preenchidos, mas agentes culturais ativos.

Entendemos que, mesmo pequenas, elas já têm uma forma de saber e, pode-se dizer, em suas andanças, são agentes de transmissão cultural. Daí vem o termo *tape po'i*: o pequeno caminho do saber que as crianças fazem em suas circulações pela comunidade, pelo território. Ao escrever meus relatos de idas às escolas, enxergo as crianças dessa maneira: como agentes dessa forma de fazer cinema na escola.

Referências

SOUZA, Jéssica Maciel de. Etnografia das crianças Kaiowá da aldeia Laranjeira Ñanderu: a importância do território para as práticas culturais. 2018. 136 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia), Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, 2018.

WIEDEMANN, Sebastian. Entrevista: Os Deslimites da Escola. Entrevista concedida ao podcast Os Deslimites da Escola. [S. l.], 2023. 1 vídeo. Disponível em: https://youtu.be/ojxHLw1PnkU. Acesso em: 29 jan. 2025.

Encruza da vida: o esperançar da cartografia dos afetos

Aurora Nilo da Silva Ruzene[8]

A necessidade de mapear lugares é muito antiga, talvez até mais antiga do que nossa própria definição do que é existir nesse planeta como ser humano. Essa prática, que leva o nome de cartografia, serviu e serve para muitos fins no percurso de muitos séculos de vida humana na Terra. Um deles, que podemos usar de exemplo, é auxiliar na implementação de táticas de guerrilha para proteção e ataque a povos inimigos de grandes civilizações.

Com o passar do tempo e devido às mudanças históricas, sociais e culturais, as táticas de guerrilha e o modo que registramos lugares também mudaram. Em tempos contemporâneos, nota-se que todas as formas de cartografar, para além dos fins representativos, possuem influências das pessoas que as fazem. Não é meramente um mapeamento, é um conjunto de crenças, posicionamentos, afetações. Daí surge o que é importante para a compreensão desse projeto e deste texto: a cartografia dos afetos – que, grosso modo, tem como objetivo representar espaços com base nas memórias, nas subjetividades e emoções em vez de utilizar dados geográficos. É uma outra forma de se colocar e se perceber no mundo, usando, como referência, seu próprio corpo. Citando Fabiana Domingues e Luiz Saraiva, no texto "Cartografia e teoria dos afetos: um caminho para os estudos organizacionais":

> Cartografar então é buscar caminhos, reinventar, rastrear um território rizomático que coexiste com tantos outros, e procurar

[8] Estudante de graduação do curso de Pedagogia, da Faculdade de Educação, e bolsista do projeto "Cartografias..." pela Diretoria Executiva de Apoio e Permanência Estudantil-DEAPE/Unicamp desde março de 2024 até o presente momento.

> compreender o que acontece quando eles se tocam (Domingues; Saraiva, 2022, p.1).

A partir dessa concepção, muitos estudiosos começaram a pensar nas reverberações que esse modo de se fazer mapas pode ter. Uma delas é na escrita (que se assemelha com a cartografia em alguma medida, pois também é representativa, já que pode ser considerada como uma das mais variadas formas de representação do pensamento e da fala). À prática de escrever nos moldes da cartografia dos afetos, dá-se o nome de escrita cartográfica.

> Trata-se de uma escrita que rompe com o modo tradicional-acadêmico de escrever – ou seja, deixa de lado essa escrita "imparcial" que assumimos em vários trabalhos, artigos e textos produzidos na/para a universidade – e a substitui por uma forma de escrever que assume a posição [...] uma vez que a/o autor(a) do texto passa por vários lugares e, portanto e consequentemente, constrói afetos, assume posições políticas, etc as quais deixam marcas [...]. Nesta escrita cartográfica, inclusive, pode-se fazer (e se faz) muito além das palavras (Ruzene; Oliveira Jr., 2025, p.3).

A possibilidade de escrever nesse e para esse projeto me conduziu a várias mudanças. Mudanças de perspectivas, mudanças no modo em que me coloco, observo, expresso, trilho o pensamento e a produção textual. Para muito além de uma atividade passiva de observar ao redor, ouvir, redigir palavras e parir um texto, o processo de pesquisa, escrita de relatos (um dos produtos das idas às escolas) e de inserção no espaço-escola que vivi foi e continua sendo um processo ativo de afetação. Ali, naquele lugar, mesmo assumindo a posição de visitante, também sou parte de um desenvolvimento conjunto de reinvenção de olhares e de percepção do corpo, duas noções muito importantes que norteiam os atravessamentos do envolvimento com o cinema infantil.

Para além de um convite de criação, os relatos também me colocaram numa posição de reflexão. Wenceslao me fez um pedido durante as férias de verão de 2025 (já que durante esse período, fazer as visitas escolares não seria possível): "queria que olhasse para meus relatos de itinerância e compreendesse a sua própria escrita". Desse movimento, nasceu minha primeira publicação, em coautoria com ele (Ruzene; Oliveira Jr., 2025). Foi um exercício muito importante para que eu entendesse o meu processo de construção de um texto, de desenvolver mais atenção e cuidado com o que cunho, a fim de fazê-los com mais coesão. Mas, de todas essas coisas, talvez o que tenha mais reverberado em mim durante o período de escrita daquele ensaio tenha sido a percepção de que já não era mais a mesma pessoa e não escrevia da mesma maneira que fazia quando comecei a produzi-lo. A pesquisa e o próprio emaranhar da vida me fizeram diferente, e ter meu próprio corpo como medição me presenteou com grandes aprendizados e um banquete de autodescoberta.

Nos filmes que fazem, as crianças tendem a filmar não somente com as mãos, mas com os pés, com as orelhas, olhos… é o que chamamos de "corpo-câmera". Quero dizer que a atividade multimídia não é somente a única que pode se fazer com o corpo inteiro, escrever é assim também. Talvez, nesse aspecto, seja algo mais parecido com "corpo-escrita". Foi necessário me apossar dos meus cinco sentidos para fazer nascer meus relatos e as demais produções que surgiram a partir desse encontro rizomático com o projeto. Faz-se necessário, então, citar um trecho do artigo de Lucas Dilacerda (2021), intitulado "Corpo sem órgãos e esquizoanálise em Deleuze e Guattari", que pode fundamentar essa experiência. É o que ele apresenta como um resumo do que é um corpo sem órgãos, conceito dos dois pensadores franceses.

> Para Deleuze e Guattari, o corpo sem órgãos "é um exercício, uma experimentação [...] Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas". O corpo sem órgãos não é algo a ser interpretado, mas sim experimentado, ele é uma prática, por isso ele é uma ética, ou seja, um modo de existência e um modo de vida, uma lógica desejante e uma

> maneira de desejar, ele é criado por meio de um conjunto de práticas, "você faz um" (Dilacerda, 2021, p.1).

Dito isso e retomando o começo deste texto, entendo que nesse local de novas experimentações com o corpo e de novos imaginários através dele é que se encontra uma potencialidade tremenda, algo que se pode chamar de uma nova tática de guerrilha. Guerrilheira(o/e)s de tempos em que novos horrores surgem sem cessar, terras palestinas são sujas com sangue de inocentes, a política da morte se faz cada vez mais presente e forte, aqueles que experimentam novas formas de ver, falar, agir e imaginar o mundo e as mais diversas formas de se relacionar – com outrem, com a arte, com nossas produções (com o que deixamos para o mundo) – se mostram perseverantes e ativos militantes do esperançar[9].

Acredito que de toda troca (como foram as idas às escolas do projeto, por exemplo) nasce algo novo. Desses rizomas que se tocam surge uma encruzilhada, e é nela que mora o sopro da vida, a sabedoria mais poderosa do mundo: o encontro de corpos é a coisa mais potente que existe. É somente por ele que surge a vida como conhecemos, que surgem novos começos e fins, que surgem novas perspectivas… é por meio da partilha que crescemos mais fortes e resilientes.

De maneira geral, quero dizer que criar com esse projeto, principalmente no âmbito das letras, revolucionou muita coisa em mim. Revolucionou meus sentidos, meu olhar, meu corpo. Serviu como método de batalha contra correntes muito enraizadas e como gás para continuar escrevendo. Me colocou de cabeça para baixo, pendurado. Mas é só quando a gente muda a posição das coisas que um novo horizonte surge.

Que continuemos firmes, encontrando respostas para tempos difíceis, nos quais a luz no fim do túnel nunca parece chegar, e que, para isso, confiemos na nossa maior potência: o corpo. Que nossas embarcações nos guiem pelas encruzilhadas, pois é somente quando dois ou mais caminhos se cruzam que uma nova rota é encontrada. Que sonhemos com algo que não conhecemos, porque é somente lá que o diferente é possível.

Referências

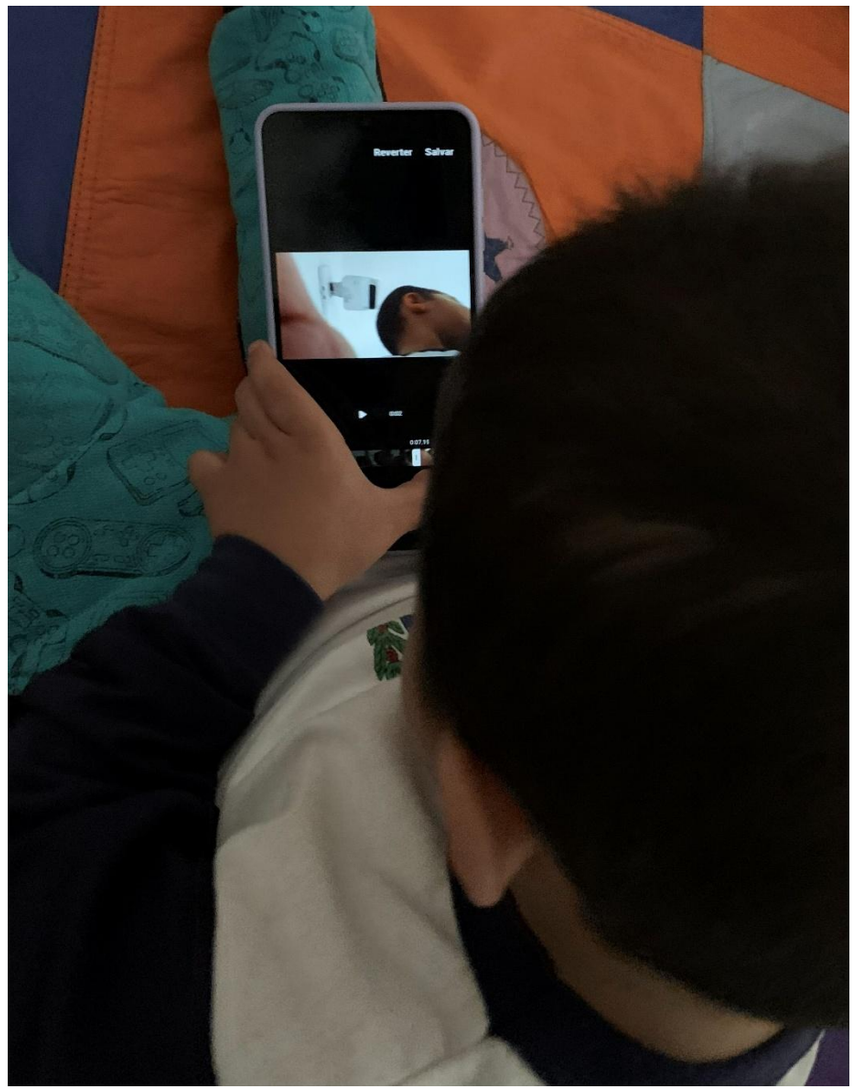
DILACERDA, Lucas. Corpo sem órgãos e esquizoanálise em Deleuze e Guattari. Dossiê LEFA - Deleuze e Guattari - Ética, Estética, Política e Clínica. *Lampejo: revista eletrônica de filosofia e cultura*, v. 10. e. 1. p. 318-325. 2021.

DOMINGUES, Fabiana Florio; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Cartografia e teoria dos afetos: um caminho para os estudos organizacionais. In: XI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD, 2022, Virtual. *Anais do XI Encontro de Estudos Organizacionais da ANPAD*, p. 1-10, 2022.

RUZENE, Aurora Nilo da Silva; OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de. Relatos do (meu) encontro com cartografias, afetos, escolas, cinemas e crianças bem pequenas. *Revista Digital do LAV*. v. 18. n. 1. e25. p. 01–21. 2025.

[9] Para o pedagogo Paulo Freire, esperançar, enquanto verbo, se distancia da esperança. Na primeira forma, o sujeito que conjuga a frase convida a agir ativamente, enquanto, na segunda forma, o substantivo sugere uma movimentação passiva de quem espera que, sem esforço e movimentação, o que se deseja seja alcançado.

Escritos de quem leu


Reverter
Salvar

O que já estava ali: relatos como dispositivos de criação

Aline Arena[1]
Milena Bócoli[2]

Somos uma dupla formada em 2020 que, desde então, compartilha trajetórias de aprendizagem, convivência e trabalho na escola. Nosso encontro com o cinema aconteceu a partir da chegada do projeto em nossa escola, e pode ser compreendido, hoje, como um encontro marcado pelo afeto. Esse encontro despertou, desde o início, um encantamento especial em Aline, já habituada a registrar, em fotografias e filmagens, cenas, momentos e situações do cotidiano com um olhar atento e sensível, utilizando o próprio celular como ferramenta de expressão e observação.

Com o tempo, na convivência e na parceria, Milena também foi sendo afetada por essa forma sensível de fazer cinema que ali se constituía. Aos poucos, passou a se encantar com outras maneiras de perceber, escutar e interpretar o cotidiano escolar, atentando-se a detalhes e situações que antes passavam despercebidos. Esse deslocamento não aconteceu de forma brusca, mas como um processo contínuo de ser afetada pelo que se vivia, se via e se criava conjuntamente.

Assim, seguimos no exercício de pensar e fazer cinema na escola como uma prática carregada pelo afeto, compreendendo-o como uma potente linguagem educativa. Construímos experiências audiovisuais com e para as crianças, em um percurso no qual educar, criar e se deixar afetar caminham de forma inseparável.

Ao revisitarmos os relatos, somos capazes de relembrar muitos momentos e reviver determinadas situações. Esse retorno desperta diversas sensações — alegrias, saudades, silêncios, encantamentos, mudanças no olhar, emoções que ainda ecoam — e nos faz perceber o quanto essas experiências nos marcaram e continuam a nos afetar a cada nova leitura. Esse movimento nos remete à citação da professora Rosália Duarte, apresentada durante o V Seminário Ecofalante de Cinema e Educação, ao tratar do conceito de *affectum*, proposto pelo filósofo francês Gilles Deleuze em diálogo com Spinoza. Segundo ela, o afeto é tudo aquilo que altera nossa potência de agir, que nos impacta, muda o curso das nossas ações e, consequentemente, aquilo que somos. O afeto toca de forma profunda e primordial a natureza daquele a quem ele sensibiliza. Tornar-se sensível é o ato pelo qual alguém, por ser afetado incessantemente, torna-se outro sem deixar de ser o que se é.

Ao iniciarmos a leitura dos relatos das visitas de Wenceslao, professor e coordenador do projeto de cinema, e dos estagiários que o acompanham, muitas reflexões já se colocam em movimento. Desde as primeiras linhas, somos tocadas pela forma como esses textos são escritos e, sobretudo, pela sensibilidade do olhar lançado sobre o cotidiano da escola. O modo como identificam, nos gestos mais simples, nas ações espontâneas das crianças e nas relações que se estabelecem nos espaços, aquilo que pode se tornar cinema vai produzindo em nós deslocamentos importantes como educadoras.

Durante o período das visitas, a escrita semanal desses relatos passou a ser também um tempo de formação. A expectativa pelo próximo texto não era apenas curiosidade, mas desejo de compreender melhor o que vivíamos e como nossas práticas podiam ser vistas, narradas e ressignificadas. As visitas aconteciam em quatro salas, e a leitura de todos os relatos ampliava nosso repertório de observação; ainda assim, os relatos dos dias em que estiveram em nossa sala provocavam uma atenção especial, pois ali nos víamos diretamente implicadas no processo.

[1] Monitora de Educação Infantil na CEI Benjamin Constant, da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Ingressou nas atividades do projeto "Cartografias..." desde seu início, em fevereiro de 2023, passando a integrar a equipe de bolsistas EP-Fapesp em agosto de 2025

[2] Agente de Educação Infantil na CEI Benjamin Constant, da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Ingressou nas atividades do projeto "Cartografias..." desde o princípio, em fevereiro de 2024, passando a integrar a equipe de bolsistas EP-Fapesp em agosto de 2025.

Essa experiência de sermos observadas, narradas e refletidas a partir do olhar do outro foi fundamental para que nos sentíssemos pertencentes a esse processo de fazer cinema com e para as crianças. A interação com os visitantes nos dias da observação e, posteriormente, a leitura do que foi escrito sobre aqueles encontros contribuíram para a construção de um olhar mais atento, sensível e intencional sobre o cotidiano. Aos poucos, fomos compreendendo que o cinema na educação não se faz apenas com câmeras, mas com presença, escuta e abertura para o inesperado.

Em um dos relatos, datado de 25 de abril de 2023, o professor Wenceslao descreve a aluna Aurora, à época criança do CEI Bety Pierro. Ao relermos esse texto dois anos depois, somos atravessadas por uma experiência singular: essa mesma criança chega à nossa escola, o CEI Benjamin Constant, e imediatamente a reconhecemos. Reconhecemos seus gestos, seu corpo, seu modo de estar – e algumas marcas do cotidiano que permanecem, como a dificuldade em manter uma rotina adequada de sono, algo que se revela no próprio corpo da criança.

No relato, lemos:

> Estava cochilando na cadeirinha quando cheguei perto e ofereci a sobremesa do dia, um pedaço de caqui; ela arregalou os olhos e pegou a fruta com uma gana incrível (a professora, que viu a cena, comentou: se tivesse com a câmera ligada teríamos uma cena perfeita; um tanto de comédia e um tanto de doçura); ela ainda comeu um segundo pedaço de caqui, completamente desperta. Cena três: foi a última a sair do refeitório (…) estava de novo sonada (…) terminei por levá-la no colo até a sala, onde foi só colocá-la sobre o colchão, e já dormiu.

Esse trecho evidencia a delicadeza de um olhar que observa sem julgar, que acompanha o corpo infantil em seus ritmos e necessidades. A leitura desse relato, hoje, reafirma a potência do registro como instrumento formativo: ele permanece vivo, produzindo sentidos mesmo anos depois, em outro contexto, com a mesma criança.

Era muito significativo acompanhar os relatos e aguardar, a cada semana, as sugestões do que poderia vir a ser cinema. Os constantes "e se?" – e se tivesse uma câmera nesse momento? – iam, aos poucos, sensibilizando nosso olhar e nos encorajando a experimentar novas maneiras de fazer cinema.

Tudo o que lemos como proposta de fazer cinema — de onde posicionar a câmera, em que focar, o que poderia se tornar imagem — foi, aos poucos, se transformando. Essas indicações deixaram de ser orientações e passaram a agir como disparadores de um modo de olhar mais atento e disponível ao cotidiano. O olhar compartilhado nos relatos, escritos de forma descritiva e poética, nos levava a refletir sobre como seriam nossas próximas experiências com o cinema na escola. O que se tornava marcante nesses registros — e o que nos fazia esperar, ansiosamente, pelo próximo relato — era justamente a sensibilidade com que o cotidiano era narrado, revelando possibilidades de cinema onde antes víamos apenas rotina.

A primeira vez que os celulares chegaram às mãos das crianças está descrita no relato do dia 22 de maio de 2024:

> Estou muito curioso para assistir às filmagens que foram feitas pelas crianças e ver o que mais aparece nelas, o que pode nos indicar o que pode uma câmera nas mãos de crianças pequenas numa manhã da educação infantil, bem como os modos de interação que nós, pessoas adultas, tivemos com elas enquanto filmavam, inventando maneiras de 'educá-las' como cineastas mirins. Que cinemas – e que filmes – poderão emergir daí?

Meses depois, essa pergunta encontra uma resposta possível na produção do filme *Agora Eu* – https://youtu.be/kGOQfnlqJnU?si=52APotG1VVQEK9dV – realizado com as crianças. O filme nasce justamente desse gesto de confiar a câmera às crianças e de observar, com atenção, o que emerge quando são elas que escolhem onde mirar, quanto tempo permanecem e como se relacionam com o que filmam. Ainda no mesmo ano, o

filme é selecionado para a *Mostra Kino Campinas*, uma reafirmação da potência do cinema feito com crianças.

No relato do dia 30 de outubro de 2024, ao falar sobre a primeira exibição do filme *Agora Eu* para as crianças da turma e de outra turma do AG2, percebemos que ali se configurava uma primeira tentativa de cineclube com elas. A leitura desse relato, feita posteriormente, nos trouxe importantes reflexões. A tentativa de exibir três filmes na mesma sessão não deu certo e revelou que o tempo de concentração das crianças é curto e pede outras formas de organização. Observamos também que as crianças assistem aos filmes com o corpo inteiro, cada uma à sua maneira, movimentando-se, comentando, reagindo. A escolha do filme pode – e talvez deva – ser feita com elas, assim como certos combinados da sessão. Reler o relato nos fez perceber, inclusive, que servir suco durante a exibição não favoreceu a experiência.

Continuando a leitura desse mesmo relato, nos deparamos com mais uma ideia que amplia a experiência do cinema para além da imagem e nos convoca a escutar com mais atenção os sons do cotidiano escolar. Quando lemos: "fiquei pensando se não seria interessante gravar o choro de cada criança e montar todos juntos como uma espécie de trilha sonora da escola; o difícil seria fazer chorar algumas crianças que têm sempre o sorriso no rosto", fomos provocadas a escutar com mais atenção os sons do cotidiano da escola. Essa provocação se encontrou, em outro momento, com o dispositivo de criação da semana, que propunha a gravação de 15 a 30 segundos de algum som captado no ambiente escolar.

Essas duas propostas nos deixaram mais atentas aos sons: vozes, passos, risos, silêncios e pequenos ruídos passaram a ser percebidos como parte fundamental das criações das nossas filmagens e filmes. Passamos a compreender a potência desses sons no momento da edição.

A repetição dessas ideias e vivências em torno da sonoridade foi nos conduzindo, pouco a pouco, à possibilidade de criar uma trilha sonora autoral, construída a partir dos sons produzidos pelas crianças ou captados na própria escola. Recentemente, conversamos com Vivi, professora de musicoterapia da nossa escola, e a convidamos para construir conosco uma parceria nesse processo de criação, para ampliarmos as possibilidades de escuta e de composição coletiva.

Na sequência da leitura dos relatos, encontramos a ideia de filmar os pés dos adultos e das crianças lado a lado:

> Na roda de adultos e crianças o cinema que me veio foi o dos pés: filmar os pés e sapatos dos adultos ao lado dos pés e sapatos de 'suas' crianças. Imagino que, para além das diferenças de tamanhos, seria possível ver nessas filmagens as diferenças e preferências de gênero, de cores, de texturas, de preço...

Ao relermos esses relatos, nos perguntamos se o filme *De Pezinhos no chão* – https://youtu.be/BheRZNUc2RI?si=8a3zNfHpIS-AqDsC –, realizado por nós, não teria nascido, ainda que indiretamente, dessas leituras e provocações que foram se acumulando ao longo do tempo.

Outro ponto que nos chamou a atenção foi a troca de saberes entre o professor Wenceslao e nós, educadoras da educação infantil. Em um de seus relatos, lemos:

> Fiz o possível para dar atenção a cada uma um pouquinho (...) de modo que nenhuma das crianças tivesse alguma 'exclusividade'. Na verdade, esse 'modo de agir' é 'espelhado' nas profissionais ao meu redor.

Esse trecho explicita uma relação horizontal, em que os saberes se constroem na convivência, no espelhamento e na observação mútua. O cinema, nesse contexto, não chega como algo externo ou imposto, mas como algo que se mistura às práticas já existentes, potencializando-as.

Na leitura dos relatos, muitas outras experiências nos atravessam, em especial aqueles momentos em que as crianças experimentam os elementos da natureza, se relacionam com os insetos e com os espaços externos, ocupando-os com curiosidade,

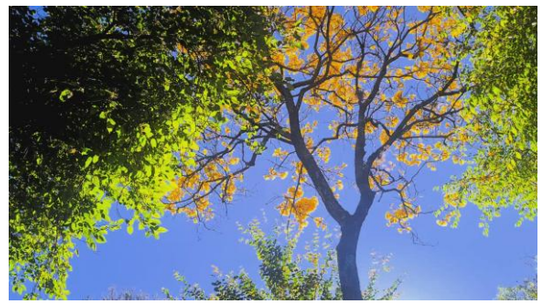
atenção e alegria. Há, nesses relatos, muito do que vivenciamos diariamente com as crianças, além de um convite constante para perceber a natureza não apenas como cenário, mas como presença ativa nas experiências infantis.

Em um dos relatos, ao falar das flores do ipê-amarelo, o professor Wenceslao lança novamente a pergunta com o "e se?": "e se tomássemos as flores como parceiras do nosso cinema? E se deixássemos que elas mesmas nos apontassem como filmá-las?".

Essa pergunta feita em 2023 encontra ressonância dois anos depois, em 2025, no último filme realizado por nós, desta vez filmado pelas próprias crianças: *No meio do caminho tinha uma tela* – https://youtu.be/5iKqhokU5Es?si=azLtSKvXaWmnrxLM.

Nesse filme, as crianças interagem com as flores do ipê-amarelo presente na escola de forma livre, sensível e inventiva. É como se, naqueles gestos, a questão lançada anteriormente encontrasse uma resposta possível: são as flores que indicam como desejam ser filmadas, e isso se torna possível por meio do olhar das crianças.





Frames do Filme: *No meio do caminho tinha uma tela*.

Ao observarmos esse percurso, reconhecemos o quanto os relatos não apenas registram experiências passadas, mas semeiam perguntas que germinam no tempo. O cinema que se faz com as crianças — e pelas crianças — nasce desse encontro atento com o mundo, em que natureza, corpos e olhares se entrelaçam, produzindo imagens que não são impostas, mas construídas nessa relação.

Trata-se de um cinema que não busca representar o mundo, mas se deixar afetar por ele, em um processo formativo que valoriza o sensível, o vivido e o imprevisível. Essas perguntas permanecem abertas. Assim como o cinema na educação, elas não se encerram em respostas, mas continuam produzindo movimento, pesquisa e reflexão.

Ao longo da releitura dos relatos para realizar esta escrita, fomos percebendo algo que, até então, não estava claro para nós. Muitas das criações, escolhas e propostas que fazem parte do nosso cotidiano com as crianças já estavam presentes nos relatos. Não como algo a ser copiado ou aplicado, mas como ideias que nos afetaram e foram se incorporando às nossas práticas sem que nos déssemos conta disso. A releitura não trouxe exatamente o novo, mas revelou o que já existia: uma forma de criar, de escutar e de estar com as crianças, agora reconhecida a partir do olhar sensível de quem observa de fora. Foi nessa descoberta — do que já estava ali — que passamos a reconhecer nossas próprias criações com outros olhos.

Relato dos Relatos – a riqueza de um olhar sensível

Eliane Sobrinho Moraes[1]

Ao começar a reler os relatos, minha maior dúvida e inquietação foi: será que conseguirei absorver tanta qualidade, riqueza e sensibilidade desse conteúdo? Graças ao olhar cinematográfico, que aos poucos estou adquirindo, creio que não foi tão difícil enxergar tanta beleza.

Apesar de já trabalhar em escolas de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de Campinas há quase 22 anos, e, destes, 15 anos no CEI Bety Pierro, a vivência com o cinema na escola se faz somente desde 2023. Nesse ano, nossa orientadora pedagógica Gaby e o Wences, autor da maioria dos relatos e nosso mentor, chegaram à unidade em que trabalho, trazendo com eles todas as nuances, os encantos e, principalmente, os desafios do cinema.

Antes disso, a meu ver, fazer cinema ia muito além de pequenos vídeos, edições, fotografias; cinema se fazia com megaprodução. Esse mito foi caindo por terra e, aos poucos, as produções foram surgindo. Com auxílio e direcionamentos, fomos produzindo pequenos filmes, para as crianças, para nós mesmos, para os pais (para serem exibidos em reuniões); e filmes de alguns colegas foram exibidos na Mostra Kino Campinas.

Um dos filmes que me trouxe (e ainda me traz) um calor no peito e um orgulho de ter feito parte de sua produção foi o que exibimos aos pais na última reunião do ano de 2023. Ele foi montado como uma junção de fotos e filmagens do cotidiano escolar e foi exibido na sala escurecida pelas cortinas fechadas, com direito a ingresso, lanterninha, pipoca e tudo mais que o cinema merece. Foi tão lindo, emocionante! Pais, equipe educativa e orientadora pedagógica nos rendemos às lágrimas durante a exibição; o olhar dos pequenos ao se verem na tela e mostrarem aos pais que ali estavam foi realmente emocionante.

Também muito me alegrou ter sido o filme "As borboletas e as vozes ao vento" – https://www.youtube.com/watch?v=UVOooHSEmjA – escolhido por minhas colegas cineastas para ser inscrito na Mostra Kino Campinas. Ele foi montado com filmagens feitas por mim e, apesar de não ter sido selecionado pela comissão da referida Mostra, o simples fato de minhas colegas terem confiado no meu trabalho e os elogios do nosso mentor sobre o método escolhido para a filmagem me dão coragem para continuar tentando.

Voltando à releitura dos relatos, percebi que nos prende mais a atenção aquilo que vivenciamos. No decorrer dessa leitura, notei que minhas anotações se voltavam sempre para a faixa etária em que atuo, agrupamento I/II. Alguns dos relatos que me chamaram mais atenção, irei descrever abaixo:

*O estranhamento da pequena ao sentir a areia do parque nos pés e o deixar-se sentir mesmo com desconforto e desconfiança.

*A trilha sonora das pequenas mãos ao bater na mesa do refeitório, desordenando onde tentamos manter a ordem; o suposto barulho que fazem com os chocalhos de garrafinhas pet e seus grãos.

*O olhar ao ver e sentir a sensibilidade das cuidadoras, cujos nomes começam com "S", para o cuidado com os pequenos, e me atrevo a dizer que não só com os pequenos, pois uma das "S" tem um abraço tão acolhedor que muitas vezes, disfarçadamente, me deixei envolver nele para acalmar o coração.

[1] Agente de Educação Infantil na CEI Bety Pierro, da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Ingressou nas atividades do projeto "Cartografias..." desde o princípio, em fevereiro de 2023, passando a integrar a equipe de bolsistas EP-Fapesp em agosto de 2025.

*A curiosidade das crianças para poder ver o sapo que apareceu no corredor, o asco das educadoras pelo ser gosmento, feio e gelado, que para os pequenos apenas não lava o pé, se chama Cururu e, se for beijado, se transforma em um príncipe, segundo os contos de fadas.

*A observação cuidadosa, pelo bolsista Aurora, da criança que estava sonolenta para comer o arroz e feijão, mas atenta e ágil para degustar o caqui, e que, sem pronunciar uma só palavra, sem fazer um gesto sequer com os braços, pede colo para chegar à sala, deitar-se em seu colchão e adormecer.

*A sagacidade do nosso Wences em perceber o trabalho que fazemos de não dar colo o tempo todo aos pequenos, e de falar a eles, mesmo que não entendam, que não é legal "alguém comer a perna do super-herói" de brinquedo, como uma estratégia para dizer que morder o colega também não é legal. E é sensacional ele não entrar na sala de referência da turma durante o sono dos pequenos quando chegou à escola às 13 horas, para não incomodar e atrapalhar o descanso.

Durante a releitura desses relatos, notei que o brincar, casual, direcionado, cantante, dançante, cheio de disputas, estranhamentos, com interação adulto/adulto, criança/criança, adulto/criança, seres pensantes e não pensantes, plantas e objetos é uma junção que, no coletivo, se faz cinema. E quanto cinema fazemos todos os dias em nossas escolas? Quanto cinema fazemos na vida? E o quanto esse cinema irá e já está influenciando na vida de nossa comunidade escolar? E que aos poucos estamos tomando propriedade desse pensamento e nos tornando verdadeiros cineastas.

Me vejo nos relatos... no trabalho com as crianças e com o cinema

Silma Ribeiro[1]

Ao reler os relatos, notei que o cinema chegou para nós como um desafio... eu particularmente fui convidada a participar, mas tive muito receio, medo. Ficava me perguntando como iria desenvolver esse trabalho com crianças tão pequenas (no iniciar do ano, em sua maioria bebês).

Onde? Em que posição vou filmar? A qual dispositivo vou me adaptar? Como inserir a equipe no projeto? E aqueles que não gostam, não colaboram, como fazê-los começar a apreciar a arte do cinema na escola?

Essas são perguntas, desafios que fazem parte da nossa rotina, e aos poucos vamos aprendendo a lidar, encontrando respostas.

As primeiras visitas do Wences e das estagiárias foram agradáveis e bem proveitosas. Percebemos que as crianças os acolheram conosco e sempre procuraram trazê-los para a rotina. Os traziam para as brincadeiras, brinquedos, se aconchegavam em seus colos...

Os primeiros trabalhos/tarefas ou filmagens a realizar me causaram sempre aquele friozinho na barriga, mas também aquele anseio em captar algo especial no dia a dia com os pequenos.

A comunicação com crianças muito pequenas é realizada muito por meio dos gestos, de ouvir o balbuciar e tentar entender, de toques. Nosso ambiente diário é repleto de sonoridades: risadas, choros, gritos de alegria, espanto e encantos.

E colo, muito colo... abraços, afagos, cantigas baixinho para acalentar.

Com o passar do tempo o projeto foi caminhando, o olhar, já com a intenção de cinema, passou a ser mais apurado; as conversas, as leituras para que nos apropriássemos de todo encanto que envolve o cinema na escola foram se tornando parte da nossa rotina. E assim começaram a se desenhar algumas imagens, experimentando dispositivos, juntando recortes do cotidiano, nos trazendo até aqui.

As filmagens realizadas na sala, em vários momentos, mostraram a interação entre as crianças, entre criança e adultos. Em áreas externas, as atividades livres, nos brinquedos dos espaços e suas descobertas na natureza; pequenos bichinhos, animais que tinham na escola, folhas e interação com outras turmas nos proporcionaram algumas belas imagens e produções.

Pequenas experiências com algumas crianças manuseando o celular, realizando pequenas filmagens, cenas inusitadas, sem programar, realizadas no susto, que no final foram as mais interessantes.

Há muito que se aprender, ler, estudar... penso que em algumas situações temos de nos libertar das amarras da perfeição e trabalhar, olhar as imagens com a realidade que temos, elas falam por si.

Ao realizar algumas filmagens me emociono, comento com as colegas como, sem o cinema, deixaríamos passar momentos, emoções que só podem se eternizar por meio das filmagens. E mesmo após tantos anos trabalhando com os pequeninos, o projeto cinema nos permite vivenciar com outro olhar os gestos, o caminhar, o brincar, o se alimentar, as emoções em suas várias facetas, o descobrir o mundo ao seu redor e o desenvolver dessas crianças.

Ler os relatos me fez voltar no tempo, relembrando e revivendo momentos, de que, muitas vezes, nem me lembrava com detalhes, sentindo a importância que tiveram,

[1] Agente de Educação Infantil na CEI Bety Pierro, da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Ingressou nas atividades do projeto "Cartografias..." desde o princípio, em fevereiro de 2023, passando a integrar a equipe de bolsistas EP-Fapesp em agosto de 2025.

e que nesse momento nos enche de energia para dar continuidade a esse projeto com mais garra. Me enxerguei em vários pontos dos relatos, realizando meu trabalho de forma positiva.

A experiência com um cinema que foi surgindo aos poucos

Graziele Souza da Silva[1]

Ao reler os relatos, me lembrei que numa das primeiras vezes em que o Wences e a equipe de cinema vieram à nossa sala, ficaram registradas várias cenas que jamais esqueceremos. Uma delas, citada inclusive em um dos relatos, aconteceu no momento do refeitório. Para tentar ganhar a atenção e acalmar as crianças, ele começou a batucar na mesa. Logo, começamos a perceber que todas as crianças daquela mesa estavam fazendo o mesmo.

Para nós, foi uma surpresa, já que, em nossa rotina, o momento da refeição é sempre algo bastante organizado e previsível, e precisa ser assim, pois são muitas crianças para ajudar, por isso é necessário manter certa ordem. Geralmente, não temos momentos tão descontraídos nesse horário, em razão da correria. E apenas por isso, pois sabemos que, na educação infantil, tudo acontece ao mesmo tempo rsrs.

Com o tempo, percebi que as crianças não estavam apenas imitando um comportamento do Wences, mas, a meu ver, estavam produzindo um som que talvez fosse familiar e conhecido para elas. Foi um ano em que trabalhamos bastante com instrumentos musicais e até confeccionamos alguns. Aquela mesa, naquele momento, podia estar se transformando em outra coisa para as crianças.

É incrível a maneira como as crianças aprendem. Elas observam, imitam, reproduzem, criam… E, muitas vezes, essas aprendizagens se revelam nos momentos mais corriqueiros e inesperados. Às vezes conseguimos enxergar isso prontamente, outras, não. Nesse caso, na hora, eu não percebi, mas, em conversas posteriores com o Wences, fui assimilando aos poucos. Essas conversas sempre me faziam lembrar de uma frase que escutávamos muito dele:

"Pense em como isso pode virar cinema".

E, sim, aquilo poderia ter virado cinema. Pena que, naquele momento, ainda não estávamos preparadas para isso rsrs.

No decorrer do ano, colocamos várias práticas de cinema em ação. Algumas deram certo, outras não. Ou apenas pensávamos que não. Talvez o mais difícil tenha sido encontrar posições para a câmera, já que, na maioria das vezes, quando menos se esperava… bum! alguém ia lá e a derrubava. Mas, nessas tentativas, conseguimos realizar muitas filmagens. Nem todas ficavam boas aos nossos olhos, mas todas tinham seus encantamentos.

Com o tempo, fomos aprendendo algo muito importante: admirar aquilo que não é esteticamente lindo, mas que carrega um significado que só quem está no chão da escola consegue entender.

Filmamos tantas coisas… tantas histórias, tantos momentos. E, com eles, sempre vinham as aprendizagens, as surpresas, os ensinamentos, coisas de criança, de adulto e dos dois juntos. Porque, no chão da escola, não somos feitos sozinhos; somos uma mistura de tudo aquilo que aprendemos.

E o cinema faz parte de tudo isso.

Tudo era novo, apesar de sempre ter estado presente sem que percebêssemos: nas vivências, na rotina, nos nossos registros diários, de várias formas. Mas nada era tão perceptível até o cinema chegar e nos fazer perceber que tudo podia virar filme, inclusive os momentos mais rotineiros, aqueles que antes deixávamos passar despercebidos.

Veio então o desafio de colocar o celular nas mãos das crianças. As imagens ficariam boas? Será que saberiam usar?

[1] Professora de Educação Infantil na CEI Bety Pierro, da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Ingressou nas atividades do projeto "Cartografias..." desde o princípio, em fevereiro de 2023, passando a integrar a equipe de bolsistas EP-Fapesp em agosto de 2025.

Sim, foi um desafio e tanto, até começarmos.

O olhar da criança é diferente do nosso. Para elas, tudo é encantamento. Até mesmo o objeto mais simples jogado no chão, uma folha seca caída da árvore, virava alvo das câmeras. E não é que ficava lindo? Porque era puro, novo, verdadeiro, algo que só a criança consegue nos passar.



A foto acima é o retrato de um desses momentos. A criança que aparece com a câmera nas mãos é a Olívia, que, na época, tinha dois anos e meio. Ela foi a primeira a demonstrar interesse em segurar a câmera e começar a filmar. E filmou muita coisa, dentre elas, os amigos que brincavam no chão. Foi algo muito gratificante de ver, pois, no início, não fazíamos ideia de como seria essa experiência.

A Olívia, uma criança muito inteligente e comunicativa, parecia ter nascido com a câmera nas mãos. Lembro-me de que, nesse mesmo dia, surgiram algumas disputas pelo celular, porque, depois que as crianças viram a Olívia filmar, todas queriam filmar também. Foi uma sucessão de registros, um atrás do outro, cheios de curiosidade e descobertas.

Dentre essas filmagens, tivemos a do Bruno. A partir dela, produzimos um filme que inscrevemos na Mostra Kino Campinas, intitulado "As descobertas de um olhar" – https://www.youtube.com/watch?v=ttGD7jjx2rs. Nele, o Bruno, com a câmera apontada para o chão, registrou tudo aquilo que via: objetos, movimentos e até os nossos pés. Foi lindo.

Aliás, tudo fica lindo quando é visto com carinho, quando conseguimos captar a mensagem que as crianças nos passam, muitas vezes sem dizer nenhuma palavra, apenas com um gesto, um sorriso, um choro ou uma imagem.

E nesse caminhar, envolvidas pelo cinema, vivenciamos outra experiência que posso dizer, com toda convicção, que foi uma das mais marcantes. Uma experiência que também foi contada pelo professor Wenceslao em um de seus relatos: a nossa reunião com as famílias, no mês de dezembro de 2023. Naquele ano, pensamos em fazer algo diferente. Surgiu então a ideia de uma reunião/cinema. Começamos os preparativos, pensando em cada detalhe. E aqui vale abrir um espaço para registrar como é bom fazer parte de uma equipe parceira, porque nada disso teria sido possível sem várias mãos trabalhando juntas. Com muito carinho, as ideias foram surgindo: o filme, a recepção, a organização e a decoração da sala.

E, com o coração cheio de emoção, recebemos as famílias para a tão esperada sessão de cinema. O Wences estava presente, e isso, para nós, foi algo muito especial. Não havia como não notar a alegria e a emoção das famílias ao verem seus filhos na tela da tevê, e também das próprias crianças ao se verem nela. Aliás, elas adoram.

E esse é um ponto que faço questão de registrar: como as crianças amam se ver na televisão da sala de referência. Como é incrível observar suas reações ao se reconhecerem e reconhecerem os amigos. É lindo.

Assim, essas experiências, muitas delas presentes nos relatos, foram nos marcando e nos envolvendo cada vez mais no universo do cinema.

Isso é cinema.

Isso virou cinema.

Relato da experiência do cinema no berçário

Maria Piton[2]

Receber as visitas do coordenador e dos bolsistas do projeto de cinema na escola na turma-sala do AG1 foi, para mim, uma experiência que ultrapassou o campo profissional e tocou profundamente o pessoal. O berçário é um espaço onde o tempo corre diferente, onde tudo é mais intenso, mais frágil e, ao mesmo tempo, mais verdadeiro. Estar ali todos os dias já exige presença, escuta e sensibilidade, mas dividir esse cotidiano com pessoas que chegam para observar, filmar e pensar o cinema junto às crianças ampliou ainda mais meu olhar sobre o que vivemos naquele espaço.

Ao reler os relatos, lembro-me da primeira manhã como se fosse uma estreia. A chegada cedo, antes das oito horas, o cheiro do leite, o silêncio interrompido por choros e risadinhas, as mãozinhas segurando mamadeiras, o café da manhã acontecendo ali mesmo, na sala. No berçário, tudo acontece junto, misturado, sem separações rígidas. Comer, brincar, dormir, chorar, explorar o mundo. As visitas trouxeram perguntas que, muitas vezes, nós, que estamos no dia a dia, já não formulamos mais, mas que nos fazem refletir sobre a rotina, sobre os espaços e sobre os gestos que se repetem, mas nunca são iguais.

As diferenças entre quem anda e quem ainda não anda ficam muito evidentes no AG1. Há os que engatinham, os que dão passos inseguros, os que acabaram de descobrir o equilíbrio do próprio corpo. Cada pequena conquista é celebrada, mesmo que silenciosamente. E, enquanto isso, seguimos cuidando: no colo, na troca de fralda, no sorriso oferecido, no nome dito com cuidado, no chão compartilhado. Relendo os

[2] Agente de Educação Infantil na CEI Bety Pierro, da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Ingressou nas atividades do projeto "Cartografias..." desde o princípio, em fevereiro de 2023, passando a integrar a equipe de bolsistas EP-Fapesp em agosto de 2025.

relatos, percebi que, ao longo dessas visitas, os bebês arrancam de nós sorrisos quase involuntários. É impossível passar horas com eles e sair ileso. O corpo adulto também se transforma ali.

Confesso que, em muitos momentos, senti meu "não saber". Não saber exatamente o que fazer, como reagir, como conciliar o cuidado com a presença do cinema. Houve susto quando um bebê chorou ao ser deitado no chão, houve estranhamento diante de choros sem causa aparente, houve riso diante de uma calça molhada de baba. Foram muitas expressões, muitos sentimentos atravessando o corpo. E entendi que esse não saber também faz parte do processo. É justamente nele que se constrói algo novo.

O cinema que entrou no berçário não foi um cinema tradicional. Foi um cinema feito de tecidos, luzes, sombras, lanternas de celular, portas fechadas, brinquedos espalhados e corpos pequenos deitados no chão. Um cinema visto de baixo para cima, com mãos esticadas tentando tocar o que se projeta. Um cinema que solicita o corpo inteiro: o olhar, o tato, o equilíbrio, a curiosidade. As crianças não assistiam apenas com os olhos, mas com tudo o que são.

Ao mesmo tempo, ficou claro que nem todas estavam interessadas naquele momento específico. Algumas preferiam explorar o chão, as paredes, os brinquedos, os colegas, os adultos. E tudo isso também fazia parte da experiência. No berçário, não há linearidade, não há foco contínuo. Há descobertas rápidas, intensas e passageiras. E isso nos ensina muito sobre respeitar os tempos e os interesses das crianças.

Outro aspecto marcante ao reler-rever os relatos foi observar as filmagens feitas a partir do ponto de vista das próprias crianças. Celulares no chão, câmeras fixas, imagens de pés, fragmentos de corpos, brinquedos entrando e saindo do quadro. Um cinema que não precisa identificar rostos para contar histórias, mas que revela alianças: criança e tapete, criança e espelho, criança e bebê conforto. Interações que duram o tempo exato da curiosidade, nem mais, nem menos.

Essas visitas que se desdobraram nos relatos me fizeram refletir sobre o quanto o berçário é um espaço de intensidade. Tudo é sentido com mais força. O choro é mais fácil, o susto é maior, o encantamento é imediato. E, ao mesmo tempo, nós, adultos, carregamos nossas histórias, nossos cansaços, nossas cicatrizes. Estar entre bebês é, muitas vezes, se ver refletido nos olhos molhados deles. É perceber o quanto também somos frágeis.

Ao final dessas experiências vividas e, posteriormente, relatadas, ficou em mim uma mistura de saudade, aprendizado e gratidão. Saudade das trocas, dos olhares atentos, das descobertas compartilhadas. Aprendizado sobre outras formas de olhar, de filmar, de estar com as crianças. E gratidão por fazer parte de um espaço onde é possível inventar, experimentar e, sobretudo, acolher.

Trabalhar no AG1 é, diariamente, escolher cuidar. E os relatos dessas visitas reafirmaram para mim que o cuidado também pode ser cinema, pode ser arte, pode ser encontro. Um encontro cheio de choros, sorrisos, luzes, sombras e pequenos gestos que, juntos, constroem algo maior do que conseguimos explicar. Talvez por isso, quanto mais estou com as crianças, mais percebo que nunca deixamos de crescer.

Quando o vivido pede registro: a experiência que ganha ainda mais sentido

Laís Helena Besseler de Oliva[1]

Sou professora de Educação Infantil na rede pública do município de Campinas há dez anos – com muito orgulho. Em 2023, cheguei ao CEI Benjamin Constant junto à Orientadora Pedagógica, Gabriela, e ao seu desejo de fazer o Projeto "Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil" acontecer em nossa escola. Pouco a pouco, ela e o professor-pesquisador, Wenceslao, foram nos envolvendo com suas experiências cinematográficas e com as propostas de filmar para e com as crianças no próprio cotidiano escolar.

Num primeiro momento, acompanhei esse movimento mais à distância, observando as salas envolvidas e lendo atentamente os relatos que eram compartilhados. A cada narrativa somada aos filmes produzidos, meu encantamento pelos processos se ampliava. Fui compreendendo que não se tratava apenas de registrar atividades, mas de dar visibilidade a gestos, encontros, tempos e relações que, muitas vezes, passam despercebidos no ritmo intenso da escola. Essa compreensão me fez gostar ainda mais do projeto e reconhecer nele uma potência formativa.

Sempre fui uma professora preocupada em registrar os movimentos, as experimentações, os desafios e as conquistas das crianças. No entanto, entre a realidade de uma turma numerosa, a ausência de auxiliar de sala, o cansaço cotidiano e a escassez de tempo, a documentação pedagógica — especialmente por meio da escrita — nem sempre se fazia possível de maneira contínua e funcional. Assim como tantas professoras da Educação Infantil, eu sabia da importância de documentar, mas sentia o peso que essa tarefa assumia no dia a dia.

Paralelamente a esse desafio técnico, a escrita sempre foi, para mim, um obstáculo ainda maior. Embora meus estudos confirmassem sua relevância para o planejamento, a avaliação da prática pedagógica e a compreensão dos processos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, nunca consegui fazer da escrita um exercício cotidiano. Minhas produções acabavam se restringindo, em grande parte, ao planejamento semanal e aos relatórios individuais trimestrais, compartilhados com a Orientadora Pedagógica e entregues às famílias como forma de registro do percurso escolar de cada criança.

Ainda assim, movida pelo desejo de seguir me formando, continuei buscando caminhos para qualificar a documentação do cotidiano escolar. Entre estudos teóricos e as experimentações diárias com a turma, comecei a me arriscar: escrevia pequenas histórias, filmava ações breves, entregava o celular às crianças, refinava meu olhar sobre os registros fotográficos. Aos poucos, fui me aproximando de editores de vídeo, tanto no celular quanto no computador. A cada edição finalizada, sentia orgulho do processo e, mesmo sem fazer oficialmente parte do Projeto Cinema, compartilhava tudo com o professor-pesquisador e com a Orientadora Pedagógica.

O retorno de ambos sempre foi acolhedor e provocador. Suas observações ampliaram e refinaram meu olhar: o posicionamento da câmera, a necessidade – ou não – de fundos musicais e efeitos, a escolha do cenário, a forma de narrar as histórias do cotidiano. Esses diálogos foram profundamente formativos e essenciais para que eu alimentasse o desejo de aperfeiçoar meus registros por meio de fotos e filmagens, realizadas tanto por mim quanto pelas crianças.

Ao final de 2024, veio o convite para integrar o Projeto "Cartografias…" como bolsista. Uma alegria imensa, acompanhada de um desafio igualmente grande. A equipe

[1] Professora de Educação Infantil na CEI Benjamin Constant, da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Teve contato com as atividades do projeto "Cartografias..." ao longo do ano de 2024, lendo os relatos das visitas às outras turmas, postados no grupo Cinema Bety Benjamin, e passou a participar mais diretamente delas em agosto de 2025, quando passou a integrar a equipe de bolsistas EP-Fapesp.

que já fazia parte do projeto parecia experiente, segura, à vontade com as telas. Uma colega que sempre admirei — Agente de Educação Infantil do Agrupamento 2 — demonstrava um olhar cada vez mais sensível para as filmagens com as crianças, inspirando todo o grupo. Diante disso, a pergunta insistia: será que eu tinha mesmo potencial para fazer parte desse caminho?

Ainda não tenho essa resposta. Estou em processo, dando passos pequenos em um percurso que é, ao mesmo tempo, longo e surpreendentemente breve — afinal, um ano passa muito rápido. Mas uma certeza já me acompanha: eu não sou mais a mesma. As práticas de cinema na escola da infância me tocaram e me atravessaram de um modo que já não me permite olhar o cotidiano como antes. Elas não passam despercebidas — nem por mim, nem pelas crianças que estão sob minha responsabilidade.

Há ainda muito a aprender: sobre dispositivos, gestão do tempo, edição de imagens e, sobretudo, sobre o que realmente importa nesse cinema tão diferente daquele ao qual estamos acostumados. Ainda assim, sigo me desafiando, com disposição para aprender e para continuar narrando aquilo que, todos os dias, insiste em acontecer no chão da escola.

É nesse contexto que os relatos reunidos neste material ganham força. Eles nascem do chão da escola da infância, de forma espontânea, sem requisitos prévios, como tentativa de dar visibilidade a esse território vivo onde o cotidiano se constrói a partir de gestos mínimos, afetos intensos e tempos que não se submetem à lógica da produtividade. São escritos que não pretendem avaliar percursos nem explicar a infância, mas acompanhar seus movimentos, reconhecendo as crianças como pesquisadoras do mundo e o cotidiano como matéria legítima de pensamento.

Ao longo dos relatos, o cinema aparece não como produto final, mas como experiência pedagógica possível dentro da realidade dinâmica e intensa da Educação Infantil. Um cinema que observa, escuta, espera e se deixa afetar. Um cinema que se constrói em alianças: entre crianças e água, areia, folhas e objetos; entre adultos e crianças mediados pelo cuidado; entre imagem e escrita. Nesse cinema, a câmera não invade – ela acompanha, se torna parte, convida. A narrativa não fecha sentidos, ela os mantém abertos.

A documentação pedagógica, nesse percurso, deixa de ser um peso e passa a ser um gesto possível, compartilhado e sensível. A imagem sustenta a escrita; a escrita devolve sentido à imagem. Um pequeno vídeo, uma fotografia tremida, um som gravado ajudam a lembrar, a escrever e a pensar sobre a prática. O que parecia falta de tempo se transforma em outra forma de habitar o tempo.

Os relatos também revelam algo fundamental: muitas vezes subestimamos as crianças e não lhes damos asas suficientes para que componham a experiência escolar como protagonistas. Quando lhes oferecemos a câmera, o tempo e a confiança, elas produzem um cinema potente, atento aos detalhes, aos ritmos e às repetições. Suas imagens mostram que são capazes de construir experiências ricas e, ao mesmo tempo, provocam a escrita, exigem palavras e deslocam certezas adultas. As crianças deixam de ser apenas objeto da documentação e se tornam parceiras na construção das narrativas.

Este relato sobre os relatos reafirma, para mim, que documentar é um ato ético, político e poético. É escolher olhar, escolher narrar e reconhecer que aquilo que acontece no cotidiano da escola da infância importa. Quando cinema e escrita caminham juntos, a documentação pedagógica se torna mais leve, mais fiel e mais próxima da vida que pulsa diariamente no chão da escola.

Alianças entre cinema, escola e criança

Gustavo Luiz de Sousa Ribeiro[1]

> A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão – no campo, no mar e na cidade –, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o "puro em si" da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Essa citação de Walter Benjamin (1987, p. 209) me veio à mente ao ler o *Apanhado de Relatos*, um texto criado de forma coletiva com diferentes modos de escrita e variadas reflexões a partir de preocupações pessoais, relações com o projeto "Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil". Quantos vasos diferentes foram moldados, em curvas, cores e entalhes e, por fim, expostos em uma mesma prateleira que é esse texto. Uma narrativa feita de narrativas, a *Erlebnis* – vivência – que se torna *Erfahrung* – experiência –, a sabedoria após "atravessar", do verbo *fahren*. Diante disso, eu que chego como um *outsider,* mas logo sou acolhido e acolho essa escola, acho oportuno narrar a minha entrada no projeto.

Sou Agente de Educação Infantil na Prefeitura Municipal de Campinas, desde 2023, e atuo no CEI Benjamin Constant desde 2025. Meu interesse em participar do projeto se deu após os desdobramentos das atividades realizadas nos momentos de HFAM, a partir dos diálogos com outras duas agentes bolsistas que compunham a equipe com que tive o prazer de trabalhar naquele ano. O HFAM, acrônimo para horário de formação de agentes de educação infantil e monitores, foi, no primeiro semestre de 2025, instrumentalizado no formato de um curso que abarcava propostas de escrita criativa e produção cinematográfica, inicialmente a partir da novela *Miguilim,* de Guimarães Rosa, e gradativamente adentrando o cotidiano escolar. Como um exercício barthesiano[2], o texto de Guimarães Rosa foi trabalhado de forma descontínua e desligada de seu autor e contexto, para que assim pudéssemos produzir *literatura*[3] individual e coletivamente.

Ao longo do *Apanhado de Relatos,* o conceito de aliança aparece diversas vezes. Aliança com vegetais nos momentos de alimentação; possíveis alianças do cinema com a água, com a bola, imaginadas pelo pesquisador; "alianças brincantes" tecidas entre as crianças com as folhas que caem de uma árvore e as portas de um armário. No HFAM, as criações do grupo de monitores também articularam diferentes alianças, desde com vidas não humanas que convivem dentro e fora do espaço escolar até a amizade entre uma tarrafa e uma pitangueira. Como foi assinalado em um de seus relatos, pelo professor Wenceslao, o cinema "começa na experimentação de outras relações com o entorno, outros modos de experimentar o corpo que se desdobram em outras sensibilidades" (diário wences_21 ago 23_AG2, neste livro). Essa perspectiva aponta para o papel preambular das relações de aliança no processo de produção dos filmes e a

1 Agente de Educação Infantil no CEI Benjamin Constant, da Rede Municipal de Ensino de Campinas. Ingressou nas atividades do projeto "Cartografias..." em abril de 2025, quando participou da oficina "Miguilim e as escutas do chão", oferecida no Horário de Formação de Agentes e Monitores-HFAM, passando a integrar a equipe de bolsistas EP-Fapesp a partir de abril de 2026.

2 Refiro-me ao ensaio *A Morte do Autor* (1968), em que Roland Barthes propõe uma nova perspectiva de crítica literária ao tomar um texto exclusivamente a partir da interpretação da leitura, ignorando a intenção da escrita (2004, p. 62). Para esse semiólogo, o leitor está na centralidade e na finalidade do texto, já que é ele quem vai construir o significado a partir de seus signos culturais e libertar o que está escrito de um único sentido. Nos momentos de HFAM, os monitores participaram de experimentações sensoriais com partes do livro, "que sabor essa palavra tem?", "como seu corpo sente o seguinte trecho?".

3 Para Barthes (1977, p. 15), literatura é "o grafo complexo das pegadas de uma prática: a prática de escrever", portanto, se distingue da ideia de uma obra ou do estudo literário. A ideia de produzir *literatura* a partir da novela *Miguilim* era sensibilizar os profissionais nessa prática transgressora, de "trapacear com a língua", entendida como um código limitador de imposição de sentidos, e, assim, estimular a criatividade e a reflexão no contexto das relações escolares e no exercício de suas atribuições.

centralidade do corpo. Para que o cinema no CEI seja significativo, entendo que, entre outros fatores, deve articular essas duas esferas em conformidade com as peculiaridades que elas assumem ao se trabalhar na Educação Infantil.

Nesse sentido, é relevante observar que a criança faz alianças com seu entorno de forma muito mais palpável que o adulto, na experimentação que faz do mundo desde o nascer. Janusz Korczak (2022, p. 26), com tom poético, atribui essa habilidade ao "clarividente espírito democrático" da criança que "sem afinidade com a jactância dos ambiciosos [...] simplesmente não sabe que o homem é o único ser a ter uma alma". Como escreve o autor, isso permite que ela experimente a mesma empatia pelo sofrimento humano e animal, a amizade com borboletas e flores e tenha para si, como irmãs, conchinhas e pedrinhas. Daí a necessidade de um olhar sensível que consiga enxergar e (re)produzir essas alianças, carregadas de significado, atuando como mediador para que a criança se aproprie do cinema, como consumidora e produtora. O objetivo, desenvolvido nas diferentes experimentações do *Apanhado de Relatos*, consiste em fazer da cinematografia – como meio de expressão e comunicação –, uma catalisadora do processo ativo de construção do sujeito histórico criança, isto é, como potencializar os modos de ser da infância.

O corpo, a consciência que a criança deve adquirir sobre ele e as suas possibilidades de movimento e expressão, constituem uma peça-chave da Educação Infantil. É através dele que são viabilizadas as primeiras interações sociais, a comunicação e a aprendizagem. Em Vygostky, essa relação se cristaliza nos conceitos de *funções elementares*, sensações e percepções, e *funções superiores*, mediadas por signos como linguagem e pensamento (Oliveira, 1992, p. 95). Em etapas iniciais do desenvolvimento, as *funções elementares*, apoiadas no contato imediato do corpo com estímulos externos compõem majoritariamente as atividades mentais; já nas etapas subsequentes essas mesmas funções vão propiciar em uma relação dialética entre biológico e sócio-histórico a consolidação das *funções superiores*.

O que a palavra cinema produz imageticamente no imaginário coletivo? Uma sala espaçosa e escura com uma tela enorme diante da qual pessoas, em sua maioria desconhecidas, sentam-se em poltronas pagas na bilheteria. O mais importante, não existe muito ruído e nem movimento, ou espera-se isso pelas normas de utilização daquele espaço; o corpo está em repouso cinético. Nesse cenário mental, um recorte construído em 130 anos de cultura cinematográfica, é fácil entender a desconfiança que a proposta de um cinema na educação infantil pode causar.

Para além das questões categoriais, o que é ou não cinema, e o peso com que elas incidiram sobretudo nas etapas iniciais de implementação, o cinema do Bety e do Benjamin foi se constituindo como práxis. Os relatos nos mostram, com as nuances e sensibilidade que as narrativas contêm, que a proposta foi sendo aplicada, com respeito ao corpo infantil e seu movimento expressivo e instrumental, às demandas escolares e, inclusive, em situações de *desemparedamento*, ao ar livre. Um exemplo prático desse processo pode ser encontrado no relato feito pelo pesquisador Wenceslao no dia 5 de junho de 2024: a narração de uma sessão de cinema no AG1 do Bety, que contou com alianças de humanos com tecidos, sala escura, celulares e suas lanternas, brinquedos e recortes de papel.

Por fim, a leitura do *Apanhado de Relatos* me ativou memórias das duas escolas, do convívio com os adultos e crianças, com as vidas não humanas, dos parquinhos, das brincadeiras do ano passado. Também me fez enxergar o Bety e o Benjamin com mais olhos, dos pesquisadores-estudantes, com mais potencialidades para 2026. Nesse sentido, me imaginei trazendo metaforicamente aquele vaso de tomate (diário wences _18 set 23_AG1-2, neste livro) para dentro da sala de referência, a partir do relato de uma vivência no AG1/2.

Referências

BARTHES, Roland. *Aula: aula inaugural da cadeira de Semiologia Literária do Colégio de França*. São Paulo: Editora Cultrix, 1977.

BARTHES, Roland. “A Morte do Autor”.In: *Roland Barthes: o rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 57-64.

BENJAMIN, Walter. “O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Walter Benjamin – Obras escolhidas*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 197-222.

KORCZACK, Janusz; DALLARI, Dalmo de Abreu. *O direito da criança ao respeito*. 5ª Edição revista. São Paulo: Summus, 2022.

LA TAILLE, Yves Joel Jean Marie Rodolphe de; OLIVEIRA, Marta Kohl de; PINTO, Heloysa Dantas de Souza. *Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992.

Escritos de quem sustentou institucionalmente



Um relato sobre os relatos: ou para que um cinema de brincar?

Gabriela Fiorin Rigotti

Quando fui convidada a escrever este que será um *relato sobre os relatos*, logo disse que não escreveria nada longo ou formal, porque não me parece que essa estética combinaria com o que os relatos trazem como impressões tão pessoais do vivido. O que se lerá aqui, sem aspas ou citações, será uma narrativa tão íntima e sutil quanto o tempo partilhado entre adultos, crianças, coisas, verdes e bichos nos chãos das escolas e para além deles.

Estou como Orientadora Pedagógica da Rede Municipal de Educação de Campinas desde o início de 2023, quando ingressei diretamente nessa função pelo Bloco 22 do Núcleo de Ação Educativa Descentralizada Norte, compartilhando-me nesta função entre os Centros de Educação Infantil Bety Pierro e Benjamin Constant. Isso se deu depois de mais 20 anos flertando com a Secretaria Municipal de Educação da cidade como instrutora em cursos de formação em exercício para docentes da Rede, ministrados por meio de contratos temporários e descontinuados de trabalho, ao mesmo tempo em que me dedicava, quase que exclusivamente, à atuação como docente da área de educação em Instituições de Ensino Superior. Nesse tempo de antes, o organizador deste livro – ingressante na Universidade como professor ao mesmo tempo que eu ingressava como aluna de graduação – passou de meu professor de pós-graduação e colega do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO, da Faculdade de Educação da UNICAMP, a amigo que, se eu conhecesse outra expressão mais forte que bastante pessoal, eu usaria!

O Programa Cinema e Educação da Rede já existe em Campinas desde 2016, mas, ao escolher as escolas em que me inseriria em minha nova função, soube que o Programa não tinha atividades nelas. Cheguei às escolas na primeira Reunião de Planejamento e Avaliação Institucional no início daquele ano (quando todos, das duas escolas, se reúnem para planejar o ano letivo escolar), com o autor dos relatos deste livro à tiracolo, propondo que o Programa fosse acolhido por duas turmas, uma em cada escola do bloco, porque, assim – e já que pretendia chegar àqueles chãos pisando devagarinho, sem alardes ou grandes propostas de mudança – ,sentia que poderia trazer algo de rico, criativo e meu para eles desde o início.

A proposta era que envolvêssemos diretamente duas salas de referência e seus adultos e crianças, independentemente de estas serem de bebês, crianças bem pequenas ou crianças pequenas. Para nossa surpresa e alegria, já naquele momento quatro das nossas doze turmas escolheram participar, todas de crianças com idades entre um ano e meio e três anos. Nesse momento inicial, também um tema geral para o Projeto Pedagógico das duas escolas, que vigoraria a partir dali pelos próximos quatro anos, foi votado e aprovado: o desemparedamento das infâncias e a importância do brincar na natureza. Seria este o norte inicial para onde a bússola de nosso Projeto de Cinema na Escola deveria apontar.

Com as visitas do autor e sua permanência nas salas e nos parques das escolas, os primeiros relatos começaram também a ser escritos e partilhados entre as educadoras envolvidas com o Projeto. Nesse começo, eles diziam de coisas que poderiam virar cinema: o que cintilava aos olhos daquele autor-pesquisador-amigo que não era dali? Então, vieram as proposições para exercícios de filmagem das educadoras com os próprios celulares, a partir de ideias publicadas no Cadernos de Dispositivos de Cinema na Educação Infantil (Campinas: Secretaria Municipal de Educação / Programa Cinema e Educação, 2022). Ideias de cinema começavam a ocupar um lugar, ainda etéreo, nos ares das escolas, juntamente com um quê de estranhamento sobre o que e por que estávamos fazendo o que estávamos fazendo. Se antes já havia um cinema ali – uma vez que registros fotográficos e fílmicos são comuns aos ambientes escolares – e ele não era assim... para quê?

Figura 1



Fonte: arquivo do Projeto Cinema na Escola (CEIs Bety Pierro e Benjamin Constant, 2024).

O cinema do Bety e do Benjamin seguiu experimental, sem contornos claros de forma ou circunstância: ao mesmo tempo, um exercício de captura de reparos pessoais ao *extraordinário* da rotina e também uma maneira, mediada pela *tela em branco* do celular, de brincar com e nos espaços das escolas. Algumas vezes, um cinema de cima para baixo desde o teto da sala de referência; outras, de baixo para cima, nos giros do gira-gira. Mas, muitas vezes, este era e ainda é um cinema de areia, e de árvore, e de folha, e de flor, e de cigarra, e de borboleta, e de formiga...

Não parecia cinema, ninguém aparentava se sentir confortável em usar esse nome e, ao mesmo tempo, não tínhamos outra palavra. As imagens e sons em movimento mais usuais do antes – capturados nas atividades pedagógicas tidas como mais especiais e nas festividades escolares – já não eram parecidos com o cinema que surgia. As profissionais eram um misto: animadas, já apaixonadas pelo pesquisador que saía da universidade para se sentar com elas e as crianças nos chãos da escola básica e, além disso, escrevia de forma tão poética; e, ao mesmo tempo, inseguras de seus gestos de cinema. Agora a pergunta versava não mais sobre o que chamava a atenção do autor dos relatos ali, mas sobre o que cintilava ao olhar delas, educadoras, quando com seus celulares nas mãos: está bonito de filmar ali, mas... para quê?

Figura 2



Fonte: *frames* de filme do Projeto Cinema na Escola (CEIs Bety Pierro e Benjamin Constant, 2023).

Filmávamos e discutíamos, entre nós e com o autor destes relatos. Como abrir a escola para um cinema dela própria e não uma cópia do cinema de escola que se conhece? Como fazer as profissionais não se sentirem aquém de produções que elas tinham como bonitas e bem-acabadas e que a gente vê na TV? Como não produzir nem um cinema oriundo da tradição da fotografia escolar, que visa registrar sorrisos para fazer pais orgulhosos, nem de um cinema *hollywoodiano*?

Gestos formativos foram precisos: nos Horários de Formação de Agentes de Educação Infantil e nos Horários de Trabalho Docente Coletivo, falamos de poéticas do olhar; e, quando um tema era de interesse ou necessidade de trabalho mais aprofundado pela equipe, era em um cinema pouco conhecido, de estética diferente, que nos apoiávamos – do cinema iraniano e francês ao cinema indígena. A ampliação do nosso repertório cultural abriu janelas diferentes aos olhos das que filmavam, mas ainda não era o suficiente. Também uma formação para edição e montagem de imagens e sons foi feita, não para ensinar uma estética específica, mas, ao contrário, para instrumentalizar as educadoras no sentido de aumentar a familiaridade com o aparato. Não eram formações no sentido estreito da capacitação, mas gestos para soltar as mãos até então sentidas como amarradas às costas.

O Projeto seguiu e, no início de seu segundo ano nas escolas, já não éramos mais quatro salas: em 2024, fomos cinco e, em 2026, somos seis. Se contabilizássemos que cada sala tem, em média, quatro profissionais adultos e cerca de 25 crianças, já teríamos uma grande quantidade de gentes envolvidas; mas se pensarmos que cada uma dessas crianças tem também sua família, que acompanha e assiste aos filmes tanto quanto conseguimos engajá-los nisso; e se contarmos que, mesmo as salas não diretamente ligadas ao Projeto passaram a ter cineastas-ensaístas, então podemos dizer que temos uma grande comunidade de cinema! Uma comunidade que se torna comum justamente por ter seu núcleo no cinema, no fazer e ver filmes junto, mas que ninguém nela – nem eu, nem as educadoras e, sei, nem o autor – sabíamos ou sabemos como seria ou como será.

O ingresso de uma turma de bebês menores de um ano e meio, assim como de uma turma de crianças maiores, de quatro a seis anos, nessa comunidade fez mais farta a variabilidade de capturas de imagens e sons, que se agigantou com a chegada nas escolas de quatro aparelhos celulares do próprio Projeto, com os quais o ato de filmar foi tirado da exclusividade das mãos das educadoras para, sem medo, se estender às próprias crianças. Agora, o que tínhamos era a chance de saber o que cintilava aos olhos dos pequenos, mesmo aqueles não oralizados, sem que, para isso, precisássemos da tradução de um adulto. Nosso cinema se tornou não só assunto de gente grande, mas também, e talvez principalmente, uma forma de expressão de gente pequena.

Mas para quê? O que uma criança pequena ou bem pequena faria com um celular nas mãos? Os bem pequenos sequer conseguem empunhá-los, mesmo com instrumentos como extensores tentando facilitar esse fim. As imagens ficaram, nas palavras das escolas, mais confusas, desfocadas, entrecortadas, e pareciam sem nexo ou propósito. A comunidade de cinema que formamos, porém, já era outra a essa altura, agora capaz de abrigar essa nova realidade de imagens em pesquisa, sempre em dúvida.

Os relatos se seguiram e trouxeram pontos de vistas do autor e também de pesquisadoras-bolsistas a ele atreladas na universidade, contando manhãs de interação entre pessoas, lugares e câmeras. As brincadeiras das crianças, assim como seus choros e manhas, povoavam olhares e escritas que fizeram até surgir personagens. Uma transversalidade com a literatura foi pensada, quem sabe se fazer uma história e filmar isso?! Não fizemos, que algo nessa ideia de cinema-narrativa, com personagens e começo, meio e fim, parecia não combinar conosco, ainda que não soubéssemos explicar direito o porquê.

Figura 3



Fonte: frame de filme do Projeto Cinema na Escola (CEIs Bety Pierro e Benjamin Constant, 2025).

Com tantas experiências em imagens, não podíamos perder de vista que nosso primeiro norte era valorar e proteger o direito das crianças de brincar ao ar livre, algo tão pouco rotineiro na atualidade. E, se era para ser um cinema de criança desemparedada, o autor-pesquisador nos desafiava a darmos voz à própria natureza: pendurar o celular na árvore, dizer à criança que ela a está chamando para brincar e filmar isso. O cinema do Bety e do Benjamin foi ficando mais vegetal e, juntamente, as pessoas respiravam e brincavam um pouco mais.

Junto com os celulares com as/nas crianças, também passamos a oportunizar aos pequenos que assistissem ao que era filmado. Este foi e permanece sendo nosso cineclube: diferentemente do que pensamos de início, o nosso não se faz na conjunção dos adultos da escola vendo e conversando sobre as imagens; se faz na própria sala de referência, ou no galpão interno de brincar, ou lá fora no parque, com a projeção dos filmes para educadoras e crianças. Daí ser um cineclube de brincar, em que crianças pequenas – ouso dizer, ainda bem! – ainda não nos obedecem ao suficiente para ficarem sentadas, quietinhas, enquanto o filme se passa.

Nessas sessões cineclubistas, seja por verem a si próprios ou por verem iguais a eles – já que, nos filmes das Mostras Estudantis que exibimos, entremeados às nossas próprias produções, são crianças da própria Rede, da mesma faixa etária e com o mesmo uniforme, que aparecem –, os pequenos se reconhecem, interagem, brincam com as imagens e cantam com elas, se alegram e parecem se sentir valorizados por estarem ali, em projeção. Experimentar um cinema que é sobre e com as crianças se tornou maior do que fazê-las sair da sala e tomar um sol, até porque isso já acontecia e segue acontecendo. Registrar modos de fazer cinema que emergem das crianças, no que as crianças mesmas botam reparo e como entender essa expressão se tornou um novo foco para o olhar dos adultos. Os relatos partilhados com as escolas que acolhem o autor seguiam como uma forma de afetar as profissionais para pensarem e fazerem possível o surgimento desse outro cinema que pode passar a povoar o cotidiano escolar das crianças: um cinema de alegria por ter o próprio cinema como uma brincadeira possível.

Figura 4



Fonte: arquivo do Projeto Cinema na Escola (CEIs Bety Pierro e Benjamin Constant, 2025).

Mas para quê? E, sim, para as escolas, sua gestão e sua comunidade, isso é uma pergunta importante, dado que aqui estamos tendo o privilégio de dispender tempo, dinheiro, energia e trabalho– itens finitos e públicos e que, portanto, precisam ser usados com sabedoria –, costumeiramente ofertados às funções do cuidado, da pedagogia básica e das burocracias administrativas, – itens finitos e públicos e que, portanto, precisam ser usados com sabedoria – para um brincar com imagens. É nesse ponto em que estamos. Ainda que a imagem tenha em si sua importância na educação estética e, por conseguinte, política das pessoas; ainda que esse cinema já alegre a criança e valorize o adulto; ainda que seguir inventando outros cinemas de escola a partir dela e de seu cotidiano, fazendo, vendo e publicizando filmes, nos congregue; há essa interrogação que ecoa, reverbera, nos corredores, nas salas e nos parques e que talvez seja justamente ela que tem feito a mim e a algumas de nós ainda mais encantadas e envolvidas.

Como se des/re-acostumar a um cinema pontilhista, e não narrativo necessariamente, porque feito com e para as crianças? Como argumentar que é um cinema para ser brincante porque é sendo brincante que ele contaminará os olhos de quem vê com outras estéticas e que isso é muito importante? Como defender que se deixar afetar pelo cinema que fazemos nesse coletivo tão democrático e pelo brincar que ele proporciona pode ser uma forma de trabalharmos os afetos e as relações que são, no fundo, a alma da escola? Como justificar que isso é o que deveria ser tomado como registro escolar, ainda que sem pompa ou circunstância, ainda que sem enredo, porque é isso que as crianças têm a mostrar e é isso que nos faria entender, minimamente, como elas olham para o mundo?

Estamos descobrindo nas nossas escolas o nosso cinema, muito a partir dos relatos que nos inspiraram e nos contaram a nós mesmos através de outros olhos. E, cá entre dois amigos – que, se eu conhecesse outra expressão mais forte que bastante pessoal, eu usaria! –, estamos também nos (re)descobrindo, agora não mais em dois,

mas em uma rede de parcerias capaz de criar e sustentar algo em comum, tomara mesmo depois que não estivermos mais aqui...

Figura 5



Fonte: arquivo do Projeto Cinema na Escola (CEIs Bety Pierro e Benjamin Constant, 2024).

Sobre formação e criação: Programa Cinema & Educação, a experiência do cinema na escola de Educação Básica

Eneida Fátima Marques[1]
Marli França Silva[2]
Renata Lanza[3]

Iniciamos este relato contextualizando o Programa "Cinema & Educação: a experiência do cinema na escola de Educação Básica", vinculado à Coordenadoria Setorial de Formação, da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, que busca fomentar a criação de cineclubes nas unidades educacionais da Rede Municipal de Educação de Campinas, e avançar nas relações que o cinema instaura entre o sujeito e a realidade social, a arte em geral, o conhecimento e a cultura. E, ainda, a partir da relação entre cinema e educação, impulsionar a construção de conhecimentos teóricos e práticos entre educadores e educandos.

Dessa forma, o Programa Cinema & Educação objetiva movimentar o currículo por meio da criação de cineclubes nas escolas municipais, na perspectiva de uma formação de ver, conversar e criar filmes. Ao trazer elementos do cinema para a escola, o programa visa oferecer aos estudantes oportunidades de viver experiências tecnológicas, éticas e estéticas que dialoguem com seus cotidianos e o currículo escolar, ampliando, assim, seus horizontes. Nossa atuação representa a institucionalização de uma política pública que reconhece o audiovisual, em suas diferentes expressões, como elemento curricular transversal e expressão de práticas sociais a ser incluída na construção do conhecimento na escola. Ao articular cinema e escola, o programa reafirma a emancipação de estudantes e professore(as) a partir de suas experiências e, desse modo, fortalece sua autonomia e fomenta a transdisciplinaridade nos currículos escolares, por meio da criação audiovisual. Com câmeras digitais, celulares e softwares de edição, alguma elaboração cênica e dispositivos de criação, alunos e educadores contam histórias, registram ideias, elaboram conhecimentos, (re)criam suas trajetórias e reinventam o cotidiano escolar. Dessa forma, acreditamos que esses filmes criados no contexto escolar valorizam a transdisciplinaridade dos currículos, acrescentam camadas de significação ao que é visto e ao que é produzido em termos de audiovisual. Busca-se promover a oportunidade de educadore(a)s e estudantes experimentarem o contato com a produção cinematográfica em sentido amplo: produções nacionais e locais, participando de sua ampliação por meio das suas próprias produções, exibidas nas Mostras Kino-estudantis realizadas anualmente pelo programa. Em suas dez edições, as Mostras constituíram um rico acervo de filmes feitos em escolas por estudantes e professore(a)s, que podem ser assistidos pelo canal do Programa Cinema & Educação[4] no Youtube. Os resultados obtidos passam pela inovação curricular, permeabilizam os muros metafóricos da escola e contribuem para a democratização da arte e da tecnologia.

Para desenvolvermos essas ações, realizamos visitas às escolas exibindo filmes e divulgamos o Programa Cinema & Educação para fortalecer a relação de educadore(a)s com as imagens e incentivar exibições e criações de filmes das unidades de ensino de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos. A partir daí são realizadas ações formativas, levantamento da abrangência do programa e, conhecendo as ações desenvolvidas pelas unidades escolares, identificação das demandas das

[1] Coordenadora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação, integrante da equipe do Programa Cinema & Educação.
[2] Pedagoga, professora da Educação Infantil da Rede Municipal de Campinas, articuladora do Programa Cinema & Educação.
[3] Doutora pela Faculdade de Educação da Unicamp, professora da Rede Municipal de Campinas, articuladora do Programa Cinema & Educação.
[4] Disponível em: https://www.youtube.com//CinemaEducaçaõ. Acesso em: 01 maio 2026.

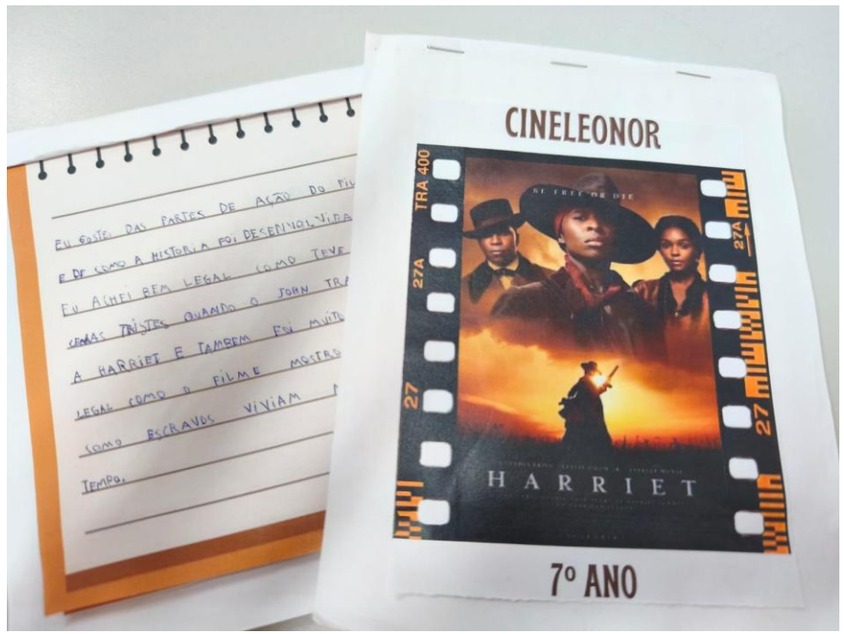
escolas com vistas a fortalecer a atuação do programa naquele território, fornecendo apoio à criação de cineclubes nas escolas e, assim, oportunizar experiências cineclubistas para estudantes e profissionais da educação.

O programa organiza encontros formativos, de até 2 horas/aulas, das equipes das escolas com professore(a)s-articuladore(a)s. Os educadores inscrevem as escolas e decidem em que tempos pedagógicos os encontros ocorrerão. As apresentações podem ocorrer via plataforma *Google Meet*, envolvendo uma ou mais escolas da região, ou presencialmente, de acordo com a agenda disponível.

A equipe de professore(a)s-articuladore(a)s do Programa Cinema & Educação propõe e executa processos de formação e trocas de diversas formas de ver, debater e fazer cinema nas escolas da rede municipal de Campinas. Nesse processo encontramos modos como educadore(a)s e imagens se dis-formam ao mesmo tempo que se con-formam nas experiências realizadas entre cinema e educação. E podemos dizer que a palavra formação assume, ali, sentidos mais aproximados aos que orbitam em torno de processos de criação. Criação que se dá a partir dos próprios encontros com compartilhamento de experiências, que se desdobram em pequenas, médias e grandes mudanças com aproximações, distanciamentos e redescobertas de outras imagens. As experiências vivenciadas pelo grupo de articuladore(a)s nos encontros semanais de estudo com as imagens e experiências compartilhadas aproximam saberes, entrelaçando semelhanças e diferenças existentes, que atravessam tanto o cinema como a escola e possibilitam modos de subjetivação e modos de produção singulares.

Esse compartilhamento de saberes se faz, muitas vezes, por meio de diários de campo que confluem para a criação do grupo de articuladore(a)s que abre janelas para espaços de criação coletiva entre o cinema e a educação. Leiamos um deles, a seguir, finalizando este pequeno texto com algo em tudo semelhante aos relatos publicados neste livro.

Diário de Campo: Marli França e Renata Lanza (2025)
Unidade Escolar: EMEF Leonor Savi Chaib

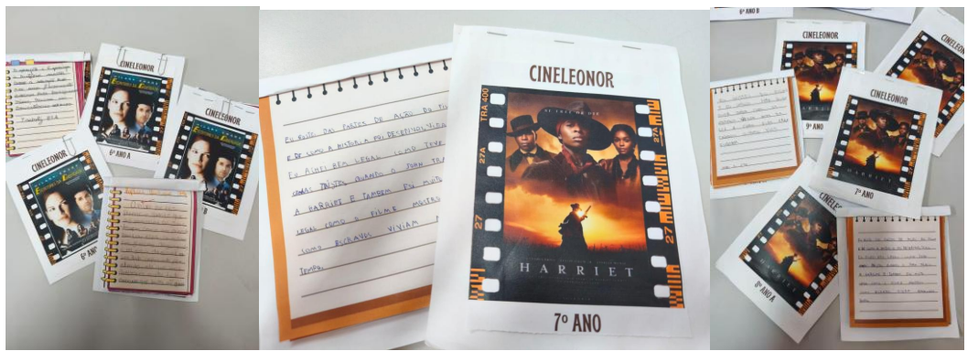


Ao chegarmos à escola Leonor Savi Chaib, fomos acolhidas com entusiasmo pela gestão escolar e pela equipe docente, que demonstraram curiosidade sobre como integrar o cinema no cotidiano escolar. Questões sobre currículo, curadoria e mediação pedagógica foram apresentadas no início da nossa conversa. A curiosidade demonstrada pela equipe escolar sobre a implementação do Programa de Cinema na Escola revelou-se mais do que um interesse metodológico, e apontou para uma abertura de uma prática pedagógica que o professor Wenceslao Oliveira define como a potência das imagens em "fazer mundos" e produzir novos sentidos no espaço educativo.

Durante as conversas iniciais, os professores trouxeram inquietações sobre o que assistir, como fazer filmes e sobre o trabalho interdisciplinar com filmes na escola. Questões sobre curadoria, equipamentos que filmam e debate sobre filmes permitiram um diálogo sobre o cinema como dispositivo criativo. Dessa forma, o nosso diálogo sobre a experiência cinematográfica na escola ultrapassa o entretenimento, pois se configura como uma proposta criativa, com um professor-articulador que media o encontro entre o aluno e a tela.

Nesse movimento, o diálogo iniciado em 2023 na escola Leonor, continuado em 2024 e 2025, consolida-se com a implementação institucional do Cine Leonor. Atualmente, todas as turmas dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental assistem, na última sexta-feira de cada mês, à experiência estética do filme.

Este relato confirma que a receptividade da Escola Leonor é um potente indicador de que é possível fazer cinema na escola A expectativa da equipe gestora e dos professores demonstra que a escola está pronta para deixar de ser apenas um lugar onde se adquire informação, tornando-se um espaço criador no qual, com o cinema, alunos e educadores podem reescrever suas próprias histórias.



Escritos de quem pesquisa



Ano passado eu morri, mas esse ano eu não morro

Felipe Leal Barquete

Ribeirão Preto, 17 de fevereiro, 15 horas e 03 minutos.

É uma tarde quente de carnaval. um momento em que muitos adultos e crianças estão brincando por aí, inventando outros modos de ocupar a cidade, viver a ancestralidade, fazer política… afetar e se deixar afetar pelo mundo.

Estou no banco da Praça 7 de Setembro, no centro da cidade, a praça onde já passei muito tempo da minha vida brincando. Escolhi esse lugar para escrever este texto como parte de um processo criativo inspirado pela leitura dos relatos deste livro. Nos últimos dias, aproveitei a suspensão dos tempos de trabalho e mergulhei - e foi um deleite! - nas memórias individuais e coletivas das experiências de cinema com as crianças nas escolas CEI Bety Pierro e CEI Benjamin Constant, em Campinas-SP. Agora, diante do desafio de escrever sobre as minhas impressões, escolhi fazer isso a partir de um lugar onde minha infância habita.

Nessa praça, eu já brinquei de tudo o que dá para imaginar. Já escondi e já encontrei, já fui polícia, já fui ladrão. Pulei, corri, andei de bicicleta. Caí, me machuquei e chorei. Trepei na árvore, escutei passarinho e cantei. Senti medo, senti coragem, e tomei sorvete.

A sorveteria da praça está praticamente igual ao jeito que ela era na minha infância. Os sabores são quase os mesmos, os quadros nas paredes, o estilo das mesas e banquinhos brancos e redondos… parece a fotografia de uma paisagem que sustenta boa parte das minhas memórias de pequeno. Pedi o sabor "sensação", morango com pedaços de chocolate – sempre adorei esse, embora o sabor dele no passado seja melhor do que esse do presente - e me sentei embaixo da copa das árvores, perto de duas crianças com sua avó, inventando um passinho só delas.

Lembrei-me do relato de Ana Flávia, que reconhece no colo do adulto a conexão da criança com as suas raízes maternas e repara na "grande árvore que abraça o parque como se segurasse as crianças e as brincadeiras em seu colo". Um acolhimento ancestral da natureza, que deixa as crianças seguras para brincar em companhia dos seres não humanos. Uma comunidade de vida que pulsa no universo infinito que é o jardim de uma escola.

Lembro dos "colos" que a vida já me ofereceu, e, sem dúvida, as escolas que frequentei estão entre os mais importantes… lugares que duram, que atravessam os tempos e movimentos da minha memória e afloram no presente despertando sentimentos e histórias – festejos, gincanas, amizades, amores, brincadeiras e traumas… quando fecho os olhos e me concentro, essas imagens nascem como fragmentos de cenas de um filme profundo projetado na minha mente, integrando as diferentes dimensões e afetos que me constituem.

Busco me conectar o máximo possível com o meu corpo-criança nos jardins da minha infância. Busco encontrar ali as raízes de um cinema outro, feito na educação infantil; um (outro) cinema, como diz o professor Wenceslao, que só pode nascer no contato criativo com o coração das crianças; um cinema que é corpo-mente sinestésico, que vive radicalmente no presente; um cinema que se (re)inventa por meio de "alianças brincantes" com o outro, com o mundo… que germina no chão da escola, enraíza, ramifica, floresce, seca, morre e renasce num piscar de olhos; um cinema-olho d'água, sempre em estado de nascimentos poéticos.

É recreio. Vou ao parquinho de areia do Colégio Santa Úrsula, onde estudei nos primeiros anos da minha vida. Ainda não sei escrever. Hoje eu quero brincar sozinho por um momento. Com as mãos, aliso a superfície da areia, transformando-a em uma tela plana. Com os dedos, desenho paisagens e personagens, esboço letras e números, ao mesmo tempo que crio histórias silenciosamente. Alguns coleguinhas se aproximam e repetem o gesto. Daí a pouco, nossas telas estão interagindo entre si, as histórias e objetos dos mundos imaginados e os da natureza - aqueles que estão dispersos no

parquinho - se entrelaçam. Já estávamos fazendo cinema naquelas brincadeiras? O cinema que crio, hoje, com as crianças nas escolas carrega essas sementes do meu brincar?

Nos relatos do projeto, um dos aspectos que mais me chamou a atenção diz respeito ao "lugar da criação" do cinema na educação infantil. Não apenas um lugar físico, onde se possa objetivamente ver e criar imagens e sons, mas também um lugar interno, individual e coletivo, onde múltiplos agenciamentos se estabelecem. Onde se passa a criação cinematográfica feita na escola? Quais tempos, ritmos, sentimentos e histórias ela articula? Nesse processo, há um lugar que é próprio dos adultos? Há um lugar próprio das crianças? Quais são os lugares comuns, e os lugares inacessíveis para o outro? O que é feito conscientemente, e o que é feito "por acidente"?

Vemos que o cinema nasceu ali muito antes da chegada das câmeras nas escolas, sem precisar necessariamente de projetores, cadeiras e pipocas, e nem mesmo de filmes. Wences reforça a perspectiva de que o cinema começa *"muito antes de ligar a câmera: ele começa na experimentação de outras relações com o entorno, outros modos de experimentar o corpo que se desdobram em outras sensibilidades"* (diário wences_21 ago 23_AG2, neste livro). O cinema nasceu na escuta atenta das histórias contadas e inventadas, no olhar sensível sobre os espaços e acontecimentos, nas memórias produzidas, nos deslocamentos, rupturas e aberturas que o desafio de "fazer cinema" provocou no ambiente escolar.

A pergunta "como filmar?" aparece em boa parte dos relatos, especialmente no período anterior à chegada dos celulares do projeto. Em um exercício imaginativo, ao mesmo tempo literário e cinematográfico, as pessoas participantes se abrem às experiências dos encontros como possibilidades de invenção de imagens, sons e narrativas, levando-nos a enxergar relações e movimentos próprios do chão da escola. Somos inspirados, por exemplo, a vivenciar a escola pela perspectiva do pátio, ou a fabular histórias a partir das experiências das crianças, como os primeiros passos do Ravi ou a relação de Manu com a faca e a melancia, dando continuidade ou profundidade às brincadeiras observadas. Percebemos que os bichos circulam no imaginário coletivo da escola e se manifestam em diferentes suportes e linguagens, como os livros, cantos e brincadeiras, nas animações da TV e, por que não, como sombras deslizando na superfície dos lençóis, criadas pelas luzes das lanternas de celular.

Vamos nos dando conta de que a tela do cinema, antes de ser imagem em movimento, é lugar de atravessamentos, onde os seres, memórias e forças da escola transitam entre o real e o virtual, o empírico e o abstrato, a matéria e a memória. O fazer cinema também passa pela elaboração de enquadramentos, planos, movimentos de câmera, personagens, sonoridades e narrativas, mas, antes disso, ele nasce no corpo como uma disposição interna, um impulso de vida que move o olhar e a imaginação. É essa disposição criativa que os dispositivos realizados ativaram nas crianças que participaram das vivências.

Gosto da premissa do projeto de estar constantemente em "estado de cinema", em processo de criação de um "cinema porvir", que não tem um modelo a seguir, ainda que possua fundamentos pedagógicos, éticos e filosóficos. O cinema mobilizado no projeto é vivenciado como uma experiência comunitária, notadamente experimental e colaborativa, orientada para invenção de outras formas de ocupar o lugar-escola e viver a educação. Uma vivência que cultiva a curiosidade e o engajamento das crianças na investigação e na criação de outros mundos. Um cinema comprometido com a produção de afetos amorosos entre os seres humanos e não humanos.

A meu ver, o cinema inventado nas escolas do projeto brota, delicada e sutilmente, desses fundamentos, em um processo sustentado pela mediação cuidadosa das profissionais da escola. A potência dele fica evidente nos filmes realizados não apenas nessas, mas também nas muitas outras escolas participantes do Programa de Cinema e Educação de Campinas, como podemos constatar nos filmes exibidos anualmente na Mostra Kino Campinas. Nos casos mais inspiradores, reconheço que as alianças entre as crianças e o cinema fazem nascer uma estética muito singular, própria desse contexto de criação.

Conforme os celulares entram em cena nos encontros do projeto, vemos que as crianças passam a inventar suas próprias maneiras de filmar. O "como filmar?" passa a dar espaço para reflexões sobre os "modos de filmar" das crianças e como os adultos podem propor mediações que potencializem esse devir-cinema infantil. Wences chama a atenção para o ato de "camerar", no qual a imagem produzida prescinde da intencionalidade subjetiva da criança que filma, e também nomeia, em um dos títulos do projeto, o trânsito que ocorre "entre o registro e a arte". Essa abordagem nos ajuda a pensar no cinema feito na escola a partir das suas oscilações entre os diferentes regimes de criação estética e narrativa, em diálogo profundo com os elementos, ritmos e processos que constituem a cultura escolar.

Gosto de pensar nas possibilidades de criação na escola a partir da compreensão sobre os possíveis "gestos com a câmera", entendendo que algo move nosso ato de filmar, para além do registro dos acontecimentos. Um "corpo-câmera" pode procurar, revelar ou esconder, pode colecionar, conectar, expandir, contrair ou romper, pode fazer carinho, sentir o "gosto do roxo" ou voar com o vento nas folhas. A sensibilização sobre os possíveis gestos que criam as imagens, bem como os "afetos disparadores" desses gestos são aspectos fundamentais para se fazer um cinema-outro na escola.

Nos encontros, Wences reflete sobre como os brinquedos – ou as "alianças brincantes" com certos objetos – podem ser "acionadores de gestos conhecidos, previstos" ou de gestos "inventados ali, no corpo a corpo que cada criança realiza com eles". O cinema como brinquedo, como brincar, passa por essa mesma dinâmica, mediada por uma linguagem – e um modo de produção – um tanto mais complexa para as crianças. Talvez uma mediação potente da criação cinematográfica na escola passe pela experimentação e o gradual reconhecimento das conexões que as crianças estabelecem na triangulação entre a câmera (a linguagem audiovisual), os mundos externos (o lugar dos acontecimentos) e os mundos internos (o lugar dos agenciamentos).

Nas primeiras experiências com a câmera, vemos que as crianças produzem, com a linguagem audiovisual, algo muito semelhante às "garatujas" da linguagem escrita: enquadramentos instáveis, movimentos dispersos, rabiscos... um olho-câmera que começa a se perceber como tal. Em um dos encontros, Wences observa que uma criança segurando a câmera repara mais no acontecimento em si do que no enquadramento que ela está fazendo do acontecimento. Nesse momento, seus olhos prescindem da potência que a tela poderia oferecer na produção de um olhar cinematográfico sobre o acontecimento. Em outros momentos, os olhos reconhecem a mediação da tela, e os enquadramentos e movimentos de câmera revelam a atenção, o afeto, o interesse das crianças no momento da filmagem.

Me pergunto se é possível dizer que, em casos como esses, as imagens produzidas estão operando apenas no regime do registro e da representação, ou se o gesto lúdico das crianças que incluem a câmera no seu brincar necessariamente desloca o regime das imagens para a dimensão do encantamento do mundo, em um processo semelhante ao modo de elas interagirem com os seres não humanos no parquinho da escola. Ainda que não haja a compreensão da sintaxe da linguagem audiovisual, dos elementos estéticos e narrativos que constituem um filme, ou a abstração necessária para estabelecer conscientemente as relações transversais que tecem uma obra cinematográfica, me parece que o camerar das crianças que transitam pelos corredores, pátios, refeitório, salas e jardins da escola tampouco é mero registro dos acontecimentos. No seu camerar, as crianças reencantam o mundo, pois essa já é uma operação própria do seu corpo e do seu olhar. Fazer cinema com elas demanda de nós, adultos, fazer uma aliança como o nosso próprio corpo-criança e fazer renascer um olhar que produz encantamentos.

Assobios, risadas e cantos. Volto meu olhar para a praça. Enquanto escrevo, passam por mim três seres híbridos – uma mulher-pavão, um homem-abacaxi e uma criança-joaninha – provavelmente indo ou voltando de um bloco de carnaval. Me encanta essa possibilidade de os adultos manifestarem suas crianças com naturalidade

nos espaços públicos, na vida cotidiana da cidade. Assim como o carnaval, o cinema feito com e pelas infâncias talvez ofereça contribuições muito mais profundas do que imaginamos para repensar o nosso modelo de sociedade e a nossa relação com a natureza. Daí a importância de cultivar o cinema na escola, com um viés artístico e pedagógico.

A certa altura, nos encontros, as profissionais percebem que algumas crianças passam a se interessar pelas outras funcionalidades dos celulares. Elas experimentam os botões que aparecem na tela, aprendem a sair e a entrar do ambiente de gravação, acessam o acervo, assistem e fazem comentários sobre as imagens criadas. Muitas delas, claro, aprendem isso em casa com os celulares dos adultos. Além dos celulares, existe também um cinema infantil que circula nos ambientes familiares. Em geral um cinema produzido para fins comerciais, com estratégias estéticas e narrativas voltadas para a captura da atenção dos pequenos e, no melhor dos casos, para a afirmação de valores civilizatórios construtivos.

Wences percebe que as TVs das escolas exibem esse tipo de cinema: cores saturadas, cortes rápidos, músicas estimulantes. Nem sempre é necessário que os temas abordados estimulem a ansiedade ou a agressividade dos corpos. Estamos imersos em uma dinâmica comunicacional ansiogênica na sua própria estrutura, e as crianças infelizmente não estão protegidas desses efeitos nocivos. Por isso, fazer cinema na escola passa também pela construção de repertórios e gostos outros, que estabeleçam um contraste com as estéticas e narrativas hegemônicas. Nesse sentido, é inevitável, e até desejável, que apresentemos às crianças filmes que causem estranhamento, aversão e tédio. Em um contexto mais maduro – e esse é o caso da rede de Campinas – é possível criar acervos e curadorias com os audiovisuais criados nas escolas e suas comunidades ao longo dos anos, enriquecendo o imaginário coletivo com referências locais, da própria cultura e do contexto existencial das crianças.

Em tempos de resistência ao uso das telas, de medo da influência perversa das redes sociais, de restrições ao uso de celulares e de reafirmação da importância do brincar na natureza, as escolas do projeto experimentaram um modo de fazer alianças com as telas e, por meio delas, fizeram alianças afetivas com os seres humanos e não humanos que habitam a escola. Uma experiência profunda, que amplia o repertório sensível e expressivo das crianças. Uma experiência responsável pedagogicamente que, em última instância, dialoga diretamente com as Competências Gerais e os Campos de Experiência da BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para a Educação Infantil, o que possibilita afirmar um modo de fazer cinema na escola que produza estratégias de aprendizagens criativas, contextualizadas e significativas, à luz das políticas públicas atuais.

Ponto final?

fecho o caderno. respiro. ano passado eu morri, mas esse eu não morro, cantarolo.

Lembro e me aproximo daquela árvore, 30 anos mais velha. saco o celular, modo câmera. filmo suas raízes. formigas andam por ali, carregando folhas carcomidas.

aos poucos, movimento a câmera para cima, enquadrando o seu tronco com musgos e marcas humanas, depois suas ramificações e folhas. não há flores e frutos nessa época do ano.

respiro. nasce um sonho recorrente da infância. mergulho na tela, no topo da copa da árvore. pulo. e começo a voar.

Nada trivial

Gabriela Tebet[1]

Pesquisar bebês e crianças pequenas não é um desafio trivial. Requer sensibilidade, atenção às suas inúmeras linguagens e formas de comunicação, às minúcias das relações, gestos, sorrisos, caretas, balbucios, movimentos, sons, aproximações e afastamentos. E, sobretudo, requer que nós, pesquisadoras e pesquisadores, tenhamos a coragem de nos despir de nossas certezas construídas em um mundo marcado por adultocentrismo, machismo, racismo....

Já não é de hoje que eu venho acompanhando o trabalho do professor Wenceslao, seja dialogando sobre Geografia e Infância, seja sobre nosso interesse em comum pelos trabalhos de Deligny, seja sobre o desenvolvimento do projeto Cineclube nas creches de Campinas. Vivemos juntos uma experiência de aproximação do cineclube com a formação de professores para a educação infantil em 2017. Desde então, essa aproximação profissional tem se estreitado, e, em 2019, tive o prazer de contar com um texto da equipe do Wenceslao em meu livro *Estudos de Bebês e diálogos com a Sociologia*. O texto intitula-se "Encantamentos e desassossegos: fragmentos dos (des)encontros entre o cinema e a educação infantil". Em 2020, organizamos juntos o 1º Webinário (seminário virtual) "Bebês e Crianças pequenas entre traços e movimentos, cartografias e cinema". Em 2022, publicamos juntos o artigo "Pesquisar a educação infantil e o espaço com Fernand Deligny", na revista *Instrumento* e, em 2023, publicamos em parceria o vídeo *Educação Infantil, Cinema e Cineclube*. Posso dizer que esse projeto Cineclube na educação infantil também me atravessa, me afeta e me produz novas aprendizagens e pensamentos.

As imagens podem assumir tantos propósitos! Encanta-me o modo como as imagens no projeto cineclube subvertem minhas percepções da educação infantil, ao nos oferecer outros pontos de vista. Literalmente. Olhar a creche sob a ótica infantil é ver uma creche outra, diferente da que eu conheço como adulta. Assistir a produções cinematográficas feitas em parceria com as crianças, convida-nos a novas reflexões e novos questionamentos. É incrível!

E é incrível, sobretudo, quando consideramos que os espaços (da creche ou qualquer outro) não existem a despeito da nossa existência. Eles são o resultado de um conjunto de encontros, eles são produzidos por cada um(a) de nós, humanos e não humanos, em relação. Os espaços são produzidos também pelas crianças e pelos bebês – e são percebidos por eles de um modo distinto do modo como nós, adultos, os percebemos. Na verdade, cada ser vive e percebe o espaço de modos peculiares e, ao narrá-lo, filmá-lo, fotografá-lo, evidencia nuances peculiares da sua experiência particular. Mas todas essas vivências particulares também são atravessadas por algo em comum, que é o que nos une e nos coloca em relação.

Esta obra, Relatos da chegada de um (outro) cinema na escola, apresenta-nos relatos honestos de um projeto lindo que assume os bebês e as crianças não apenas como atores sociais ou atores de produção cinematográfica, mas os considera como agentes que também produzem imagens e narrativas sobre o mundo em que vivem e que ajudam a construir.

Fiquei tocada com a leitura desta obra. A divulgação dos diários de pesquisa de diferentes atores, cada um com seu estilo. Os registros dos estranhamentos e dos encantamentos de um grupo heterogêneo aprendendo, com os bebês e as crianças, a fazer pesquisa na educação infantil. A variedade de tipos de registros e relatos textuais e/ou audiovisuais sobre as sensações que o encontro com os bebês e as crianças provoca em cada uma das pessoas pesquisadoras – seja o coordenador ou a aluna de graduação

[1] Professora na Faculdade de Educação da Unicamp, pesquisadora do grupo Infâncias, Diferenças e Direitos Humanos-INDDHU e da Rede Bebês.

que adentram uma creche pela primeira vez para a realização do projeto – é um verdadeiro tesouro que nos mostra a complexidade do trabalho de pesquisa na educação infantil, com bebês e crianças. E nos mostra também a beleza e a riqueza das experiências vividas no cotidiano da educação infantil.

Concluo reafirmando o que disse no início: pesquisar bebês e crianças pequenas não é um desafio trivial. Que bom que tem gente que não se acanha, enfrenta as inseguranças e aceita o desafio!

Cinema e Educação das primeiras infâncias: contra corpos coloniais

Patrícia Dias Prado[1]

> *...tal como é no mínimo gesto, ele o é na vida cotidiana que levamos juntos há mais de 10 anos. Tal como é, para nós ele é uma fonte inesgotável de riso o tempo todo. E neste filme, como na vida cotidiana, portador de uma palavra que eu asseguro não ser a minha. Poderão dizer que ela seja dele? Mas porque é preciso dizer que as palavras pertencem a alguém, mesmo se esse alguém as pronuncia?* (Deligny; Manenti, O mínimo gesto, 1971).

Milton José de Almeida[2] é o responsável por me falar sobre cinema e educação e me aproximar de Wenceslao Machado de Oliveira Junior (coordenador do Projeto "Cartografia dos afetos cinematográficos no lugar-escola de educação infantil – entre o humano e o não humano, entre o registro e a arte"), em amor antigo e fotografia.

Queria fazer um ensaio poético literário tão bonito e profundo quanto as escrituras que li, como os *Relatos da chegada de um (outro) cinema na escola*, de Lao e de seu *Apanhado de Relatos*, juntamente a bolsistas da FE-UNICAMP, Ana Flávia, Keila, Aurora, Diogo..., que condensasse o espírito das infâncias inteiras, em suas preservadas camadas éticas, estéticas, pedagógicas e afetivas – uma transcriação. Tipo texto que vira cinema em palavras. Quanta pretensão!

Mas como o que li, busquei também fazer um texto como longo e inatingível gesto de atenção, sem apressá-lo, sem explicá-lo. Um texto decolonizado, que nele se fizesse compreender como as crianças se demoram na pressa do que acontece entre um passo e outro, entre um olhar e uma queda, entre um objeto e a mão que o toca pela primeira vez, um brinco – ainda pretensioso.

Como cenários, CEIs campineiros: Centro de Educação Infantil Bety Pierro e Benjamin Constant. Não, territórios vivificados, organismos atravessados por corpos pequenos, grandes, vegetais, minerais, animais, sonoros, corpos imaginários e imaginados. Pulsos.

"... diferentes modos como as crianças lidavam com aqueles novos brinquedos que, também, filmavam".

Fui, então, escolhendo frases como essa acima, do primeiro narrador, pesquisador, professor e cineasta em devir, que não chegou como quem observava de fora, ele vinha sendo observado e sabia. Corpo incorporado ao presente de crianças, no colo que subiam, nas mãos que puxavam, nos olhos que investigavam, em brinquedos ofertados como convite para estar, fazer, ver, sentir junto. O enigma da infância que nos toca, nos interroga... (Larrosa, 1998) e permanece enigma.

"... desde o início, como um atravessamento e um aprendizado ao próprio modo de colocar o corpo em estado de pesquisa. Um corpo que pesquisa e é pesquisado ao mesmo tempo, com os riscos e risos que isto implica".

Assim como entramos no campo com crianças pequenas, ele descobre que não é por método, mas por acolhimento. Colo como termo de consentimento, texto que se constrói em sensibilidade cartográfica, em diários, fragmentos intuitivos, perguntas que se abrem em porvir, nunca fecham. Entendo, então, a construção de um cinema como modo de olhar, não final produto; um se deixar afetar pelas mínimas variações dos acontecimentos em outras lógicas de tempo espaço, que são aqueles das crianças – gestos mínimos do incompreensível, insanos, como os acolhidos por Fernand Deligny e Josée Manenti (1971).

[1] Prof.ª Dr.ª da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FEUSP. Coord.ª do Grupo de Pesquisa (CNPq) CORPINFÂNCIAS – Pesquisa e primeira infância: linguagens e culturas infantis, e do Laboratório de Práticas Corporais da FEUSP (LabCORPO).

[2] Foi professor e pesquisador das Artes das Imagens e da criação de vídeos artísticos, e fundador do Laboratório de Estudos Audiovisuais-OLHO, da FE-UNICAMP.

Sempre me senti assim também, como etnógrafa em campo com bebês, crianças pequeninhas e pequenas nas creches e pré-escolas. Isso senti bem em compreender. Só não sabia que era cinema, de tempos e espaços de corpos, tempos lentos, espaços alargados, que falham, que chegam tortos, de risadas explodidas, de choros que não se resolvem e de silêncios.

"... de modo a poder observar mais de perto, implicando meu próprio corpo, o cotidiano escolar e extrair dele possibilidades de torná-lo matéria-prima de cinema".

Essas matérias cinematográficas, concretas e abstratas, e sei lá mais o que tanto, não são filmadas para capturar, mas para acompanhar, perguntar. Antes de saber onde colocar a câmera, chão, pés, mesa, debaixo, comida, restos, mãos, túnel... Antes de ligá-la, o cinema já começou, o gesto já reparou nos ruídos, na evocação das alianças, na dissolução das fronteiras, infância e adultez, natureza e cultura.

Vai assim nascendo um cinema não domesticado de experiências, mas que as inventa, sem expor ou violentar, mas transformando as imagens em delicadeza exitosa de não palavras, ou de palavras todas, palavrões, palavrinhas.

"... registrar, documentar e deixar pistas de alguns modos de fazer cinema que emergem nos corpos-câmeras infantis... que produzem imagens para nada".

Ficção e ética encarnadas, reencenadas que se deslocam do constrangimento – cinema como cuidado. Que também revela o invisível concreto de Gis, Carmens, Vans, Grazis, Gabis, Vivianis, Silvias, Alines..., professoras, monitoras, que têm corpos inteiros que aclamam, acolhem, gestam o caos sem borrachas. Uma pedagogia da Educação Infantil de corpos inteiros, que conheci nesses mesmos contextos e com essas mesmas pessoas (Prado, 2015), em ação, silenciosa, repetida, inovadora, coletiva, que emancipa tudo e todas/os/es – aquela dimensão brincalhona de ser.

"... que fazer com estas filmagens?".

Fazer delas formas de estar com as crianças pequenas em estado de aprender infinito, que vale o esquecimento, o relembrar de saberes que passam pelo corpo e não se fixam, que tem perguntas insistentes – num cinema de 30 segundos, em cineclubes e cinemas porvires, radicais não por mostrar as crianças, mas para transformar nossas sensibilidades diante delas.

O apanhado de relatos se escreve a partir do que as crianças fazem com o mundo, acontecimento, não numa infância vista como promessa futura, preparação, redenção ou falta. Crianças como substantivo plural (Sayão, 2002), modos de existência plenos, anterior à palavra, à narrativa. Educação Infantil como escola que ensina a ver às/aos/es adultas/os/es: desaprendendo sobre suas centralidades colonizadoras, sobre pequenos corpos grandes em existência e criação e experiências e alianças com chão, sons, árvores, vento, água, insetos, tecidos, plásticos, como agentes, não cenários... e sobre esquecer para encarnar, na brincadeira, um cinema como ontologia vivida.

Relatos de narrativas corporais, afetos, tecnologias e estéticas relacionais (Bourriaud, 2009). O choro como expressão de intensiva linguagem, o sono como onírica produção, as gestualidades como recusa, toque, tombo, repetição, aceitação, insistências... éticas de corpos que não se submetem.

A câmera não serve para qualificar, dar sentido aos fazeres das crianças, mas para acompanhar seus corpos, prolongá-los, dar continuidade às suas invenções gestuais como no desenho; e os objetos podem ser o que quiserem: galho som, arma, braço comprido. Folha comida, convite. Areia buraco, peso, temperatura.

Aceitar isso tudo é compreender e permitir o cinema como registro do imprevisível, do inusitado, assim como queremos conceber a própria infância e lutamos por uma Educação Infantil que nega a domesticação dos corpos e desejos infantis. Desafiando a própria concepção de cinema, abdicando da totalidade: tempos curtos, planos baixos, registros parciais... um cinema que questiona, portanto, a pedagogia da finalidade.

Os cinemas (não consigo mais ver o cinema no singular) que emergem desses entre-lugares-entre não querem formar meros espectadores. Querem presenças sensíveis ou "espectadores corporais". Cinemas que começam antes da câmera, nos

modos e caminhos pelos parquinhos, corredores, nos modos de espera pelos sonos-sonhos das crianças, nos modos de aceites dos não entenderes.

Territórios de desaprender sobre a educação das infâncias e sobre o cinema.

Assim, na minha maior intimidade com as relações entre teatro, dança, performance e infância, do que entre cinema e infância (aliás, tenho nenhuma relação estudiosa com o cinema), aceitei esse convite por compreender e apreender desses escritos cartográficos que eles se aproximam contundentemente do debate contemporâneo dos estudos da infância. Compreendem a relação das artes e infância por crianças gentes, agentes, autoras e atoras, produtoras de sentidos, significados, de culturas infantis... (como venho observando, desde 1998, entre bebês e crianças pequenas – Prado, 2021), portanto, de cinemas, teatros, danças e performances como experiências estéticas, formativas, éticas e políticas.

Assim como o cinema para Bergala (2008), o teatro, a dança e a performance devem entrar na escola como arte, preservando seu caráter de risco, estranhamento e invenção. Distintos de meras ferramentas pedagógicas instrumentais, mas como experiências formadoras do olhar, não de conteúdos escolares ou moralizantes, dada a sensibilidade das crianças de estabelecerem relações singulares com as imagens, de comporem gestualidades, corporalidades e expressividades criadoras, já que são performers (Machado, 2010), em distintos movimentos, narrativas, imaginações em ação, planos, cortes e silêncios.

Como no teatro para e com bebês (Prado; Silva, 2025), o cinema pode fazer emergir as infâncias como espectadoras emancipadas (Rancière, 2012), ativas, que produzem sentidos visuais e narrativos, numa cultura visual do direito a olhar (Mirzoeff, 2016), que pode questionar e romper as imagens adultocêntricas sobre as crianças e as infâncias, rompendo com uma indústria cultural cinematográfica de Disney, que produz ideologias de consumo e preconceitos de toda ordem, denunciando poderes infanticidas e implorando por uma educação emancipadora.

Criar e produzir cinema para e com crianças pode questionar tabus sobre a própria infância, suas performatividades, imagens e formas de se tornarem crianças no mundo, além de ser, impreterivelmente, uma, muitas, infinitas pesquisas-formações.

Resumindo: cinema como dispositivo de criação (de imagens e de sons, e de infinitudes), não instrumental, de fazer acontecer o objetivo central da Educação Infantil em suas políticas públicas educativas e formativas (Cinema e Educação, 2021; Lugar-Escola e Cinema, 2022), de educar e cuidar indissociáveis; de intensificar seu eixo pedagógico central, a brincadeira; e de acionar o núcleo da profissão docente, uma formação estética possível somente por uma escuta sensível das crianças, uma pedagogia que liberta todas as pessoas (Freire, 1996) – lindo demais!

Como em minha trajetória acadêmica pesquisando com as crianças, da Psicologia à Sociologia, da Antropologia à Dança, do Teatro à Performance, aprendo agora que o Cinema na infância também exige múltiplos movimentos: colocar as teorias desenvolvimentistas sob perspectiva e questionar aquelas que hierarquizam capacidades humanas; encontrar no cinema linguagens e artes que desestabilizam, provocam e, por isso, afetam os modos de ver o planeta por dentro e por fora; consolidar as infâncias como categorias sociais, históricas, culturais e políticas, territórios de disputas; compreender que as imagens podem representar as infâncias e as crianças, suas culturas infantis, brincadeiras, narrativas, gestos e imaginares; entender o cinema como espaço tempo território de diferentes e semelhantes experiências, leituras e sensibilidades compartilhadas entre crianças e adultas/os/es na Educação Infantil – um dispositivo de deslocamentos, de encontros cômodos e incômodos (Migliorin, 2015), de sensibilidade e atenção, prática coletiva e anticolonial.

Nessa contramão anti, contracolonial, também podemos dialogar direta e indiretamente com o cinema, as infâncias, a estética, a imagem, a cultura visual e a educação, começando por contraconstruirmos uma definição de arte, infância e conhecimento legítimo (Quijano, 2005). Olhando em zoom para a colonialidade dos nossos saberes e poderes, podemos/devemos recusar os cânones estéticos

eurocentrados, adultocentrados no cinema e na Educação Infantil. Atos de desobediência (Mignolo, 2017), nos quais a construção de imagens pode ser práticas de re-existências (Walsh, 2013), de visibilidade das histórias silenciadas das infâncias, de pensares que podem adiar o fim do mundo – nisso as crianças pequenas são *experts*, que tragam outras cosmologias do olhar, da imagem, do tempo-espaço (Krenak, 2019).

Ainda na contramão, de mãos dadas com esse menino Lao, crescido ao meu lado e que, duns tempos pra cá, também ao lado das crianças pequenas como eu, vem me ensinando que a educação da primeira infância não pode prescindir da afetação que provoca em nós o cinema (Oliveira Junior; Arena; Rigotti, 2025).

> *Quanto mais eu fico no meio das crianças, mais percebo que nunca c r e s c e m o s.* (Diário de Aurora, 05.06.2024, no AG1).

Referências

BERGALA, Alain. *A hipótese cinema: pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink; CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

BOURRIAUD, Nicolas. *Estética Relacional*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

"CINEMA E EDUCAÇÃO", Programa. Entre telas: cinemas nas escolas. Campinas, Secretaria Municipal de Educação, 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LARROSA, Jorge B. O enigma da infância: ou o que vai do possível ao verdadeiro. In: *Pedagogia profana: danças, piruetas e mascaradas*. Porto Alegre: Contrabando, 1998, p. 229-246.

"LUGAR-ESCOLA E CINEMA", Projeto. *Cadernos de dispositivos de cinema na educação infantil*. Campinas, Secretaria Municipal de Educação, 2022.

MACHADO, Marina. A Criança é Performer. *Educação & Realidade*, 35(2), 2010. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/11444. Acesso em: 29 dez. 2025.

MIGNOLO, Walter D. *Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política*. São Paulo: Editora Autêntica, 2017.

MIGLIORIN, Cezar. *Inevitavelmente cinema: educação, política e mafuá*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2015.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. *ETD - Educação Temática Digital*, Campinas, v. 18, n. 4, p. 745-768, 2016. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472. Acesso em: 29 dez. 2025.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao; ARENA, Aline; RIGOTTI, Gabriela. Dos registros filmados ao vir a ser filmes para mostras de cinema: experimentações de uma profissional da educação infantil. *Revista USP*, São Paulo, n. 145, p. 57–70, 2025. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/article/view/237795. Acesso em: 26 jan. 2026.

O MÍNIMO gesto. Direção: Fernand Deligny e Josée Manenti. França, 1971. 1 vídeo online (105 min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3lnpJTNrUdE. Acesso em: 27 jan. 2026.

PRADO, Patrícia. Por uma Pedagogia da Educação Infantil de corpos inteiros. In: *Reflexões & Práticas na Formação Continuada de Professores na Educação Infantil*. São Luís: EDUFMA, 2015, p. 205-219.

PRADO, Patrícia. *Educação e culturas infantis: crianças pequenininhas brincando na creche*. 2a. ed. Campinas: Autores Associados, 2021.

PRADO, Patrícia; SILVA, Elenira. Teatro para/com bebês e corporeidade em jogos performáticos na peça *Linhas*. *Olhar de Professor*, *[S. l.]*, v. 28, p. 1-22, 2025. Disponível em: https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/24311. Acesso em: 20 jan. 2026.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005, p. 107-130.

RANCIÈRE, Jacques. *O espectador emancipado*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.

SAYÃO, Deborah. Crianças: substantivo plural. *Zero-a-seis*, Florianópolis, n. 6, p. 24-32, dez. 2002.
WALSH, Catherine. *Pedagogias decoloniais: práticas insurgentes de resistir, (re)existir e (re)viver*. Quito: Abya-Yala, 2013.

Escrever com infâncias que fazem cinema: um abecedário

Luciano Bedin da Costa[3]
Larisa da Veiga Vieira Bandeira[4]
Mariana Cunha Schneider[5]

> Quando alguém decide que vai ser pesquisador de criança, acaba vendo um monte de nomes sérios: psicologia infantil, sociologia da infância, antropologia da criança, educação infantil, história da infância etc. Então a gente estuda e estuda e estuda para ser professor, especialista, mestre e doutor em crianças. O que gostaríamos mesmo é fazer uma pesquisa em que somente infâncias falassem. O nome disso talvez fosse silêncio. Ou bobagem mesmo (Baierle, Costa, Farina & Fonseca, 2011, p.103).

Infâncias e crianças

Há alguns anos, temos nos debruçado na desafiadora tarefa de pesquisar infâncias. Já nos perguntamos inúmeras vezes se não seria mais justo falarmos em uma "pesquisa *com* crianças" em vez de pesquisar infâncias. Na tentativa de lidar com tal questão, tivemos que ir atrás do que estávamos compreendendo por infância e qual relação a palavra teria com as crianças propriamente ditas. De todas as explicações que tentamos dar, uma nos pareceu mais interessante para iniciar este texto:

[3] Psicólogo, docente da Faculdade de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
[4] Pedagoga, docente da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).
[5] Psicóloga, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Infantis: Aquele que ainda não fala
Infantaria: Soldado a pé
Infância: O pé descalço da língua
(Baierle, Costa *et al*., 2011, p.103).

Ao optarmos somente pela via etimológica, não há muito a ser feito, a não ser aguardar que aquele ou aquela que não fala venha a enfim falar – de preferência, com a condução do adulto. Isso nos remete a uma ideia de passividade, como se a criança fosse tão somente um lugar de espera. Contudo, interessa-nos pensar a infância como movimento, uma força vital capaz não somente de conduzir a uma aquisição da linguagem, mas de combater essa mesma linguagem que lhe é oferecida como única, a saber, a língua, sendo intocável, irremediável e "infabulável". Por se mostrar restritiva, a língua acaba por se tornar um calçado apertado – e quem em sã consciência aguenta caminhar muito tempo com um calçado que lhe aperta? Ora, existem pés pequenos, pés finos, pés grossos, pés tortos, pés altos, pés baixos, pés chatos: o certo é que existem pés de todo tipo e gosto. E se há somente um sapato a ser colocado, que ao menos possamos andar de pés descalços. Muitas pessoas, contudo, colocam-se veementemente contrárias a essa condição: as mais obsessivas dirão que não dá para ficar sem sapato porque suja os pés; as mais protetoras dirão que não é possível porque machuca; as mais moralistas dirão que é proibido porque agride normas e convenções.

Pensar a infância como "pé descalço da língua" nos leva a arrastar os contornos da própria língua, colocá-la sob ação das forças telúricas, estas que movimentam a Terra e todos os seres (humanos e não humanos) que dela fazem parte. Restringir a língua a uma simples comunicação entre humanos – de preferência adultos – é limitar demais "o que quer, o que pode esta língua", como bem cantam Caetano Veloso e Elza Soares[6]. Como pensar a língua desde o lugar daquilo que ainda não tem palavras na ponta da língua? Como dar passagem ao indizível que há nas palavras, mesmo nas mais batidas? Como atingir o limiar da linguagem a partir, não da língua, mas das imagens? Já dizia Mário Quintana (2018, p.20):

Deixa-me dizer-te em segredo
um dos grandes segredos do mundo:
- essas coisas que parece
não terem beleza
nenhuma
- é simplesmente porque
não houve nunca quem lhes desse ao menos
um segundo
olhar!

Chegamos, enfim, ao livro *Entre palavras, imagens e vidas não humanas*, do amigo Wenceslao Machado de Oliveira Junior, que nos presenteou com a possibilidade de produzirmos uma escrita a partir da sua leitura. Logo de início, encantamo-nos com o modo como as infâncias pipocam ao longo dos relatos: infâncias povoadas por um bando de pessoas, coisas, lugares, animais, plantinhas e árvores; infâncias animadas por ruídos, barulhos, chuvas e ventos; infâncias musicadas pelo *poc, poc* do milho na garrafa, infâncias fazendo(-se) imagens. É preciso dizer que há muita criança nessa trama de infância agenciada pelo livro, crianças que remam à contramão das imposições de uma língua adultizada, crianças que falam, sentem, performam, que são olhadas e seguram suas próprias câmeras para captar os olhares dos mundos visíveis e invisíveis.

Gostamos de dizer que a infância não deve se restringir a uma etapa da vida, mas que ser criança ajuda muito a vivenciá-la. É nessa toada de infância que resolvemos criar um abecedário brincante, produzido a partir de palavras colhidas durante a leitura do livro – algumas mais expansivas, outras mais reservadas –, com o intuito de lhes oferecer

[6] *Língua*, música presente no álbum Velô (1984), assinado por Caetano Veloso. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=JTXAT9Jmbug&list=PLItd1GiqTiJT6Vy5-X_FYCLWcbK5dmo-l&index=11. Acesso em: 29 abr. 2026.

outro olhar, ou como bem nos inspira o poeta, uma segunda chance. Passemos, pois, ao abecedário:

O ABECEDÁRIO

A

Alianças brincantes: aquilo que a infância faz, quando come, respira, "interage" em casa, na escola, na rua e na vida. A criança não separa, não divide, ela faz alianças. E estas são feitas para além dos brinquedos prontos, acontecem com os bancos, com as muretas, com as folhas das árvores, com a comida no prato; é a relação estabelecida com as coisas, sem que seja necessário nomeá-las, apenas experimentá-las.

B

Bolsista: são novas/os e novatas/os profissionais, alunas/os e colegas, fazem parte de projetos, aparecem acompanhadas/dos de Wences, compõem, fazem filmagens e fotografias, relatos bárbaros, participam, se emocionam, refletem, se encantam, são "espectadores/as corporais". Trazem frescor às percepções acostumadas, são recebidas/dos com gentilezas e olhares curiosos. Geralmente ficam rodeadas/dos de crianças. Não sabem que possuem e não acionam o arriscado piloto automático. Esquecem alguns nomes, esquecem de carregar celulares, quebram os pés. Nos bolsos, com a terra do pátio, levam *frames* da vida com as infâncias, pequenos fragmentos, estes inesquecíveis. Chegam, chegam, chegam e um dia vão embora, se despedem da BETY e do BENJAMIN.

Brincadeiras cinematográficas: toda brincadeira é cinematográfica?

C

Câmera: não é somente o objeto em si (um aparelho, um celular); depende muito dos outros (do olhar, da sensibilidade, da curiosidade, do estranhamento, do encantamento, do tédio, da alegria, da desconfiança ou simplesmente do deixar acontecer). Câmera é câmera. Corpo é corpo. Quando juntos, viram corpo-câmera. Pode ser não somente algo que capta imagens-movimento, mas que movimenta perguntas e sensações: onde colocar a câmera para captar a movimentação na sala? Ao rés do chão na porta de entrada? Ou na quina da parede onde termina a bancada da entrada? Onde colocar a câmera naquele parque de areia, de modo que seja a areia a personagem principal? Quem sabe colocar o celular ligado no meio dos outros brinquedos e deixar que alguma criança o escolha como brinquedo? Quem estaria segurando a câmera? Ou, quem sabe, a câmera fica fixa embaixo da mesa durante o almoço, para filmar somente os pés e tudo o que cai no chão? Filmar 30 segundos em câmera fixa e paralela ao solo? Qual será a interação entre galinhas e crianças quando estas tiverem uma câmera na mão? De que modo será possível levar uma câmera até lá? Nas mãos ou no corpo de uma das crianças? E se filmaram algo que seja constrangedor para outra criança ou para alguma pessoa adulta que estava presente ali? Como colocar a câmera no bambolê? Que tal uma câmera no prato e outra no rosto da criatura? A garotinha fez uma selfie ou performou alguma coisa fora de si? Que tal duas câmeras filmando simultaneamente pés e rosto de uma criança? As crianças se sentirão à vontade? Como não as expor sem que se sintam presentes no processo? O que dirão os pais? E a escola, como evitar que se sintam paranoicas com tanta coisa sendo filmada no seu interior? O "cinemar" envolve dois cuidados éticos: 1) buscar o Termo de Autorização devidamente assinado pelos responsáveis (ética institucionalizada); 2) construir confiança e espontaneidade junto a crianças e não humanos (ética como modos singulares de habitar a vida desde o lugar da imagem).

Choro: o choro é próprio das crianças e da Sibipiruna também. Adultos têm dificuldade para soltar o choro e também para abrir a boca e sorrir. Adulto segura, tranca, disfarça, fica emocionado, com os olhos úmidos, mas não chora. Criança tem fome, chora; tem saudades, chora; tem sono, chora; quer colo, chora. Tira do colo, bota no chão, chora. Tá braba, chora. Choros podem ser gravados, filmados, são os efeitos, a especialidade da educação infantil, é possível encontrá-los em todas as salas da escola. No refeitório também. Algumas vezes, os choros são coletivos, outras vezes solitários. São distinguíveis, pois existem vários tipos, altura e duração de choros, um para se separar dos pais, outro para dormir, outro porque se machucou, ou por querer colo. O choro é anterior à fala e à palavra, que tenta tudo explicar. O choro liquefaz as sensações, a criança experimenta na lágrima, no soluçar, as necessidades de seu corpo.

Cineclube: para ser espontâneo é preciso ser estimulado. Fio condutor de energia coletiva fantástica entre crianças, adultos, cachorros, gatos, árvores e instituições. Quando o povo do Centro de Educação Infantil Bety Pierro se encontra com o do Benjamin Constant vira uma coisa só = Cineclube Bety Benjamin. O mesmo acontece com alguns cineclubes existentes e tantos outros por vir. Quando eu me junto a você, podemos criar o cineclube Nós.

Cinema: não é só ir, mas olhar, fazer, viver, vibrar. Sua matéria-prima é o devir. O cinema nunca está onde se espera que esteja – ele está alhures, pertence ao que está por vir. A semente cinematográfica é a imagem em estado de vir a ser. O cinema começa muito antes de ligar a câmera, quando os corpos envolvidos experimentam um estado de cinema. Uma das potencialidades do cinema: mostrar o que não vemos no cotidiano rotineiro. Fazer cinema com a escola, na escola, para além da escola. Fazer cinema com as crianças: como fazer uma roda no cinema? Como "traduzir" cinematograficamente esse rodear de gente pequenininha? Como "traduzir" cinematograficamente o som de um choro e o estalido das lágrimas? Qualquer coisa vista a olhos infantis dá cinema. Será que fazer um filme com/sobre os muitos tipos de mordidas poderia auxiliar essa criança a não mais morder os/as colegas? Brincadeiras cinematográficas: filmar os pés e sapatos dos adultos ao lado dos pés e sapatos de "suas" crianças. Que tipo de cinema podemos produzir para ser experienciado por esses "espectadores corporais"? Tomar as flores como parceiras de nosso cinema e deixar que elas mesmas nos apontem como filmá-las? Como o cinema poderia produzir outras conexões entre elas? O sonho e a memória são como o cinema: importa menos o real que já existe e mais o real que criamos nas imagens. Reparar nas árvores com as crianças e inventar dispositivos de cinema para reparar nas árvores com as imagens e sons. Como o cinema poderia "acompanhar" os afetos das vidas não humanas nos corpos infantis? Cinema no berçário ou o berçário do cinema? Fazer cinema dentro do cinema. Será que o cinema poderia ser um modo das crianças conhecerem nossas frutas nativas e virem a gostar delas? Projeto, projeção: projetar no teto, nas paredes da escola. Bora transformar tudo isso em cinema?

Colo: é ninho de passarinho, naninha de bebê, lembra a casa, todos querem, todos precisam, os pequenos e os grandes. Serve também para parar os choros. As monitoras sabem quando é necessário, bolsistas aprendem que é a qualquer hora, os pais querem dar quando chegam. Colo tem cheiro, textura, contenção, acolhimento, lembrança. Adultos trocam o colo por abraço, gentileza, sorriso.

Corpo: cai, ri, chora e rodopia. Morde também. Cada um é de um jeito e funciona do seu próprio modo, havendo também a dimensão do tempo. Corpo pensa com os pés e as mãos, com a pele e o estômago. É território sempre em trânsito, atravessado por forças humanas e não humanas. O corpo da gente leva a gente para passear, então é bom cuidar dele um pouquinho.

D

Diferença: muitas vezes é entendida como algo a ser corrigido. Aparece como um tropeço naquilo que chamam de ordem. Mas diferença é, na verdade, força e potência

de modos singulares de existir. Diferença é um jeito de segurar a colher ou calçar os sapatos. É na convivência com ela que a escola fica melhor.

Dispositivo: aquilo que cria condições para que algo aconteça, sem determinar previamente o que deve acontecer. Um dispositivo não conduz, acompanha. Pode ser uma câmera, uma árvore, um tronco, um silêncio, uma pergunta mal formulada. Dispositivo é convite aberto ao imprevisível, é aposta no encontro.

E

Escola Pública: tudo o que emerge no cotidiano de uma escola (suas dores e sabores) é capaz de se tornar ficção por meio de um devir-cinema. O parque de areia, as águas que circulam e a circundam, as múltiplas e discrepantes sonoridades, a área externa, os brinquedos, as cadeiras, classes, o quadro verde, as janelas, os cantos, os rejeitos, as importâncias, as chuvas, os dias nublados, as manhãs ensolaradas, os corpos pequenos, os corpos grandes, um sapo que se esconde, uma perereca saltitante, um escorpião um dia visto, as galinhas, as brigas, tretas, alianças – tudo pode ser matéria de cinema, uma vez que os elementos estão todos aí: o cenário, o figurino, o roteiro, a iluminação, as atrizes e atores (humanos e não humanos), a trilha sonora. O "cinemar" faz da instituição escolar um lugar-escola: enquanto a instituição institui, o lugar nos convida a habitá-lo.

Experiências: são da ordem dos bons acontecimentos. Mesmo quando não são bons. Não costumam respeitar o planejamento. Acontecem quando algo toca o corpo e resolve… ficar. Experiências são tipo insetos que assustam e encantam ao mesmo tempo. Nem sempre se transformam em palavras, nem sempre viram imagens, tipo quando a gente quer fotografar uma lua bonita e a câmera não dá conta do recado. Experiências ficam guardadas no corpo, como calor, como arrepio, como vontade de repetir. A infância vive de experiências porque ainda não separou o viver do sentir.

F

Filmagens: borradas, rápidas, infinitas, bonitas, inusitadas, bem de perto, não dobram os joelhos, querem ser da infância, mas são feitas do alto, são de brinquedos e comidas que caem no chão, giram como bambolês, podem ser de dobraduras cor-de-rosa, são imagináveis e realizáveis (nem sempre realizadas como foram imaginadas), podem ser relatos, podem ser sobrepostas por palavras, podem perseguir objetos, pequenos grilos, podem não ser entendidas como filmagens, podem ser do "nada", são realizadas pelas/os bolsistas, pelas crianças, pelas monitoras. Habitam os celulares, o *drive*, as expectativas, acontecem no pátio, na sala, no refeitório, em todos os lugares pelos quais a infância transita. Impossibilitam a organização do projeto, desconhecem as referências cinematográficas dos adultos, criam outras e novas possibilidades.

G

Gentilezas: gesto coletivo, sempre no plural. Desconfiar de quem (geralmente um adulto) exige gentileza: "seja gentil com fulano ou ciclano". Produzir diferentes tipos de gentileza, aprender com as crianças, exercitar relações gentis por meio das infâncias. Aprender também com gentilezas não humanas: gentilezas de uma árvore, gentilezas de uma pedra, gentilezas de uma plantinha, gentilezas de uma joaninha, gentilezas de uma brisa, gentilezas do mar, gentilezas de um feixe de sol, gentilezas das gotas de chuva, gentilezas de um planeta com o qual não estamos sendo nada gentis.

H

Hora: do almoço (a mais saborosa), do soninho, do lanche, do colo, do pátio, de ir e de chegar. Há hora para tudo na escola, essa "sem hora" tão atarefada, que tudo precisa organizar presa aos ponteiros do relógio? Mas a "senhora" escola, também sabe que há "aquela hora" na qual não há mais "arranjo" algum, mas sim uma grande confusão, que pode ser de qualquer des-ordem.

I

Invisíveis: são os sonhos que visitam a hora do soninho. Também podem ser alguns medos, o tempo que as crianças levam para se aproximar. Invisíveis são os vínculos construídos sem anúncios, a decisão silenciosa de tentar de novo, a coragem do adulto que percebe, mas não interrompe. Pensando bem, todo esse invisível estará nas imagens… conseguiremos ver?

J

Jogo: quando um objeto deixa de ser o que é e passa a ser o que pode. Às vezes, começa num convite, mas não deveria acabar em regra. Regra no jogo é coisa que se segue ou se inventa? Se o pedido era filmar o jogo, melhor mesmo era filmar os amigos e amigas – e brincar de dar *zoom* na cara da professora.

K

Keila/Kiara: uma bolsista, uma criança, em uma escola cheia de crianças. A pequena lembrava muito quando a outra era criança. E, a todo momento, perguntava como seus cabelos estavam lindos e se sua mãe tinha feito um bom trabalho. As infâncias se encontram em imagens, em conexões capilares.

Kino: mostra estudantil realizada em Campinas, por ser um projeto de rede, pesca e reúne sons, músicas, imagens, movimentos, pessoas que querem fazer e produzir cinema e educação.

L

Lugar-escola: é parte do filme e da película, não é cenário, é criação de história, de narrativa, de experiência, lá é impossível fazer *takes*, repetir tomadas ou escrever um roteiro robusto e sólido, as cenas acontecem no lugar que nunca é o mesmo e está sempre em movimento, nas coisas mínimas que escapam ao olhar.

M

Maria Fedida: causa experimentações/descobertas/sustos/encantamentos, pode ser conhecida também por fede-fede. Aparece em calças, geralmente no pátio, após gritos iniciais e choro, causa curiosidade. Pode virar um brinquedo vivo (como tudo que existe para a infância).

Monitora: sábias e experientes, pura gentileza, acolhem todos e tudo, sabem os tons dos choros, as comidas preferidas, aparecem em "s", colocam crianças em seus próprios colos, mas também no colo das pessoas que entram na sala, algumas vezes seus nomes são esquecidos nos relatos, chamam as crianças para ver/conhecer sapos, descobrem comidas escondidas nas bochechas, sabem falar com seus/suas interlocutores/as sem despregar os olhos das crianças. Desconfiamos que têm sextos e sétimos sentidos.

Movimento: gira para

anda caminha come pula desenha
dorme sonha escuta filma

olha e vai ca

in

do

N

Natureza: a natureza mora dentro das unhas das crianças bem pequenas. Ela entra pelo pé descalço, é uma amiga de boa convivência. Também pode ser um lugar, ou uma

professora gentil. Uma tia que oferece, em uma bandeja, coisas que a gente normalmente ama: textura, cheiro, brincadeira, sustos, sombras. A casa das marias fedidas.

O

Olhar: tímido, curioso, triste, alegre, sereno, atento, acolhedor, cuidadoso, fixo. Pode ser um gesto, e pode atrair outros olhares. O olhar encontra, reconhece e coloca o adulto em algum lugar, algumas vezes, não deixa despregar os olhos, pode ser para cima, para baixo, enviesado, podem ser muitos ao mesmo tempo, especialmente se você for o último a entrar na sala. O olhar não quer validação ou explicação, apenas olha e quer ser olhado também. Algumas vezes, é possível capturar o olhar pelo obturador, outras vezes, é apenas um borrão. Os olhos, que beleza! Podem olhar e chorar.

P

Pé-mão-boca: os vírus e as bactérias, quando em contato com as infâncias, fazem também alianças. O corpo é um todo, e tudo que o pé pisa, tudo que a mão pega ou segura vai direto para a boca, tudo é coisa que precisa ser experimentada, colocado na língua, mastigado com os dentes, misturado com a saliva, infectado, infestado, inflamado pela aliança do corpo com o mundo.

Pequeno: tudo que é menor, mínimo, pode ser uma criança, um gesto, um olhar, um tempo, uma gentileza, um inseto. Algumas vezes, só pode ser visto pela lente da máquina, outras só a olhos também pequenos e nus. Só pode ser visto pelo que, ou quem, é sensível e afeito aos barros de Manoel, ou por quem consegue dobrar os joelhos para ficar no tamanho minúsculo e infinito das infâncias.

Q

Quase: quase é uma pousada de onde a gente não quer ir embora. Um tempo para habitar e permanecer. Protege a vida do fechamento, impede o definitivo e mantém viva a escuta. O quase não quer o "já". Momento precioso onde ainda não comemos ou andamos sozinhos, mas temos muita habilidade com as mãos e os pés.

R

Refeitório: onde o cotidiano, com hora na planilha, se organiza como espetáculo ambulante, é sonoro na batucada dos talheres com os pratos, múltiplo cheiroso, temperado, adocicado, sucessão de variedades submetidas às próprias leis de passagem, pés que balançam ou apertam contra o chão o feijão que foi jogado para experimentar sua textura com as outras partes do corpo. Espaço que possibilita a circulação de personagens com apetite voraz, ou seletivo, ou inapetentes, e ainda assim, estranhamente vibrantes. É bastidor da escola, sobreviverá nos adultos no intervalo do infantil e na tela aramada da memória.

S

Sibipiruna: árvore que mantém a sua infância por um choro vegetal, é bela, dá boa sombra, faz alianças brincantes com pequenas cigarrinhas silenciosas, que sugam a sua seiva doce e líquida. As cigarrinhas excretam a seiva em excesso na forma de uma espuma pegajosa e açucarada para proteger seus ovos. A Sibipiruna faz uma aliança com o sol que a aquece prontamente, fazendo a espuma das cigarrinhas derreter e escorrer pelo tronco e galhos, parecendo chuva ou "lágrimas", molhando o chão. A partir daí a aliança acontece com as crianças que brincam no pátio.

T

Tempo: Parece não ser linha, tampouco relógio, mas aquilo que se demora em um gesto mínimo: o atraso que permite que algo aconteça, o intervalo entre pegar o sapato e colocá-lo no pé. Algo a ser respeitado. Ele não passa, fica, encosta. O tempo do infantil é corporal e, sobretudo, relacional. Sustentar essa possibilidade para o tempo implica resistir à aceleração do mundo. Só assim poderemos ver o momento exato em que as formigas ficam doidas.

Tronco: que ele existe, disso não podemos duvidar. Mas como torná-lo um dispositivo cinematográfico infantil: 1. escolha uma árvore qualquer; 2. faça uma filmagem que dure cerca de um minuto acompanhando o tronco dela, desde o momento em que sai do chão até o mais alto que conseguir.

U

Último: é despedida, dia de ir juntos, de mãos dadas.

Um/uma: cada professor/a, criança, monitora, bolsista, aluna/o, é uma possibilidade de cinema, um gesto, um olhar, uma vaga sensação de quase. Uma árvore, uma escala em uma volta para a sala, uma experimentação, uma/um em duas escolas. Um apanhado de relatos.

V

Vida: não é o grande acontecimento. É o detalhe, que não rende muito relato. Não se mede, mas se sustenta. Acontece num colo, boa parte do tempo. Não precisa ser explicada, mas acolhida. Para que seja boa, não pode ser moralmente conduzida, nem milimetricamente planejada. Pode ser, ou não, humana. Quando não é humana, povoa todo o parque e a imaginação das crianças.

W

Wenceslao: um nome que se corporifica em uma pessoa que quer viver intensamente a experiência; ele pode ser uma criança, mas é um coletivo delas, faz alianças brincantes com bolsistas, monitores/as, alunas/os, profissionais, com etnias, com BETY e BENJAMIN. Onde pisa, quer fazer cinema, e as crianças apontam, falam, mostram, e ele, como todas elas, têm muitas perguntas: onde colocar a câmera naquele parque de areia? Como fazer alianças entre o cinema e as águas que circulam na escola? Como será que ficariam as filmagens? Borradas? Rápidas demais? Enquanto não têm respostas, ele quer organizar carrinhos, brinquedos; aos poucos vai percebendo que tudo que ali está espalhado, entre sapos e escorpiões, pode ser um bom mote para um filme.

X

X: aqui o "x" da questão é o cinema, mas quando o cinema se faz com crianças, não há um X, nem apenas uma questão. São inúmeros os X das questões que coexistem no exercício, na proximidade, nas expressões, nas experiências, nas conexões, nas texturas, nas quais aprendemos que com as infâncias. Não são fixas, exatas, exclusivas, encaixadas, externas, extremas, expostas, pois o que se passa ali é experimentação, que remexe abaixo das caixas nas quais exilamos a existência das crianças.

Y

Y: é ípsilon, tem medo de tudo que não sejam seus pais, está no início do *youtube* e, no meio de Jasywera, conhece os "três porquinhos e o lobo mau" que a acalmam, no mais, tudo a assusta. As texturas, os rostos, os cheiros, os sons, tudo é desconhecido e não familiar, causam choro, lábios trêmulos, necessidade de colo. A primeira vez fora de casa

faz a infância estranhar a si mesma. Não há palavras na boca de uma criança para aquilo que os adultos chamam na escola, de adaptação.

Z

Zona de transição: no cinema é o corte, mas no corpo é quando você não está aqui, nem lá. Nem no meio, nem no início ou no fim. É uma zona entre as zonas, é uma zona livre de rótulos, livre de critérios para a observação. O corpo está grande para algumas coisas e pequeno para outras, lento para o que ainda quer saber e rápido para o que já sabe, algumas vezes é artificial, esperada apenas em determinada faixa etária, outras vezes seus sinais são confundidos com sintomas. Casos raros acontecem, a criança dorme em uma fase/zona/estado/plano e acorda já em outro. Mas não se recomenda essa raridade. Ocupar a zona de transição é possibilidade de permanecer matéria entre estados fundamentais: líquido (choro), sólido (colo) e gasoso (pum). A zona de transição é tempo de reagrupar e agregar as partículas da infância, de forma variável e sempre em movimento.

Referências

BAIERLE, Aline. COSTA, Luciano. FARINA, Giane. FONSECA, Letícia. Cartografâncias: 20 notas sobre pesquisar e ser pesquisado por infâncias. In: REZOLA, Rodolfo. *Filosofia para niños: Juegos de lenguaje*. Comunidad Valenciana: Laertes, 2011, p. 101-108.
QUINTANA, Mário. *O segundo olhar*. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2018.
JUNIOR, Wenceslao Machado de Oliveira (Org.). *Entre palavras, imagens e vidas não humanas: relatos da chegada de um (outro) cinema na escola de educação infantil*. Campinas: Pedro & João editores, 2026.



